

人文研

JINMONKEN

“Prefácio” Jorge Okubaro	4
“A IMPORTÂNCIA DOS FESTIVAIS DO JAPÃO PARA A DIVULGAÇÃO DA CULTURA JAPONESA NO BRASIL: uma análise dos grandes eventos históricos e dos festivais de cultura japonesa realizados pelas entidades da comunidade nipo-brasileira” Erika Yamauti	6
“COOPERATIVISMO AGRÍCOLA NIPO-BRASILEIRO: Revisão Bibliográfica Sistemática” Lucas Lins Oliveira	28
“O ÚLTIMO OCIDENTE SAÚDA O SOL NASCENTE’: Discursos parlamentares na recepção do príncipe Akihito em sua primeira visita oficial ao Brasil (1967)” Mateus Trigo Gonçalves	68
“PESQUISA SOBRE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS FEITAS POR NIPO-BRASILEIROS E/OU COM TEMÁTICAS RELACIONADAS A NIPO-BRASILIDADE” Caroline Naomi Tanaka	108
“TOPÔNIMOS JAPONESES EM BASTOS: A HISTÓRIA DE IMIGRANTES EM NOMES DE LOGRADOUROS E ESTABELICIMENTOS” Luana Sayuri Lopes	158
“Posfácio” Leiko Matsubara Morales	181

サンパウロ人文科学研究所
Centro de Estudos Nipo-Brasileiros

Artigos dos bolsistas do Jinmonken do ano de
2023-2024 [livro eletrônico] / Erika
Yamauti...[et al.] ; organização
Leiko Matsubara Morales. -- São Paulo :
Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 2025.
PDF

Outros autores: Lucas Lins Oliveira, Mateus Trigo
Gonçalves, Caroline Naomi Tanaka, Luana Sayuri Lopes.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-985419-1-0

1. Artigos - Coletâneas 2. Centro de Estudos
Nipo-Brasileiros 3. Divulgação científica
4. Identidade 5. Memórias 6. Pesquisas I. Yamauti,
Erika. II. Oliveira, Lucas Lins. III. Gonçalves,
Mateus Trigo. IV. Tanaka, Caroline Naomi. V. Lopes,
Luana Sayuri. VI. Morales, Leiko Matsubara.

26-381873.2

CDD-080

Índices para catálogo sistemático:

1. Artigos : Coletâneas 080

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

SUMÁRIO

Prefácio	
<i>Jorge Okubaro</i>	4
A IMPORTÂNCIA DOS FESTIVAIS DO JAPÃO PARA A DIVULGAÇÃO DA CULTURA JAPONESA NO BRASIL: uma análise dos grandes eventos históricos e dos festivais de cultura japonesa realizados pelas entidades da comunidade nipo-brasileira	
<i>Erika Yamauti</i>	6
COOPERATIVISMO AGRÍCOLA NIPO-BRASILEIRO: Revisão Bibliográfica Sistemática	
<i>Lucas Lins Oliveira</i>	28
O ÚLTIMO OCIDENTE SAÚDA O SOL NASCENTE’: Discursos parlamentares na recepção do príncipe Akihito em sua primeira visita oficial ao Brasil (1967)	
<i>Mateus Trigo Gonçalves</i>	68
PESQUISA SOBRE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS FEITAS POR NIPO-BRASILEIROS E/OU COM TEMÁTICAS RELACIONADAS A NIPO-BRASILIDADE	
<i>Carolina Naomi Tanaka</i>	108
TOPÔNIMOS JAPONESES EM BASTOS: A HISTÓRIA DE IMIGRANTES EM NOMES DE LOGRADOUROS E ESTABELICIMENTOS	
<i>Luana Sayuri Lopes</i>	158
Pós-fácio	
<i>Leiko Matusbara Morales</i>	181

PREFÁCIO

Com esta nova edição de sua revista *Jinmonken*, o Centro de Estudos Nipo-Brasileiros reafirma seu compromisso de apoiar a pesquisa de temas ligados à presença de japoneses e seus descendentes no Brasil, ao mesmo tempo que, como é de sua tradição, estimula o trabalho de jovens pesquisadores interessados em analisar aspectos novos desses temas.

Por seu acervo e pelo trabalho que desenvolve desde o início de suas atividades ainda na década de 1940 (sua estrutura atual data de 1965), o Centro de Estudos Nipo-Brasileiros tem sido uma referência como fonte documental e bibliográfica para estudiosos de questões ligadas à imigração japonesa no Brasil e seus desdobramentos e impactos ao longo da história. Estudiosos em geral, pesquisadores acadêmicos do Brasil e do exterior e outros interessados o tem procurado para consultar obras e documentos que fazem parte de seu acervo. Ao mesmo tempo, o Centro vem procurando manter seu papel como local de reflexões de temas para os quais vem dedicando atenção desde os tempos dos encontros semanais e informais de seus criadores.

Fortalecer o papel que historicamente o Centro tem desempenhado e acrescentar aqueles que o tempo vem desenhando, às vezes sem linhas claras, outras vezes com nitidez veemente, são preocupações da Diretoria que iniciou sua gestão em junho de 2023 e tem mandato até 2026.

Esta edição da revista *Jinmonken* é reflexo da preocupação com novos temas e com novas abordagens de temas já estudados. Aqui estão reunidos os trabalhos realizados pelos bolsistas do período 2023-2024 selecionados pela comissão designada pela Diretoria para essa função. São bolsistas dos níveis de iniciação científica ou de mestrado. O que se pretende é que, com o estímulo oferecido pelas bolsas, esses jovens pesquisadores desenvolvam uma florescente e produtiva carreira no campo da pesquisa e da docência, ou no trabalho profissional de outra natureza.

Os trabalhos a seguir apresentados são: “A importância dos festivais do Japão para a divulgação da cultura japonesa no Brasil”, de Erika Miyata Yamauti; “Cooperativismo agrícola nipo-brasileiro”, de Lucas Lins Oliveira; “O último ocidente saúda o sol nascente”, de Mateus Trigo Gonçalves; “Pesquisa sobre produções audiovisuais feitas por nipo-brasileiros e/ou com temáticas relacionadas a nipo-brasilidade”, de Caroline Naomi Tanaka; e “Topônimos japoneses em Bastos: a história de imigrantes em nomes de logradouros e estabelecimentos”, de Luana Sayuri Lopes.

Erika Yamauti é jornalista e coordenadora de eventos, com pós-graduação em Marketing e Mídias Digitais. Atua na comissão organizadora do Festival do Japão desde 2004. Seu artigo trata dos eventos de cultura japonesa e analisa a importância desses eventos para a preservação e a divulgação da cultura japonesa no Brasil. A autora avaliou 380 atividades realizadas em 2023 e dividiu-os em dez categorias principais (bazar, confraternização, cultura, educação, esporte, exposição, gastronomia, *undokai*, homenagem e festivais de cultura japonesa). Apenas em 2023 foram relacionados 125

festivals de cultura japonesa em 17 Estados da Federação, o que dá ideia da extensão numérica e territorial desses eventos.

Lucas Lins Oliveira é graduado em letras e, à época em que participou do programa de bolsas do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da USP. Em sua pesquisa, procurou avaliar a abrangência do repertório de pesquisas acadêmicas que tratam das cooperativas agrícolas nipo-brasileiras. O autor montou um quadro interessante com seis padrões, dos quais o predominante (representando 35,9% dos trabalhos coletados) é o que adota o cooperativismo “como um recurso para a superação de desigualdades sociais entre os diversos modelos de negócio da esfera agrícola”.

Mateus Trigo Gonçalves é graduado em Direito e em História. Em seu trabalho, analisa os discursos na sessão solene do Congresso Nacional em homenagem ao príncipe Akihito em sua primeira visita oficial do Brasil, em 1967. O Brasil vivia sob a ditadura militar (1964-1985). Daí, como destaca o autor, a importância dos elogios constitucionais e civilizatórios que faz o senador Mário Martins (da oposição) e das referências do deputado Plínio Salgado (da situação) à necessidade de combate ao comunismo e de alinhamento aos Estados Unidos.

Caroline Naomi Tanaka é graduada em Comunicação Social -Midialogia. Em seu trabalho, a autora não apenas montou um banco de dados com produções cujo tema principal esteja relacionado a nipo-brasilidade, como trouxe à discussão temas pouco discutidos fora do meio artístico. Um deles é a falta de representação asiática no cenário audiovisual brasileira, o que traz o problema de *yellowface*, a prática de atores brancos com maquiagens exageradas representarem personagens asiáticos. Trabalhos de cineastas como Tizuka Yamazaki, Olga Futemma, Claudio Yoshida, Hélio Ishii, Hugo Katsuo são examinados no texto.

Luana Sayuri Lopes é graduanda em Letras Português/Japonês na USP. Em seu trabalho buscou a presença de nomes de japoneses e de seus descendentes em logradouros da cidade de Bastos, com a finalidade de demonstrar a importância de sua existência no cotidiano da sociedade local e registrar a maneira como a comunidade mantém viva a memória de imigrantes e expressa seu apreço por eles.

O programa de bolsas do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros é coordenado pela professora doutora Leiko Matsubara Morales, da USP, e também vice-presidente do Centro. Os trabalhos aqui publicados foram minuciosamente examinados pela professora Leiko Morales e também pelas professoras Tae Suzuki e Hiromi Shibata.

Boa leitura.

Jorge J. Okubaro

Centro de Estudos Nipo-Brasileiros

Presidente

Gestão 2023-2026

A IMPORTÂNCIA DOS FESTIVAIS DO JAPÃO PARA A DIVULGAÇÃO DA CULTURA JAPONESA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS GRANDES EVENTOS HISTÓRICOS E DOS FESTIVAIS DE CULTURA JAPONESA REALIZADOS PELAS ENTIDADES DA COMUNIDADE NIPO-BRASILEIRA

THE IMPORTANCE OF JAPANESE FESTIVALS FOR THE PROMOTION OF JAPANESE CULTURE IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF MAJOR HISTORICAL EVENTS AND JAPANESE CULTURE FESTIVALS HELD BY JAPANESE-BRAZILIAN COMMUNITY ASSOCIATIONS

Erika Yamauti¹

Resumo: O artigo trata dos principais eventos de cultura japonesa no Brasil, desde os pequenos festejos até as grandes comemorações da comunidade, como o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, abordando também o resultado da pesquisa sobre eventos da cultura japonesa no Brasil e a importância dos Festivais do Japão para a preservação e a divulgação da cultura japonesa no Brasil.

Palavras-chave: Imigração japonesa. Festivais. Cultura japonesa. Eventos.

Abstract: The article deals with the main Japanese culture events in Brazil, from small celebrations to large community celebrations, such as the Centenary of Japanese Immigration in Brazil, also addressing the results of the research on Japanese culture events in Brazil and the importance of Japan Festivals for the preservation and dissemination of Japanese culture in Brazil.

Keywords: Japanese immigration. Festivals. Japanese culture. Events.

1 Bolsista do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros ano 2023-2024. E-mail para contato: erikayamauti@gmail.com.

1. Introdução

Quase 130 anos se passaram desde a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Japão e o Brasil, em 1895. Ao longo dos anos, a conexão histórica e cultural entre os dois países contribuiu para o crescente interesse e admiração da sociedade brasileira pela cultura japonesa.

Estima-se que, atualmente, mais de 2 (dois) milhões de descendentes de japoneses vivam no Brasil, sendo a maior comunidade *nikkei*² fora do Japão, segundo comunicado divulgado pela Embaixada do Japão no Brasil em agosto de 2023 (Ceyhan, 2023).

Dentre os mais de 5.570 municípios brasileiros, estima-se que 310 cidades sediam entidades da comunidade nipo-brasileira, organizando eventos tradicionais típicos, cada qual com as suas particularidades e diferenciais (Hosokawa; Sakaguchi; Utsunomiya, 2021).

Todo esse trabalho de organização de atividades e eventos é desenvolvido por voluntários, que oferecem seu tempo, habilidades e esforços, de forma não remunerada em prol de um objetivo em comum, qual seja, a manutenção das entidades *nikkeis* e a divulgação da cultura japonesa no Brasil.

O trabalho voluntário realizado pelas organizações nipo-brasileiras pode ser compreendido dentro do contexto da Comunidade de Prática (CoPs), conceito desenvolvido por Jean Lave e Etienne Wenger (Wenger, 2010 *apud* Fernandes *et al.*, 2016) para descrever o processo de aprendizagem social. As CoPs representam grupos de pessoas que compartilham de um mesmo interesse ou paixão, interagem regularmente, trocam informações e conhecimentos, colaboram para o progresso da comunidade e favorecem o aprendizado mútuo.

A autora deste artigo se surpreendeu ao perceber que fazia parte de uma grande Comunidade de Prática há mais de 20 anos. Com efeito, em 1998, iniciou a sua atuação como voluntária no “*Seinen Bunkyo* – Comissão de Jovens do *Bunkyo*” (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social), apoiando inúmeras entidades beneficentes e culturais da comunidade nipo-brasileira desde então. Também participou ativamente das comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, em 2008, e dos 110 Anos da Imigração Japonesa no Brasil, em 2018.

Não só, desde 2004, esta autora colabora com a comissão organizadora do Festival do Japão, promovido pela Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil (*Kenren*), que é considerado um dos maiores festivais de cultura japonesa do mundo, reunindo público recorde de 215 mil visitantes em 2018. Em 2019, integrou a comissão do 1º Simpósio de Organizadores de Festivais do Japão³, realizado em 8 de março daquele

2 Para esse artigo, consideramos o termo “*nikkei*” como os imigrantes japoneses que moram no exterior e as pessoas que possuem ascendência japonesa e, também, aqueles indivíduos sem ascendência japonesa, mas que gostam da cultura japonesa e participam das atividades promovidas pela comunidade nipo-brasileira

3 Cf. o conteúdo completo do evento: 1º Simpósio..., 2019.

ano, na *Japan House* São Paulo, reunindo, pela primeira vez, cerca de 120 organizadores de Festivais do Japão de todo Brasil, um evento com reconhecimento do Consulado Geral do Japão em São Paulo, o qual, atualmente, está em sua quarta edição.

Por conta da atuação no Festival do Japão de São Paulo, a presente autora foi convidada a conhecer e acompanhar de perto a organização dos Festivais do Japão em Porto Alegre/RS, Salvador/BA, Americana/SP e Londrina/PR, entre outros encontros promovidos pela comunidade nipo-brasileira. Ainda, atuou ativamente da organização de celebrações em outras regiões, como as primeiras edições do Festival do Japão do Mato Grosso do Sul, realizadas em Campo Grande/MS nos anos de 2019 e 2022.

As referidas vivências tão particulares e ricas inspiraram este estudo, desenvolvido com vistas observar e tentar compreender as características e peculiaridades dos eventos promovidos pelas associações *nikkeis* nas diversas regiões do Brasil, com identificação dos pontos em comum, além de realizar uma pesquisa ampla dos encontros realizados pela comunidade nipo-brasileira e de sua importância para a preservação da cultura japonesa no Brasil.

2. Objetivos e metodologia

O presente artigo busca propor um painel dos principais eventos de cultura japonesa realizados no Brasil, a fim de documentar o trabalho realizado pelas entidades da comunidade nipo-brasileira e inspirar o surgimento de mais encontros e festivais de cultura japonesa no País.

Atualmente, faltam referências, projetos e iniciativas em comum que ofereçam suporte e apoio aos organizadores de Festivais do Japão, dificultando a ampliação de uma Comunidade de Prática (CoPs), como proposto por Jean Lave e Etienne Wenger (Wenger, 2010 *apud* Fernandes *et al.*, 2016). Além de um grupo no *whatsapp* que reúne cerca de 100 participantes, ainda não foi desenvolvido um banco de dados que consolide a organização de Festivais do Japão no Brasil, de modo que tais informações permanecem muito esparsas e desconectadas.

Por exemplo, ao procurar o termo “Festivais do Japão no Brasil” no *Google*, a pesquisa aponta 12.600.000 resultados variados, abrangendo notícias publicadas pela imprensa, *sites* de divulgação e vídeos informativos, entre outros conteúdos. A escassez de dados atualizados e focados no tema acaba por prejudicar a divulgação dos eventos promovidos pelas entidades *nikkeis*.

Neste estudo, realizou-se uma pesquisa sobre eventos de cultura japonesa no Brasil, levantando as principais entidades que fazem parte do universo de promotores de encontros de cultura japonesa. Pela atuação profissional como jornalista, esta autora possui conhecimento empírico que revela uma grande dificuldade cultural enfrentada pelas entidades da comunidade nipo-brasileira: a ampla maioria delas não consegue implementar nem manter uma estratégia de divulgação eficaz com o público interno e externo. Nesta conjuntura, questiona-se como buscar informações sobre tais eventos.

No mundo atual, no qual a sociedade ocidental permanece *online* e conectada ao celular a todo tempo, optou-se por centralizar a coleta de dados para este estudo no “*Instagram*”, que é a rede social mais consumida no Brasil, de acordo com levantamento da *ComScore*⁴. Tomou-se essa decisão, em razão do expressivo trabalho de entidades *nikkeis* que decidiram priorizar a atualização das informações no *Instagram*, pela praticidade, rapidez e alcance das publicações.

Assim, a presente pesquisa foi conduzida em 2023, através do levantamento e acompanhamento contínuo de 133 páginas de *Instagram*, pertencentes às entidades e associações nipo-brasileiras localizadas em todo o País, e de eventos tradicionais da comunidade nipo-brasileira, realizados ao longo do ano, que já faziam parte do universo de pesquisa da autora.

Pelo *Instagram*, com um simples clique no último *post* publicado pela entidade, é possível facilmente identificar as associações que estão com atividades suspensas e aquelas que se mantêm na ativa. Também foram consultados jornais e portais da comunidade nipo-brasileira, como o *Nippon Já* (www.nipponja.com.br) e o *site* do *Bunkyo* (www.bunkyo.org.br).

Analisando o conteúdo publicado pelas páginas do *Instagram* pesquisadas, compilaram-se 380 eventos realizados em 2023, organizados por entidades nipo-brasileiras, órgãos governamentais, organizações culturais, empresas privadas e escolas de língua japonesa, localizados em todo o Brasil. Ressalta-se que, em 2022, haviam sido encontrados apenas 170 eventos, o que representa um crescimento de 124% em 2023⁵, comparação que se observa na Tabela 1:

Tabela 1 – Levantamento de eventos realizados pela comunidade *nikkei*

2022	2023
170 eventos	380 eventos

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.⁶

Dentre as 380 atividades levantadas no ano de 2023, implementou-se uma categorização, através de 10 (dez) categorias principais: (i) bazar (exposição comercial de produtos de expositores); (ii) confraternização (eventos com a reunião entre pessoas ou *networking*); (iii) cultura (promoção aberta da cultura japonesa); (iv) educação (cursos de desenvolvimento da cultura japonesa ou divulgação de oportunidades de estudo no Japão); (v) esporte (atividades esportivas, como campeonatos e torneios); (vi)

4 A reportagem publicada pela *Forbes* Brasil analisa os resultados do estudo da *ComScore*, cf.: *Instagram...*, 2023.

5 A coleta de dados completa está sintetizada e disponível no *link* a seguir: <https://bit.ly/eventosnikkeis>.

6 Desenvolvida através do acompanhamento de conteúdo postado em páginas do *Instagram* das entidades nipo-brasileiras.

exposição (exibição de fotos, obras ou artigos culturais); (vii) gastronomia (venda de comidas e bebidas típicas); (viii) *undokai* (gincana cultural e esportiva, tradicional no Japão para reunir as famílias); (ix) homenagem (entrega de títulos ou cerimônias); e, por último, o foco desse trabalho, qual seja, (x) os festivais de cultura japonesa.

É interessante destacar que foram encontrados 125 festivais de cultura japonesa no Brasil, realizados no ano de 2023, representando 32,8% do total da amostra, ilustrada, em sua completude, na Tabela 2:

Tabela 2 – Eventos realizados pela comunidade *nikkei* em 2023

Categoria	Ocorrências	Porcentagem
Bazar	28	7,3%
Confraternização	10	2,6%
Cultura	67	17,6%
Educação	28	7,4%
Esporte	7	1,8%
Exposição	22	5,8%
Festival	125	32,8%
Gastronomia	73	19,2%
<i>Undokai</i>	16	4,2%
Homenagem	4	1,0%
Total	380	100%
Fonte: Elaborada pela autora, 2023. ⁷		

3. Comunidade *nikkei* na América e o governo japonês

A definição de ser *nikkei* engloba as pessoas de origem japonesa e seus descendentes, que tenham emigrado para outros países e criado comunidades e estilos de vida com características únicas. O relatório “Recomendação do Conselho de Emigração aos Países Estrangeiros: futura política sobre a colaboração com as Comunidades *Nikkeis* no exterior”, publicado pelo Ministério das Relações Exteriores do Japão (MOFA), no ano de 2000, recorda que a emigração no Japão começou em 1868, com a ida dos primeiros japoneses para o Havaí.

Antes da Segunda Guerra Mundial, o número de emigrantes japoneses girava em torno de 780 mil pessoas e, após a Guerra, de 260 mil, totalizando aproximadamente 1 (um) milhão de emigrantes nesse período histórico. Neste sentido, a estimativa é de que o número de imigrantes japoneses e de *nikkeis* (seus descendentes) chegasse, nos anos 2000, a quase 2,5 milhões de pessoas, que se encontravam, principalmente, no continente americano (MOFA, 2000).

7 Desenvolvida através do acompanhamento de conteúdo postado em páginas do *Instagram* das entidades nipo-brasileiras

O relatório também aponta que os *nikkeis* no exterior exercem um importante papel, colaborando para o aumento da compreensão mútua entre o mundo e o Japão, independentemente da fluência (ou não) no idioma japonês ou da posse (ou não) da nacionalidade japonesa. Quer dizer, encontram-se em uma posição de “ponte de ligação” entre o Japão e o país no qual estão (MOFA, 2000).

Já o “Relatório do Painel de Intelectuais sobre a Colaboração com as Comunidades *Nikkeis* na América Latina e o Caribe” (Horisaka *et al.*, 2017), divulgado pelo MOFA, em 2017, trata da transição das atividades da comunidade *nikkei* da segunda geração (filhos dos imigrantes japoneses) para a terceira, quarta e quinta gerações, observando também que algumas entidades representativas da comunidade interromperam ou encerraram suas atividades, assim como jornais publicados em idioma japonês.

O mesmo relatório relata, por outro lado, a ampliação das atividades das organizações culturais e esportivas, assim com o crescimento anual de eventos, como os Festivais do Japão, em cada região, nos quais se nota o aumento da participação de não *nikkeis*, ampliando as fronteiras do que é considerada a “comunidade *nikkei*” (Horisaka *et al.*, 2017).

Ainda naquele documento, 33 representações diplomáticas do Japão – entre elas, Embaixadas, Consulados Gerais e Escritórios Consulares, estabelecidos em 23 países da América Latina, América do Norte e Caribe – informaram, em 2017, que estava prevista a realização de 206 eventos relacionados à comunidade *nikkei*, destacando o intercâmbio entre os países parceiros e a participação das gerações mais jovens, através das redes sociais (Horisaka *et al.*, 2017). Os Festivais do Japão constituem 42% desse universo de encontros, com a estimativa de reunirem mais de 2 (dois) milhões de participantes.

Os eventos e atividades anuais realizadas pela comunidade *nikkei* são considerados, pelo governo japonês (MOFA, 2017), como oportunidades estratégicas para fomentar um relacionamento recíproco, em diversos níveis, promovendo a difusão do idioma, da culinária e da cultura japonesas, bem como das artes marciais, esportes, negócios, sistema de educação japonesa, ações na área médica, empresarial e de assistência social.

4. Histórico de grandes eventos promovidos pela comunidade nipo-brasileira

Em 1908, assim que chegaram ao Brasil, os japoneses se organizaram em associações locais, que reuniam os colonos, para ministrarem aulas de língua e artes japonesas, assim como apoiarem os patrícios. Somente na década de 1930, começam a ser realizados eventos nas entidades japonesas, sendo estes restritos aos japoneses e seus descendentes.

Esse período histórico é retratado em “Uma Epopeia Moderna: 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil”, obra organizada pela Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (CEHOAIJB, 1992). Em 1931, realizam-se a Primeira Exposição de Belas Artes de Japoneses e a I Competição de

Atletismo dos Japoneses do Brasil; em 1932, a I Reunião de Ensino da Língua Japonesa no Brasil; e, em 1933, festejaram-se os 25 anos da Imigração Japonesa no Brasil, com o lançamento da pedra fundamental do Hospital Japonês, futuramente conhecido como Hospital Santa Cruz, em São Paulo/SP.

Durante a Segunda Guerra Mundial, devido à perseguição e ao isolamento, a comunidade japonesa no Brasil se fecha, o que também se dá com suas associações. O contato só é retomado em 1952, através do convite da Comissão do IV Centenário da Fundação de São Paulo. Sob a liderança de Kiyoshi Yamamoto e do então cônsul-geral do Japão, Shiro Ishiguro, é formada a Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró-IV Centenário da Cidade de São Paulo, a primeira entidade que engloba toda a colônia *nikkei* do Brasil (CEHOAIJB, 1992).

Os eventos programados, como a Exposição sobre a Situação do Japão, a Exposição Flutuante, a Exposição de Selos Japoneses e o Festival Nipônico, conquistaram o reconhecimento dos paulistas e da comunidade japonesa no País. Neste cenário, houve a remessa de material destinado à construção do Pavilhão Japonês, no Parque do Ibirapuera. A participação da comunidade no IV Centenário de São Paulo, em 1954, foi um grande sucesso, possibilitando um diálogo para superar a crise no pós-guerra.

Em outubro de 1955, dissolveu-se a Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró-IV Centenário da Cidade de São Paulo e, em dezembro do mesmo ano, é fundada a Sociedade Paulista de Cultura Japonesa (*Bunkyo*), que viria a se tornar a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, a qual, até hoje, promove a difusão da cultura japonesa no Brasil e procura atuar como elo entre as entidades nipo-brasileiras.

Em 1958, foram celebrados os 50 anos da Imigração Japonesa no Brasil, marcando o ponto final em um período de muito sofrimento (CEHOAIJB, 1992). Para essa comemoração, foram criadas 422 comissões deliberativas em todo o País, e algumas das suas realizações foram a elaboração e publicação do livro da história dos 50 anos e a criação de um fundo para envio de estudantes ao Japão. A festa comemorativa foi realizada no Parque do Ibirapuera, em 19 de junho, reunindo mais de 50 mil pessoas.

Já em maio de 1967, o príncipe herdeiro Akihito e a princesa Michiko visitaram o Brasil, passando por Brasília/DF, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo (CEHOAIJB, 1992). Na capital paulista, suas Altezas foram recepcionadas por cerca de 25 mil pessoas. O ponto alto foi a cerimônia realizada no Estádio Municipal do Pacaembu, no dia 25 de maio, que contou com mais de 80 mil imigrantes e descendentes.

A grandiosa festa dos 70 anos da Imigração Japonesa foi realizada no dia 18 de junho de 1978, no estádio do Pacaembu, com 70 mil pessoas e a presença de Suas Altezas Imperiais, Príncipe Akihito e Princesa Michiko, acompanhados por uma missão oficial formada por autoridades e empresários, totalizando 1.200 pessoas. Outro destaque foi a inauguração do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (CEHOAIJB, 1992).

Na década de 1980, o fenômeno “*dekassegui*” foi uma realidade que esvazia as entidades (CEHOAIBJ, 1992). O príncipe Aya representa a família imperial nos festejos em comemoração aos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil, também realizados no estádio do Pacaembu, reunindo 70 mil pessoas, e o grande marco foi a inauguração do Hospital Nipo-Brasileiro, no Parque Novo Mundo, Zona Norte de São Paulo/SP.

Na comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, em 2008, foram realizados centenas de eventos pela comunidade nipo-brasileira, em todas as regiões do País (Ninomiya, M.; Ninomiya, S. R. L., 2019). O príncipe herdeiro Naruhito retornou ao Brasil após 26 anos, iniciando sua visita por Brasília/DF e passando por São Paulo/SP, Londrina/PR, Maringá/PR, Rolândia/PR, Belo Horizonte/MG e Rio de Janeiro/RJ. Em São Paulo, os principais eventos foram a Semana da Cultura Brasil-Japão e o desfile comemorativo, realizados no atual Complexo Anhembi, em junho de 2008, que não reuniram grande concentração de público, nem despertaram o interesse da comunidade.

A celebração do 120º aniversário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão, em 2015, foi comemorada com a visita do príncipe Akishino e da princesa Kiko, que chegaram a São Paulo/SP no dia 28 de outubro e participaram de cerimônias oficiais nessa capital, em Brasília/DF e em Rolândia/PR, visitando também Londrina/PR, Campo Grande/MS, Belém/PA e Rio de Janeiro/RJ (Ninomiya, M.; Ninomiya, S. R. L., 2019).

Recentemente, a comemoração do 110º Aniversário da Imigração Japonesa no Brasil, em 2018, teve a presença da princesa Mako, que visitou a comunidade *nikkei* em São Paulo/SP, Marília/SP, Promissão/SP, Araçatuba/SP, Cafelândia/PR, Londrina/PR, Maringá/PR, Rolândia/PR, Manaus/AM, Belém/PA e Tomé Açu/PA. O ponto interessante nessa missão oficial foi o interesse da princesa em visitar a colônia *Hirano*, em Cafelândia, tema do livro de Masao Daigo, “A mata das ilusões” (1997).

No momento histórico atual, constatou-se que a organização de grandes eventos já faz parte do cotidiano das entidades nipo-brasileiras. A cerimônia oficial da comemoração dos 110 Anos da Imigração Japonesa, com a participação da princesa Mako, foi realizada em São Paulo/SP, durante o 21º Festival do Japão, realizado no *São Paulo Expo Exhibition&Convention Center*, de 20 a 22 de julho de 2018, atraindo público de 250 mil visitantes nos três dias da celebração (Pusiol, 2018). E a 30ª edição do Festival de Cultura Japonesa de Salvador reuniu cerca de 80 mil visitantes em seus três dias de realização, de 25 a 27 de agosto de 2023, no Parque de Exposições de Salvador/BA (Festival..., 2023).

5. Festivais do Japão como instrumento de *soft power*

O conceito de *soft power* orienta, para Joseph Nye (Explained..., 2023), as nações a investirem em produtos culturais, com foco em sua exportação, para atração de turismo, dominação cultural ou, até mesmo, estreitamento de laços.

Em 2023, uma equipe de pesquisadores da Universidade de Yale e da Universidade de Groningen concluiu uma pesquisa de *soft power*, relacionada a 19 países, mostrando que a maioria dos entrevistados prefere cooperar com o Japão em questões de comércio e segurança, com índice de aprovação superior a 73,5% para essa possibilidade (Incerti, 2023).

No mesmo sentido, segundo pesquisas divulgadas pela *JTB Tourism Research & Consulting* (2024), as viagens internacionais para o Japão, apenas em junho de 2023, trouxeram de cerca de 2 (dois) milhões de visitantes, um aumento de 310% em relação ao mesmo período em 2022. Para efeitos de comparação, há 40 anos, o Japão recebeu 784 mil turistas estrangeiros, durante todo o ano de 1973.

E, desde setembro de 2023, turistas japoneses podem visitar o Brasil sem a obrigatoriedade da emissão de visto, o que também vale para os brasileiros que desejam ir ao Japão como turistas, por um período de até 90 dias (Turistas..., 2024). A medida passou a valer em setembro de 2023 e terá validade inicial de três anos, tendo sido divulgada após encontro entre o primeiro-ministro japonês, Fumio Kishida, e o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva no Japão, em maio daquele 2023, durante a Cúpula do G7 (Grupo dos Sete), na cidade japonesa de Hiroshima.

Com efeito, a referida política já surtiu efeitos. De acordo com reportagem da CNN (Buscas..., 2023), com base em levantamento do metabuscador *Kayak*, a procura de brasileiros por passagens aéreas para o Japão em 2023 aumentou cerca de 135% em comparação ao ano de 2022, sendo a cidade de Tóquio o destino mais procurado pelos viajantes nacionais. A pesquisa levou em conta a procura por voos de ida e volta dos principais aeroportos brasileiros para os principais destinos japoneses.

A cultura do Japão está em alta no País. De fato, desde 2008, após as comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, observa-se um renascimento do interesse pela cultura japonesa no Brasil, especialmente, entre os não *nikkeis*, por fatores como a influência da cultura *pop* japonesa – dentre eles, *animes*, mangás, *cosplays*, *games* e música *J-pop* –, atraindo crianças, jovens e adultos.

O mercado *geek* – que reúne os fãs de cultura *pop*, como filmes, *animes* e jogos – faturou R\$ 21,5 bilhões no Brasil em 2021 (Teodoro, 2022). A *Netflix* também tem um papel muito importante para a popularização dos *animes* e *doramas* (novelas japonesas) no Brasil, visto que, quando a plataforma de *streaming* começou a se tornar conhecida, ela já tinha em seu catálogo *animes* que, hoje, são muito conhecidos no País, como *Death Note*, *Naruto*, *Bleach*, *One Piece*, entre outros, além de muitas novelas e filmes japoneses (A popularização..., 2021).

Outro fator essencial para o crescente interesse pela cultura japonesa é a gastronomia. Um estudo inédito patrocinado pela *Jetro* (*Japan External Trade Organization*) e apresentado pela Associação Brasileira da Gastronomia Japonesa (ABGJ) no evento *Sea Food Show* pela *Galunion* – um dos mais renomados institutos de pesquisas especializados em *foodservice* – revela que o Brasil conta, hoje, com cerca de 16.700 pontos de venda de estabelecimentos de culinária japonesa, com um faturamento estimado em quase 13 bilhões de reais em 2022 (Shiguti, 2022).

Os números comprovam essa realidade. A gastronomia japonesa é o principal atrativo para o público que frequenta os eventos de comunidade *nikkei*. Por exemplo, no Festival do Japão de São Paulo, a pesquisa de opinião feita por Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil (Kenren, 2023) trouxe que, para 92,8% do público, a área preferida do evento era a Praça de Gastronomia, que reunia os pratos típicos e pouco conhecidos das 47 associações de províncias do Japão no Brasil, seguida pela área de expositores (68,4%) e atividades culturais (63,7%).

A expectativa desta autora é que as entidades da comunidade nipo-brasileiras continuem cumprindo o seu propósito de divulgação da cultura japonesa no Brasil e promoção do trabalho comunitário e cultural, para que mais pessoas possam se inspirar pela cultura japonesa no País e que os Festivais do Japão no Brasil continuem se desenvolvendo e se fortalecendo.

6. Festivais do Japão em todo Brasil

A pesquisa de eventos da comunidade *nikkei*, tema deste estudo, demonstra que existem, atualmente, múltiplas iniciativas de divulgação da cultura japonesa em todo o Brasil, espalhadas pela região Norte, Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul.

Foram elencados 125 festivais de cultura japonesa realizados no ano de 2023, em 17 estados da federação, sendo eles: Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Pernambuco.

Observando o relatório “A Situação Atual da Colônia Japonesa no Brasil: um país de Sociedade Multicultural” (Hosokawa; Sakaguchi; Utsunomiya, 2021), é possível, inclusive, apontar melhorias na metodologia da presente pesquisa. Aquele estudo consistiu em uma ampla pesquisa *in loco* em todos os estados brasileiros, constatando que não existem associações *nikkeis* em quatro deles, quais sejam, Acre, Alagoas, Ceará, Sergipe, mas há entidades no Amapá, Espírito Santo, Mato Grosso, Piauí, Rio Grande do Norte, Roraima e Tocantins, lacunas estas que não foram representadas no levantamento deste trabalho. Certamente, essas localidades também devem realizar eventos periódicos, hipótese que será trabalhada em futuras pesquisas.

Nestes termos, sintetiza-se a coleta de dados aqui realizada na Tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Festivais do Japão realizados no Brasil em 2023

Nome do evento	Data de realização	Organizador	Instagram
2º Nankurunaisa – São Paulo/SP	22/01	Associação Esp. e Cult. Okinawa do Ipiranga	<i>aeco_ipiranga</i>
Kenko Festival – São Paulo/SP	12/02	Kenko Festival	<i>kenko.festival</i>
10º Festival do Japão em Minas	03 a 05/03	Consulado Geral Honorário do Japão Belo Horizonte	<i>festivaldojapaominas</i>
27ª Festa da Dália– Suzano/SP	05 e 12/03	Enkyo e Ipelandia Home	<i>festadadaliaooficial</i>
Mostra Japão Osasco	10 a 12/03	Mostra Japão	<i>mostrajapao</i>
Anime Gakuen de Verão – Florianópolis/SC	11 e 12/03	Anime Gakuen	<i>anime.gakuen</i>
Anime Santos GeekFest – Santos/SP	18 e 19/03	Parker Produções	<i>asgf_br</i>
NatsuMatsuri 2023 – São Paulo/SP	19/03	Asebex	<i>asebex</i>
Jundiaí Matsuri/SP	24 a 26/03	Nipo Jundiaí	<i>nipojundiai</i>
CeniFest – Suzano/SP	26/03	AceasNikkei e Cenibra	<i>aceasnikkey</i>
36º Akimatsuri – Mogi das Cruzes/SP	08, 09, 15 e 16/04	Bunkyo Mogi das Cruzes	<i>akimatsuri_mogi</i>
HanaMatsuri– Florianópolis/SC	15 e 16/04	NipoCultura	<i>nipocultura</i>
20º Japan Fest Marília/SP	20 a 23/04	Nikkei Clube Marília	<i>japanfestmarilia</i>
11º Festival do Japão de Brasília/DF	05 a 07/05	Feanbra e Embaixada do Japão no Brasil	<i>fjapaobsb</i>
Nikkei Fest - Presidente Prudente/SP	05 a 07/05	Assoc. Cultural e Esp. Nikkei Pres. Prudente	<i>nikkei_fest</i>
FloripaMatsuri – Florianópolis / SC	20/05	NipoCultura	<i>nipocultura</i>
22º Bunkasai – Belém//PA	21/05	Associação Pan Amazonia Nipo-Brasileira	<i>nipo.belem_apanb</i>
Nome do evento	Data de realização	Organizador	Instagram
Festival do Japão Bragança Paulista/SP	27 e 28/05	Associação Nipo Bragança Paulista	<i>festivaljp</i>
29º Hokkaido Matsuri – São Paulo/SP	04/06	Hokkaido	<i>hokkaido_br</i>
XX Festa Japonina - Vargem Grande Bonita / DF	10/06	Acenbvb - Kaikan Vargem Bonita	<i>acenbvb</i>
60º Expo Japão – Londrina/PR	07 a 11/06	ACEL Londrina	<i>oficialexpo japao</i>
17º Festival do Japão de Campinas/SP	10 e 11/06	Instituto Cultural Nipo Brasileiro de Campinas	<i>nipocampinas</i>
Mostra Japão Itatiba/SP	16 a 18/06	Mostra Japão	<i>mostrajapao</i>

40ª Festa da Imigração Japonesa em São Bernardo/SP	17 e 18/06	Rengokai SBC	
BunkaMatsuri 2023 – São Paulo/SP	17 e 18/06	Bunkyo SP	<i>festivalbunkamatsuri</i>
IminMatsuri – Florianópolis / SC	17/06	NipoCultura	<i>nipocultura</i>
31º IminMatsuri – Curitiba / PR	24 e 25/06	Nikkei Curitiba	<i>nikkeicuritiba</i>
56º Gueinosai - Festival de Dança Folclórica e Música Japonesa – São Paulo/SP	24 e 25/06	Bunkyo SP	<i>festivalgueinosai</i>
9º Japão na Praça – Piracicaba/SP	24 e 25/06	Clube Cult. Recr. Nipo Bras. de Piracicaba	<i>nipopiracicaba</i>
Cerejeiras Festival – Garça/SP	28/06 a 02/07	Prefeitura de Garça	<i>cerejeirasfestival</i>
36ª Festa da Cerejeira Suzano/SP	01 e 02/07	Bunkyo Suzano	<i>bunkyosuzano</i>
26º Festival das Cerejeiras Bunkyo – São Roque/SP	01, 02, 08 e 09/07	Bunkyo SP	<i>parquebunkyo</i>
24º Festival do Japão – São Paulo/SP	07 a 09/07	Kenren	<i>festivaldojapao</i>
VII TanabataMatsuri Florianópolis/SC	08 e 09/07	Associação Nipo-Catarinense	<i>nipocatarinense</i>
Anime Friends – São Paulo/SP	13 a 16/07	Maru Division	<i>animefriends</i>
44º TanabataMatsuri – São Paulo/SP	15 e 16/07	ACAL	<i>acalliberdade</i>
Meta Geek – São Paulo/SP	15 e 16/07	Meta Geek	<i>metagkoficial</i>
Festival do Japão de Tomé Açu/PA	21 e 22/07	ACTA - Associação Cultural de Tomé-Açu	<i>acta_2022</i>
38º Festival Kodomo-no-Sono – São Paulo/SP	22 e 23/07	Kodomo-no-Sono	<i>kodomo_no_sono</i>
52ª Festa da Cerejeira em Campos do Jordão	22, 23, 29 e 30/07	Parque da Cerejeira	<i>parque.da.cerejeira</i>
TanabataMatsuri Aracaju/SE	22/07	Oriente-se Aracaju	<i>oriente se aju</i>
14º Festival dos Imigrantes de Jacaré	28 a 30/07, 04 a 06/08	Bunkyo Jacaré	<i>bunkyojacarei</i>
62º Bon Odori de Registro-SP	12/08	Bunkyo Registro	<i>bunkyoregistro</i>
41ª Festa de Flores e Morangos de Atibaia	02 a 25/09, 07 e 08/08	Associação Hortolândia de Atibaia	<i>floresemorangos</i>
43ª Festa das Cerejeiras do Parque do Carmo	04 a 06/08, 11 a 13/08	Federação Sakura e Ipê do Brasil	<i>festadascerejeiras</i>
32º Festival Nipo-Brasileiro / Maringá/PR	05 a 13/08	Acema - Maringá	<i>acemamaringaoficial</i>
13ª Festa da Colônia Japonesa de Sorocaba	05 e 06/08	Nippon Sorocaba (antiga UCENS)	<i>nippon.sorocaba</i>

Nome do evento	Data de realização	Organizador	Instagram
19º Okinawa Festival – São Paulo/SP	05 e 06/08	Associação Okinawa Vila Carrão	<i>okinawa.festival</i>
Anifest 2023 – Registro/SP	05 e 06/08	Bunkyo Registro	<i>bunkyoregistro</i>
52ª Festa da Cerejeira em Campos do Jordão/SP	05, 06, 12 e 13/08	Parque da Cerejeira	<i>parque.da.cerejeira</i>
São Sebastião Matsuri/SP	10 a 13/08	Prefeitura de São Sebastiao	
Jungle Matsuri – Manaus/AM	11 a 13/08	Nippaku Manaus	<i>jungle.matsuri</i>
Mostra Japão Campinas/SP	11 a 13/08	Mostra Japão	<i>mostrajapao</i>
Bunkasai Petrópolis/RJ	17 a 20/08	Assoc. Nipo de Petrópolis	
14ª Festa Nipo-Brasileira de Salto/SP	19 e 20/08	Associação Nipo Brasileira de Salto	<i>anibras.nipo</i>
37º Bon Odori – Campo Grande/MS	19 e 20/08	Associação Nipo Campo Grande	<i>nipocg</i>
47º Bazar Beneficente do Ikoi-no-Sono – Guarulhos/SP	19 e 20/08	Ikoi-no-Sono	<i>ikoinosono</i>
Bon Odori– Florianópolis/SC	19 e 20/08	NipoCultura	<i>nipocultura</i>
30ª Expo Aflord – Arujá/SP	19, 20, 26 e 27/08	Aflord – Associação dos Floricultores da Região da Via Dutra	<i>expoaflord</i>
2º Festival do Japão de Lages/SC	19/08	Associação Cultural Nipo Brasileira de Lages	<i>nipodelages</i>
21º Bon Odori de Goiás/GO	25 e 26/08	Associação Nipo-Brasileira de Goiás	<i>anbgkaikan</i>
XV Festival da Cultura Japonesa de Salvador	25, 26 e 27/08	Anisa - Associação Nippo de Salvador	<i>bonodorissa</i>
12º Anime Nipo – Bragança Paulista/SP	26 e 27/08	Associação Nipo Bragança Paulista	<i>animenipo</i>
19º Bon Odori Castanhal/PA	02/09	Associação Cultural Nipo Brasileira de Castanhal	
30ª Expo Aflord – Arujá/SP	02 e 03/09	Aflord – Associação dos Floricultores da Região da Via Dutra	<i>expoaflord</i>
31º HaruMatsuri – Curitiba/PR	02 e 03/09	Nikkei Curitiba	<i>nikkeicuritiba</i>
XVII Nippon Fest –Tupã/SP	07 a 09/09	ACERT - Assoc. Cult, Esp e Recr. de Tupã	<i>acert.tupa</i>
Londrina Matsuri/PR	07 a 10/09	Grupo Sansey	<i>londrinamatsuri</i>
Mostra Japão São Roque/SP	07 a 10/09	Mostra Japão	<i>mostrajapao</i>
34ª Semana do Japão – Belém/PA	11 a 16/09	Associação Pan Amazonia Nipo-Brasileira	<i>nipo.belem_apanb</i>
XVIII Festival do Japão de João Pessoa/PB	15 a 17/09	Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba	<i>festivaldojapaopb</i>
3º Festival da Primavera - HaruMatsuri – São Roque/SP	16 e 17/09	Bunkyo SP	<i>parquebunkyo</i>
Bon Odori no Nikkey Rondonia	16/09	NikkeyRondonia	<i>nikkey.ro</i>
36ª Festa do Ipê– Suzano/SP	17/09	Ipelandia Home	<i>ipelandiahome</i>
12º BunkaMatsuri– Suzano/SP	23 e 24/09	AceasNikkei	<i>aceasnikkey</i>

15ª Festa da Primavera – Piracicaba/SP	23 e 24/09	Clube Cult. Recr. Nipo Bras. de Piracicaba	<i>nipopiracicaba</i>
22º <i>Bunkasai</i> – Festival da Cultura Japonesa– São Paulo/SP	23 e 24/09	<i>Ishikawa Kenjinkai</i>	<i>seinen.ishikawa</i>
43ª Festa do Verde da <i>Kibô-no-iê</i> – Itaquaquecetuba/SP	23 e 24/09	<i>Kibô-no-Iê</i>	<i>kibonoie</i>
12º <i>HaruMatsuri</i> – Campinas/SP	23/09	Instituto Cultural Nipo Brasileiro de Campinas	<i>nipocampinas</i>

Nome do evento	Data de realização	Organizador	Instagram
<i>Bon Odori</i> - Mata de São João/BA	23/09	Associação Cultural Nipo Brasileira do JK	<i>acnbjk</i>
<i>Guaíra JapanFest</i> /SP	23/09	ACENB de Guaíra/SP	<i>acenbguaairasp</i>
<i>HaruMatsuri</i> Registro/SP	30/09	<i>Bunkyo</i> Registro	<i>bunkyoregistro</i>
5º Festival do Japão do <i>Country Club</i> Valinhos/SP	30/09 e 01/10	<i>Country Club</i> Valinhos	<i>festivaldojapao_cremascokarate</i>
<i>Japan Festival</i> Indaiatuba/SP	06 a 08/10	Acenbi - Nipo Indaiatuba	<i>acenbioficial</i>
Mostra Japão Sorocaba/SP	06 a 08/10	Mostra Japão	<i>mostrajapao</i>
5º Festival Nipo-Brasileiro de São Caetano do Sul-SP	07 e 08/10	<i>Bunka</i> São Caetano do Sul	<i>festival_nipo_scs</i>
1º Festival Cultural e Gastronômico Brasil/Japão – Araçatuba/SP	11 a 14/10	Prefeitura de Araçatuba	
<i>Matsuri</i> Maranhão/MA	14 e 15/10	<i>Matsuri</i> Produções	<i>maturima</i>
IV Semana do Japão /PA	17 a 22/10	Associação Cultural Nipo-Brasileira do Tapajós	<i>niposantarem</i>
<i>Bon Odori</i> – Recife/PE	21/10	Assoc. Cult. Japonesa do Recife	<i>acjr_rec</i>
<i>Bon Odori Nippon</i> Sorocaba/SP	21/10	Nippon Sorocaba (antiga UCENS)	<i>nippon.sorocaba</i>
<i>NekoFest</i> – São Paulo/SP	21/10	<i>Vou de Neko</i>	<i>voudeneko</i>
<i>Bon Odori</i> - Presidente Prudente/SP	28 e 29/10	ACAE Presidente Prudente	<i>bonodoripp</i>
<i>IzakayaMatsuri</i> – São Paulo/SP	28 e 29/10	Associação Brasileira de Gastronomia Japonesa	<i>abgj_br</i>
<i>Anime</i> Guarulhos Festival/SP	29/10	<i>KO Entertainment</i>	<i>animeguarulhosfestival</i>
V <i>Tooro Nagashi</i> Promissão/SP	04/11	Assoc. Cult. Esp. Nipo de Promissão	
4º <i>Tohoku-Hokkaido Matsuri</i> – São Paulo/SP	05/11	<i>Hokkaido</i>	<i>hokkaido_br</i>
69º <i>Tooro Nagashi</i> Registro/SP	01 e 02/11	<i>Bunkyo</i> Registro	<i>bunkyoregistro</i>
Expo Dom Pedro <i>Matsuri</i> – Campinas/SP	03 a 05/11	Expo Dom Pedro	
Mostra Japão Paulínia/SP	03 a 05/11	Mostra Japão	<i>mostrajapao</i>

VII <i>KatsuraMatsuri</i> - Iguape-SP	10 a 12/11	Associação Cultural Nipo de Iguape	<i>katsuramatsuri</i>
20° Japão <i>Fest</i> de Dourados – MS	10, 11 e 12/11	Clube Nipo Brasileiro de Dourados	<i>japaofest.official</i>
31° <i>FurusatoMatsuri</i> - Festival Agrícola de Mogi das Cruzes/SP	11 e 12/11	Associação dos Agricultores de Cocuera	<i>furusatomatsurimogi</i>
55° <i>Bon Odori Fukushima</i> Atibaia/SP	11 e 12/11	<i>Fukushima Kenjinkai</i> de Atibaia	<i>bonodoriatibaia</i>
<i>MochitsukiMatsuri</i> – Florianópolis/SC	11 e 12/11	<i>NipoCultura</i>	<i>nipocultura</i>
10° Festival do Japão Rio Grande do Sul	17 a 19/11	Associação do Festival do Japão RS	<i>festivaldojapaors</i>
3° Festival do Japão Mato Grosso do Sul	17 a 19/11	Associação Nipo Campo Grande	<i>nipocg</i>
1° <i>Oriental Fest</i> – Suzano/SP	18/11	<i>Bunkyo</i> Suzano	<i>bunkyosuzano</i>
26° Festival <i>Kosei Home</i> – Manaus/AM	19/11	Beneficência Nipo Brasileira da Amazonia	
<i>HaruMatsuri</i> - 40 Primaveras – Florianópolis/SC	19/11	Associação Nipo-Catarinense	<i>nipocatarinense</i>
<i>Super Action Toku</i> BR – São Paulo/SP	19/11	<i>Superactiontoku</i>	<i>superactiontokubr</i>

Nome do evento	Data de realização	Organizador	Instagram
5° <i>TyotinMatsuri</i> – Suzano/SP	02/12	Templo Budista <i>NambeiShingonshuDaigozanJomyoj i</i>	<i>templobudistajomyoj</i>
Fim de ano beneficente Mundo OK – São Paulo/SP	03/12	Mundo OK	<i>revistamundook</i>
Japão na Zona Sul – São Paulo/SP	03/12	Instituto Paulo Kobayashi	<i>institutopaulokobayashi</i>
<i>Aurora Fest</i> – São Paulo/SP	09/12	<i>Vou de Neko</i>	<i>voudeneko</i>
<i>Primordial Fest</i> – Mogi das Cruzes/SP	10/12	Grupo de Jovens do Templo <i>Ryushoji</i>	<i>primordialfest</i>
São Vicente <i>Matsuri</i> /SP	01 a 03/12	Marina Aquarium	<i>saovicentematsuri</i>
Mostra Japão Valinhos/SP	08 a 10/12	Mostra Japão	<i>mostrajapao</i>
53° <i>ToyoMatsuri</i> - Festival Oriental – São Paulo/SP	09 e 10/12	ACAL	<i>acalliberdade</i>
Anime <i>SummitChibi</i> Brasília/DF	15 e 17/12	Feanbra	<i>ffapaobsb</i>
Anipolitan - Festival de Cultura Pop na Bahia	16 e 17/12	Anisa - Associação Nippo de Salvador	<i>bonodorissa</i>
<i>IPK Matsuri</i> – São Paulo/SP	16/12	Instituto Paulo Kobayashi	<i>institutopaulokobayashi</i>

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.⁸

⁸ Desenvolvida através do acompanhamento de conteúdo postado em páginas do *Instagram* das entidades *nikkeis*.

De acordo com Kei Yamanobe e Junki Yaegashi, um *matsuri* (祭り) é um festival definido como “o ato de convidar espíritos divinos, recebê-los com oferendas, canto e dança, e confortá-los com orações e gratidão” (2010, p. 3, tradução nossa), constituindo um ritual reservado no Japão para momentos especiais, como no dia da colheita e na mudança de estações, com vistas a evocar um sentimento de alegria e gratidão.

Esta é a origem divina do *matsuri*, que segue sendo respeitada nos eventos que mantêm as tradições japonesas, como o *Akimatsuri*, promovido pelo *Bunkyo* de Mogi das Cruzes/SP, e o *TanabataMatsuri*, organizado pela Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL), que só abrem oficialmente ao público após a realização da cerimônia xintoísta de abertura.

O *Akimatsuri* é um dos festivais mais tradicionais da comunidade nipo-brasileira do estado de São Paulo, com uma média de público de 80 mil pessoas. É realizado desde 1986, na cidade de Mogi das Cruzes/SP, pelo *Bunkyo* de Mogi das Cruzes, sempre no mês de abril, por um grupo de voluntários que tem, como missão, ajudar a associação no resgate e divulgação da cultura japonesa (*Akimatsuri* Mogi das Cruzes, 2024).

O termo “*Akimatsuri*” é composto em duas partes: “*Aki*” que denota outono; e “*Matsuri*” que se refere a festival. É uma tradição japonesa realizar rituais de oferendas aos deuses como forma de expressar gratidão pela colheita abundante e pelo bem-estar da comunidade, de modo que tal celebração possui uma exposição agrícola dos produtores locais e se inicia com uma cerimônia xintoísta, antes da abertura oficial.

Outro destaque da festa é a cerimônia do *Tooro Nagashi*, uma tradição japonesa que remete ao “*Obon*”, festival budista que honra os espíritos ancestrais. “*Tooro*” significa lanterna flutuante e “*Nagashi*” significa fluir. Durante a cerimônia, as pessoas escrevem mensagens para seus entes queridos falecidos, que são, então, colocadas em lanternas flutuantes; depois, as lanternas são lançadas em rios, em lagos ou no mar, simbolizando o envio dos espíritos de volta ao mundo espiritual ou para o além. Acredita-se que essa prática ajuda a garantir a paz e a tranquilidade para os espíritos dos falecidos. O ritual também é realizado pelo *Bunkyo* de Registro/SP e pelo *Bunkyo* de Promissão/SP.

Já o Festival das Estrelas – *TanabataMatsuri* é considerado um dos festivais mais bonitos da cultura japonesa aqui no Brasil, acontecendo em diversas cidades, sempre no mês de julho. O principal deles é realizado pela ACAL, reunindo público anual de 200 mil visitantes.

O *Tanabata* chegou a São Paulo em 1979 por iniciativa de Tetsuo Ohashi, um imigrante japonês que veio para o Brasil em 1935 (Oi, 2004). Durante a festa, as pessoas escrevem pedidos em pequenos pedaços de papel (*tanzaku*) e os amarram nos galhos de bambu (*sasadake*) instalados ao longo das ruas do bairro paulistano da Liberdade, que está todo decorado com os *tanabatas*, enfeites coloridos que simbolizam as estrelas.

Uma cerimônia xintoísta marca o início do *Tanabata*, o qual se baseia na antiga lenda da princesa Orihime (Vega) e do pastor Kengyu (Altair). Após a festa, os *tanzaku* têm um destino sagrado: são reunidos e queimados, para que os desejos alcancem os

céus. A pesquisa de festivais aqui realizada mostra que a tradição do *Tanabata* está se espalhando pelo Brasil, alcançando as comunidades de Florianópolis (SC) e Aracaju (SE).

Deixando um pouco de lado a formalidade ritualística, os Festivais do Japão realizados pela comunidade nipo-brasileira costumam oferecer exposições e *workshops* culturais, muitas comidas e bebidas típicas japonesas, *shows* de dança, apresentações musicais, artes marciais e *taiko* (tambores japoneses).

Uma das principais referências no Brasil é o Festival do Japão, realizado pela *Kenren* (Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil), que teve um início simples em 1998, com poucas barracas instaladas na marquise do Parque do Ibirapuera e, ao longo das últimas 24 edições, transformou-se no maior evento de cultura japonesa do País, atraindo um público médio de 180 mil pessoas a cada edição (Festival do Japão, 2024b).

Realizado no São Paulo Expo, em São Paulo/SP, o evento chega à sua 25ª edição em 2024, com o tema “*Ikigai*”, possuindo, como objetivo, a preservação da cultura japonesa. Como diferenciais, esse Festival reúne as 47 associações de províncias do Japão sediadas no Brasil, que trazem seus pratos típicos para a Praça de Gastronomia, além de incentivar a valorização dos jovens, com o espaço #FJTAON, uma área criada para unir o Festival tradicional ao virtual, com cenografia especial, oferecendo *games*, música, interação e interatividade, em uma proposta de imersão na cultura japonesa e na cultura digital (Festival do Japão, 2024a).

Outras iniciativas se destacam no cenário nacional, como o Festival de Cultura Japonesa de Salvador/BA; o Festival do Japão do Rio Grande do Sul, em Esteio/RS; e o *JungleMatsuri*, em Manaus/AM. O aspecto distintivo desses festivais está na formação de seu público, cujo percentual de 99% é de não descendentes de japoneses, pois a comunidade *nikkei* local é muito pequena. Mesmo assim, a repercussão e o alcance desses festivais são imensos.

Em agosto de 2023, foi realizada a 30ª edição do Festival da Cultura Japonesa de Salvador, em que se deu o XV *Bon Odori*, no Parque de Exposições da capital baiana, com uma programação diversificada, que abrangia oficinas culturais, concursos, jogos, *shows* de música e dança, artes marciais e *workshops*, atraindo 80 mil visitantes nos três dias de programação, que destacou cantores de *anisongs* e dubladores de personagens de *animes* (Festival de..., 2023). O público provou os pratos de mais de 20 restaurantes de *sushi*, *tempurá*, *udon* e *lamen*, e encontrou uma infinidade de artigos com a temática japonesa.

Ao final da tarde, bem no momento no qual o sol está se pondo, os visitantes e membros da comissão organizadora se reúnem para dançar juntos o *Bon Odori*, uma comemoração popular que acontece sempre no verão japonês, como se fosse um momento de comunhão do grupo e gratidão aos antepassados pelas bençãos da vida. Trazido para o Brasil pelos imigrantes japoneses, o costume parece encantar o povo baiano, que realmente participa e se engaja na dança, com muito axé e alegria.

Entre 17 e 19 novembro de 2023, longe do calor da Bahia, mas com muito entusiasmo, ocorreu a 10ª edição do Festival do Japão no Rio Grande do Sul, na cidade de Esteio/RS; pela primeira vez, dentro de um dos maiores parques de exposições do Brasil, qual seja, o *Expointer* (Parque Estadual de Exposições Assis Brasil).

De acordo com os organizadores do evento, cerca de 75 mil pessoas passaram pelos pavilhões, assistindo apresentações de música e dança; participando de oficinas artísticas, culturais e esportivas; cantando no karaokê; degustando a culinária japonesa; e disputando ou vendo os concursos de *cosplay* e outras atividades do *Anime Buzz*, evento realizado em paralelo, voltado para fãs de *games*, séries, *animes*, mangás, *k-pop* e *j-pop* (Realizado..., 2023).

Ressalta-se que, na presente pesquisa, foram levantados, pelo menos, 9 (nove) festivais de cultura japonesa relacionados exclusivamente aos temas de *anime*, *cosplay* e cultura *pop*, como o *Anime Friends*, *Anime Nipo*, *Anime SummitChibi* Brasília/DF e *Anipolitan* (Festival de Cultura *Pop* na Bahia), entre outros eventos realizados pelos jovens e para jovens. E o sucesso dessas iniciativas demonstra que os Festivais do Japão realizados no Brasil estão consolidados, prontos para alcançarem novos patamares e formarem novas parcerias.

7. Considerações finais

Através deste estudo inicial, extrai-se que existe um universo pouco explorado, quando se fala dos festivais de cultura japonesa sediados no Brasil. É um tema interessante, mas que requer familiaridade e contato próximo com as entidades da comunidade nipo-brasileira, para ser devidamente examinado e compreendido.

Não bastasse, os eventos de cultura japonesa no País são tradicionalmente liderados por voluntários e, para que continuem existindo e se fortalecendo, é necessário que a Comunidade de Prática se mantenha motivada e unida.

Neste sentido, os Festivais do Japão realizados no Brasil são um instrumento poderoso para que a curiosidade, o encantamento e os sentimentos positivos em relação ao Japão sejam inspirados, nutridos e fortalecidos. A experiência positiva pode vir a cativar o público frequentador dos eventos, que associam essa lembrança com a cultura japonesa, com a comunidade nipo-brasileira e, finalmente, com o próprio Japão.

Referências

- 1º SIMPÓSIO de Organizadores de Festivais do Japão. Página Festival do Japão. [S.l.]: Festival do Japão, 8 Mar. 2019. Vídeo (Facebook). Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1136150459886996. Acesso em: 28 Fev. 2024.
- A POPULARIZAÇÃO dos animes no Brasil. **Portal Jornalismo ESPM**, [S.l.], 13 Dez. 2021. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/destaque/a-popularizacao-dos-animes-no-brasil/>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

AGENDA NIKKEI. **Perfil**. [S.l.], 2024. Instagram: @agendanikkei. Disponível em: <https://www.instagram.com/agendanikkei>. Acesso em: 29 Fev. 2024.

AKIMATSURI MOGI DAS CRUZES. **Home**. [S.l.]: Associação Cultural de Mogi das Cruzes – *Bunkyo*, 2024. Disponível em: <https://akimatsuri.com.br/cms/>. Acesso em: 29 Maio. 2024.

BUSCAS de viagens para o Japão aumentam 135% em ano de isenção de visto. **CNN Brasil**, São Paulo, 11 Set. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/viagemegastronomia/viagem/buscas-de-viagens-para-o-japao-aumentam-135-em-ano-de-isencao-de-visto/>. Acesso em: 12 Jan. 2024.

CEYHAN, Fabiana. Brasil e Japão celebram nova era para o turismo. **O Mundo Diplomático**, [S.l.], 1 Set. 2023. Disponível em: <https://omundodiplomatico.com.br/brasil-e-japao-celebram-nova-era-para-o-turismo/#:~:text=A%20medida%2C%20que%20vale%20para,Brasil%2C%20em%20vig%C3%Aancia%20desde%202019>. Acesso em: 27 Fev. 2024.

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL – CEHOAIJB. **Uma epopeia moderna**: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

DAIGO, Masao. **A mata das ilusões**. [S.l.]: Aliança Cultural Brasil Japão, 1997.

DIVINE, D. Explained: How Japan Became A Soft Power Giant. **IndiaTimes**, [S.l.], 28 Maio. 2023. Disponível em: <https://www.indiatimes.com/explainers/news/explained-how-japan-became-a-soft-power-giant-603733.html>. Acesso em: 27 Ago. 2023.

EXPLAINED: How Japan Became A Soft Power Giant. **India Times**, [S.l.], 28 Maio. 2023. Disponível em: <https://www.indiatimes.com/explainers/news/explained-how-japan-became-a-soft-power-giant-603733.html>. Acesso em: 10 Jun. 2024.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE PROVÍNCIAS DO JAPÃO NO BRASIL – KENREN. **Pesquisa de opinião dos visitantes**: 24º Festival do Japão. [S.l.]: Kenren, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/pesquisaFJ2023>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

FERNANDES, Flávia Roberta et al. Comunidades de prática: uma revisão bibliográfica sistemática sobre casos de aplicação organizacional. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [S.l.], vol. 5, n. 1, pp. 44-52, Jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/46691/28744>. Acesso em: 27 Fev. 2024.

FESTIVAL de Cultura Japonesa é realizado neste mês de agosto em Salvador; confira. **Portal G1 de Notícias**, [S.l.], 2 Ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/o-que-fazer-em-salvador/noticia/2023/08/02/xv-edicao-do-festival-de-cultura-japonesa-e-realizada-neste-mes-de-agosto-em-salvador-confira.ghtml>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

FESTIVAL DO JAPÃO. **25º Festival do Japão**: 25º Festival do Japão será realizado de 12 a 14 de julho, comemorando 25 edições de sucesso com novidades. São Paulo: Kenren, 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1GdrlCC_vCmuApIrqSOoB_GS6YkQmvmIA/view. Acesso em: 12 Jan. 2024. (a)

FESTIVAL DO JAPÃO. **Histórico**: Festival do Japão. São Paulo: Kenren, 2024. Disponível em:

<https://www.festivaldojapao.com/historico/>. Acesso em: 12 Jan. 2024. (b)

HARADA, Kiyoshi. **O Nikkei no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cadaris Comunicação, 2013.

HORISAKA, Chair Kotaro. **Report on the current situation of Communities of Japanese Immigrants and Descendants (“Nikkei”) in Central and South America (Summary)**. [S.l.]: MOFA, Dec. 2016. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/files/000248667.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2023.

HORISAKA, Kotaro *et al.* **Relatório do Painel de Intelectuais sobre a Colaboração com as Comunidades Nikkeis na América Latina e o Caribe**. [S.l.]: MOFA, 9 Maio. 2017. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/mofaj/files/000299314.pdf>. Acesso em: 25 Fev. 2023.

HOSOKAWA, Tamiko; SAKAGUCHI, Ritsuko; UTSUNOMIYA, Sueli. **A Situação Atual da Colônia Japonesa no Brasil: um país de Sociedade Multicultural**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 2021.

INCERTI, Trevor *et al.* **Global Survey on Japan’s Soft Power**. [S.l.]: The Council on East Asian Studies at Yale University, 2023. Disponível em: <https://ceas.yale.edu/news/global-survey-japans-soft-power>. Acesso em: 27 Ago. 2023.

INSTAGRAM é a rede mais consumida no Brasil, mas declínio preocupa Big Techs. **Forbes Brasil**, [S.l.], 28 Mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/instagram-segue-na-lideranca-no-brasil-mas-declinio-das-redes-preocupa-big-techs/>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

JTB TOURISM RESEARCH & CONSULTING CO. **Japan-bound Statistics: Tourism Statistics**. [S.l.]: JTB Tourism Research & Consulting, 12 Jun. 2024. Disponível em: <https://www.tourism.jp/en/tourism-database/stats/inbound/#annual>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

KENREN realiza a 2ª edição do Simpósio de Organizadores de Festivais do Japão, reunindo participantes de todo Brasil. **Festival do Japão**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.festivaldojapao.com/simposio/>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

FERNANDES, Flávia Roberta. Comunidades de prática: uma revisão bibliográfica sistemática sobre casos de aplicação organizacional. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [S.l.], vol. 5, n. 1, pp. 44-52, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/46691/28744>. Acesso em: 28 Jun. 2024.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN – MOFA. **Recomendação do Conselho de Emigração aos Países Estrangeiros**: futura política sobre a Colaboração com as Comunidades Nikkeis no exterior. [S.l.]: MOFA, 11 Dez. 2000. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/policy/emigration/portugal.html>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN – MOFA. **Opinion Poll: 2008 Brazil Image of Japan Study (Summary)**. [S.l.]: MOFA, 11 Apr. 2008. Disponível em: https://www.mofa.go.jp/announce/announce/2008/4/1179011_1000.html. Acesso em: 10 Out. 2023.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN – MOFA. **Opinion Poll: Image of Japan in Brazil**. [S.l.]: MOFA, 25 Mar. 2013. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/press/release/>

press6e_000034.html. Acesso em: 10 Out. 2023.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN – MOFA. **Relatório do Painel de Intelectuais Sobre a Colaboração com as Comunidades Nikkeis na América Latina e o Caribe**. [S.l.]: MOFA, 9 Maio. 2017. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/mofaj/files/000299314.pdf>. Acesso em: 25 Fev. 2024.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN – MOFA. **Japan-Brazil Relations (Basic Data)**. [S.l.]: MOFA, 2023. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/region/latin/brazil/data.html>. Acesso em: 22 Nov. 2023.

NAKAMAE, Takahiro. “Panorama das Ações Brasil-Japão nos próximos dois anos”: palestra do Cônsul-Geral do Japão em São Paulo. In: FIB, VII, São Paulo, Nov. 2015. **Discurso escrito**. Disponível em: https://www.sp.br.emb-japan.go.jp/pdf/mensagem_nakamae_fib.pdf. Acesso em: 28 Fev. 2024.

NINOMIYA, Masato; NINOMIYA, Sonia Regina Longhi. **Laços: a Família Imperial e o Brasil**. São Paulo: Intercultural, 2019.

NIPPON JÁ. **Home**. [S.l.]: Nippon Já, 2024. Disponível em: <https://nipponja.com.br/>. Acesso em: 29 Fev. 2024.

OI, Célia Abe. **Guia da cultura japonesa**. São Paulo: Editora JBC, 2004.

PUSIOL, Camila. **Festival do Japão comemora os 110 anos da imigração**. Revista Veja São Paulo, São Paulo, 17 Jul. 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/festival-do-japao-2018>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

REALIZADO em Esteio pela primeira vez, Festival do Japão no Rio Grande do Sul foi um sucesso - Prefeitura Municipal de Esteio(RS). **Prefeitura Municipal de Esteio (RS)**, Esteio, 20 Nov. 2023. Disponível em: <https://www.esteio.rs.gov.br/noticia/22387/1057?titulo=Realizado+em+Esteio+pela+primeira+vez%2C+Festival+do+Jap%C3%A3o+no+Rio+Grande+do+Sul+foi+um+sucesso>. Acesso em: 29 Fev. 2024.

SHIGUTI, Aldo. Semana da Gastronomia Japonesa destaca força dos restaurantes japoneses. **Portal Nippon Já**, [S.l.], 2022. Disponível em: <https://portal.nipponja.com.br/semana-da-gastronomia-japonesa-destaca-forca-dos-restaurantes-japoneses/>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

SHIGUTI, Aldo. 44º TanabataMatsuri recebe mais de 200 mil pessoas e supera expectativas. **Portal Nippon Já**, [S.l.], 24 Jul. 2023. Disponível em: <https://portal.nipponja.com.br/44o-tanabata-matsuri-recebe-mais-de-200-mil-pessoas-e-supera-expectativas/>. Acesso em: 29 Fev. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL BUNKYO. **Home**. São Paulo: Bunkyo, 2023. Disponível em: <https://www.bunkyo.org.br/>. Acesso em: 29 Fev. 2024.

TEODORO, Mariana. De olho no mercado geek: faturamento com produtos licenciados cresce e chega a R\$ 21,5 bi no Brasil. **IstoÉ Dinheiro**, [S.l.], 16 Ago. 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/mercado-geek-faturamento-com-produtos-licenciados-cresce-e->

chega-a-r-215-bi-no-brasil/. Acesso em: 28 Fev. 2024.

TURISTAS do Brasil e do Japão terão isenção de visto a partir de setembro. **Embratur**, [S.l.], 9 Ago. 2023. Disponível em: <https://embratur.com.br/2023/08/09/turistas-do-brasil-e-do-japao-terao-isencao-de-visto-a-partir-de-setembro/>. Acesso em: 12 Jan. 2024.

YAMANOBE, Kei; YAEHASHI, Junki. A Study of Database Model for “MATSURI”. Joho Chishiki Gakkaishi. **J-STAGE**, online, vol. 20, issue 2, pp. 221-226, Jul. 2010. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/jsik/20/2/20_20_221/_article/-char/en. Acesso em: 22 Maio. 2024.

COOPERATIVISMO AGRÍCOLA NIPO-BRASILEIRO: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA

Lucas Lins Oliveira¹

Resumo: O propósito deste estudo é a avaliação da abrangência do repertório de pesquisas acadêmicas que se voltam para as cooperativas agrícolas nipo-brasileiras por meio de uma revisão bibliográfica sistemática, que reconheceu padrões nos conteúdos acadêmicos presentes no acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (CENB) e nos repositórios da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); do Catálogo de Teses e Dissertações — CAPES; do Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp; no Repositório Institucional — UNESP; e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. Para alcançar esse objetivo, foi conduzido um estudo exploratório que possibilitou a seleção dos repositórios a serem pesquisados; as entradas de pesquisa a serem empregadas; o gerenciamento das referências bibliográficas a fim de constituir um Banco de Dados (Anexo I) e uma meta-análise qualitativa. Posteriormente, uma revisão bibliográfica sistemática foi aplicada no Banco de Dados (Anexo I), onde foram identificados seis padrões entre os sentidos empregados em “cooperativismo”. A saber: 1) como meio de correção de relações desiguais da sociedade; 2) como meio de preservar tradições étnicas nipônicas; 3) como uma experiência contextualizada à partir do referencial eurocêntrico de socialismo utópico, em especial Rochdale-Manchester no séc. XIX; 4) relacionado aos Sistemas Agro-Florestais e à agricultura familiar; 5) ao PRODECER I e II e à ditadura cívico-militar brasileira; 6) relacionado à ambiguidade política do empreendimento colonizador japonês e ao grupo Shindô-Renmei.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Comunidades nipo-brasileiras; Crescimento sustentável; Economia verde.

Abstract: The purpose of this study is to evaluate the scope of the academic research repertoire that focuses on Japanese-Brazilian agricultural cooperatives through a systematic bibliographic review, which recognized patterns in the academic content present in the collection of the Center

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH - USP. Bolsista do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros ano 2023-2024. E-mail para contato: lucas.lins.oliveira@usp.br

for Japanese-Brazilian Studies (CENB) and in the repositories of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD); from the Catalog of Theses and Dissertations — CAPES; the Unicamp Scientific and Intellectual Production Repository; in the Institutional Repository — UNESP; and the USP Digital Library of Theses and Dissertations. To achieve this objective, an exploratory study was conducted that enabled the selection of repositories to be researched; the search inputs to be employed; the management of bibliographic references in order to create a Database (Annex I) and a qualitative meta-analysis. Subsequently, a systematic bibliographic review was applied to the Database (Appendix I), where six patterns were identified among the meanings used in “cooperativism”. Namely: 1) as a means of correcting unequal relations in society; 2) as a means of preserving Japanese ethnic traditions; 3) as an experience contextualized from the Eurocentric framework of utopian socialism, especially Rochdale-Manchester in the 19th century; 4) related to Agro-Forestry Systems and family farming; 5) PRODECER I and II and the Brazilian civic-military dictatorship; 6) related to the political ambiguity of the Japanese colonizing enterprise and the Shindo-Renmei group.

Keywords: Family farming; Japanese-Brazilian communities; Sustainable growth; Green economy.

1. Introdução

O cooperativismo agrícola se refere ao modelo de organização em que os agricultores se unem para colaborar em diversas atividades agrícolas e agroindustriais. Neste modelo, cooperativas são formadas como entidades de propriedade privada de gestão coletiva, cujo objetivo é melhorar as condições econômicas, sociais e trabalhistas. As cooperativas agrícolas buscam a força coletiva para superar desafios e aproveitar oportunidades na produção, comercialização e distribuição de produtos agrícolas, como pode nos mostrar o recente trabalho de Silva e Nunes (2023).

A ONU, em 2014, declarou que a agricultura familiar é responsável por mais de 70% da produção mundial de alimentos, e embora a porcentagem de produtores organizados em cooperativas varie entre as Unidades Federativas do Brasil, a região Sul e Sudeste tem 82,7% de seus produtores cooperados, em análise feita a partir do Censo Agropecuário de 2017 (Silva e Nunes, 2023). São evidências da importância deste modelo para a economia brasileira e para a atividade agrária. Não bastasse isso, as cooperativas agrícolas estão relacionadas ainda ao crescimento sustentável e à economia verde.

São diversos os trabalhos recentes (Maciel *et al*, 2018; Freitas e Freitas, 2013; Morais *et al*, 2011) que comprovam a atividade sustentável das cooperativas agrícolas a partir da exploração controlada de recursos naturais e minerais; do uso de fontes de energia limpas e renováveis; de atitudes empresariais voltadas à reciclagem de resíduos sólidos; da produção de alimentos sem defensivos agrícolas; e do consumo controlado da água. São por esses motivos que a agricultura familiar, que é motor das cooperativas agrícolas, está no centro das conquistas dos objetivos globais da ONU (Berdegue, 2019).

Neste sentido, diversos autores (Albuquerque, 2017; Ferraz, 2014; Homma, 2004) atestam a importância das cooperativas agrícolas para as comunidades nipo-brasileiras, que em seu contexto rural estão intrinsecamente relacionadas à experiência da imigração japonesa, como também nos mostram Lourenção (2015) e Caribé (2016). Exemplos mais conhecidos na Unidade Federativa de São Paulo estiveram no município de Cotia, na região da Grande São Paulo representada pela Cooperativa Central Agrícola Sul-Brasil e na região de Tomé-Açu no Pará.

Esta é a principal justificativa desta pesquisa, dar visibilidade ao tema das cooperativas agrícolas nipo-brasileiras, que estão, portanto, no centro das atividades que, com o crescimento e a produção sustentáveis, podem nos trazer esperança na crise ambiental decorrente das mudanças climáticas e uma alternativa para a arena das políticas agrárias e ambientais. É deste ponto de vista que nos interessa a avaliação da abrangência do repertório de pesquisas acadêmicas que se voltam para as cooperativas agrícolas nipo-brasileiras, delimitando um escopo com a finalidade de entender a representatividade dos conteúdos disponíveis. Então, foi por meio da revisão bibliográfica sistemática descrita abaixo, que reconhecemos padrões nos conteúdos acadêmicos com a justificativa de destacar a pertinência ambiental e política das cooperativas agrícolas nipo-brasileiras.

Pontuamos a delimitação do escopo desta revisão bibliográfica sistemática que se deteve às produções presentes nos repositórios eletrônicos *online* de instituições de ensino superior brasileiras e do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. Deixamos registrado, portanto, que não acessamos produções acadêmicas desenvolvidas em instituições de ensino superior estrangeiras ou em língua estrangeira, em especial a língua japonesa. Ressalva que reconhece o volume de trabalhos desenvolvidos em japonês, mas que, por escolha metodológica, investigou apenas as produções desenvolvidas em instituições de ensino superior brasileiras a fim de reconhecer os padrões destas. Neste sentido, foi apenas uma pesquisa não desenvolvida em português, a tese de doutoramento em Antropologia de Martín Fabreau Martinez (2016) escrita em espanhol e desenvolvida na UFPE. Ademais, também registramos a natureza terminológica de nossa pesquisa, pois, como veremos no desenrolar metodológico, teve no léxico o seu principal meio de atuação, a saber, as entradas de pesquisa nos repositórios e os termos aos quais buscamos reconhecer padrões no emprego de seus significados

Em suma, ao olharmos para o acervo da Biblioteca do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, disponibilizado para pesquisa no catálogo online, são 10 os livros que cobrem o tema de “agricultura e indústria”. Já no repositório da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) foram encontrados 21 trabalhos; no repositório do Catálogo de Teses e Dissertações — CAPES foram encontrados 29 trabalhos; no Repositório Institucional — UNESP foram encontrados 6 trabalhos, enquanto que nos Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp e no repositório da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP não foram encontrados trabalhos diferentes daqueles apontados pela BDTD. Estes resultados estão gerenciados em um Banco de Dados apresentado no Anexo I.

2. Ambientação Sobre As Cooperativas Nipo-Brasileiras: Os Casos da CAC e da Sul-Brasil

Nesta seção apresentamos uma breve descrição do histórico das cooperativas agrícolas nipo-brasileiras. Para isto, adotamos o enfoque em dois casos exemplares: a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) e a Cooperativa Central Agrícola Sul-Brasil. Também utilizamos a periodização que tem como marco a Segunda Guerra Mundial, e que assim se organiza em estágio inicial, durante a guerra, posterior à guerra e o período de dissolução.

Para este fim, acessamos a Biblioteca da Dieta Nacional do Japão — o poder legislativo japonês — cujo acervo detém o arquivo do portal do Centenário da Imigração Japonesa ao Brasil, em especial a coluna sobre as Cooperativas de Cotia e sobre a Cooperativa Central Agrícola Sul-Brasil (NDL, 2014). Assim como uma série de publicações do *Nippaku Shinbun* de Sakuzô Miura (NDL, 2009a) proprietário do jornal e o artigo de Kenkiti Shimomoto (NDL, 2009b) publicado em *Shokumin no Hikari*. A fim de descrever de forma mais precisa o histórico da CAC, acessamos a tese de doutoramento em Sociologia de Gustavo Takeshy Taniguti (2015) e para o desenlace dos anos posteriores ao fim da CAC e da Sul-Brasil a dissertação de mestrado em História Social de Júlio Ernesto Souza de Oliveira (2022) e de doutorado em Ciências Florestais de Gisele do Socorro dos Santos Pompeu (2017).

Entre as contribuições que o empreendimento agrícola das comunidades oriundas da imigração japonesa trouxe ao Brasil está a difusão da cultura de batata, de tomate, a floricultura, a fruticultura e a avicultura. Foram duas as cooperativas, cuja dimensão sugere a distinção de “mega cooperativa”, por terem dominado o mercado agrícola brasileiro durante o pós-guerra, são os casos da CAC e da Sul-Brasil (NDL, 2014).

Segundo o portal do Centenário da Imigração Japonesa ao Brasil (NDL, 2014), o estágio inicial das cooperativas agrícolas nipo-brasileiras remete às décadas de 1920 e 1930, durante os anos finais da chamada República Velha. Neste período, o Consulado Geral do Japão em São Paulo fomentou a formação das cooperativas através de subsídios que tinham como objetivo a reprodução do modelo de cooperativismo do Japão.

A série de quatro artigos de Sakuzô Miura para o jornal *Nippaku Shinbun* a respeito deste período intitulada *Em Louvor da Batata* inicia com o bem-humorado texto *Vai Plantar Batata*, originalmente de setembro de 1926 (NDL, 2009a). Neste texto, o autor descreve o sucesso dos pioneiros que atuaram na cultura de batata na região de Cotia e Barueri e sublinha que os pioneiros em seus primeiros assentamentos se organizavam em regimes de arrendamento e aluguel (NDL, 2009a).

Nos artigos subsequentes, Miura demonstra a sua habilidade política ao utilizar o alcance de seu jornal para incluir na agenda de debate público a necessidade de resolução de um problema que aparentemente estava reduzido à comunidade pioneira de agricultores nipo-brasileiros. O escoamento da mercadoria dos produtores de batata estava à mercê dos comerciantes da região que exploravam a margem dos seus

lucros. Para contornar esta situação, Miura planejou construir um armazém em regime comunitário para contemplar a necessidade de livre transporte dos produtores e de suas mercadorias (NDL, 2009a).

O intento de Miura alcança sucesso através da colaboração de Kenkiti Shimomoto, a próxima personalidade citada na coluna do portal do Centenário da Imigração Japonesa ao Brasil (NDL, 2014). Shimomoto dá continuidade ao interesse de Miura e em dezembro de 1927 funda a primeira instituição que virá a ser a CAC — a Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada dos Produtores de Batata em Cotia S.A., e dois anos mais tarde outra instituição que virá a ser o embrião da Sul-Brasil, a Cooperativa Agrícola do Juqueri.

A produção agrícola nipo-brasileira da região de Cotia expande a sua área de atuação também para hortaliças, evento que acarreta a mudança de nome da instituição que recebe sua nomenclatura definitiva de Cooperativa Agrícola de Cotia. A atuação comercial da CAC se expande para novas localidades e ao fim do primeiro decênio de sua atividade (1937) havia passado de 83 cooperados para 1303, quando se tornou a maior cooperativa agrícola do Brasil.

Em 1938 a CAC enfrenta uma dura oposição, segundo Kenkiti Shimomoto (NDL, 2009b) alguns comerciantes do mercado da região de São Paulo se uniram para boicotar a produção de batatas da CAC. Entre as causas deste boicote está a tentativa de controle por parte da CAC do preço das mercadorias, que flutuavam conforme os períodos de safra e contra-safra. A cooperativa organizou seus produtores para resistir à seca que assolava a região de Campinas e da Estrada de Ferro Sorocabana, cuja produção não chegaria a tempo para atender a demanda esperada no período de safra. A CAC operou uma manobra logística a fim de ter mercadorias suficientes para atender a demanda dos mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro, tal operação surpreendeu os varejistas e atacadistas que previam um aumento dos preços das mercadorias da CAC, o que seria oportuno para os produtores não cooperados das regiões que não enfrentavam seca e também para os comerciantes contrários a CAC. Em retaliação, a associação de comerciantes atacadistas e varejistas decidiu boicotar a CAC, passando a não revender seus produtos.

Em contrapartida a CAC acionou as autoridades competentes e desenvolveu um plano de venda direta, que dispensaria a mediação de comerciantes. A associação de comerciantes, por sua vez, buscou apoio entre os fornecedores de defensivos agrícolas. Segundo Shimomoto (NDL, 2009b), foram disputas internas na associação de comerciantes e a falta de uma vantagem comercial que fosse de fato competitiva que levou a dissolução do boicote aos produtos da CAC. Neste íterim, o Consulado Geral do Japão em São Paulo chegou a ser acionado para mediar a negociação entre as partes, que decidiram por retomar a colaboração sem adotar nenhuma condição especial. Ademais, é necessário sublinhar o fundo étnico-racial deste conflito:

Contudo, o que observamos nas interpretações desses diversos autores sobre o caso do boicote de 1934 são dois vieses: no caso do sociólogo Hiroshi Saito e do antropólogo Zenpati Ando (ambos japoneses) e das publicações comemorativas, os fatos são expostos de maneira seletiva, enfatizando-se aqueles que permitiriam explicar o relativo êxito comercial da Cooperativa enquanto um empreendimento de organização associativa do pequeno produtor imigrante. Por fim, tratar-se-ia de um caso que atestaria o alto grau de integração social dos japoneses na sociedade local. No caso dos historiadores Jeffrey Lesser e Roney Cytrynowicz, o caso em questão é analisado a partir de seus resultados, e não em sua dinâmica, servindo como mais um exemplo que atestaria o conflito étnico-racial de dimensões amplas envolvendo os imigrantes japoneses e outros grupos (Taniguti, 2015, p. 127).

A Cooperativa Agrícola do Juqueri não protagonizou um crescimento proporcional à CAC em seu primeiro decênio (1939), segundo dados do portal do Centenário de Imigração Japonesa ao Brasil (NDL, 2014), esta passou de 49 cooperados para 93.

A predileção da gestão política de Vargas pelo totalitarismo dos países do Eixo sofre uma reviravolta que teve como estopim, tanto o fracasso do golpe integralista em maio de 1938, como o episódio de Pearl Harbor, que acarretou uma requisição tempestiva da posição do Estado brasileiro por parte dos Estados Unidos e da Alemanha em resolver a sua ambiguidade diplomática que oscilava entre as tendências democráticas e a admiração do militarismo dos estados totalitários. Portanto, a Guerra do Pacífico levou ao fim das relações diplomáticas entre os Estados do Brasil e do Japão e as cooperativas passaram a tomar medidas cujo objetivo foi contornar as políticas que restringiam as populações do Eixo, como o congelamento de bens por parte do Estado brasileiro e a realocação forçada de suas populações (Taniguti, 2015, p. 128-130).

Em 1942, o governo estadunidense incluiu a CAC na *Proclaimed List of Certain Blocked Nationals* que exigiu restrições comerciais e financeiras a empresas geridas por indivíduos japoneses, italianos e alemães. No mesmo ano, em uma assembleia extraordinária da CAC, foi votada a substituição dos gestores japoneses por brasileiros natos, assegurando o descongelamento parcial dos bens da Cooperativa. E em 1943, a administração de Vargas decidiu realocar parte das populações do Eixo que residiam no território brasileiro. Assim, diversas comunidades e agrupamentos nipo-brasileiros foram forçosamente realocadas pelas forças de segurança pública. A CAC e a Cooperativa Agrícola do Juqueri foram capazes de contornar estas medidas e outros decretos que restringiam a sua atuação comercial, no entanto parte importante da comunidade nipo-brasileiro foi realocada, como é o caso dos assentamentos no Norte do país que tiveram como destino os vilarejos de Tomé-Açu (PA) e de demais regiões como no Paraná, no Mato Grosso e na região litorânea de São Paulo (Taniguti, 2015, p. 134-140).

A Segunda Guerra Mundial marcou uma mudança significativa na participação da CAC nas estruturas de governança, politizando a questão cooperativa e estabelecendo contato com partidos políticos, deputados, congressistas e demais entidades rurais. Com a rendição do Império do Japão ao fim da Guerra do Pacífico, lideranças japonesas de cunho empresarial e político tinham em suas mãos a responsabilidade de mediar a recepção das notícias de derrota, de rendição e do fim da Guerra para a comunidade brasileira de japoneses e nipo-brasileiros, dado o cenário hostil ocasionado pelo recrudescimento das políticas de repressão durante os anos de conflito militar, como prisões arbitrárias, proibição da língua japonesa em ambientes públicos, confisco de bens e fechamento de jornais, escolas e a vigilância das comunidades nipo-brasileiras.

Assim, a CAC sediou uma reunião em que em torno de 300 atores políticos japoneses e nipo-brasileiros assinaram um texto intitulado *Edito Imperial* que declarava a derrota do Império do Japão. Nesta reunião, ficou decidido que a derrota japonesa deveria ser esclarecida para a população por meio de falas públicas e de publicações. Iniciativa que desagradou grupos ultranacionalistas japoneses que atuavam no Brasil, é o caso da *Shindô-Renmei* que incluiu Kenkiti Shimomoto e demais lideranças em uma lista de alvos de assassinato. Foram várias as vítimas dos atentados perpetrados pelo grupo, Shimomoto sobreviveu, mas o então diretor do *Nippaku Shinbun* foi assassinado (Taniguti, 2015, p. 150-154).

Para Gustavo Taniguti (2015), mesmo com as políticas de repressão e os episódios traumáticos dos atentados, o saldo da atuação da CAC teve seus aspectos positivos, marcados pela retomada da imigração japonesa ao Brasil e pelo aprofundamento da atuação política da CAC que vemos no programa de imigração *Cotia Seinen*, em 1951, e nos números de cooperados que ao fim da guerra superava o número de três mil. Crescimento proporcional se deu com a Cooperativa Agrícola do Juqueri que alcançou maior capilarização no interior paulista através da avicultura e da produção de ovos, em 1954, a cooperativa passou a ser tratada como Cooperativa Central Agrícola Sul-Brasil:

Em 1966, a Sul-Brasil já estava presente em Paranavaí, no estado do Paraná. Além do plantio de batata e hortaliças e da criação de aves, ambas as cooperativas ajudaram a difundir o cultivo de flores e frutas no pós-guerra. Em 1973, a Cooperativa Agrícola de Cotia já enviava cooperados ao cerrado nos estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, estados onde predomina o clima da savana tropical. Na segunda metade dos anos 80, Cotia já tinha 14.470 cooperados (1986); em 1988, a Sul-Brasil contava, distribuídos em 40 sub-unidades, 10.704 cooperados (NDL, 2014).

Embora o número de cooperados aponte para a consolidação do sucesso do empreendimento das cooperativas, os anos da ditadura cívico-militar brasileira mudaram significativamente a produção agrícola nacional, trazendo consequências que foram experienciadas pela CAC e pela Sul-Brasil apenas na década de oitenta. Dívidas foram contraídas em decorrência da mudança do cenário agrícola e em 1994 as duas mega cooperativas encerram as suas atividades (NDL, 2014).

Entretanto, o legado da cooperação entre Brasil e Japão ao redor da produção de alimentos foi herdado primeiramente pelo Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER) e posteriormente pelas técnicas de cultivo em Sistema Agroflorestal (SAF) na região Norte do país em especial no polo Tomé-Açu (PA). Sublinhamos as características opostas de ambos modelos, pois um se posiciona no chamado “agronegócio” em seu sentido estrito, utilizando técnicas de monocultura massiva de soja e milho, apoiadas no uso de defensivos agrícolas e maquinários como colheitadeiras, tecnificando e mecanizando as lavouras. E outra que se baseia na exploração da variedade de espécies nativas, selecionando e cultivando sementes crioulas com manejos que utilizam os resíduos da poda, com o intuito de promover uma atividade econômica comprometida com a preservação ambiental e com a agricultura familiar.

Para Oliveira (2022, p. 16-27), o PRODECER I e II devem ser contextualizados à partir da chamada Revolução Verde que veio a atender as descontinuidades econômicas e políticas advindas da Segunda Guerra Mundial em um contexto de Guerra Fria global, que teve como objetivo produzir alimentos para um mundo em crise alimentar utilizando a América Latina como parceiro exportador de bens do setor primário baseado no extrativismo vegetal. Internamente, o direito de propriedade da terra foi reconfigurado a partir de inúmeras desapropriações baseadas no discurso teórico e ideológico desenvolvimentista que pautava a superação do dualismo campo-cidade. Deste modo, foi aberta a economia nacional para o capital estrangeiro, como consequência a complementaridade dos Estados do Brasil e do Japão foram exploradas, a princípio durante os anos da ditadura cívico-militar brasileira.

Por outro lado, segundo Pompeu (2017, p. 14-17) o SAF no Norte do país se opõe ao paradigma de derrubada, queima e implantação de pastagens na região amazônica e deve ser compreendido em um contexto de crise ambiental que enfrenta o desafio da racionalização do processo produtivo. De modo a buscar a redução dos custos de produção e dos impactos ambientais associada à ampliação dos benefícios sociais. Tal abordagem tem fundamentação na agroecologia, enfoque científico que analisa a atividade agrária sob uma perspectiva ecológica. No SAF de Tomé-Açu acontece a associação entre espécies perenes agrícolas e arbóreas, cujo manejo propicia o aumento da rentabilidade líquida e da produtividade agrícola e florestal, melhorando as condições de trabalho e de alimentação das famílias agricultoras.

3. Metodologia

O objetivo geral deste trabalho é a avaliação da abrangência do repertório de pesquisas acadêmicas associadas ao cooperativismo agrícola, conforme o reconhecimento de padrões nas obras e pesquisas registradas no Banco de Dados (Anexo I). Para alcançar esse propósito, uma série de objetivos específicos foi delineada: a seleção criteriosa de repositórios para compor o Banco de Dados (Anexo I); a escolha

de entradas de pesquisa adequadas para a construção do mesmo; a aplicação de uma meta-análise que corresponda aos atributos das referências disponíveis nos repositórios; a gestão eficaz das informações acadêmicas provenientes dos repositórios selecionados. Esses objetivos específicos visam garantir a qualidade e a relevância do Banco de Dados (Anexo I) como fonte de conhecimento sobre o tema do cooperativismo agrícola.

Esta pesquisa está desenhada em duas etapas. Na primeira etapa, foi empregado um estudo exploratório e uma meta-análise (Yin, 2016) sobre a bibliografia a respeito do cooperativismo agrícola no acervo CENB e nos repositórios selecionados. A finalidade deste estudo exploratório é para, primeiro, a coleta das bibliografias a fim de constituir um Banco de Dados (Anexo I) para ser aplicada a segunda etapa da revisão bibliográfica sistemática. Também objetivamos empregar uma meta-análise, correspondente aos critérios abaixo descritos, que se voltou para as características de publicação das referências selecionadas. Desta forma, mostramos a seguir os resultados do estudo exploratório, portanto, quais repositórios foram acessados, quais as entradas de pesquisa foram empregadas e quais dados foram coletados para constituir um Banco de Dados (Anexo I), o qual foi utilizado para a meta-análise.

A segunda etapa metodológica configura a revisão bibliográfica sistemática. E a partir de Booth, *et al.* (2016) esta etapa está desenhada e subdividida em duas fases:

- 1) Gerenciamento final das referências bibliográficas. Neste momento, as citações serão delimitadas, seu acesso estabelecido e a base de dados será gerada de modo definitivo.

- 2) Análise de dados qualitativos. O que incluiu a decomposição dos dados, onde as informações foram divididas em etiquetas que representam os aspectos do tema que são abordados; identificação de temas emergentes, momento de destacar aspectos inesperados e que surgem durante o processo da análise dos dados, e; reconhecimento de padrões, onde os temas emergentes foram correlacionados a fim de reconhecer frequências e regularidades que apontam para conclusões e insights sobre o tema. O Quadro 1 sistematiza as informações acima descritas.

Quadro 1: Etapas da pesquisa

1a metodológica	2a etapa metodológica: Revisão bibliográfica sistemática
Estudo exploratório: acesso aos repositórios; seleção das entradas de pesquisa; referências coletadas para formação do Banco de Dados (Anexo I).	Gerenciamento final das referências bibliográficas, diferenciando aquelas cujo acesso não foi possível.
Meta-análise ou análise dos metadados.	Análise de dados qualitativos: identificação de temas emergentes e reconhecimento de padrões.

Fonte: Elaborado pelo autor

3. 1. 1a Etapa: Estudo exploratório

Nesta subseção apresentamos quais repositórios foram acessados, quais entradas de buscas foram empregadas para construção do Banco de Dados (Anexo I) e quais critérios foram utilizados para coletar metadados das referências bibliográficas para elaboração de uma meta-análise. Assim como o parâmetro qualitativo para selecionar quais as referências bibliográficas interessavam ao Banco de Dados (Anexo I).

3. 2. Repositórios

Os repositórios utilizados estão elencados abaixo, vale ressaltar que a ordem empregada na pesquisa corresponde à abrangências dos repositórios, pois os dados disponíveis no repositório #1 Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) cobrem, por exemplo, os repositórios #3 (Unicamp), #4 (Unesp) e #5 (USP). Portanto vale ressaltar a importância da ordem de pesquisa, embora esta abrangência tenha sido verificada em todos os repositórios acessados, como mostra o Anexo I.

Repositórios acessados:

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD;
<bdtb.ibict.br>

Catálogo de Teses e Dissertações — CAPES;
<catalogodeteses.capes.gov.br>

Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp;
<http://repositorio.unicamp.br/>

Repositório Institucional — UNESP;
<https://repositorio.unesp.br/>

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP;

<<https://www.teses.usp.br/>>
Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
<https://cenb.org.br/n_ja_immigration_books/>

3. 3. Entradas de pesquisa

Para selecionar as entradas de pesquisa empregadas nestes repositórios foi elaborada uma pesquisa no portal online *Nippo no Campo*, que em seus artigos jornalísticos destacam os nomes, assim como um breve histórico, de uma série de cooperativas agrícolas que foram iniciadas pela comunidade nipo-brasileira. Vale ressaltar que preposições (“de”; “da”; “por”; etc.) e demais palavras tiveram que ser subtraídas a fim de alcançar resultados mais satisfatórios. E que obviamente, estes nomes não abrangem a totalidade das cooperativas agrícolas ou agroindustriais da comunidade nipo-brasileira, e por isso entradas mais generalistas foram empregadas, como por exemplo “Cooperativas Nipo-Brasileiras” (generalista) em comparação com “Cooperativa Agrícola de Ibiúna” (específico). O estudo exploratório possibilitou a seleção de outras entradas de pesquisa não coletadas no *Nippo no Campo*, como “PRODECER” (Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados) e “Sistema Agroflorestal De Tomé-Açu”. São totalizadas ao menos 26 entradas de pesquisa, sem contabilizar possíveis variações das entradas elencadas, como por exemplo em “Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Colonização (Jatak)”, que sofreu variações como “Cooperativas Agrícolas de Colonização” (plural) ou “Cooperativa Agrícola de Colonização” (singular).

Entradas de pesquisa:

- “Cooperativismo Agrícola Nipo-Brasileiro”;
- “Comunidades Rurais Nipo-Brasileiras”;
- “Cooperativas Nipo-Brasileiras”;
- “Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Colonização (Jatak)”;
- “Federação das Cooperativas de Imigração e Colonização (Zentakuren)”;
- “Pesquisas Técnicas e Difusões Agropecuárias (IPTDA)”;
- “Fruticultura de Mossoró”;
- “Projeto Grupo de Produtores de Amendoim do Quinari”;
- “Cooperativa Agrícola de Lins e Região”;
- “Cooperativa Agrícola de Ibiúna”;
- “Cooperativa Agrícola Sul Brasil de São Miguel Arcanjo”;
- “Cooperativa Agrícola Sul-Matogrossense (Copasul)”;
- “Associação dos Floricultores da Região da Via Dutra (Aflord)”;
- “Cooperativa Agrícola de Guataparã”;
- “Cooperativa Agrícola de Capão Bonito (CACB)”;
- “Associação Paulista dos Produtores de Caqui (APPC)”;
- “Cooperativa Agrícola de Monte Carmelo (Copermonte)”;

“Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC)”;
“Cooperativa Agrícola Mista de Várzea Alegre (Camva)”;
“Cooperativa Central Agrícola e de Colonização do Brasil (Notakyo)”;
“Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA)”;
“Sistema Agroflorestal De Tomé-Açu (Safta)”;
“Tecnologia Social do Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu (Safta)”;
“Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu (ACTA)”;
“Cooperativa Integrada”;
“Cooperativa Agrícola de Hortaliças da Amazônia”.

3. 4. Metadados coletados

A meta-análise empregada neste trabalho objetivou explorar resultados adicionais à revisão bibliográfica sistemática. Destacamos que não se trata do sentido psicanalítico de “meta-análise”. Do contrário, trata-se de uma síntese quantitativa-qualitativa por meio de um tratamento estatístico a partir dos metadados das referências bibliográficas. A princípio, entre os metadados buscamos coletar as “metodologias” para coleta e análise de dados utilizadas pelos autores das pesquisas selecionadas, mas a diversidade das metodologias impossibilitou esta coleta, pois as variações discursivas e teóricas a este respeito dificultam qualquer tratamento estatístico.

Metadados coletados:

Repositório onde a referência foi encontrada;

Entrada de pesquisa que acusou a referência como resultado;

Instituição de ensino superior;

Formato;

Título;

Autor;

Data;

Palavras-chave;

3. 5. Critérios para refinamento das entradas de pesquisa e das referências

Conforme o estudo exploratório foi empregado, resultados díspares e excessivamente generalistas tiveram que ser destacados das entradas de pesquisa para que tivessem um tratamento especial a fim de que a busca pudesse ser satisfatória para a construção do Banco de Dados (Anexo I). Nesta subseção mostramos as duas principais entradas de pesquisa que apresentaram um número díspar de resultados, onde foi necessário desenvolver critérios específicos para tais entradas de pesquisa.

O primeiro critério emergente respeitou, portanto, o seguinte binômio “produto” vs. “cooperativa”, com as suas respectivas interpretações, como por exemplo “melão” vs. “Fruticultura de Mossoró”, onde as referências bibliográficas que se detenham

ao segundo foram selecionadas. O próximo critério emergente afunilou a pesquisa a partir da busca no título da referência que pudesse retomar, mesmo que por meio de sinônimos, os sentidos de “cooperativa” e “nipo-brasileiros”, em detrimento de referências mais abrangentes como por exemplo nos resultados da entrada de pesquisa de “Pólo Açu-Mossoró”. Portanto, neste segundo critério selecionamos as referências que se ocuparam de estudar o Pólo Açu-Mossoró sob a perspectiva do cooperativismo, do seu desenvolvimento e da sua origem histórica. As tabelas abaixo sistematizam as entradas de pesquisa com resultados excessivamente generalizantes.

Tabela 1: Resultados díspares em Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Entrada de pesquisa	“Fruticultura de Mossoró”	Dissertações	Teses
Resultados	Total: 92	66	26

Instituições de Ensino Superior	UFERSA	UFFRJ	UFRN	UFPB	UFRPE	UFTM	USP
	46	31	10	2	1	1	1

Entrada de pesquisa	“Pólo Açu-Mossoró”	Dissertações	Teses
Resultados	Total: 6	5	1

Instituições de Ensino Superior	UFERSA	UFRN	UFC	UFU
	2	2	1	1

**Tabela 2: Resultados díspares em Catálogo de Teses e Dissertações
— CAPES**

Entrada de pesquisa	“Fruticultura de Mossoró”	Dissertações	Teses
Resultados	Total: 24	21	3

Instituições de Ensino Superior	UFERSA	UFRN	UFRPE	UFC	UFPE	UERN	USP
	8	4	1	1	1	3	1
	UNICAMP	UFPE	UECE	UFV	UNP		
	1	1	1	1	1		

Entrada de pesquisa	“Pólo Açu-Mossoró”	Dissertações	Teses
Resultados	Total: 14	10	4

Instituições de Ensino Superior	UFERSA	UFRN	UFPE	UFRA	UFPE	UFRGS	USP
	3	2	1	1	1	1	1
	UNICAMP	UFC	UFV	UERN			
	1	1	1	2			

3. 6. 2a Etapa: Revisão bibliográfica sistemática

Nesta fase, com o acesso estabelecido ao Banco de Dados (Anexo I) uma pesquisa sistemática foi realizada a fim de buscar os termos “cooperativismo”, “cooperativa” e demais sinônimos nas teses e dissertações a fim de organizar uma coletânea de segmentos e citações. Esta coletânea foi marcada com etiquetas temáticas que destacam tendências nos estudos. As etiquetas receberam um tratamento estatístico para serem apresentadas em gráficos que lidam com os dados qualitativos selecionados.

Este tratamento estatístico foi lido, interpretado e apresentado como o resultado final deste trabalho. É necessário destacar, conforme Booth *et al.* (2016), as limitações do escopo do trabalho (significados e interpretações de “cooperativismo”), assim como as limitações da pesquisa e do cronograma.

Ao passo que se trata de um Banco de Dados (Anexo I) de volume demasiado, *softwares* livres para análise de dados qualitativos foram utilizados com a finalidade de aprimorar o tratamento e o processamento dos dados, assim como abster a pesquisa de formas tradicionais para trazer produtividade à pesquisa. É necessário pontuar que:

O tratamento de dados qualitativos com o auxílio de um software não implica em um procedimento mecânico e padronizado, tampouco instrumentalizar os dados qualitativos tal como nos estudos quantitativos. Esses sistemas podem ser considerados ferramentas auxiliares no processo de pesquisa. São considerados facilitadores, mas jamais substituirão a criatividade, bom senso e o antever sociológico do pesquisador (Schlosser *et al.*, 2019, p. 543).

Desta maneira, são dois os *softwares* livres utilizados em nossa revisão sistemática. O Cassandre, nome da plataforma para análise colaborativa de texto (Banco de Dados), que se baseia principalmente em uma rotulagem semiautomática, que preza pela criação de registros por parte do pesquisador. Nosso intuito é articular o corpo textual do Banco de Dados (Anexo I) com o objetivo geral do empreendimento da pesquisa, rotulando os segmentos que mencionam o tema de investigação, de modo a aprimorar a produtividade da análise.

O *software* livre Iramuteq que se debruça sobre dados textuais. Este, por sua vez, se concentra na lematização, portanto na deflexão das entradas de pesquisa para determinar sua origem lexical para relacionar entradas aparentemente distintas como “cooperados” e “cooperativas” que dispõem do mesmo radical, tendo como intuito o cálculo de frequência de palavras e a análise de similitudes. Logramos organizar a distribuição do vocabulário para que esta seja apresentada de forma compreensível com representações gráficas das análises lexicográficas.

4. Resultados da meta-análise

Para a apresentação dos resultados da meta-análise foram organizados gráficos que sistematizam as contagens das referências coletadas a partir das entradas de pesquisa (Gráfico 1); dos formatos de pesquisa coletados (Gráfico 2); e das instituições de ensino superior onde foram empregadas as referências bibliográficas coletadas (Gráfico 3). Estes gráficos foram gerados a partir do *software* online Google Sheets que trabalhou sobre o Banco de Dados gerado durante a primeira fase da metodologia, a saber o estudo exploratório.

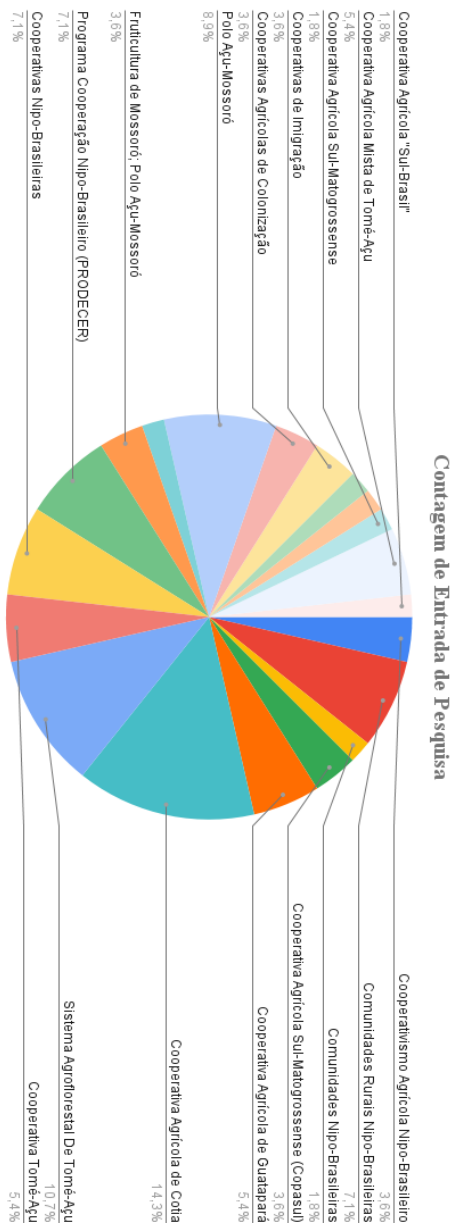
Foram igualmente produzidos gráficos com o *software* livre de análise de dados qualitativos não estruturados Iramuteq. Com esta ferramenta exploramos um gráfico de análise de similitude (Gráfico 4) e um gráfico em nuvem de palavras (Gráfico 5). Reiteramos que nosso Banco de Dados (Anexo I) conta com um total de 54 referências bibliográficas coletadas nos cinco repositórios anteriormente citados, mais 10 obras do acervo CENB.

No Gráfico 1 mostramos as 18 entradas de pesquisa que acusaram referências bibliográficas satisfatórias para nossa coleta de dados. Mostramos que as maiores fatias em ordem decrescente são: “Cooperativa Agrícola de Cotia” com 14,3% das referências advindas desta entrada de pesquisa; “Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu” com 10,3%; “Pólo Açu-Mossoró” com 8,9%, e; “Programa Cooperação Nipo-Brasileiro”, “Cooperativas Nipo-Brasileiras” e “Comunidades Rurais Nipo-Brasileiras” todas com 7,1% das referências advindas destas entradas de pesquisa.

A seguir, vemos o Gráfico 2 que sistematiza os formatos das referências bibliográficas coletadas. Entre o total das 54 referências bibliográficas 23,2% são teses de doutorado e 76,8% são dissertações de mestrado.

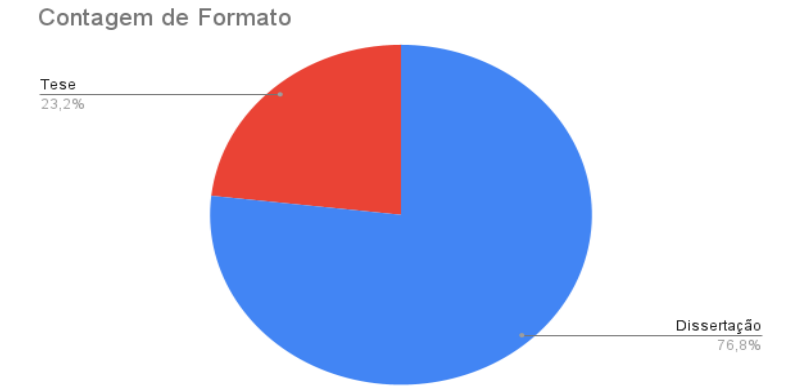
O Gráfico 3 sistematiza as referências bibliográficas coletadas a partir das instituições de ensino superior onde estas foram gestadas. Reiteramos a tabela de siglas apresentadas no Anexo II para esclarecimento dos dados interpretados no Gráfico 3. Aqui notamos as três instituições de ensino superior que detêm a maior parte das referências bibliográficas coletadas: Universidade de São Paulo (USP) com 16,1%; Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) com 14,3%; e a Universidade Federal do Pará (UFPA) com 12,5%. Notamos o caso singular da UFPA que é capaz de romper com o eixo “sudestino” de produção científica. Uma hipótese dessa ruptura *sui generis* é a proximidade da instituição com os objetos de estudo pautados pelas entradas de pesquisa “Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu”, “Pólo Açu-Mossoró” e “Fruticultura de Mossoró”.

Gráfico 1: Contagem de Entradas de Pesquisa



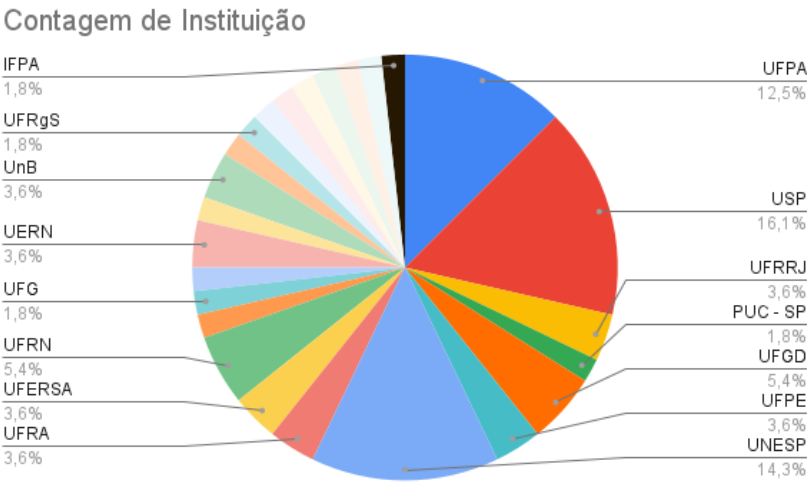
Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Banco de Dados (Anexo I)

Gráfico 2: Contagem de Formatos das Referências Bibliográficas Coletadas



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Banco de Dados (Anexo I)

Gráfico 3: Contagem das Instituições de Ensino Superior



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Banco de Dados (Anexo I)

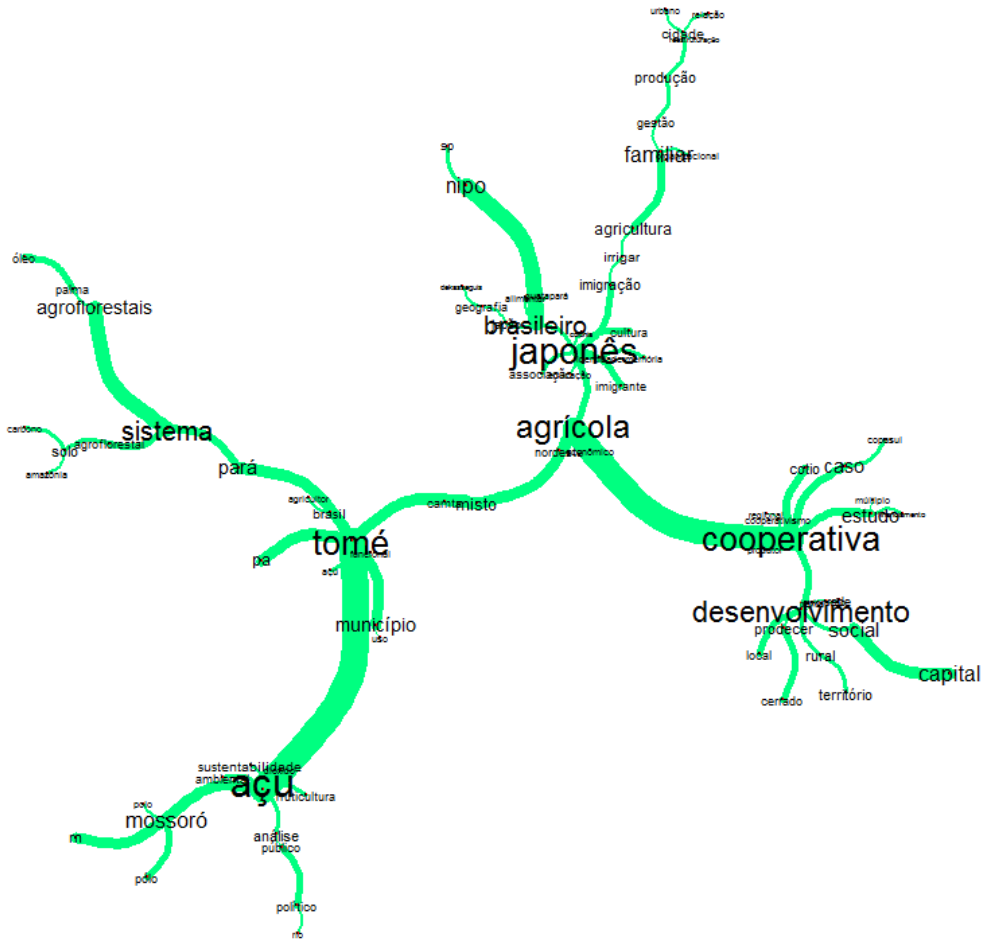
O próximo Gráfico 4 foi produzido a partir dos metadados coletados, a saber apenas os títulos das referências bibliográficas e as suas palavras-chave. Portanto, similitudes entre os elementos foram traçadas com o intuito de observar padrões, conexões e temas comuns. São reveladas relações conceituais a partir de agrupamentos temáticos e de áreas de interesse. O Gráfico 4 é particularmente interessante ao mostrar que palavras vinculadas a noções identitárias (como “nipo”, “brasileiro” e “japonês”) se distanciam dos eixos que representam as coletas relacionadas aos temas de “Tomé-Açu”, “cooperativa” e “desenvolvimento” onde o tema que marca a dissidência entre esses temas é “agrícola”.

Isto mostra que o interesse em uma reflexão identitária, no que tange à origem das cooperativas a partir da imigração japonesa é minoritário se comparado às pesquisas que se detêm a outros aspectos, como ao desenvolvimento social e rural ou ao Município de Tomé-Açu, destacados por eixos mais robustos. O sistema agroflorestal e o Estado do Pará são igualmente mais frequentemente citados do que os temas identitários, evidenciando que as pesquisas que se debruçam sobre os aspectos da sustentabilidade e da economia verde se sobressaem em relação às pesquisas de cunho sociológico, antropológico ou cultural que se voltam às identidades dos emigrados.

Notamos, ainda no Gráfico 4, que o eixo que conecta “agrícola” e “cooperativa” é um dos mais robustos do gráfico, assim como “Tomé” e “Açu”, denotando que são palavras frequentemente utilizadas em conjunto ou em sequência, portanto nas formulações de “cooperativa agrícola” e no topônimo “Tomé-Açu”. Da mesma forma, o eixo entre “cooperativa” e “desenvolvimento”, embora menor se comparado aos eixos entre “agrícola” e “cooperativa” ou entre “Tomé” e “Açu”, revela que “cooperativa agrícola” também é frequentemente associada ao léxico “desenvolvimento”, que por sua vez se conecta à “social”, “território”, “local”, “rural” e “capital”, evidenciando a frequência com que as cooperativas agrícolas são relacionadas às noções de desenvolvimento social, desenvolvimento rural e territorial.

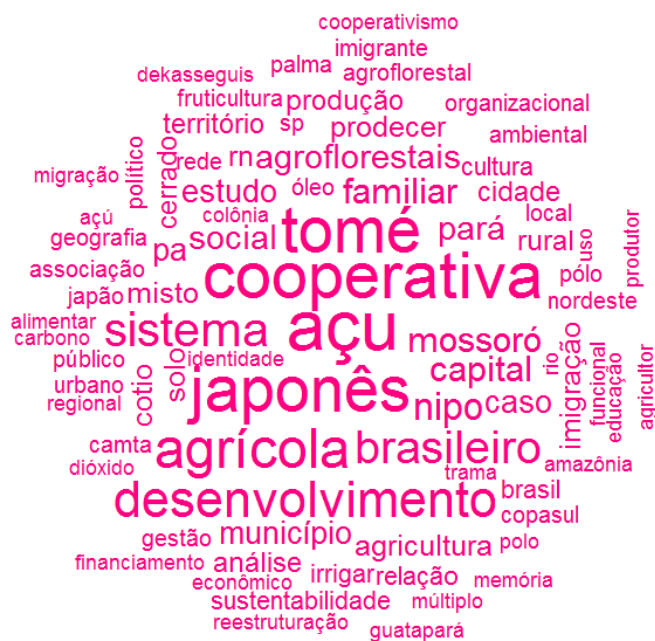
Por fim, geramos no Gráfico 5 uma nuvem de palavras a partir do mesmo conjunto de metadados (títulos e palavras-chave). O tamanho relativo das palavras na nuvem revela a frequência com que estas foram usadas. Nosso intuito é destacar as ênfases presentes nestes dados, a saber “cooperativa”, “Tomé-Açu”, “japonês”, “agrícola” e “desenvolvimento”.

Gráfico 4: Análise de Similitudes a Partir de Metadados



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Banco de Dados (Anexo I)

Gráfico 5: Nuvem de Palavras a Partir de Metadados



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Banco de Dados (Anexo I)

Em suma, os cinco gráficos apresentados fornecem uma visão valiosa das tendências e dos padrões identificados em nossa pesquisa. No entanto, é importante destacar que esses resultados representam uma visão inicial do conjunto de dados e servem como um ponto de partida para análises e insights mais aprofundados. Na próxima seção, mostramos os resultados de revisão bibliográfica sistemática, destacando os títulos aos quais foi possível ter acesso, as etiquetas selecionadas e como estes títulos se distribuem nas etiquetas.

5. Resultados da revisão sistemática

Conforme anteriormente elencado, a primeira fase da revisão sistemática consiste no gerenciamento final das referências bibliográficas, onde o acesso às pesquisas foi definitivamente estabelecido com intuito de gerar o núcleo duro do Banco de Dados (Anexo I). Nesta fase, das 54 referências coletadas nos cinco repositórios e utilizadas na meta-análise se somam outras 10 referências coletadas no acervo CENB, o acesso à materialidade da pesquisa foi possível em 37 títulos do número total de obras (64). Foram 18 trabalhos acessados através da BDTD, 8 através da CAPES, 4 através da UNESP e 7 através do CENB. Portanto, o não acesso aos 27 trabalhos restantes se deu pelas seguintes razões: a pesquisa não está divulgada para o público, mesmo que o repositório acuse a referência, esta estava inacessível por decisão do autor ou por erro no endereço eletrônico que leva do repositório à pesquisa, assim o *link* quebrado direcionou para uma página não existente; por irrelevância em relação à investigação.

Os títulos não acessados por não estarem divulgados ao público ou por erro no endereço eletrônico do repositório BDTD são: Pinheiro, 2015; Rocha, 2015 e Silva, 2013. E do repositório CAPES: Andrade, 1998 e 2002; Pires, 1996; Nunes, 2009; Rodrigues, 2001; Penha, 2016; Tafner Junior, 2010; Johnson, 2022; Deus, 2004; Motoki, 2000; Santana, 1989; Vegro, 1992; Souza, 2005; Matsuzaki, 2005; Hirata, 2001; Martins, 2021; Nunes, 2022; Lacerda, 2012.

Os títulos julgados irrelevantes foram do repositório CENB: Apex-Brasil, s/ data; S/ autor, 1957; Tsurushima e Tsuboi, s/ data. E também do repositório CAPES: Medeiros, 2020. E do repositório UNESP: Kajimoto, 2016; Saito, 2003. Em todos esses casos, ver Anexo I para referência completa. O Quadro 2 sistematiza as informações acima descritas.

Quadro 2: Relação entre os repositórios, as referências coletadas e as obras acessadas

Repositório	Referências coletadas	Obras acessadas	Diferença
BDTD	21	18	3
CAPES	27	8	19
UNESP	6	4	2
UNICAMP	0	0	0
USP	0	0	0
CENB	10	7	3
Total:	64	37	27

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Banco de Dados (Anexo I)

Antes de descrever as etiquetas temáticas que serviram como base para a catalogação das referências, que constituem, portanto, os padrões reconhecidos entre as obras, apresentadas no Quadro 3 (Relação entre os trabalhos coletados e os sentidos empregados para “cooperativa” ou “cooperativismo”), nos detemos a um detalhe interessante que são as referências bibliográficas recorrentes nestes 37 títulos. As obras de Zempati Ando *Pioneirismo e cooperativismo: história da cooperativa agrícola de Cotia* (1961), de Masaaki Yamada *Japanese immigrant agroforestry in the Brazilian Amazon: a case study of sustainable rural development in the tropics* (1999), de Célia Sakurai *Imigração Tutelada: Os japoneses no Brasil* (2000), de Tomoo Handa *O Imigrante japonês: História de sua vida no Brasil* (1987) e de Hiroshi Saito *O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação* (1961) são absolutamente incontornáveis, sendo recorrentes em parte majoritária dos títulos do Banco de Dados (Anexo I), constituindo a olhos vistos um cânone contemporâneo no que diz respeito ao estudo das cooperativas agrícolas nipo-brasileiras demonstrando a pertinência e o pioneirismo destes autores.

Já sobre as etiquetas que subdividem os títulos acessados, reiteramos que estas foram elaboradas a partir da investigação que questionou os textos sobre o sentido empregado em “cooperativa” ou “cooperativismo”. Desta forma, foram elaboradas seis etiquetas temáticas que rearranjaram os títulos do Banco de Dados (Anexo I), configurando o reconhecimento de seis padrões:

1. Cooperativismo como um meio de corrigir relações desiguais na sociedade através do desenvolvimento de novos recursos tecnológicos, financeiros e humanos;
2. Cooperativa como um ente aglutinador de imigrantes japoneses e seus descendentes e também como um ente preservador de tradições étnicas nipônicas;
3. Cooperativismo relacionado a uma contextualização histórica eurocêntrica que se baseia pontualmente na experiência do socialismo utópico do séc. XIX, em específico no episódio de Rochdale-Manchester;
4. Cooperativismo relacionado à implementação de novos modelos de produção sustentável em dois casos: o Sistema Agroflorestal (SAF) e a agricultura familiar;
5. Cooperativismo agrícola relacionado ao PRODECER I ou PRODECER II e às políticas ambíguas da ditadura cívico-militar brasileira;
6. Cooperativismo agrícola relacionado à ambiguidade política do empreendimento colonizador japonês, sendo tratado os episódios de terrorismo da Shindô-Renmei.

A relação entre os trabalhos coletados e os seis padrões reconhecidos no emprego de sentido em “cooperativa” e em “cooperativismo” está elaborada no Quadro 2 (Relação entre os trabalhos coletados e os sentidos empregados). A seguir, fazemos uma reiteração dos seis padrões, apresentando excertos das obras originais em citação direta a fim de apresentar dois títulos exemplares, capazes de transmitir objetivamente o sentido por nós aferido.

Para o cooperativismo como meio de superação das desigualdades entre os produtores agrícolas e a concorrência com outros modelos de produção agrícola, como o agronegócio, selecionamos os trechos de Akahoshi (2013) e Fernandes (2013):

Buscando abrandar as dificuldades ocasionadas pela nova realidade emergente, a união de esforços entre os produtores faz-se necessária, como uma alternativa de ganhar força e representatividade no mercado e a forma que muitos produtores têm encontrado para realizar essa união é por meio da cooperação. O resultado dessa cooperação, em muitos casos, converte-se em associações e/ou cooperativas agrícolas. Brisola (2010) explica que essas organizações são espaços utilizados pelos produtores como forma de exporem suas realidades, e absorverem novos conhecimentos. Essa ação tem o intuito de adaptar o produtor nesse novo ambiente globalizado, o que corrobora com a ideia de Nascimento (2000, p.2), que afirma: “(...) as cooperativas nascem para corrigir relações desiguais na sociedade (...)” (Akahoshi, 2013, p. 16).

Ao se considerar o contexto do agronegócio, ressalta a importante presença das cooperativas agrícolas, cujo motivo de existir está na possibilidade de oferecer condições para se agregar valor aos produtos dos associados, que sozinhos não teriam condições de competir. Além de proporcionar um ambiente de aprendizado constante por meio da cooperação mútua entre os colaboradores (Fernandes, 2016, p. 21).

Para o cooperativismo como um ente aglutinador de descendentes e de imigrantes japoneses, e também como um ente preservador de tradições étnicas citamos Albuquerque (2017) e Omuro (2015):

A Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA) é um dos principais entes aglutinadores de imigrantes japoneses e seus descendentes e faz-se presente no mercado de produção e exportação de produtos agrícolas, desde 1931 (Albuquerque, 2017, p. 14).

Nos novos núcleos coloniais que se formaram as comunidades japonesas começaram a criar suas próprias escolas, bem como toda uma estrutura de Associações Culturais e Cooperativas que propiciam o desenvolvimento econômico e a preservação das tradições étnicas nipônicas (Omuro, 2015, p. 75).

O discurso marxista contextualiza o episódio de Rochdale-Manchester conforme uma experiência de socialismo utópico, onde a influência das correntes filosóficas iluministas deram subsídio para a imaginação de comunidades cujos meios de produção seriam de propriedade comunitária. Segundo a elaboração teórica do marxismo, em relação ao socialismo científico, o socialismo utópico carece de uma análise materialista da história e da sociedade, assim como a percepção incipiente da luta de classes desconsidera uma revolução violenta e portanto uma ação política organizada e a conscientização da massa trabalhadora para além dos Estados-nação. E entre os textos que contextualizam o cooperativismo nipo-brasileiro junto pioneirismo do exemplo de Rochdale-Manchester do séc. XIX citamos Dalazoana (2018) e Lago (2014):

Em 21 de dezembro de 1844 no bairro de Rochdale, em Manchester (Inglaterra), 27 tecelões e uma tecelã fundaram a «Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale» com o resultado da economia mensal de uma libra de cada participante durante um ano. Tendo com isso o homem como principal finalidade — e não o lucro. Os tecelões de Rochdale

buscavam naquele momento uma alternativa econômica para atuarem no mercado, frente ao capitalismo ganancioso que os submetiam a preços abusivos, a exploração da jornada de trabalho de mulheres e crianças (que trabalhavam até 16h) e ao desemprego crescente advindo da revolução industrial (Dalazoana, 2014, p. 43).

O cooperativismo tem suas origens na Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra do século XVIII (época em que a mão de obra perdeu grande poder de troca, e com baixos salários e longa jornada de trabalho acarretaram muitas dificuldades socioeconômicas para a população), sendo uma das formas mais avançadas de organização da sociedade. Assim, decorridos 150 anos desde a criação da primeira cooperativa, já se contabilizam mais de 700 mil delas em todo o mundo e representam a possibilidade de superar dificuldades em torno de necessidades e objetivos comuns à classe trabalhadora e de diferentes categorias profissionais e segmentos produtivos. A cooperação, na expressão e dos fundamentos do cooperativismo, está presente na sociedade desde as mais primitivas formas de organização dos seres humanos (Lago, 2014, p. 13).

Para o cooperativismo relacionado à implementação dos modelos de produção do Sistema Agroflorestal (SAF) e da agricultura familiar temos Alcântara (2023) e Pompeu (2017):

Considerando-se apenas o Estado do Pará, que concentra aproximadamente 90% da produção nacional de óleo de palma, verifica-se que a dendeicultura é cultivada principalmente por médias e grandes empresas. No entanto, cultivos também são conduzidos por cooperativas e agricultores familiares, principalmente em sistemas agroflorestais, que pelo seu grande potencial na geração de empregos promove a inclusão social e o desenvolvimento regional onde esse modelo é adotado (Alcântara, 2023, p. 20).

Em se tratando dos agricultores empresariais ressalta-se, ainda, a ativa participação da CAMTA (Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu) que desenvolve ações voltadas à produção sustentável, considerando os conhecimentos, as práticas agrícolas e as experimentações dos agricultores. No que diz respeito aos agricultores familiares é válido destacar o trabalho desenvolvido pela APPRAFAMTA (Associação de Produtores e Produtoras da Agricultura Familiar do Município de Tomé-Açu), especialmente no sentido de reforçar aos agricultores a importância dos SAF (Sistema Agroflorestal) como sistema produtivo sustentável. Segundo Tafner Júnior, (2014) os SAF de Tomé-Açu contribuíram para formar o alicerce responsável pela evolução da CAMTA e por manter as relações sociais e culturais entre os cooperados. Tais experiências são compartilhadas pelos agricultores da cooperativa com outros agricultores do Município (Pompeu, 2017, p. 32).

Nos trabalhos que relacionam o cooperativismo agrícola ao Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER I ou PRODECER II) destacamos o padrão discursivo de denunciar um desvio no propósito das cooperativas agrícolas nipo-brasileiras que deixam de atender aos interesses dos cooperados para atender aos interesses das políticas governamentais. Neste sentido, trazemos Inocêncio (2010) e Oliveira (2022):

Schweinberger (1994, p. 157) destaca que para dar “consistência às políticas agrícolas e resgatar a importância da agricultura para o próprio País, propõem-se as cooperativas agropecuárias como instrumento de implementação das políticas agrícolas” (p.145) e complementa: “as cooperativas foram fundamentais para a formação e consolidação do modelo agrícola, da monocultura, a serviço dos interesses de outros setores da economia, em prejuízo da formação de um setor agrícola, diversificado, orgânico e autônomo”. A participação das cooperativas no processo de modernização da agricultura baseou-se em quatro pontos fundamentais: incentivo à exportação; concessão de crédito subsidiado, instrumento-chave da política de modernização; incentivo à pesquisa e extensão rural e estreita relação com a indústria de insumos e bens de capital agrícolas, facilitando ao produtor o acesso aos setores a montante da agricultura (ROCHA, 1999). O acesso a créditos subsidiados permitiu às cooperativas o investimento e expansão da capacidade instalada e a diversificação de sua linha de produção. Coube a elas, nesse contexto, o papel de promover mudanças tanto a nível econômico quanto a nível social, no espaço em que atuam. Ao que Schneider (1983, p. 04) pontua que “no atual modelo de desenvolvimento agrícola a cooperativa consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, atendeu a interesses da política governamental e não aos verdadeiros interesses dos associados” (Inocêncio, 2010, p. 107).

Do lado brasileiro, criou-se um discurso de complementaridade entre as duas economias, o qual possibilitou, no curso desse processo, que os setores econômicos brasileiros vissem que um projeto de cooperação com um país de capitalismo avançado estava sendo pensado e implementado. A partir deste, cimentou-se a possibilidade de não só explorarem um bioma até então inadequado para a cultura de grãos, mas também de se estruturarem economicamente em torno de um setor que prometia alta produtividade e lucratividade, simulando o modelo produtivo agrícola estadunidense. Muito embora bastante promissor, o setor agroindustrial brasileiro neste período não sobrepujava o da construção civil, por exemplo, que detinha grande atenção do regime ditatorial e maior capital invertido, de maneira que setores específicos da sociedade civil tiveram de ser mobilizados no intuito de legitimar, em termos de política econômica, o projeto ditatorial. Se por um lado o projeto de transnacionalização da economia brasileira já se encontrava em curso, muito a partir da abertura brasileira ao capital estrangeiro empreendida desde o início da ditadura, por outro o fator de atratividade internacional para investir em projetos no solo brasileiro ainda carecia de esforços. Foi nesse sentido que o Gal. Geisel se envolveu pessoalmente no estabelecimento de uma cooperação importante com o Japão, país este em pleno desenvolvimento e com um alto potencial de investimento na produção alimentícia, sobretudo após o embargo estadunidense provocado pela crise dos anos 1970. Do lado japonês, como veremos, a cooperação com o Brasil não só permitiu que o país asiático suprisse a longo prazo sua demanda alimentícia por grãos, mas também que ampliasse o seu leque diplomático a uma região geopoliticamente estratégica para os Estados Unidos, bem como evitasse um maior desgaste no Leste Asiático, uma vez que a relação deste com os demais países da região foi historicamente deteriorada por sua política imperialista empreendida durante a primeira metade do século XX. Nesse sentido, o discurso de complementaridade entre Brasil e Japão encontrou terreno para se projetar em solo japonês, ficando aí um relevante elemento desse processo para futura verificação por meio da pesquisa histórica (Oliveira, 2022, p. 57-58).

E por fim, no último padrão reconhecido onde o cooperativismo agrícola nipo-brasileiro está relacionado à ambiguidade política do empreendimento colonizador japonês, sendo tratado os episódios de terrorismo da Shindô-Renmei temos como exemplo Taniguti (2015) e Kanazawa (2008):

Esse posicionamento, evidentemente, não agradava os ultranacionalistas japoneses que rejeitavam tanto a notícia da derrota, quanto a postura das lideranças. Bastante conhecidos na literatura especializada (COMISSÃO, 1992; DEZEM, 2000; TAKEUCHI, 2009), os casos de assassinato de autoridades e as listas de alvos a serem assassinados fizeram parte da realidade de Kenkiti Simomoto e de seus colegas que compunham o restrito circuito de lideranças locais. O quadro a seguir informa os nomes presentes em listas de assassinatos da Shindô-Renmei, baseado nas informações fornecidas pela Comissão (1992). Em destaque estão membros da CAC. [...] Vejamos alguns casos de assassinatos dos nomes dessa lista. Segundo os planos de Tatsuo Watanabe, membro da Shindô-Renmei, o assassinato de Kenkiti Simomoto estava planejado para ocorrer em fevereiro de 1946. Contudo, Watanabe não teria localizado a residência de Simomoto e passou a procurar por Shigetsuna Furuya. No dia 1 de abril de 1946, no bairro do Jabaquara, em São Paulo, o jornalista e diretor do jornal *Nippak Shimbun*, Chuzaburo Nomura, foi assassinado por admitir a derrota na Guerra. Nomura, que havia sido detido pelo DEOPS em 1944 – e somente fora liberto em março de 1945, aparentemente sem justificativas – era próximo das lideranças da Cooperativa, especialmente de Gervásio Inoue, uma das pessoas que fez o reconhecimento da vítima no Instituto Médico Legal. Naquele mesmo dia, Shigetsuna Furuya sofreu um atentado, levando vários tiros, mas conseguiu sobreviver (HATANAKA, 2002). No dia 2 de junho, também em São Paulo, Jinsaku Wakiyama foi assassinado (Taniguti, 2015, p. 150-152).

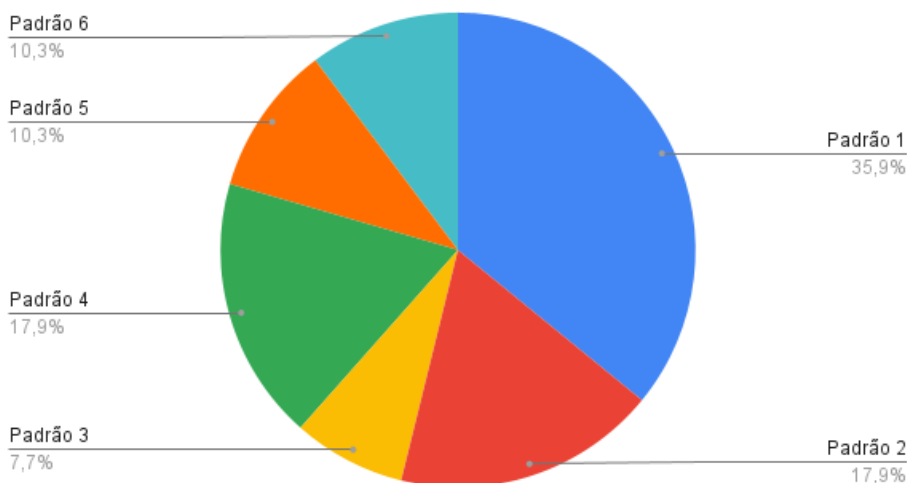
Os dirigentes da Cooperativa Agrícola de Cotia estavam entre as vítimas da Shindô-Renmei. Vista oficialmente como uma sociedade secreta e terrorista, foi violentamente reprimida pela polícia, cujo processo durou de 2 de abril de 1946, quando foi instaurado o inquérito até agosto de 1958, quando ele foi arquivado. [...] A partir de 28 de janeiro de 1942, cada pequena cooperativa do interior teve de substituir o diretor que fosse imigrante por um brasileiro nato. Dessa forma, isso ocorreu também na Cooperativa Agrícola de Cotia de Jacaré, quando um brasileiro assumiu a direção da Cooperativa local (Kanazawa, 2008, p. 86-88).

Foi com o reconhecimento desses seis padrões na elaboração de sentido de “cooperativa” nos trabalhos coletados para a composição do Banco de Dados (Anexo I) que compomos os resultados de nossa revisão bibliográfica sistemática. O Quadro 3 (Relação entre os trabalhos coletados e os sentidos empregados) apresenta a distribuição das obras acessadas entre as seis etiquetas temáticas para este quadro, optamos pelo sistema autor-data para referenciar os trabalhos que se encontram descritos no Banco de Dados (Anexo 1). Do mesmo modo, o Gráfico 6 decompõe a distribuição das obras entre os padrões em formato estatístico, evidenciando a porcentagem com que tais padrões foram encontrados.

Gráfico 6: Tratamento Estatístico do Quadro 2

(Relação entre os trabalhos e os padrões reconhecidos)

Tratamento estatístico do Quadro I



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Banco de Dados (Anexo I)

Considerações finais

Para alcançar os resultados da análise e da meta-análise empreendemos um esforço de construção de um Banco de Dados (Anexo I) que contou com a escolha dos repositórios, levantamento de entradas de pesquisa e o refinamento das mesmas rejeitando entradas que acusaram resultados excessivamente díspares, como detalhado na seção 5.5. Deixamos registrado que o Banco de Dados (Anexo I) foi constituído com pesquisas feitas entre agosto e dezembro de 2023. Portanto, os dados obtidos devem ser vistos à luz da data em que tais obras foram coletadas.

Foi com este percurso que logramos destacar os sentidos empregados em “cooperativa” e “cooperativismo” nos trabalhos acadêmicos que se debruçaram sobre o cooperativismo agrícola nipo-brasileiro. Com esta finalidade, empregamos uma revisão bibliográfica sistemática que contou com uma meta-análise aplicada sobre os metadados das referências escolhidas para comporem o Banco de Dados (Anexo 1). Entre os resultados desta fase da análise, destacamos a superação do eixo de produção científica da região Sudeste brasileira, como podemos observar no Gráfico 3 (Contagem das Instituições de Ensino Superior). E a comprovação do vínculo discursivo das cooperativas com o desenvolvimento regional e territorial, como observamos no Gráfico 4 (Análise de Similitudes a Partir de Metadados).

A respeito dos resultados obtidos com a revisão bibliográfica propriamente dita, destacamos a porcentagem de trabalhos que adotam o sentido de “cooperativismo agrícola” como um recurso para a superação de desigualdades sociais entre os diversos modelos de negócio da esfera agrícola, 35,9% dos trabalhos coletados, portanto, admitem este posicionamento. Outro dado interessante é a quantidade de trabalhos sobre a implementação de técnicas sustentáveis, em específico o SAF (Sistema Agroflorestal) e a agricultura familiar com 17,9%, a mesma quantidade de trabalhos que admitem as cooperativas como entes aglutinadores e preservadores de tradições nipônicas no Brasil, posicionamento mais esperado do que os mesmos 17,9% relacionados aos modelos sustentáveis de produção agrícola.

Destacamos também os padrões 5 e 6 que refletem o posicionamento crítico dos autores relacionados a estes padrões. Criticidade que soube olhar para a história recente do governo militar brasileiro ou da ditadura cívico-militar que logrou sucesso em sua aproximação diplomática com o Japão, obtendo sucesso na exploração da complementaridade entre os dois estados. O mesmo serve para o esforço de colonização perpetrado pelo Japão nos anos anteriores à eclosão da Segunda Guerra Mundial, que nos textos de Omuro (2015), Taniguti (2015) e Melchior (2008) recebe atenção especial pela descrição, análise ou menção que estes autores fazem das empresas japonesas de colonização que atuaram em território brasileiro.

É assim que esperamos dar visibilidade às cooperativas agrícolas nipo-brasileiras como tema de pesquisa acadêmica, mostrando, entre outros resultados, que este cooperativismo representa uma alternativa à exploração predatória dos recursos naturais brasileiros. Sublinhando a relevância ambiental destes empreendimentos que acolhem a curiosidade científica de muitos autores e instituições de ensino superior.

Quadro 3: Relação entre os trabalhos coletados e os sentidos empregados para “cooperativa” ou “cooperativismo”

Trabalho (autor-data)	Sentido empregado em “cooperativismo”
Akahoshi, 2013; Fabreau Martínez, 2017; Fernandes, 2016; Frabetti, 2008; Santana, 1989; Silva, 2020; Taniguti, 2015; Dalazoana, 2014; Amorim, 2016; Saito, s/ data; Saito, 1956; Ando, 1961; Ogata, Kobayashi e Makita, s/ data; CEDNNB, s/ data;	Corrigir relações desiguais na sociedade através de novos recursos tecnológicos, financeiros e humanos.
Albuquerque, 2017; Omuro, 2015; Silva, 2013; Souza, 2006; Kanazawa, 2008; Nomiso, 2022; Oba, 2021.	Ente aglutinador de imigrantes japoneses e seus descendentes e preservador de tradições étnicas nipônicas.
Fernandes, 2016; Dalazoana, 2014; Lago, 2014.	Relacionado a uma contextualização eurocêntrica sobre cooperativismo, equiparado à experiência do socialismo utópico de Rochdale-Manchester no séc. XIX.
Alcântara, 2023; Cabral, 2020; Pompeu, 2017; Barros, 2009; Da Luz, 2020; Silva, 2021; Silva, 2009.	Implementação de novos modelos de produção sustentável: Sistema Agroflorestal (SAF) e agricultura familiar.
Inocêncio, 2010; Oliveira, 2022; Rocha, 2010; Lago, 2014.	Relacionado ao PRODECER I ou PRODECER II e às políticas ambíguas do governo militar brasileiro.
Omuro, 2015; Taniguti, 2015; Melchior, 2008; Padilha, s/ data;	Cooperativismo agrícola relacionado à ambiguidade política do empreendimento colonizador japonês, sendo tratado os episódios de terrorismo da Shindô-Renmei.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Banco de Dados (Anexo I)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, M. do S. B.. **Capital social e desenvolvimento local: uma análise a partir da atuação da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA), no município de Tomé-Açu/PA**. 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9755>>.
- Berdegue, J. **Agricultura Familiar Desempenha Papel Central na Conquista de Objetivos Globais** em ONU Brasil, 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/84055-artigo-agricultura-familiar-desempenha-papel-central-na-conquista-de-objetivos-globais>
- Booth, A., Sutton, A., & Papaioannou, D. **Systematic Approaches to a Successful Literature Review**. SAGE Publications. 2016.
- Caribé, C. **Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados-PRODECER: um espectro ronda os cerrados brasileiros**: Japanese-Brazilian Cooperation Program for Development of the Cerrados-PRODECER: a specter circles over Brazil's cerrados. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 24, n. 2, p. 384-416, 2016. <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/802/454>
- Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, CENB. **Relatório da Situação Atual da Colônia Japonesa**, 2021. Disponível em: https://nw.org.br/report/relatorio_pt/#1
- Ferraz, F. **A comunidade nipo-brasileira na Colônia Agrícola Vargem Bonita (Park Way – RA XXIV) e suas manifestações culturais: possibilidades de arranjos produtivos do turismo**. 2014. xvi, 75 f., il. Monografia. Universidade de Brasília, Brasília, 2014. <https://bdm.unb.br/handle/10483/9873>
- Freitas, A. F. de, Freitas, A. F. de, **Interações entre organizações coletivas na promoção do desenvolvimento local**. *Interações (Campo Grande)*, 14(2), 177–188. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1518-70122013000200004>
- Homma, A. K. O. **Dinâmica dos sistemas agroflorestais: o caso da Colônia Agrícola de Tomé-Açu, Pará**. *Revista Instituto de Estudos Superiores da Amazônia*, 2, 57-65 2004. <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/401613/1/08O395.pdf>
- Lourenção, G. V. **Dos mares do Japão às Terras Brasileiras: Algumas considerações sobre o Brasil, a imigração japonesa e sua influência na agricultura**. Tomo (UFS) , v. 26, p. 165-210, 2015.
- Maciel, A. P. B., Seibert, R. M., Silva, R. C. F. da ., Wbatuba, B. B. R., & Salla, N. M. da C.. **Governança em Cooperativas: Aplicação em uma Cooperativa Agropecuária**. *Revista De Administração Contemporânea*, 22(4), 600–619. 2018. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2018170228>
- Morais, E. E. de ., Lanza, F., Santos, L. M. L. dos ., & Pelanda, S. S. **Propriedades coletivas, cooperativismo e economia solidária no Brasil**. *Serviço Social & Sociedade*, (105), 67–88. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000100005>
- Nippo. **História do Campo**. Disponível em: <https://www.nippo.com.br/campo/historia/index.php> Acesso em outubro de 2023.

- NDL, National Diet Library. **As grandes cooperativas agrícolas: Cotia e Sul-Brasil**. 2014. <https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/column/nokyo.html>
- NDL, National Diet Library. Miura, Sakuzô. **Imo Raisan**. 2009a. <https://www.ndl.go.jp/brasil/text/t105.html>
- NDL, National Diet Library. Shimomoto, Kenkiti. **Kochia sangyô kumiai imo boikotsuto no kansatsu**. 2009b. <https://www.ndl.go.jp/brasil/text/t106.html>
- Oliveira, Júlio Ernesto de Souza. **A Saga da Soja Nipo-Brasileira: Ditadura Militar e Implementação do PRODECER nos Cerrados Brasileiros (1964-1979)**. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal da Bahia, 2022.
- Pompeu, Gisele do Socorro dos Santos. **Sistemas agroflorestais: manejo, sustentabilidade e percepção ambiental dos agricultores de Tomé-Açu, Pará, Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Florestais: área de concentração Sistemas Agroflorestais) – Universidade Federal Rural da Amazônia, 2017.
- Silva, R. M. A. da ., & Nunes, E. M.. **Agricultura familiar e cooperativismo no Brasil: uma caracterização a partir do Censo Agropecuário de 2017**. Revista De Economia E Sociologia Rural, 61(2). 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.252661>
- Schlosser, Diego Fabrício. Frasson, Antonio Carlos. Cantorani, José Roberto Herrera. **Softwares Livres para Análise de Dados Qualitativos**. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia. v. 12, n. 1. 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/9550>
- Taniguti, Gustavo Takeshy. **Cotia: imigração, política e cultura**. Tese (Doutorado em Sociologia: Área de concentração Sociologia) — Universidade de São Paulo, 2015.
- Yin, Robert K. **Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim: Métodos de Pesquisa**. Editora Penso: SP. 2016.

Anexo I - Banco de Dados

Repositório: **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD** <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>

21 Resultados:

Entrada de pesquisa: “Cooperativismo Agrícola Nipo-Brasileiro”

Albuquerque, Maria do Socorro Barbosa. **Capital social e desenvolvimento local: uma análise a partir da atuação da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA), no município de Tomé-Açu/PA**. Dissertação. UFPA. 2017.

Palavras-chave: Capital social - Tomé-Açu (PA); Japoneses - Tomé-Açu (PA); Desenvolvimento econômico; Cooperativas agrícolas - Tomé-Açu (PA); Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA); Desenvolvimento endógeno

Frabetti, Giancarlo Livman. **A reprodução das formas de apropriação produtiva da terra pelo trabalho familiar a sudoeste da capital paulista: relação cidade-campo no contexto da urbanização da cidade de São Paulo.** Dissertação. USP. 2008.

Palavras-chave: Entorno rural metropolitano; Relação cidade-campo; Relações sociais de produção; Reprodução camponesa; Temporalidades diversas no processo do capital

Entrada de pesquisa: “Comunidades Rurais Nipo-Brasileiras”:

Rocha, Betty Nogueira. **«A trama do drama»: a trama das fronteiras e o drama dos migrantes nas configurações do desenvolvimento de Lucas do Rio Verde - MT.** Tese. UFRRJ. 2010.

Palavras-chave: migração; relação rural-urbano; relação estabelecidos-outsiders; representações sobre desenvolvimento; Mato Grosso

Entrada de pesquisa: “Comunidades Nipo-Brasileiras”:

Omuro, Selma de Araujo Torres. **A escolarização da comunidade nipo-brasileira de Registro (1913-1963).** Tese. PUC-SP. 2015.

Palavras-chave: Escolarização de imigrantes; Escolas japonesas; Nacionalização do ensino.

Entrada de pesquisa: “Cooperativas Nipo-Brasileiras”:

Silva, Alexandra Begueristain da. **Nihonjinkai – a associação dos imigrantes japoneses de Santa Maria/RS – século XX.** Tese. UFSM. 2013.

Palavras-chave: Imigração japonesa. Manutenção da identidade. Associações japonesas. Memória.

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola Sul-Matogrossense (Copasul)”:

Akahoshi, Wesley Batista. **Capital social e a fidelização do cooperado: caso da COPASUL, Mato Grosso do Sul.** Dissertação. UFGD. 2013.

Palavras-chave: Cooperativas agrícolas; Capital social (Economia)

Fernandes, Cristiano Rodrigues. **Análise dos estilos de aprendizagem, do comprometimento organizacional e os programas de gerenciamento da qualidade: o caso da COPASUL.** Dissertação. UFGD. 2013.

Palavras-chave: Sociedades cooperativas; Comprometimento organizacional

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola de Guataporã”:

Figueiredo, Roberta Carvalho de. **Alterações lipídicas na população nipo-brasileira de Mombuca - Guataporã-SP.** Dissertação. USP. 2017

Palavras-chave: diabetes; dislipidemia; nipo-brasileiros; síndrome metabólica.

Souza, Solange Maria Xavier de. **Análise do padrão alimentar dos nipo-brasileiros de Mombuca - Guataporã-SP, relacionando-o ao estado nutricional e alteração da homeostase glicêmica.** Dissertação. USP. 2006.

Palavras-chave: diabetes; estado nutricional; nipo-brasileiros; padrão alimentar.

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola de Cotia”:

Santana, José Neves. **Estudo da capacidade de autofinanciamento da Cooperativa Agrícola de Cotia - Cooperativa Central**. Dissertação. USP. 1989.

Palavras-chave: autofinanciamento; cooperativa agrícola de Cotia.

Taniguti, Gustavo Takeshy. **Cotia: imigração, política e cultura**. Tese. USP. 2015.

Palavras-chave: Cooperativa Agrícola de Cotia; Estudos migratórios; Imigração japonesa; Imigrantes; Sociologia econômica.

Fabreau Martínez, Martín. **“Entre o sakura e as uvas”. Transformações e continuidades familiares, organizacionais e identitárias entre os nikkeis do Vale do São Francisco. Uma etnografia sobre trajetórias na agricultura irrigada**. Tese. UFPE. 2016.

Palavras-chave: Imigração; Aspectos sociais; Imigração; Brasil; Japoneses – Pernambuco; Japoneses – Bahia; Agricultura irrigada.

Entrada de pesquisa: “Sistema Agroflorestal De Tomé-Açu”:

Pompeu, Gisele do Socorro dos Santos. **Sistemas agroflorestais: manejo, sustentabilidade e percepção ambiental dos agricultores de Tomé – Açu, Pará, Brasil**. Dissertação. UFPA. 2017.

Palavras-chave: Sistema agroflorestal - Pará; Agrofloresta; Agricultura; Sustentabilidade; Manejo.

Pinheiro, Larissa Paulina Souza. **Efluxo de dióxido de carbono do solo na transição floresta-sistema agroflorestal no município de Tomé Açu, Pará**. Dissertação. UFPA. 2015.

Palavras-chave: Palma de óleo; Cultivo; Dióxido de carbono; Solos; Tomé-Açu - PA.

Cabral, Cristiane Maria. **Caracterização físico-química, compostos bioativos e composição mineral de polpas de açaí oriundas de sistemas agroflorestais, Tomé-Açu, Pará, Brasil**. Dissertação. UNESP. 2020.

Palavras-chave: Euterpe oleracea, Compostos funcionais, Agrofloresta, Pós-colheita, Agroecologia.

Alcântara, Mábia Maria Duarte. **Fluxo de óxido nitroso (N₂O) do solo em um sistema agroflorestal em Tomé Açu, nordeste do Pará**. Dissertação. UFPA. 2023.

Palavras-chave: Dendê; Palma de óleo; Sistemas agroflorestais; Óxido nitroso (N₂O).

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Tomé-Açu”:

Rocha, Rosimary da Silva. **A dinamização econômica nos territórios Açu-Mossoró e sertão do Apodi (RN): um estudo na cadeia produtiva da apicultura e sua gestão nas unidades de produção familiar**. Dissertação. UFRN. 2015.

Palavras-chave: Apicultura; Instituições; Infraestrutura; Certificação e Políticas Públicas;

Silva, Paulo Sidney Gomes. **As transformações da política de desenvolvimento dos territórios rurais no Brasil: análise da implementação no estado do Rio Grande do Norte (2003-2016)**. Tese. UFRN. 2020.

Palavras-chave: Políticas públicas; Territórios rurais; Abordagem cognitiva; Ideias; Atores.

Silva, Carolina Melo da. **Variação temporal do efluxo de dióxido de carbono CO² do solo em sistemas agroflorestais com palma de óleo (*Elaeis guineensis*) na Amazônia Oriental**. Dissertação. UFPA. 2013.

Palavras-chave: Sistema agroflorestal; Palma de óleo; *Elaeis guineensis*; Uso do solo; Efeito estufa (Atmosfera); Umidade do solo; Temperatura do solo; Pará - Estado; Amazônia brasileira.

Entrada de pesquisa: “Programa Cooperação Nipo-Brasileiro (PRODECER)”:

Inocêncio, Maria Erlan. **O PRODECER e as tramas do poder na territorialização do capital no Cerrado**. Tese. UFG. 2010.

Palavras-chave: Cerrado; Modernização; Território; Geopolítica; Poder; Redes; PRODECER.

Oliveira, Júlio Ernesto Souza de. **A saga da soja nipo-brasileira: ditadura militar e implementação do PRODECER nos Cerrados brasileiros (1964-1979)**. Dissertação. UFBA. 2022.

Palavras-chave: Ditadura militar brasileira; PRODECER; Cerrados; Japão.

Repositório: **Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES** <catalogodeteses.capes.gov.br>

27 Resultados:

Entrada de pesquisa: “Fruticultura de Mossoró; Polo Açu-Mossoró”:

Andrade, Luciara Maria de. **Sustentabilidade ambiental e fruticultura no NE: o caso do Pólo Açu-Mossoró no RN**. Tese. UERN. 1998.

Andrade, Luciara Maria de. **Os impactos agroambientais da fruticultura irrigada: o caso do Pólo Açu/Mossoró no RN**. Dissertação. UERN. 2002.

Entrada de pesquisa: “Fruticultura de Mossoró”:

Silva, Vilma Felix da. **A Cadeia Logística Do Melão: fatores intervenientes no desenvolvimento do Agropólo Fruticultor Mossoró/Assú**. Dissertação. UnP. 2009.

Entrada de pesquisa: “Cooperativas Nipo-Brasileiras”:

Barros, Andréa Vieira Lourenço de. **Evolução Dos Sistemas Agroflorestais Desenvolvidos Pelos Agricultores Nipo-Brasileiros Do Município De Tomé-açu, Pará, Brasil**. Tese. UFRN. 2009.

Entrada de pesquisa: “Programa Cooperação Nipo-Brasileiro (PRODECER)”:

Pires, Mauro Oliveira. **Desenvolvimento e Sustentabilidade no Cerrado: um estudo sobre o PRODECER**. Dissertação. UnB. 1996.

Lago, Ariete Odete Dal. **Programa De Cooperação Nipo-Brasileira Para o Desenvolvimento Dos Cerrados (Prodecir II) Na Cooperativa Dos Produtores Agropecuários Do Paraíso e Região (Copper), Na Conjuntura Do Desenvolvimento Local - Paraíso Das águas-Ms (1985-2012)**. Dissertação. UCDB. 2014.

Entrada de pesquisa: “Pólo Açu-Mossoró”:

Nunes, Emanuel Márcio. **Reestruturação Agrícola, Instituições e Desenvolvimento Rural No Nordeste: as dinâmicas regionais e a diversificação da agricultura familiar no Pólo Assu-Mossoró(RN)**. Tese. UFRGS. 2009.

Medeiros, Maria Elisângela Filgueira De Moraes. **Sementes Crioulas No Território Da Cidadania Açu-Mossoró: Um Diagnóstico Nos Polos Agrários Do Município De Mossoró - RN**. Dissertação. UFRN. 2020.

Palavras-chave: Geografia agrária;Território rural;Agricultura familiar.;Soberania alimentar;Agrobiodiversidade.

Rodrigues, João Freire. **Políticas públicas e Modernização Agrícola Na Região De Fruticultura Do Rio Grande Do Norte: o Lugar Da Agricultura Familiar**. Dissertação. UFPE. 2001.

Silva, Jucirema Ferreira Da. **Caracterização Etnopedológica De áreas Salinizadas No Distrito De Irrigação Do Baixo Açu, Polo Fruticultor De Mossoró e Vale Do Apodi**. Tese. UFRSA. 2021.

Palavras-chave: Baixo Açu;Vertissolo;Saber Tradicional;Salinidade;Metodologias participativas.

Penha, Thales Augusto Medeiros. **Estrutura e Dinâmica Do Sistema Agroalimentar: uma análise dos mercados de fruticultura dos pólos irrigados de Açu-Mossoró e Petrolina-Juazeiro**. Tese. UNICAMP. 2016.

Palavras-chave: Sistema Agroalimentar Mundial;Coordenação de mercados; Pólos irrigados do Nordeste;Redes de comércio internacional.

Entrada de pesquisa: “Cooperativas Agrícolas de Colonização”:

Júnior, Armando Wilson Tafner. **Cooperativismo e Desenvolvimento Regional na Amazônia: a contribuição da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu para o desenvolvimento de Tomé-Açu no Nordeste paraense**. Dissertação. UFPA. 2010.

Inocêncio, Maria Erlan. **O Prodecir e a Territorialização do capital em Goiás: O Projeto de Colonização Paineiras**. Dissertação. UFGO. 2002.

Entrada de pesquisa: “Cooperativas de Imigração”:

Johnson, Klinger. **Imigração, Refúgio e Cooperativa De Trabalho Como Alternativa De Sustentabilidade**. Dissertação. UEM. 2022.

Palavras-chave: Estrangeiro;Cooperativismo;Trabalho;Políticas Públicas.

Kanazawa, Júlia Naomi. **Os (i)migrantes japoneses e seus descendentes em Jacaréi (1927-1951): contexto, trajetória e cotidiano**. Dissertação. USP. 2008.

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola de Ibiúna”:

Deus, Adilson Souza de. **Agricultura Familiar e Sustentabilidades nos Municípios de São Roque e Ibiúna**. Dissertação. UNIMEP. 2004.

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola Sul Brasil”:

Luz, Karlize Gavioli Da. **Gestão Organizacional Na Agricultura Familiar: Estudo múltiplos em Associações e Cooperativas De Produtores Orgânicos**. Dissertação. UnB. 2020.

Palavras-chave: Cooperativismo, associativismo, modelo de gestão, produção de orgânicos, especificidades regionais.

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola Sul-Matogrossense”:

Dalazoana, Francisca Maciel De Lima. **Gestão De Custos Na Produção De Fios De Algodão: o Caso Da Cooperativa Agrícola Sul Matogrossense (COPASUL)**. Dissertação. UFGD. 2014.

Palavras-chave: Custos Industriais. Cooperativas Agrícolas. Algodão. Copasul.

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola de Guatapará”:

Motoki, Sérgio Hiroaki. **Japoneses em Guatapará: uma experiência associativa, 1982 - 1998**. Dissertação. UNESP. 2000.

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola de Cotia”:

Santana, José Neves. **Estudo Da Capacidade De Autofinanciamento Da Cooperativa Agrícola De Cotia - Cooperativa Central**. Dissertação. USP. 1989.

Vegro, Celso Luis Rodrigues. **Uma Abelha Circunscrita: Um Estudo Sobre o Sucesso Empresarial Da Cooperativa Agrícola De Cotia - CAC**. Dissertação. UFRRJ. 1992.

Souza, Sinvaldo do Nascimento. **Singularidades Da Educação Na Colônia Agrícola Japonesa De Santa Cruz**. Dissertação. UFF. 2005.

Matsuzaki, Rosa Hiroko. **O uso do tratamento na língua japonesa falada por nipo-brasileiros - empresa Bratac de Bastos**. Dissertação. USP. 2005.

Hirata, Newton. **Inovações Tecnológicas baseadas no conhecimento tácito: o caso da comunidade japonesa na construção da Cooperativa Agrícola de Cotia**. Dissertação. USP. 2021.

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu”:

Campos, Marcus Victor Almeida. **Dinâmicas dos Sistemas Agroflorestais com as Sinergias Socioeconômicas e Ambientais: Caso dos Cooperados Nipo-paraenses da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-açu**. Dissertação. UEPA. 2021.

Palavras-chave: Adaptação; Desenvolvimento Local; Socioecologia; Pequenos produtores.

Martins, Ingryd Rodrigues. **Farinha Funcional Elaborada Com Resíduos De Frutas Tropicais Da Cooperativa Agrícola Mista De Tomé-açu - Pa: Caracterização e Aplicação De Gelado Comestível**. Dissertação. IFPA. 2021.

Palavras-chave: Resíduos agroalimentares; Frutas tropicais; Alimentos Funcionais; Gelados comestíveis.

Entrada de pesquisa: “Sistema Agroflorestal De Tomé-Açu”:

Nunes, Heloiza Sousa De Andrade. **Estratégias Dos Agricultores Familiares Quanto Ao Uso e Arranjo De Espécies em Sistemas Agroflorestais Do Município De Tomé-açu-Pará.** Dissertação. UFPA. 2022.

Palavras-chave: sistemas agroflorestais; agricultura familiar; Espécies vegetais; escolhas; estratégias

Lacerda, Fernando da Costa Brito. **Dinâmica Das Plantas Espontâneas em Sistemas Agroflorestais No Município De Tomé-açu, Estado Do Pará.** Dissertação. UFPA. 2012.

Repositório: **Repositório Institucional - UNESP** <<https://repositorio.unesp.br/>>

6 Resultados:

Entrada de pesquisa: “Cooperativa Agrícola «Sul-Brasil»”:

Amorin, Edna Maria Jucá Couto. **As cidades médias e suas múltiplas particularidades: produção e consumo do espaço urbano em Marília - SP e Mossoró - RN.** Tese. UNESP. 2016.

Palavras-chave: Cidades médias, Consumo, Produção do espaço urbano, Reestruturação da cidade, Reestruturação urbana.

Entrada de pesquisa: “Comunidades Rurais Nipo-Brasileiras”:

Oba, Diego Bermejo. **Colonização japonesa no estado de São Paulo: mobilidade e organização espacial - 1908 a 1924.** Dissertação. UNESP. 2021.

Palavras-chave: Colônias japonesas, Modelos de colônias japonesas, Ferrovias paulistas.

Saito, Milton. **Japoneses aqui, brasileiros lá?: uma leitura sobre (e dos) dekassegus.** Dissertação. UNESP. 2003.

Palavras-chave: Geografia, Dekasseguis.

Melchior, Lirian. **Redes sociais e migrações laborais: múltiplas territorialidades. A constituição da rede nipo-brasileira em Ourinhos (SP) e no Japão.** Tese. UNESP. 2008.

Palavras-chave: Geografia, Territorialidade humana, Geografia da população, Japão - Migração de povos, Dekasseguis.

Entrada de pesquisa: “Cooperativas Nipo-Brasileiras”:

Nomiso, Cecília Massako. **Possibilidades da cultura japonesa na prática pedagógica: um caso a ser estudado.** Dissertação. UNESP. 2022.

Palavras-chave: Educação Infantil, Japão - Civilização, Cultura, Multiculturalismo, Educação de crianças, Cultura japonesa.

Kajimoto, Natacha. **Informação, memória e identidade: estudo sobre as associações**

japonesas em Marília. Dissertação. UNESP. 2016.

Palavras-chave: Informação, Memória e identidade, Imigração japonesa, Cultura informacional, História oral, História de vida.

Repositório: **Centro de Estudos Nipo-Brasileiros - CENB** <https://cenb.org.br/n_ja_immigration_books/>

10 Resultados:

Saito, Hiroshi. **O Cooperativismo na Região de Cotia: Estudo de Transplantação Cultural.** Estudo de Antropologia Teórica e Aplicada. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1956.

Saito, Hiroshi. **O Cooperativismo e a Comunidade: O Caso da Cooperativa Agrícola de Cotia.** São Paulo: Editora Sociologia e Política, s/ data.

Ando, Zempati. **Pioneirismo e cooperativismo: história da Cooperativa Agrícola de Cotia.** São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961.

Padilha, Dráuzio Leme. **CAC: Cooperativismo que deu certo.** s/ editora, s/ data.

Apex-Brasil. **A presença japonesa na avicultura brasileira de exportação : 1908-2008.** São Paulo: Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango, s/ data.

Ogata, Tamotsu; Kobayashi, Takashi; Makita, Michio. **Considerações sobre o desenvolvimento agrícola do cerrado: resultado das pesquisas agrícolas de cooperação nipo-brasileira.** São Paulo: Resultado das Pesquisas Agrícolas de Cooperação Nipo-Brasileira, s/ data.

S/ autor. **A História da Cooperativa Agrícola de Cotia.** São Paulo: s/ editora, 1957.

Tsurushima, Hisao; Tsuboi, Nobuhiro. **Introdução à História da Indústria de Flores e Plantas Ornamentais no Brasil.** São Paulo: Comissão Editorial História da Indústria de Flores e Plantas Ornamentais no Brasil, s/ data.

CEDNNB, Comissão de Estudos para o Desenvolvimento do Norte e Nordeste Brasileiro. **Perspectiva da Região Norte do Brasil para Investimentos da Colônia Japonesa.** São Paulo: s/ editora, s/ data.

Cândido, Carlos Alberto. **Japoneses no Vale do Aço.** São Paulo: s/ editora, s/ data.

Anexo II: Siglas

BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações;

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

IFPA: Instituto Federal do Pará;

PRODECER: Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados;

PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo;
UCDB: Universidade Católica Dom Bosco;
UEM: Universidade Estadual de Maringá;
UEPA: Universidade Estadual do Pará;
UERN: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte;
UFBA: Universidade Federal da Bahia;
UFERSA: Universidade Federal Rural do Semi-Árido;
UFF: Universidade Federal Fluminense;
UFG: Universidade Federal de Goiás;
UFGD: Universidade Federal da Grande Dourados;
UFPA: Universidade Federal do Pará;
UFPE: Universidade Federal do Pernambuco;
UFRA: Universidade Federal Rural do Amazonas;
UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
UFRN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte;
UFRRJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;
UFSM: Universidade Federal de Santa Maria;
UNB: Universidade de Brasília;
UNESP: Universidade Estadual de São Paulo;
UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas;
UNIMEP: Universidade Metodista de Piracicaba;
UNP: Universidade Potiguar;
USP: Universidade de São Paulo.

‘O ÚLTIMO OCIDENTE SAÚDA O SOL NASCENTE’: DISCURSOS PARLAMENTARES NA RECEPÇÃO DO PRÍNCIPE AKIHITO EM SUA PRIMEIRA VISITA OFICIAL AO BRASIL (1967)

‘THE LAST OF THE WEST SALUTES THE RISING SUN’: PARLIAMENTARY SPEECHES AT THE RECEPTION OF PRINCE AKIHITO ON HIS FIRST OFFICIAL VISIT TO BRAZIL (1967)

Mateus Trigo Gonçalves¹

Resumo: Em um cenário de crescimento da relevância internacional do Japão no pós-guerra, a visita oficial do então príncipe herdeiro do Japão, Akihito, ao Brasil em 1967 foi recebida como um importante evento diplomático nacional. Parte da recepção oficial organizada pelo Estado Brasileiro envolveu a realização de uma sessão solene do Congresso Nacional, em que representantes do Senado e da Câmara dos Deputados discursaram em homenagem à presença do Príncipe, enquanto analisavam e comparavam Brasil e Japão, bem como sua comunidade imigrante no país. O objetivo desse artigo é compreender o discurso construído pelos oradores, bem como analisar a forma que a alteridade japonesa frente à identidade brasileira é percebida e explicada.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Imigração Japonesa; Relações Brasil-Japão; Identidade Nacional; História e Memória.

ABSTRACT: In a scenario of post-war growth in international relevance of Japan, the official visit of the then Crown Prince of Japan, Akihito, to Brazil in 1967 was received as a major national diplomatic event. Part of the Official Reception organized by the Brazilian State included the holding of a Solemn Session of the National Congress, during which representatives from the Senate and the Chamber of Deputies delivered speeches in honor of the prince, while

1 Mestrando em International Relations na Universidade de Waseda (Japão). Bolsista do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros ano 2023-2024. E-mail para contato: mateustrigo.n@gmail.com

analyzing and comparing Brazil and Japan, as well as their immigrant community in the country. The objective of this article is to comprehend the discourse constructed by the speakers, and to analyze how the Japanese otherness in relation to Brazilian identity is perceived and explained. Keywords: Discourse analysis; Japanese immigration; Brazil–Japan relations; National identity; History and Memory.

1. Introdução

A imigração japonesa ao Brasil teve importante papel nas discussões políticas e no imaginário nacional brasileiro. Nas primeiras décadas do pós-guerra, a comunidade nikkei (dos imigrantes japoneses e de seus descendentes) alcançava maior visibilidade nacional, ascensão social, bem como um esforço coletivo de superação das dificuldades e rusgas advindas do período da Guerra (Lesser, 2007). Paralelo às conquistas dos nipo-brasileiros, o Japão se encontrava em um profundo esforço de reconstrução e, já na década de 1960, era mais percebido internacionalmente pelo seu rápido crescimento econômico, sua recuperação do parque industrial e pelo seu despontar no cenário internacional do que pelos conflitos que completavam vinte anos, nesse fenômeno designado como o Milagre econômico japonês.

A expansão a passos largos da economia japonesa aliada à relevante comunidade nikkei no Brasil tornava uma visita de Estado japonesa um importante evento diplomático na agenda oficial brasileira. Assim, em maio de 1967, então meros três meses de governo Costa e Silva (1967-69), receberia o Brasil a visita do então príncipe herdeiro do Japão, Akihito, e sua esposa, a Princesa Michiko.

Como parte dos eventos de recepção ao Príncipe, fora organizado pelo Poder Legislativo uma sessão conjunta do Congresso Nacional, no dia 23 de maio de 1967, com o nome oficial de “Sessão Solene para Recepcionar Sua Alteza Imperial, O príncipe Akihito, Herdeiro do Trono Japonês”. Nessa Sessão, comandada pelo então vice-presidente do Brasil, Pedro Aleixo, que exercia a presidência do Senado Federal, oradores oficiais foram designados para representar o Congresso: pelo Senado, foi escolhido o senador Mário Martins (MDB/Guanabara); pela Câmara dos Deputados, o deputado Plínio Salgado (ARENA/São Paulo). Cada qual discursou em momento próprio, com um momento de agradecimentos pelo príncipe ao fim. Ao todo, a sessão duraria pouco mais de uma hora.

Nesses discursos, tanto Mário Martins quanto Plínio Salgado apresentaram extensas considerações sobre os mais variados tópicos: da história japonesa, de sua cultura e educação, do encanto com seu crescimento econômico, da comunidade de seus descendentes no Brasil e das relações Brasil-Japão.

A partir de tais questões, neste artigo analisamos esse discurso panegírico feito pelos oradores oficiais do Congresso Nacional, buscando perceber a tentativa de síntese da identidade nacional brasileiro e da alteridade japonesa.

2. Metodologia

Neste artigo, para construir a presente análise, alguns aspectos metodológicos foram considerados. Tendo como base as expectativas qualitativas de análise, em um primeiro momento tivemos a organização de uma pesquisa documental para coletar e selecionar a documentação necessária para a condução da análise. Nesse sentido, duas fontes históricas responsáveis pelo registro da Sessão Conjunta do Congresso Nacional de 23 de maio de 1967 são apontadas: a transcrição da sessão, feita pelo Anais da Câmara dos Deputados, presente no Diário do Congresso Nacional de Quarta-feira, 24 de maio de 1967 – sendo essa a principal fonte da análise; e o áudio da Sessão Solene do Congresso Nacional de 23 de maio de 1967, disponível no acervo da Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Para a reconstrução dos eventos da visita oficial, nos utilizamos de fontes de jornal e de telejornal. Para tal, vinte e duas edições do Jornal do Brasil, periódico do Rio de Janeiro, bem como dez edições de A Tribuna, foram utilizados.

Como instrumental teórico central, no cerne da nossa análise, a percepção do discurso produzido pelos oradores do congresso, traçamos uma análise sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa, na perspectiva produzida por Michel Pêcheux, alcançar as condições de produção do discurso produzido e a manutenção de certos significados políticos e sociais característicos do cenário político brasileiro da segunda metade da década de 1960, conforme PÊCHEUX (1995) e MUSSALIM (2004).

É percebido por nós um avanço da questão de interdisciplinaridade da discussão que nos faz crer ser relevante considerar algumas questões de suporte. Em um primeiro ponto, a interação entre a formação da identidade nacional e a forma que a presença relevante de imigrantes não-europeus promove a necessidade de busca de uma definição desses grupos, interessando-nos aqui, obviamente, a questão da imigração japonesa (LESSER, 2001). Já a relação entre identidade e alteridade, a forma de perceber o outro e de construir essa percepção são um aspecto de importante atenção, como o discutido por LEISTLE (2016) e HALL e WOODWARD (2014).

Por fim, a percepção panorâmica da política externa brasileira nesse período é relevante para melhor compreender as escolhas feitas em torno da Sessão Solene, tendo os trabalhos de CASTILHO JUNIOR (2023) e SATO (1998) uma importante referência.

3. Relação Brasil-Japão no período pós-guerra

O Japão no imediato pós-guerra enfrentou uma série de desafios políticos e econômicos que trouxeram grandes mudanças para a sociedade japonesa. Com a derrota na Guerra, se iniciou uma ocupação aliada liderada pelos Estados Unidos que tinha como objetivos declarados a desmilitarização e a democratização japonesa — o que, no âmbito político, rapidamente se expressaria pela imposição da nova Constituição do Japão, de 1947, que renegaria a possibilidade de forças militares japonesas. A derrota na Guerra trouxe também a perda de diversas possessões territoriais japonesas, o que

incluía as principais fontes de insumos e mão-de-obra baratas e importantes porções do seu mercado interno. Ao mesmo tempo, com os danos causados pela Guerra, boa parte de sua infraestrutura, de seu parque industrial e suas capacidades produtivas estavam destruídas. Toda essa situação causou uma descontrolada inflação que precisava ser domada pelo governo, que focaria seus esforços em uma reestruturação produtiva e na busca de uma independência econômica nacional (GAO, 2007).

Com o início dos anos 1950, todavia, a situação já se alterava consideravelmente. A fuga do governo nacionalista para Taiwan e a vitória dos comunistas na Guerra Civil Chinesa, em 1949, e a eclosão da Guerra da Coreia, em 1950, consolidaram a mudança de atuação do governo americano perante o Japão, priorizando agora apoiar sua recuperação econômica e o fortalecimento de sua segurança nacional.

Em 1951, foi assinado conjuntamente o Tratado de São Francisco e o Tratado de Mútua Cooperação e Segurança entre os Estados Unidos e o Japão. O primeiro, formalizou a paz entre Aliados e o Japão e finalizou a ocupação, além de firmar as perdas territoriais japonesas. O segundo consolidou o Japão na esfera de poder estadunidense no Leste Asiático e, ao mesmo tempo, estabeleceu o dever de proteção do Japão pelos Estados Unidos, bem como da manutenção de suas bases em territórios japoneses (SASAKI, 2015).

Ao longo das décadas de 1950 e 1960, o crescimento econômico japonês avançou, alcançando entre 1956-1973 o surpreendente percentual de crescimento anual médio de 9,3% e, entre 1955 e 1973, o PIB per capita saltando de 3.500 dólares para 13.500 dólares (BAI, 2014). A recuperação econômica japonesa no pós-guerra era tão surpreendente que já nos anos 1960 ganhou a alcunha de “Milagre Econômico Japonês”.

No Brasil, o cenário do fim da Guerra trouxe alguma volta à normalidade para a comunidade nikkei. As proibições marcantes do período da Guerra, como do uso da língua japonesa, da formação das escolas e das publicações, foram levantadas em um momento de crescente de liberdades democráticas no Brasil, com a queda do Estado Novo (SAITO, 1973; UENO, 2022). Com o pleno reestabelecimento do Estado do Japão em 1952, logo também se restabeleceu as relações diplomáticas, que haviam sido rompidas em 1942. Ao mesmo tempo, a superação dos traumas do período não seriam alcançados de uma hora para a outra. A retórica anti-japonesa durante a Guerra trouxe uma necessidade de negociação entre as percepções de minoria e maioria, e da forma que se esperava a sua integração na sociedade brasileira. Ao fim da Guerra, a desconfiança com as notícias da derrota japonesa causou um movimento de resistência e negação da derrota por parte da comunidade nikkei em São Paulo, formando a chamada Shindo-Renmei, organização que se caracterizou particularmente por cometer atentados contra membros da própria comunidade que reconheciam a derrota japonesa. Com uma atuação concentrada no imediato fim da Guerra, o caso da Shindo-Renmei e seus atentados também foram particularmente traumáticos, promovendo uma importante memória de violência e divisão de dentro da comunidade nikkei que persistiria para além do fim dos anos 1940 (LESSER, 2001).

Ao longo dos anos 1950 se constataria a ascensão social às classes médias de parte importante da comunidade nikkei (SAITO, 1973), o que fora acompanhado também pela ascensão da presença da comunidade para cargos eletivos e de sua influência e relevância em diversas localidades no campo político (CASTILHO JUNIOR, 2023).

Tal movimento avançou nos anos 1960, agora acompanhado do pujante Milagre econômico japonês. Esse cenário colaborava para a formação de uma percepção positiva dos nikkeis e do Japão no imaginário de diversos grupos. No campo político, a boa relação com ambos se mostrava também como uma segura e oportuna amizade no campo internacional, conforme descreve SATO (1998) e bem expõe Castilho Junior:

Durante o governo Costa e Silva (1967-1969), Antônio Delfim Netto foi convidado a assumir a pasta do Ministério da Fazenda. Delfim Netto, assim como alguns outros políticos da época, percebia na relação com o Japão uma ótima oportunidade de crescimento para o Brasil e também demonstrava grande simpatia pelos nipo-brasileiros (CASTILHO JUNIOR, 2023).

4. A Visita Oficial do Príncipe Herdeiro do Japão²

Em janeiro de 1967, o então presidente-eleito, Marechal Artur da Costa e Silva, fez uma visita oficial ao Japão. O presidente-eleito, nessa oportunidade se tornava a autoridade brasileira mais importante que havia visitado o Japão. No Jornal do Brasil, edição de 18 de janeiro de 1967, se apresenta a condizente pompa de sua recepção. Nas relações com a família imperial, pôde almoçar com o Imperador Shōwa e a Imperatriz Nagako, bem como foi apresentado ao príncipe Akihito e sua esposa, a Princesa Michiko. Participou de conferência com o Primeiro-Ministro Japonês, Eisaku Sato, para negociações econômicas, como sobre a produção da Usiminas e a balança econômica entre ambos os países. Assinou também a Convenção Brasil-Japão sobre dupla tributação em impostos sobre rendimentos. Ao longo dessa viagem, Costa e Silva convidou o Primeiro-Ministro japonês para uma viagem oficial ao Brasil — o que não viria a ser confirmado e acabaria por não acontecer. Posteriormente, todavia, a diplomacia japonesa viria a confirmar para maio uma viagem do príncipe Akihito para a América do Sul, visitando, na ordem, Argentina, Brasil e Peru.

A visita oficial do Príncipe e de sua esposa consorte ao Brasil se iniciou em 22 de maio, com a chegada na Base Aérea de Brasília para uma estadia de dois dias. Conforme bem relata a notícia do Jornal do Brasil de 23 de maio, já no desembarque foram recebidos por extensa comitiva entre diplomatas e autoridades, incluindo o Presidente da República Costa e Silva, a Primeira Dama, o Vice-Presidente Pedro Aleixo, bem como boa parte dos ministros de Estado e os governadores de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. O Príncipe foi convidado a passar em revista e, em sequência, formalmente

2 A descrição do cronograma da Visita Oficial do Príncipe foi feita a partir de uma reconstrução utilizando fontes primárias, particularmente de notícias de jornal do período, bem como da descrição apresentada em Cinejornal informativo. Tais fontes também se encontram apresentadas ao fim do trabalho.

apresentado a cada autoridade presente. Na sua recepção também estava presente o arquiteto Oscar Niemeyer, que fora requisitado como idealizador da arquitetura de Brasília. Neste primeiro dia o casal ainda visitou oficialmente o Palácio da Alvorada, onde as comitivas trocaram presentes e condecorações, dentre as mais relevantes, o Príncipe recebeu a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, enquanto o Presidente brasileiro recebeu o Grande Cordão da Suprema Ordem do Crisântemo. Participariam ainda de um Banquete no Itamaraty. No segundo dia, dentre os principais eventos, o Príncipe foi recebido no Congresso Nacional para sua homenagem em Sessão Conjunta, seguida de visita ao Supremo Tribunal Federal. Ofereceu ainda, à noite, um banquete ao Presidente da República no Hotel Nacional, onde estavam hospedados. No início da manhã do dia 24, seguiu viagem para São Paulo.

No curso da viagem para São Paulo, conforme aponta o *Jornal do Brasil* em edição de 25 de maio, o casal fez uma rápida parada em Minas Gerais, por volta das 10 horas, para visitar a cidade de Ipatinga, sede da já citada siderúrgica Usiminas. A empresa, fruto da cooperação Brasil-Japão, tinha não só capital como também funcionários japoneses em seus quadros, o que se mostraria uma oportunidade interessante para a visita do Príncipe, que seria recebida por comitiva composta por autoridades locais e por representantes da empresa. Ficou apenas poucas horas na cidade.

Às 15 horas chegariam em São Paulo, para uma estadia de 2 dias. Extensas homenagens seriam realizadas, tanto pelo governo quanto pela comunidade nikkei local que já há semanas ansiosamente aguardavam a vinda do Príncipe. Tal evento se mostrava de grande expressão, com o *Jornal do Brasil*, em sua edição de 25 de maio bem apontava em sua manchete: “São Paulo em festa homenageia Akihito”. Após cumprir as formalidades na chegada, o casal seguiria para um desfile no Vale do Anhangabaú. Um grande cortejo aguardava o príncipe, com banda e carros alegóricos comemorando a comunidade nikkei no Brasil, além de soldados da Força Pública, bem como um grande público munido de bandeirinhas do Brasil e do Japão. À noite, um banquete foi realizado no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual.

No dia seguinte o evento continuou grandioso, como uma grande recepção à colônia japonesa e ao Príncipe realizada no Estádio do Pacaembu. A edição do *Jornal do Brasil* de 26 de maio já apresentava a empolgação do público com o evento em sua manchete, com a chamada “Presença de Akihito superlota Pacaembu”; o jornal *A Tribuna de Santos* em edição do mesmo dia retrata o evento com ainda mais potência, pontuando sua grandeza como uma “Consagração para Akihito”. Em sequência à recepção no Estádio do Pacaembu, visitou ainda o CEASA para prestigiar uma exposição de produção agrícola nikkei e o Monumento à Independência do Brasil. O dia se completou com a presença da comitiva japonesa no Centro Cultural Brasil-Japão, no bairro da Liberdade, em que homenagens seriam feitas ao Príncipe. Na hora do almoço do dia 25, seguiram para o último destino no Brasil, o Estado da Guanabara (composto, basicamente, pelo município do Rio de Janeiro).

No Rio de Janeiro, a comitiva japonesa desembarcou no aeroporto Santos Dumont, sendo recebidos pelas autoridades locais. Participou de um breve desfile e de um jantar com a presença do governador local. No dia seguinte, 26, visitou estaleiros vinculados ao capital japonês e o evento da comunidade nikkei no estádio do Fluminense, sendo a última agenda oficial. No dia 27 encerraram sua visita oficial, embarcando para os Estados Unidos.

5. Os Oradores da Sessão Conjunta do Congresso Nacional

A Sessão Conjunta do Congresso Nacional para a recepção ao Príncipe foi realizada ao longo de uma hora na tarde do dia 23 de maio. O evento teve sua abertura sob o comando do Vice-presidente do Brasil, exercendo a presidência do Senado Federal, Pedro Aleixo. Em sequência, discursaram Mario Martins (MDB/Guanabara), Plínio Salgado (ARENA/São Paulo) e, por fim, o próprio Príncipe Akihito.

Mario Martins era senador do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) eleito pelo Estado da Guanabara. O MDB era então um partido recém-organizado no ano de 1966, caracterizado por seu papel guarda-chuva em abrigar a oposição legal no sistema bipartidário que caracterizaria o cenário político do período (CPDOC, 2023). Martins era jornalista e político de longa data, que acabava de ser eleito para seu quarto mandato eletivo em outubro de 1966, primeiro como senador, sendo empossado junto à nova legislatura em fevereiro de 1967. O Estado da Guanabara, criado para substituir o antigo Distrito Federal, correspondia, em síntese, ao município do Rio de Janeiro. Apesar da ampla vitória do governo nas eleições de 1966, a Guanabara viu a oposição sair vitoriosa e Martins eleito. Sua eleição contou com o apoio de João Goulart e de Carlos Lacerda, parte da Frente Ampla que buscava a plena restauração do regime democrático (CPDOC, 2023). Sua vida política no Senado não durou muito: foi preso em 13 de dezembro de 1968 com a decretação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) e teve seu mandato cassado no início de 1969, com seus direitos políticos suspensos por dez anos (BRASIL, 1986). Nunca mais se elegeu para mandato eletivo. A Guanabara seria a última das localidades com agenda oficial da visita do Príncipe.

Plínio Salgado, representando a outra casa do Congresso Nacional, era deputado federal da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) eleito pelo Estado de São Paulo. A ARENA representava o outro polo do sistema bipartidário brasileiro que se recém-organizava, abrigava a corrente situacionista do regime, promovendo sustentação política e convergência de seus partidários. Salgado guardava a fama de suas atuações na criação e liderança da Ação Integralista Brasileira (AIB) durante o primeiro governo Vargas. No pós-guerra, Salgado teria uma atuação mais discreta na política nacional, mas teria sido grande apoiador do Golpe de 1964, e gozava de razoável prestígio junto ao regime instalado. Em 1966 havia sido reeleito, exercendo o cargo de vice-líder da ARENA na Câmara. Seria futuro apoiador do AI-5, seguindo sua atuação política na câmara até 1974, quando abandonou suas atividades públicas, falecendo no ano

seguinte (CPDOC, 2023). A cidade de São Paulo seria a segunda principal localidade a ser contemplada pela agenda oficial da visita do Príncipe.

6. O Discurso de Mario Martins na Sessão Conjunta do Congresso Nacional³

Martins foi o primeiro a discursar, o que durou pouco mais de quinze minutos. Seu discurso marcou a relação de diferença e alteridade entre brasileiros e japoneses desde o início. Ambos manteriam características opostas e, ao mesmo tempo, teriam os brasileiros uma relação de encanto com o Japão e os japoneses. Essa dualidade entre correspondência e diferença é assim descrita:

Dizia a professora: — **“O Japão é o país antípoda do Brasil”**. Todos nós, crianças, perplexas, mirávamo-nos interrogativamente. Vinha, em seguida, já engatilhada, a explicação da mestra sobre a posição geográfica do Brasil e do Japão, para invariavelmente concluir com essas palavras: — “Assim, quando aqui no Brasil é meio-dia, no Japão é meia-noite e quando aqui é meia-noite, lá é meio-dia”. A lição nos impressionava, dado o misterioso contraste da revelação. [...] Púnhamo-nos, pois, a imaginar como seriam êsses garotos que, à distância, tão longe brincavam de sol e lua conosco. [...]. Surgia a pergunta ingênua e pueril: “Será que se eu fizer um buraco fundo, bem fundo, acabarei aparecendo no Japão? E se lá também estiverem fazendo um buraco, será que aparecerá um menino japonês, aqui no Brasil, antes de eu terminar o meu trabalho?” Não houve criança no Brasil que não sonhasse com esse túnel e que por êle não trabalhasse. [...] Com esse propósito e com essa firme convicção, **começávamos por contrariar todas as regras dos geógrafos e a sabedoria dos eruditos**. É que víamos pelo avesso o significado da palavra *antípoda*. **A nosso ver o japonês não era antípoda, ao contrário, era o nosso vizinho mais próximo**. Vizinhos sem fronteiras geográficas, vizinhos de chão de quintal para chão de jardim. Vizinhos pela terra a dentro (grifo nosso).

Essa relação diametralmente oposta seria analisada em diversas outras características formadoras dos dois povos. Diferentes em território, geografia, existência temporal e cultura, ambas nações seriam “milagres históricos”: o Brasil com uma vasta extensão territorial pouco povoada conseguiu manter uma unidade nacional, criando uma “civilização em pleno trópico”; o Japão, por outro lado, seria um “Império de dois mil e seiscentos anos” que conseguiu nunca perder “suas características fundamentais” e, ao mesmo tempo, se tornava “a quarta potência industrial do mundo” apesar da ausência de recursos naturais. Afirma Martins: “Os

3 Tanto para o discurso de Mario Martins quanto para o de Plínio Salgado foi usado como fonte principal a transcrição da Sessão, feita pelo Anais da Câmara dos Deputados, presente no Diário do Congresso Nacional de Quarta-feira, 24 de maio de 1967. As citações diretas reproduzem essa fonte. Como apoio e para compensar imprecisões da transcrição, foi usado o áudio integral da Sessão.

historiadores não compreendem a nossa unidade territorial, menos ainda compreendem os economistas o vosso progresso.”

Em sua análise comparativa entre Brasil e Japão, o avassalador crescimento econômico japonês da década de 1960 é de particular encanto. O sucesso japonês é declamado a partir de índices de produção como “3º nos índices de produtividade, 3º no refino de petróleo, 2º na fabricação de artigos eletrônicos, 5º produtor de automóveis, 3º produtor de energia elétrica”. Se a produção japonesa causava desconcerto pelo seu crescimento acima de qualquer país ocidental, os índices relacionados ao consumo eram ainda mais surpreendentes, pois, apesar de os japoneses serem “reconhecidamente frugais em se alimentarem”, afirma Martins, “quinze milhões de residências possuíam aparelhos de televisão, 40% dos lares dispõem de refrigeradores, em 62% há máquinas de lavar roupa e em mais da metade das habitações japonesas existem aspiradores de pó, liquidificadores, ventiladores ou aparelhos de ar condicionado”.

O foco explicativo da economia japonesa permanecia, todavia, fundado em uma expressão cultural e identitária própria dos japoneses, sendo essa diferença cultural formadora não só da compreensão individual de cada japonês, mas definindo o seu mundo cultural (LEISTLE, 2016), que se traduziria como o fator explicativo para a aparente divergência do Japão frente a outras nações ocidentais que não alcançavam os mesmos índices. Tal explicação podia ser expressa mesmo se em falas anedóticas, como em afirmar que “embora a mulher japonesa seja – ao que se diz – de temperamento dócil os índices dos pesquisadores sociais demonstram que mais de 85% dos homens japoneses levam os envelopes de pagamentos dos salários intactos para casa”.

O despontamento japonês como o de um país que adentrava na lista seleta de nações de relevante influência econômica e diplomática não podia ser ignorado. Diz Martins, “um povo assim, jamais poderiam ficar nas antessalas de qualquer país, possuem a vocação do progresso”. O Japão, assim, não representava só uma inspiração pelo crescimento econômico sem precedentes em apenas vinte anos, mas como um importante parceiro econômico para um país em desenvolvimento. Martins aponta, entretanto, algo de especial nas relações entre Brasil e Japão. Ao mesmo tempo que o Brasil é visto como um país distante e diferente do Japão, afirma a existência de uma relação de “preferência”, uma “confiança na capacidade e no futuro do Brasil”. Há algo mais imediato e óbvio que aproximava japoneses e brasileiros e conectava esses dois mundos: a extensa comunidade nipo-brasileira. Tal comunidade “chegou para se integrar à comunidade brasileira, lavrando campos, dedicando-se aos mistérios das fábricas, frequentando com os nossos filhos as mesmas escolas, com eles estudando, e cantando e entre eles sonhando e amando”. Os japoneses, assim, não seriam mais uma existência distante, quase imaginada, mas estaria aqui, não só vivendo entre, mas integrado à comunidade brasileira.

É na aproximação causada pela comunidade nikkei que, no discurso de Martins, paramos de encontrar apenas uma lista de diferenças e encontramos uma relação de igualdade e proximidade. É a identidade, como sabemos, relacional (HALL &

WOODWARD, 2014). Como ele mesmo coloca, se encontra um comungar de brasileiros e japoneses. Não há mais uma relação de distantes que sonham em se conhecer, mas a relação de dois povos criando laços e, aos nikkeis que ainda adquirem as características culturais do povo brasileiro, se tornam uma conexão entre japoneses e brasileiros. “Não falam apenas o nosso idioma, mas cantam as nossas músicas, cultivam as nossas gírias populares, torcem e se dividem nas diferentes e sadias rivalidades dos nossos clubes esportivos” afirma Martins. Não apenas isso, mas alcançam o que Martins diz considerar a “marca de integração perfeita”: adquirem os “nossos mais doces defeitos”, que seria “salutar e dignificante para ambos os povos.

Terminado o constatar da relação entre a comunidade nikkei no Brasil e o povo brasileiro, Martins volta a focar nas relações com o Japão em si. Escolhe apresentar e traçar uma elogiosa análise da Constituição japonesa do pós-guerra, que representaria um exemplo aos povos do mundo (e, implicitamente, ao Brasil):

Estamos em **uma Casa de Legisladores**, dos homens e mulheres que **têm a responsabilidade de humanizar as leis em sua elaboração, preservando-as quando ameaçadas e nelas sempre procurando incutir um espírito que à nossa gente, à nossa Pátria, à Humanidade e ao mundo se acrescentem dignidade, bem-estar e grandeza**. Não podíamos, pois, neste instante, deixar de evocar um momento que **para todos os povos do mundo se tornou mais alto do que o belo e majestoso Monte Fuji**. Refiro-me à Constituição do país que tem em Vosso Augustíssimo Pai o seu nome tutelar. Não creio que muitas vêzes no mármore ou no bronze foram gravadas palavras como as que constituem o preâmbulo da Carta Constitucional do Japão. **Palavras que possuem saber de orações e que poderiam ser proferidas nos templos de qualquer nação e qualquer credo**: “Nós, o povo japonês, desejamos a paz para sempre... Desejamos ocupar um lugar honrado dentro da sociedade internacional, esforçando-nos para a preservação da paz, lutando para a extirpação para sempre da tirania, da escravidão, da opressão e da intolerância da face da terra” (grifo nosso).

Essas palavras tomavam o Japão, agora, ao mesmo tempo, enquanto Estado e enquanto povo, exemplo de práticas civilizatórias para a Humanidade. Logo em sequência, encerra Martins entoando uma versão traduzida ao português do Hino Nacional do Japão.

É interessante notar a construção a partir das aspirações socioideológicas e relações históricas que permeiam Martins, na forma que poder e ideologia se manifestam e se reproduzem (MUSSALIM, 2004). O crescimento econômico japonês era o assunto inevitável, que encantava e surpreendia. O alcance dos bens de consumo e da produtividade japonesa em um espaço de tempo tão curto escapava da capacidade explicativa da política brasileira. A solução para isso logo se organiza. Como apresentado, as percebidas diferenças se tornaram o fator de análise que justificaram

a inserção econômica e diplomática do Japão. É justamente nessas qualidades que qualificam o Japão como o “outro” que explicaram um crescimento que destoava do Ocidente. Ao mesmo tempo, a constatação da integração de brasileiros e dos imigrantes apresentaria uma síntese entre a distância inerente entre Japão e Brasil, justificando a relação próxima, de uma amizade especial, que ambos buscariam nutrir.

Por fim, o elogio traçado às pretensões de paz da carta magna japonesa é marcante em um período de tensão na Guerra Fria, de um imaginário a respeito da Guerra do Vietnã que perfaziam o debate público. A mensagem ressoa também, discretamente, é verdade, a respeito de suas aspirações da realidade brasileira no período, em um questionamento da “tirania” e da “opressão” que representava uma reafirmação das implícitas críticas ao governo instaurado que não só se portava com pretensões menos democráticas do que gostaria Martins, como não mostrava qualquer interesse de reverter o Brasil a um regime parecido com o que existia antes do Golpe de 1964, ao contrário, naquele momento parecia consolidar sua existência e recrudescer suas práticas.

7. O Discurso de Plínio Salgado na Sessão Conjunta do Congresso Nacional

Após Martins, é passada a palavra para o Deputado Plínio Salgado. O Deputado discursou por mais tempo do que o senador, alcançando cerca de cinquenta minutos.

Salgado buscou traçar uma relação entre as realidades do Brasil e Japão na tentativa de consolidar seus interesses no cenário internacional. De certa forma, a associação das experiências entre os dois povos na História apresentaria uma aproximação, quase como se apresentasse uma identificação. Ambos teriam uma relação de estima e amizade histórica, apresentando essa relação como tributária das Grandes Navegações portuguesas, que fundavam ao mesmo tempo a América Portuguesa e formavam as primeiras relações diplomáticas no território japonês. Afirma que “enquanto Francisco Xavier transmitia aos japoneses a mensagem de amor e de confraternização das raças iluminadas pela luz do espírito”, no Brasil, ao mesmo tempo, “seus irmãos em fé, Nóbrega e Anchieta traziam às populações primitivas do Brasil anúncio de um mundo em que os homens se compreendessem e procurassem a felicidade, na troca de benefícios e nos comuns objetivos de paz”.

Iniciou assim, uma longa tentativa de apontar um “paralelismo” e uma certa “coincidência histórica” de acontecimentos dos dois países. Seu primeiro exemplo foi a respeito da experiência com a industrialização no século XIX. Escolhe, estranhamente, discutir uma grande exposição industrial realizada em Paris no ano de 1867. Tais exposições, características do período, buscavam expor grandes invenções e avanços tecnológicos entre as potências. Em uma longa descrição, lista com uma certa tentativa de ostentação de cultura e erudição, uma série de invenções apresentadas nessa exposição: dos “ascensores de Flamarion e de Godard” ao “motor à explosão de Louvrié”, do “telégrafo de Morse” aos “tubos de Geisler”. A partir de toda essa infindável lista de

invenções traça uma original conclusão, afirmando que essa exposição teria exercido alguma influência na Restauração Meiji que se operou no ano subsequente, no Japão.

Salgado claramente destoa das percepções clássicas e da historiografia consagrada do tema, produzindo uma construção argumentativa própria, que busca persuadir a respeito de uma relação ímpar que Brasil e Japão manteriam. Brasil e Japão, assim, estariam nesse período participando de um certo *zeitgeist*, um espírito do tempo que traria tanto um quanto o outro em se preocupar com uma profunda reestruturação econômica e política. Interessantemente, não só há uma promoção dessa memória histórica descrita a respeito do Japão pouco ortodoxa, há também uma percepção otimista do passado brasileiro, que teria, paralelamente ao caso japonês, “se modernizado”, tanto em suas estruturas políticas, quanto em suas ambições econômicas industriais – o que, ao menos nas ambições industriais, é a que mais apresenta um senso de “otimismo” por Salgado no relato frente à real situação brasileira da segunda metade do século XIX. Todavia, prossegue Salgado, as duas nações teriam dificuldades opostas: se o Japão detinha um pequeno território, o Brasil era vasto; se no primeiro havia abundância populacional, frente ao tamanho de seu território, no segundo havia a essencial necessidade de introdução de correntes imigratórias.

Esse paralelismo, diz Salgado, acelerava a “preparação do nosso encontro”, se referindo à formação do processo de imigração japonesa para o Brasil. A imigração japonesa criaria o vínculo definitivo da relação entre os dois povos, ajudando o Japão e o Brasil que, na sua existência e em suas diferenças “opostas”, resolveriam a necessidade emigratória japonesa e a imigratória brasileira. A respeito desse encontro de povos no solo nacional, Salgado aponta o “temor de muitos” da possibilidade de encontrar dificuldades na relação entre imigrantes e nacionais. Tal questão é tranquilizada a partir de uma análise quase imanente de ambos os povos. Da mesma forma que o japonês seria paciente, trabalhador, “voltado para as organizações eficientes”, o brasileiro teria em si as características do homem cordial, de acordo com Salgado, proveniente do “espírito lusitano de universalidades e o sangue aborígene fluindo de remotas eras”. Seu argumento, que misturou questões sociais, culturais e raciais vê em um caráter biológico, “a fusão de todos os sangues”, como um instrumento de construção da identidade nacional. Assim, a integração da comunidade imigrante seria alcançada somente por meio dessa interação, alegoricamente, o casamento que une dois indivíduos, uniria também os dois povos e o fruto dessa união seria o “saúdavel tipo de nissei”, entendido aqui como o filho da união de sangue de brasileiros e japoneses. Identidades nacionais são socialmente específicas, assim, mesmo a identidade sendo marcada pela diferença, a existência historicamente específica que discursa Salgado diminuiria a percepção da diferença e enfatizaria ainda mais a ideia de integração (HALL & WOODWARD, 2014). É assim que Salgado apresenta a questão:

O imigrante japonês evidencia-se como elemento de alto valor para o nosso desenvolvimento agrícola. **Paciente, resistente, tenaz e trabalhador,** [...] **Suas cooperativas atestam o caráter gregário de seu temperamento e a sua mentalidade voltada para as organizações eficientes.** [...] Por outro lado, **o temor de muitos** em relação à possibilidade de óbices **impeditivos de perfeito entrosamento entre brasileiros e japoneses, em razão das diferenças de raça, língua, religião e costumes, já deixou de existir.** **Herdeiros da tradição portuguesa da confraternização dos povos,** nosso espírito e nossos sentimentos se abrem para o **acolhimento cordial de tôdas as raças,** irmanando-as num processo de integração que tem sido o sêgrêdo da fusão de todos os sangues numa expressão universal. [...] Há, talvez, razões ocultas no *substractum* racial, procedentes de milênios, que nos identificam, de certa forma, com as raças oriundas dos arquipélagos do extremo oriental da Ásia e dos grupos malaaios. Falam nesse sentido **os caracteres antropológicos e étnicos das nossas primitivas populações autóctones, cujo sangue está presente mesmo nos tipos brasileiros de expressão européia, através dos cruzamentos em quatro séculos,** que constituíram verdadeiro matrimônio cósmico ao Sol do nôvo Mundo. O que se verifica hoje em São Paulo [ou no Paraná] confirma nossas hipóteses. O espírito lusitano de universalidades e o sangue aborígene fluindo de remotas eras **fazem do brasileiro o homem cordial,** acessível a tôdas relações humanas. **O imigrante japonês compreendeu a nossa psicologia. As famílias originárias do Japão e seus descendentes harmonizaram-se perfeitamente com nossos patrícios,** firmaram com êles amizades sólidas, agruparam-se em cooperativas, em nobre esforço pelo engrandecimento econômico das nossas comunidades. **Os casamentos,** que consolidaram a união dos dois povos, pelo sangue, **já produziram o saudável tipo nissei,** participantes na vida política e administrativa do País e do qual temos expressões ilustres neste Parlamento (grifo nosso).

Após os elogios à imigração, Salgado comemorou brevemente as relações econômicas entre os dois países. De nosso particular interesse, pontuou “o maior empreendimento japonês fora do Japão”, a USIMINAS, que contaria com suntuosos investimentos japoneses. Tal empreendimento seria visitado pela comitiva japonesa no dia posterior a esse discurso.

Seguiu em uma análise histórica japonesa, agora focando em temas muito caros para o período, o que Salgado chamaria de “equilíbrio asiático”. Para traçar essa discussão, fez uma interessante comparação. Durante o reinado do Imperador Meiji, seu regime teria consolidado as forças nacionais japonesa e, preocupado com o tal equilíbrio asiático, da mesma forma que estava “na Europa, um século antes, Metternich Talleyrand e Canning a se preocupar com a segurança do Ocidente em face das ambições de expansão territorial da Rússia Czarista”, voltou suas atenções para “desempenhar um papel histórico da maior relevância para a Ásia e todas as Nações” frente aos “dois perigos que ameaçam o mundo moderno” que já ali, no início do século XX, teria sido visto por Meiji. Ele teria que encarar a dominação da Coreia pela China

e da Manchúria, pela Rússia. Afirmava Salgado que “do mesmo modo como, em 1815, o Congresso de Viena estabeleceu, como firmes muralhas militares, os Impérios Austro-Húngaro e Otomano e restaurou o poder da Prússia”, Meiji teria feito “do Japão o baluarte mantenedor do equilíbrio político [...] do continente”.

Sua análise avançou para uma interessante comparação. A menção do domínio japonês na Coreia e na Manchúria no pré-guerra como um instrumento de equilíbrio político salutar é reafirmado em um comparativo do momento do discurso. Diz que Theodore Roosevelt, responsável por mediar a paz entre russos e japoneses na guerra russo-japonesa, teria lamentado os “erros de seus sucessores” se fosse vivo, pois eles não teriam compreendido a “necessidade imperativa do equilíbrio asiático”. Essa falta de compreensão teria como consequência “o sacrifício norte-americano nas guerras da Coreia e do Vietnã para salvar o que ainda resta de possibilidade à manutenção da democracia e da liberdade”.

Salgado traçou uma análise que não se pretende historiográfica, vendo nessas entidades governamentais da Dinastia Qing e da Rússia Imperial, que representariam a China e a Rússia do início do século XX como um perigo que tinha a forma de um “imperialismo aparentemente ideológico” da mesma forma que em seu tempo, com a República Popular da China e a União Soviética. O Japão, nesse cenário, seria o único representante, ao mesmo tempo, da paz e do equilíbrio regional, representando as expectativas políticas de Salgado no combate ao comunismo, que arrastava o governo estadunidense para uma segunda guerra em quinze anos nas regiões de influência da China. Se há essa desconexão historiográfica, aqui percebemos o discurso em sua manifestação ideológica própria da posição e do lugar social que Salgado ocupa (MUSSALIM, 2004). A esses temores comunistas também é interessante notar uma análise posterior de Salgado, pontuando que, apesar de ter focado no desenvolvimento econômico japonês, não podemos nos esquecer “de sua potencialidade espiritual”, em que o seu “fundo religioso constitui firme garantia contra o materialismo e o ateísmo e revela, no seu culto e na sua mística, as aspirações transcendentais de seu povo”. Esse temor ao dito materialismo e ao ateísmo comunga dessa análise de como o Japão seria um sólido bastião cultural contra as expectativas comunistas.

É ainda mais incisivo a respeito, afirmando que o Japão está fadado a ser na Ásia não só o responsável pela proteção da democracia e da paz, mas da civilização do extremo oriente. O que justificaria isso seria a característica tradicionalista japonesa, que o impediria de ser subjugado pelo “internacionalismo”:

Decorre daí a responsabilidade de Vossa Alteza Imperial, como continuador da obra ininterrupta de seus antepassados. Tudo indica, pelas virtudes que exornam a personalidade de Vossa Alteza, que o Japão e o mundo sobretudo a democracia, as liberdades e direitos do mundo, terão no augusto Príncipe Akihito um apóstolo e seguro defensor. [...] A Nação Japonesa está fadada a ser um baluarte na Ásia da civilização do extremo-oriental com reflexos salutaros

em todo o mundo. Os povos hoje, aproximados pelo rádio, pela televisão, pelo cinema e pelo avião, tendem a uniformizar seus tipos sociais, seus regimes políticos, em intercâmbios progressivamente maiores. Evidentemente que, sôbre êsse denominador comum, cumpre preservar o que há de própria na personalidade nacional, **pois um povo que faz tábula rasa de suas características, de suas peculiaridades, de sua tradição, destrói as energias defensivas do seu organismo e prepara-se — através de um mal-entendido internacionalismo e cosmopolitismo dissolvente — para se tornar escravo daqueles que souberam conservar a sua tradicionalidade.** Para nós, brasileiros, o Japão é, de fato, o Império do Sol Nascente, pois confiamos que dali surja, para a Ásia e demais continentes, o astro do dia anunciado já pela estréia matutina de um ideal puro. Alteza Imperial! Representais, portanto, aqui, neste momento, o Império do Sol Nascente. Nós representamos o último Ocidente. Quando o sol desaparece em nosso horizonte, surge no vosso. Ao nascer, traz-nos a vossa mensagem: ao mergulhar em nossos sertões do Oeste, leva a nossa ao povo japonês. [...] Alteza Imperial! O Último Ocidente saúda o Sol Nascente (grifo nosso).

Plínio Salgado, discursava não só enquanto a figura política que já era, mas enquanto representante das próprias expectativas discursivas do governo brasileiro. Em sua longa exposição, traçou uma relação histórica entre Brasil e Japão, que justificaria os laços econômicos que se esperava manter e crescer no presente. Ao mesmo tempo, via na imigração japonesa uma relação harmônica, fundada em uma visão de cordialidade do brasileiro, formado por relações sociais e raciais, que manteria assim uma relação de integração com os japoneses que imigravam ao Brasil.

O deputado também traça uma análise do papel japonês no pós-guerra. Traz implicitamente uma crítica à paz conduzida com os japoneses no fim da Segunda Guerra, por não promover um “equilíbrio regional” o que acabou por fortalecer tanto o regime comunista chinês quanto a União Soviética, os dois maiores inimigos do período para as expectativas de Plínio Salgado. Essa preocupação com o comunismo e a resiliência que mostrava o Japão no cenário do Leste Asiático o tornava garantidor da civilização do extremo oriente, pela sua base “tradicional”, intrinsecamente diferente e não alcançada pelo internacionalismo e, por consequência, de qualquer expectativa comunista.

É assim que, se Brasil e Japão têm uma existência distinta, sua trajetória os aproximavam até o momento presente do discurso. O Japão enquanto opositor dos interesses internacionais comunistas se torna alinhado aos interesses do mundo todo, promovendo o bem comum internacional da defesa do que chama Salgado de democracia e das liberdades. Assim, o representante do Brasil, em nome de todo o Ocidente, termina seu discurso saudando “o Sol Nascente”, representante não só de sua civilização, mas da democracia, da paz e da liberdade no Extremo Oriente.

Considerações Finais

Esse artigo buscou apresentar brevemente os discursos conduzidos dentro do Congresso Nacional para a recepção ao Príncipe Akihito, em sua viagem oficial de maio de 1967 ao Brasil. Buscou também analisar as percepções que ali foram apresentadas a respeito da alteridade japonesa frente à identidade nacional brasileira, na tentativa daquelas figuras públicas, cada uma a seu modo, em constituir sua argumentação.

A análise dessa sessão solene era uma oportunidade de perceber a exposição pública de figuras relevantes da política nacional, do senador Mario Martins e do deputado federal Plínio Salgado, em uma posição dupla: ao mesmo tempo que ali representavam o todo do Congresso Nacional, representavam também situação (Plínio Salgado) e oposição (Mario Martins), além de serem políticos eleitos pelos Estados onde se dariam duas das paradas mais relevantes do roteiro da visita oficial (São Paulo e Guanabara).

O ano de 1967 no Brasil tinha a impressão consolidada de que o regime instaurado pelo golpe de 1964 não planejava ir embora tão cedo, tanto pela aprovação da Constituição de 1967, que lhe concedeu um novo sustentáculo jurídico, tanto com a posse de Costa e Silva, sucessor do governo de Castelo Branco e vinculado ao grupo conhecido como “linha-dura” dentre os militares. A oposição ao regime buscava se organizar em uma frente ampla, que queria afastar o apoderamento do Estado pelas Forças Armadas e a volta de um regime parecido com o existente sob a Constituição de 1946, além de se preocupar com a cassação de direitos políticos e outras práticas que destoavam das expectativas democráticas para o período.

Nesse momento político nacional, os elogios constitucionais e “civilizatórios” de Mário Martins ganham um contorno especial, dentre as possibilidades de atuação no Congresso Nacional daquele período. Paralelamente, Plínio Salgado, fervoroso defensor do regime e vice-líder da ARENA na Câmara, tem suas preocupações e pautas caracterizadas aqui pelo combate ao comunismo (e outras características vistas como conexas, como é o caso do ateísmo) bem como pelo alinhamento aos Estados Unidos. Se explicita a relevância de enfatizar o caráter ideológico próprio dos processos discursivos, como apontam PÊCHEUX (1995) e MUSSALIM (2004), em que as formações sociais e históricas próprias do período são constitutivos. Se Martins ressoa, com a delicadeza necessária para sua posição, as expectativas da oposição política que integrava, na “dignificação” e “humanização” das leis, Salgado sustenta a manutenção das estruturas políticas que se afirmavam internamente no Brasil com o regime inaugurado em 1964. Sustenta também, dentro da divisão internacional do mundo em dois blocos, característico da visão de mundo da Guerra Fria, a oposição ao comunismo.

Apesar de ambos textualmente exaltarem uma paz abstrata que pertenceriam aos japoneses, Martins exalta o pacifismo constitucional japonês, enquanto Salgado por diversas vezes defende a guerra enquanto instrumento de “equilíbrio regional” e é esse equilíbrio que é visto como paz. É explicitado pelo próprio Salgado que conflitos como

a Guerra do Vietnã invocam a necessidade de combate e de proteção da democracia e das liberdades que são ameaçadas pela presença comunista. É assim que o Japão referido por ambos é bem diversamente percebido no quesito político.

Ambos concordam que os japoneses que se instalaram no Brasil estavam integrados a sociedade brasileira, mas com colocações bem distintas: Martins aponta uma afinidade comunitária, em que a integração se formaria a partir da interação, em que os japoneses partilhariam a vida com os brasileiros, “frequentando com os nossos filhos as mesmas escolas com eles estudando, e cantando e entre eles sonhando e amando”. São os laços da convivência que integram os japoneses, que logo até adquirem os “nossos mais doces defeitos”. Para Salgado, a integração é racializada, já que se os japoneses são acolhidos pela cordialidade brasileira e com eles convivem, sua verdadeira e completa integração, todavia, só se alcança pelo sangue, no casamento e na formação familiar intercomunitária.

Não há entre eles divergência na percepção da presença da comunidade nikkei. Para eles sua figura é polivalente, ao mesmo tempo mantendo laços com Brasil, por sua suposta integração, e com o Japão, por uma característica estrangeira própria do imigrante, o que acaba por naturalmente aproximar os dois países, criando uma relação especial e preferencial entre ambos. Assim, se torna imprescindível afirmar a consolidação como parte constituinte do povo brasileiro dessa comunidade imigrante que já tinha tamanho considerável e era presente em importantes centros nacionais. A percepção dessa integração era reafirmada pela presença de membros da comunidade nikkei em posições de poder do cenário brasileiro, como no próprio Congresso Nacional.

É importante para essa percepção a contemplação do sucesso econômico japonês no período, que reforçava os interesses do governo brasileiro em afirmar e comemorar essa relação dita preferencial, na expectativa que japoneses partilhassem seu crescimento e desenvolvimento com o Brasil. Seria a presença nikkei no Brasil um trunfo para fomentar a proximidade com esse estratégico aliado e, justamente por isso, não se deixaria de operar com tamanha reafirmação no campo discursivo desse papel duplo da comunidade, o papel de ser estrangeira e nacional ao mesmo tempo, diferente e integrada. Nesse cenário, a aproximação diplomática do Brasil e Japão enquanto nações amigas se tornaria uma pauta importante ao longo do governo Costa e Silva (1967-69).

Assim, os discursos produzidos são uma interessante produção, parte de um contexto maior da negociação do que se caracterizaria a identidade nacional brasileira, bem como da tentativa de definição exógena à comunidade nikkei sobre sua integração e pertencimento. Definição essa que, se ainda marcadamente continua por defini-los como japoneses, os coloca em uma dualidade, definindo-os como nipo-brasileiros.

Esse artigo buscou brevemente apresentar o quão interessante é esse evento para a análise da imigração japonesa nos anos 1960, da sua comunidade no pós-guerra e nas perspectivas de análises historiográficas a respeito da Quinta República (1964-1985). Esforçamo-nos em apresentar, dentre os limites possíveis que o escopo de um artigo permite, um panorama desse cenário, para além do evento principal que foi a

Sessão Solene. Se, por um lado, a percepção da extensão e relevância do evento e suas conexões nos permitem ampliar questões de análise da Sessão em si, também ajuda a pontuar uma quantidade abundante de fontes do período conectadas a esses assuntos que não encontram o mesmo grau de representação na produção acadêmica, tendo relativa escassez de análise em vários desses recortes. Assim, apesar de um trabalho com pretensões singelas, acreditamos que possamos colaborar no aguçar do interesse em várias fontes parecidas do período que são bem preservadas, visto que fazem parte de acervos robustos, como do Congresso ou de outros órgãos públicos, e que podem colaborar no contato com discussões importantes e já consolidadas do Brasil dos anos 1960. Definitivamente o potencial de análise que elas permitem instigar são de diversos níveis de extensão, complexidade e profundidade teórica, além do potencial interdisciplinar, com questões de interesse em diferentes campos, seja na História, Sociologia, Linguística, Relações Internacionais etc.

Esse artigo também buscou apresentar um panorama dessas fontes históricas trabalhadas, bem como do cenário em que elas estão inseridas, vista a relativa escassez de pesquisa em fontes históricas desse gênero no período, apesar da boa preservação delas (já que, no geral, fazem parte do acervo do Congresso, de outros órgãos públicos ou de jornais).

Acreditamos que, justamente pelo escopo modesto aqui apresentado, e com uma análise que não se propõe definitiva, o tema está muito longe de estar esgotado. Permanecem também diversas possibilidades de análises não tratadas aqui que outros trabalhos futuros poderiam traçar interessantíssimas discussões, como em comparar com as outras vindas diplomáticas japonesas ao Brasil, particularmente as subsequentes que também foram representadas pelo Príncipe (e depois Imperador) Akihito. Os diversos eventos que compõem a visita permitiram cada um deles também uma interessante análise, tendo inclusive outros discursos interessantes operados nessa mesma vinda, como na recepção da comitiva japonesa no Estádio do Pacaembu, na Cidade de São Paulo – esse, produzido em um espaço público com forte presença da própria comunidade nikkei e com diversas lideranças políticas. O próprio material jornalístico que serviu de base para a reconstrução do roteiro seguido pela recepção também merece análise mais profunda, tendo os mais diversos jornais nacionais noticiado a visita oficial, promovendo grande repercussão e, em casos como o do *Jornal do Brasil*, a vinda ainda repercutiria mesmo dias depois do fim da visita oficial.

Por fim, entre a análise em si e as possibilidades de discussão que permanecem, consideramos ter produzido um artigo que trata de um interessante recorte histórico, que possui uma riqueza grande para a discussão das percepções da identidade nacional brasileira, da construção da caracterização brasileira sobre os japoneses e sobre a comunidade nikkei e como o contexto japonês do período influenciou nessa construção e na consolidação das relações entre Brasil e Japão no pós-guerra.

Referências bibliográficas

- BRASIL. CONGRESSO. SENADO FEDERAL. **Projeto de Biografia dos Senadores do Império e da República**. Coordenação de Leonardo Leite Neto. Brasília: Senado Federal, 1986.
- CASTILHO JUNIOR, Willians Marco de. **Edmundo Sussumu Fujita**: o primeiro nipo-brasileiro no Itamaraty. Brasília: FUNAG, 2023. Disponível no Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
- CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **Mário Martins (2-RJ)**. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mario-de-sousa-martins>>. Acesso em: 01 dez. 2023.
- CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **Plínio Salgado**. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/salgado-plinio>>. Acesso em: 01 dez. 2023.
- GAO, Bai. **The Postwar Japanese Economy** Em: TSUTSUI, William (ed.) **A Companion to Japanese History**. New York: Blackwell Publishing, 2007.
- HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. São Paulo: Editora Vozes, 2014.
- LEISTLE, Bernhard. **Anthropology and Alterity Responding to the Other**. London: Routledge, 2016.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**. São Paulo: UNESP, 2001.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina(orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- SASAKI, Tomoyuki. **Japan's Postwar Military and Civil Society – Contesting a Better Life**. New York: Bloomsbury, 2015.
- SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1973. Disponível no Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
- SATO, Eiiti. **40 anos de política externa brasileira, 1958-1998: três inflexões**. Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília, No. 41, 8–28, 1998.
- UENO, Luana Martina Magalhães. **18 de junho: a construção de memória nos aniversários da imigração japonesa (1958-1988)**. *Prajna*, Londrina, Vol. 2, No. 3, 54–76, jun. 2022.

Fontes

- BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **14ª Sessão Conjunta de 23 de maio de 1967**. Brasília: Anais da Câmara dos Deputados do Brasil, 1967. Disponível em: <<https://>

imagem.camara.gov.br/dc_20b.asp?selCodColecaoCsv=A&Datain=24/5/1967#/>. Acesso em: 01 set. 2023.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. 14ª Sessão Conjunta de 23 de maio de 1967. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados do Brasil, 1967. Áudio.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Príncipe do Japão Akihito e Princesa Michiko visitam o Brasil em 1967. Brasília, 1967. Vídeo. Disponível em: <<https://youtu.be/uR4aO3M8MD0?si=wax72FwNJSdLnVYh>>. Acesso em: 01 set. 2023.

Costa e Silva em Tóquio fala a Sato, almoça com Hirohito e janta com Miki. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 jan. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 15. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=94881>. Acesso em 01 dez. 2023.

Cavalo de origem árabe vai representar o Japão dia 14 de maio na grama de S.Paulo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 02 abr. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 76. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=97686>. Acesso em 01 dez. 2023.

Enquanto o Príncipe não chega. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 abr. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=98108>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito espera fazer sucesso no Brasil. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 abr. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 11. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=98436>. Acesso em 01 dez. 2023.

Costa e Silva espera em maio visita de Akihito, Strossner e Jacqueline. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 abr. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 17. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=98705>. Acesso em 01 dez. 2023.

Informe JB: tímido. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 abr. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 21. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=98831> . Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito vai a 3 reuniões em Brasília. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 05 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 24. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99092>. Acesso em 01 dez. 2023.

Informe JB: competência. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 07 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 242. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99175>. Acesso em 01 dez. 2023.

CASTELLO BRANCO, Carlos. Todo o Congresso é favorável à Revisão. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 28. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader>

aspx?bib=030015_08&pagfis=99307>. Acesso em 01 dez. 2023.

Presente de Príncipe. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 30. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99404>. Acesso em 01 dez. 2023.

Paulistas levarão suas queixas a Costa e Silva. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 31. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99424>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito e Michiko chegam na 2ª-feira e 4ª plantarão pinheiro em Minas Gerais. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 33. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99557>. Acesso em 01 dez. 2023.

Pontualidade é exigência fundamental para entrar nas recepções a Akihito. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 34. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99605>. Acesso em 01 dez. 2023.

Negrão vai ao Supremo para anular alguns dispositivos da nova Carta da Guanabara. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 36. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99669>. Acesso em 01 dez. 2023.

Deputados consideram muito importante próxima visita do Príncipe Akihito ao Rio. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 37. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99704>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito amanhã em Brasília. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 38. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99754>. Acesso em 01 dez. 2023.

Príncipes do Japão iniciam sua visita oficial ao Brasil. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 39. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99846>. Acesso em 01 dez. 2023.

Congresso recebe e homenageia Akihito. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 40. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99882>. Acesso em 01 dez. 2023.

São Paulo em festa homenageia Akihito. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 25 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 41. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99918>. Acesso em 01 dez. 2023.

Presença de Akihito superlota Pacaembu. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 mai. 1967.

Primeiro Caderno, edição de nº 42. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=99978>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito chega ao Rio sob aplausos do povo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 43. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=100008>. Acesso em 01 dez. 2023.

Sete mil aplaudem Príncipes do Japão. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 44. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=100048>. Acesso em 01 dez. 2023.

Homenagem a Costa e Silva pelo governo tailandês. A Tribuna, Santos, 10 jan. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 242. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=66059>. Acesso em 01 dez. 2023.

Príncipe herdeiro japonês visitará o Brasil. A Tribuna, Santos, 13 jan. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 245. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=66129> Acesso em 01 dez. 2023.

Programa da visita do príncipe Akihito. A Tribuna, Santos, 02 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 31. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=68933>. Acesso em 01 dez. 2023.

Programa da visita do príncipe japonês. A Tribuna, Santos, 05 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 34. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=69007>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito chegou. A Tribuna, Santos, 23 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 49. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=69492>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito em São Paulo. A Tribuna, Santos, 24 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 50. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=69520>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito: recepção triunfal. A Tribuna, Santos, 25 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 51. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=69549>. Acesso em 01 dez. 2023.

Consagração para Akihito. A Tribuna, Santos, 26 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 52. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=69577>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito na Guanabara. A Tribuna, Santos, 27 mai. 1967. Primeiro Caderno, edição de nº 53. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=69595>. Acesso em 01 dez. 2023.

Akihito deixa o Brasil. A Tribuna, Santos, 28 mai. 1967. Primeiro Caderno. , edição de nº 54A. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=69627>. Acesso em 01 dez. 2023.

ANEXO - 14ª SESSÃO CONJUNTA DO CONGRESSO NACIONAL DE 23 DE MAIO DE 1967⁴

Compõe a mesa, à esquerda do Sr. Presidente Pedro Aleixo, o Sr. Deputado Batista Ramos, Presidente da Câmara dos Deputados e os Sr.s Senadores Victorino Freire e Cattele Pinheiro, respectivamente, 2º e 4º Secretários; à direita, os Sr.s Senadores Dinarte Mariz e Edmundo Levi, respectivamente 1º e 3º Secretários:

O SR. PRESIDENTE:

(*Pedro Aleixo*) — Declaro aberta a sessão, destinada a receber Sua Alteza Imperial, o Príncipe herdeiro do Japão.

Uma Comissão composta dos Senhores Líderes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados deverá, em seguida, introduzir neste recinto o ilustre visitante (*Pausa*)

Dá entrada no recinto Sua Alteza Imperial, o Príncipe Herdeiro do Japão, introduzido pela Comissão e pelos Srs. Deputados Minoru Miyamoto, Susumu Hirata, Yukishigue Tamura e Antônio Ueno, que é recebido, de pé, por todos os presentes, sob calorosos aplausos.

O SR. PRESIDENTE:

(*Pedro Aleixo*) — Reunem-se, neste instante, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, em sessão conjunta, para receber Sua Alteza Imperial, o Príncipe herdeiro do Japão, a quem o Congresso Nacional quer manifestar a admiração e o apreço devidos e agradecer a honra da visita com que é distinguido.

Oradores oficiais foram designados para exprimir os sentimentos de que estão possuídos, nesta hora, os Senadores e os Deputados do Brasil [brasileiros]. Pelo Senado, falará o Sr. Senador Mário Martins; pela Câmara, o Sr. Deputado Plínio Salgado.

Dou [Com] a palavra ao Sr. Senador Mário Martins:

O SR. MÁRIO MARTINS:

(*Lê*) — Sr. Vice-Presidente da República no exercício da presidência do Congresso. Vossa Alteza Imperial, Príncipe Akihito, Sr. Presidente do Senado Federal, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Srs. Ministros, Srs. Embaixadores, Srs. Congressistas, Minhas Senhoras, Meus Senhores, o Congresso vive hoje um de seus dias de grandiosidade com a honra que nos dá a presença de Vossa Alteza Imperial.

4 O texto apresentado tem como base a transcrição da Sessão Conjunta, feita pelo Anais da Câmara dos Deputados, presente no Diário do Congresso Nacional de Quarta-feira, 24 de maio de 1967. Procurou-se, sempre que possível, manter a grafia e a composição dessa transcrição oficial. No caso de imprecisões ou ausências da transcrição oficial, o texto foi complementado com transcrição própria a partir do áudio integral da Sessão. Havendo divergências entre a transcrição oficial e o áudio da sessão, foi escolhido preferenciar a transcrição própria, apontando a divergência da transcrição oficial entre colchetes. Ao fim, o discurso do Príncipe fora feito inteiramente em japonês, assim, foi mantido a versão em português da transcrição oficial.

Vossa vinda ao Brasil acompanhado de Sua Alteza a Princesa Michiko, tem para nós, brasileiros, um sentido mais profundo do que estimaram as previsões diplomáticas e políticas dos homens de Estado, do nosso e do vosso nobre País. Ela vem dar vida a um sonho que sempre povoou as cabeças de milhões de brasileiros, logo em seus primeiros dias de convívio com os livros. É que, muito antes dos mestres nos falarem sobre Portugal, que é “*a Pátria da nossa Pátria*”, em nossas escolas o nome do Japão é o da primeira nação que é dado às crianças a conhecer e, conseqüentemente, a amar. Essa primazia não se motiva, como seria justo, nas encantadores lendas do Sol Nascente, mas em virtude de uma palavra difícil e de pouco uso: *antípoda*.

Permitam-me, Vossa Alteza e a Casa, evocar. Dizia a professôra: — “O Japão é o país antípoda do Brasil”. Todos nós, crianças, perplexas, mirávamos-nos interrogativamente. Vinha, em seguida, já engatilhada, a explicação da mestra sobre a posição geográfica do Brasil e do Japão, para invariavelmente concluir com essas palavras: — “Assim, quando aqui no Brasil é meio-dia, no Japão é meia-noite e quando aqui é meia-noite, lá é meio-dia”. A lição nos impressionava, dado o misterioso contraste da revelação. Dêsse modo, ao irmos dormir, sabíamos que do outro lado do mundo, na mesma hora os meninos japoneses estavam acordando. Púnhamo-nos, pois, a imaginar como seriam êsses garotos que, à distância, tão longe brincavam de sol e lua conosco. Depois já em pleno dia, quando cavávamos buracos na terra, constantemente voltava a desconhecida imagem do amigo japonês ao nosso pensamento. Surgia a pergunta ingênua e pueril: “Será que se eu fizer um buraco fundo, bem fundo, acabarei aparecendo no Japão? E se lá também estiverem fazendo um buraco, será que aparecerá um menino japonês, aqui no Brasil, antes de eu terminar o meu trabalho?”

Não houve criança no Brasil que não sonhasse com esse túnel e que por êle não trabalhasse. E como sonhar é livre, em nossos devaneios queríamos que o túnel nos levasse a conhecer um Príncipe e uma Princesa que fôssem jovens, simpáticos, alegres e de quem nos tornaríamos amigos. Esperávamos, com eles, trocar confidências sobre aspirações comuns e peculiaridades de nossas respectivas pátrias.

Com esse propósito e com essa firme convicção, começávamos por contrariar todas as regras dos geógrafos e a sabedoria dos eruditos. É que viámos pelo avesso o significado da palavra *antípoda*. A nosso ver o japonês não era antípoda, ao contrário, era o nosso vizinho mais próximo. Vizinhos sem fronteiras geográficas, vizinhos de chão de quintal para chão de jardim. Vizinhos pela terra a dentro.

Reconheço haver muito de ingenuidade nesses raciocínios e conclusões. Foram eles, porém, companheiros de infância da maioria da gente brasileira, que nunca quis descrever dêsse sonho que acalentávamos. Eis, pois, que agora o sonho de tantos se faz realidade. Por outras vias embora, Vossas Altezas aqui estão antes que lá chegássemos. E permita Vossa Alteza acrescentar: não tivemos desapontamentos no encontro. Tanto o Príncipe como sua Augusta Espôsa são exatamente como havíamos, há anos, imaginado que deveriam ser.

Sejam, pois, bem-vindos ao Brasil.

Em havendo o esperado encontro não é pouco o que nos temos a dizer uns aos outros. Somos, Japão e Brasil, dois milagres históricos. Aqui, uma vasta extensão territorial, por séculos raramente povoada, cercada por mil cobiças mantém a sua unidade nacional, sua independência, costumes e idioma, criando uma civilização em pleno trópico. Lá, em relativamente pequeno arquipélago, superpovoado, um Império de dois mil e seiscentos anos, sem perda de qualquer de suas características fundamentais, se transforma na quarta potência industrial do mundo, embora, praticamente, não possua riquezas minerais. O homem e a água são a força do Japão. A terra e o homem são a razão do Brasil. A fé nacional fez crescer o Japão. A esperança em nós mesmos consolida o Brasil.

Os historiadores não compreendem a nossa unidade territorial, menos ainda compreendem os economistas o vosso progresso.

Os fanáticos das estatísticas piscam os olhos cem vezes, como se carecessem de novas e grossas lentes, diante dos dados e gráficos nipônicos: 3º produtor de aço no mundo, 3º nos índices de produtividade, 3º no refino de petróleo, 2º na fabricação de artigos eletrônicos, 1º produtor de artigos óticos, 5º produtor de automóveis, 3º produtor de energia elétrica, 1º, há mais de dez anos, em construção naval do mundo inteiro. Se os dados de produção confundem os economistas internacionais, são os sociólogos que se espantam com as estatísticas de bens de consumo entre os japoneses, reconhecidamente frugais em se alimentarem: há dois anos atrás, quinze milhões de residências possuíam aparelhos de televisão, 40% dos lares dispõem de refrigeradores, em 62% há máquinas de lavar roupa e em mais da metade das habitações japonesas existem aspiradores de pó, liquidificadores, ventiladores e [ou] aparelhos de ar condicionado. Já que ninguém tem a ousadia de duvidar do milagre japonês, há quem pretenda justificá-lo com outra estatística, cuja revelação não posso deixar de fazer sem certo receio, como se perceberá dos riscos que pessoalmente corro com tal citação: É que se afirma que muito embora a mulher japonesa seja – ao que se diz – de temperamento dócil os índices dos pesquisadores sociais demonstram que mais de 85% dos homens japoneses levam os envelopes de pagamentos dos salários intactos para casa...

Mas de tudo, Alteza, em matéria de estatística, a que mais nos surpreende e na qual ninguém põe dúvida, é o fato da nobre nação insular não possuir praticamente analfabetos, embora o seu alfabeto contenha oficialmente 2.300 caracteres e o seu curso de ensino básico, gratuito e obrigatório, tenha nove anos de duração. O que impressiona sobremaneira é se saber que, tendo o país apenas 16% de terras aráveis, 40% da sua população vivem unicamente em 1% de seu território. Vivendo somente, não. Vivendo em excelentes condições de saúde (assistência médica e dentária são gratuitas), condições de conforto, com alegria, sem quebra da polidez milenar que as nações de todo o mundo admiram e louvam em um povo cuja renda per capita já era em 1964 de 572 dólares e deverá atingir 800 dólares em 1980.

Um povo assim, uma nação assim, jamais poderiam ficar nas ante-salas de qualquer país. Possuem uma autoridade, uma experiência, uma cultura, uma vocação de progresso, que o mar nem fôrça alguma conseguira insular. (*Palmas*). E, podemos acrescentar, uma responsabilidade nesse mundo ecumênico dos dias atuais, ao qual o Japão não poderia, nem desejaria, faltar. Nessas condições, mal saído das tragédias que se abateram sôbre a sua gente, destruído seu parque industrial e com 770.000 casas arrasadas unicamente em Tóquio, o Japão ressurgiu em seu solo calcinado e adquiria o *estatus* do artigo 8 do Fundo Monetário Internacional, reconquistando oficialmente a sua maioria econômica, ao assumir espontâneamente, como membro do clube das 25 mais ricas nações do mundo, o pesado encargo de ajudar aos subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

Creio saber, agora, Vossa Alteza, algumas palavras mais íntimas e mais ligadas às nossas duas nações. Nós somos gratos ao Japão pela circunstância de haver destinado ao Brasil 35% de seus investimentos externos fora da Ásia. Somos gratos porque há, nessa indisfarçável preferência, uma indiscutível confiança na capacidade e no futuro do Brasil. Somos gratos, ainda, porque em todos êsses investimentos ouve sempre a preocupação em que o capital nipônico nunca visasse a desbancar os empresários nacionais, mas ao contrario, a êles se associasse sem objetivos de contrôlle financeiro ou administrativo. (*Palmas*). Somos igualmente gratos porque, de um modo geral, êsse afluxo de capitais não se preocupou com a industrialização de refrigerantes ou equivalentes, mas sempre se destinou a indústrias de base para o País. (*Palmas*). Mas, acima dêsses investimentos, somos gratos quando o Japão, após estabelecer um contrato de importação de minério de gigansteco volume com uma das nossas emprêsas estatais, que para tal fim se aparelhava construindo o maior pôrto mundial de carga pesada, o Japão mantinha a sua palavra contratual apesar de um dos nossos concorrentes lhe oferecer preço mais baixo por tonelada do produto. (*Palmas*). Mais do que isso ainda: somos gratos pela ordeira, trabalhadora, progressiva, inteligente, eternamente juvenil gente japonêsa que aqui chegou para se integrar à comunidade brasileira, lavrando campos, dedicando-se aos misteres das fábricas, freqüentando com os nossos filhos as mesmas escolas, com êles estudando, e cantando e entre êles sonhando e amando. (*Palmas*). Como o Japão, somos um país cuja maioria da população se constitui de moços. Os quinhentos mil nipônicos e seus descendentes que comungam conosco não falam apenas o nosso idioma, mas cantam as nossas músicas, cultivam as nossas gírias populares, torcem e se dividem nas diferentes e sadias rivalidades dos nossos clubes esportivos. Vão mais além. Adquirem os nossos mais doces defeitos, o que considero marca de integração perfeita, salutar e dignificando para ambos os povos.

Alteza,

Estamos em uma Casa de Legisladores, dos homens e mulheres que têm a responsabilidade de humanizar as leis em sua elaboração, preservando-as quando ameaçadas e nelas sempre procurando incutir um espírito que à nossa gente, à nossa Pátria, à Humanidade e ao mundo se acrescentem dignidade, bem-estar e grandeza.

Não podíamos, pois, neste instante, deixar de evocar um momento que para todos os povos do mundo se tornou mais alto do que o belo e majestoso Monte Fuji. Refiro-me à Constituição do país que tem em Vosso Augustíssimo Pai o seu nome tutelar. Não creio que muitas vezes no mármore ou no bronze foram gravadas palavras como as que constituem o preâmbulo da Carta Constitucional do Japão. Palavras que possuem um sabor [saber] de orações e que poderiam ser proferidas nos templos de qualquer nação e qualquer credo:

“Nós, o povo japonês, desejamos a paz para sempre... Desejamos ocupar um lugar honrado dentro da sociedade internacional, esforçando-nos para a preservação da paz, lutando para a extirpação para sempre da tirania, da escravidão, da opressão e da intolerância da face da terra.” (*Palmas.*)

Vossa Alteza Imperial,

Em nome do Senado da República, como um dos intérpretes nesta tarde da vontade do Congresso Nacional, permita-me que em nome do povo brasileiro lhe augure os melhores votos de estada em nossa Pátria.

Permita-me, ainda, por intermédio de vossa honrosa presença, informar à Vossa Augusta Espôsa, a Princesa Michiko, da alegria, encanto e carinho com que em cada lar brasileiro, hoje, seu nome está sendo invocado, inclusive nas preces que sob cada teto aos céus são elevadas. (*Palmas.*)

Agora, dirijo-me ao plenário do Congresso e àqueles que nas galerias a nós se associam às homenagens que o Senado e a Câmara prestam ao Japão, ao Imperador Hirohito e à Imperial Família. E que vou concluir as minhas palavras lendo uma das mais meigas, puras e afirmativas poesias japonêsas. Ela se tornou sagrada no Japão. Foi adotada pela Nação. Ninguém a declama ou a ouve, lá, sem estar com a cabeça descoberta. Ninguém a declama ou a ouve em qualquer outra parte, sem estar respeitosamente de pé. Pois essa poesia intitulada “Kimigayo”, extraída de um poema antigo, são os versos permanentes no coração de cada homem e mulher japoneses, gravados que foram como letra do Hino Nacional do Japão, êsse Japão milenar e imperecível:

“Seja Teu um reinado feliz de dez mil anos:

Siga reinando, oh! Soberano,

Até que o cascalho de hoje se

Aglomere,

No decorrer dos tempos, em sólidos rochedos.

Cujas faces veneráveis o musgo virá forrar.”

(Muito bem: muito bem. Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado).

O SR. PRESIDENTE:

(*Pedro Aleixo*) — [Segue] Dou [com] a palavra ao Sr. Deputado Plínio Salgado.

O SR. PLÍNIO SALGADO:

— Sr. Presidente,

Srs. Deputados,

Srs. Senadores,
Alteza Imperial,

A visita, com que honra nossa Pátria o Príncipe Herdeiro do Japão, enche de júbilo o povo brasileiro e êsse regozijo vem refletir-se no Congresso que, neste momento se engalana e abre festivamente suas portas para receber Sua Alteza Imperial.

Nas manifestações de contentamento e nas homenagens tributadas ao ilustre Príncipe do Império Nipônico perceberá Sua Alteza, como percebemos nós [todos nós percebemos], os sentimentos de amizade que unem dois povos, geograficamente colocados nos extremos opostos do globo terrestre, na misteriosa missão de montar guarda em [revezarem-se na] vigília de guarda ao sol vivificante.

Tais sentimentos de estima recíproca se fundam em motivos históricos, depois econômicos e sociológicos, acentuados com o decorrer dos anos mais recentes, a partir dos princípios dêste século.

Nosso primeiro contato efetivou-se no século XVI, quando aquêles outro nobre povo, de caráter e temperamento ecumênicos, o povo português, levou, ao mesmo tempo, as suas caravelas evangelizadoras ao Império do Sol Nascente e ao país do Cruzeiro do Sul.

Assim, enquanto Francisco Xavier transmitia aos japoneses a mensagem de amor e de confraternização das raças iluminadas pela luz do espírito, seus irmãos em fé, Nóbrega e Anchieta traziam às populações primitivas [autóctones] do Brasil anúncio de um mundo em que os homens se compreendessem e procurassem a felicidade, na troca de benefícios e nos comuns objetivos de paz.

Essa tradição histórica processou-se e desenvolveu-se, no curso dos séculos, sem que o percebéssemos, isolados e distantes que éramos de tal maneira, porém, que dir-se-ia um preparativo de quatrocentos anos, para que um dia nos encontrássemos, superando longitudes e latitudes, e pudéssemos — japoneses e brasileiros — abraçar-nos e caminhar juntos, objetivando, pelo trabalho, o ideal de realizações inspirados no desejo de uma cooperação fraterna cada vez maior.

Tudo nos conduzia para isso. Mas é — no concernente ao campo das atividades econômicas e políticas — o século XIX, sobretudo as suas últimas décadas, o que nos apresenta impressionante coincidência histórica de acontecimentos revolucionários ocorrentes em singular paralelismo no Japão e no Brasil.

A Europa atravessava o período a que se deu o nome de Era Vitoriana, pela vigência, na Inglaterra, do governo da rainha Vitória. Significava tal período o pleno desenvolvimento do progresso industrial e da internacionalização crescente do comércio, em consequência das conquistas no terreno da ciência e da técnica. Todos os governos, tendo à frente lúcidos estadistas, empenhavam-se no afã de incrementar o desenvolvimento da economia em seus respectivos países. Em 1867, realizou-se em Paris uma grande exposição das indústrias do século XIX. Compareceram 42 mil expositores das nações mais prósperas da terra. Espalhavam-se, ao longo de imenso parque, 32 locomotivas, 90 máquinas fixas a vapor, dezenas de motores, a multifária exibição

Creusot sobre mecânica geral, o aeróstato de Glalcer, o balão de Meder, os ascensores de Flamarion e de Godard, o motor à explosão de Louvrié, para a futura navegação aérea. Sobressaíam naquela exposição-síntese do século, as máquinas a vapor; a experiência de Newcomen, no esgotamento das águas estagnadas das hulheiras, fora desenvolvida por Papin e Watt, resolvendo-se o problema da tração e da utilização do vapor nas indústrias. A quase unanimidade das usinas metalúrgicas dos povos mais adiantados ali se fazia representar: eram as máquinas de Penn e de Schneider, as da companhia “Forges e Chantler” e outras destinadas aos grandes transatlânticos e navios de guerra, fazendo pensar na prodigiosa evolução técnica vencida desde o invento de Fulton em 1804. O progresso tinha sido enorme. A atestá-lo, estavam ali o telégrafo de Morse aperfeiçoado pelo transmissor automático de Siemens e melhorado com a impressão de caracteres segundo o sistema Digney; o tonômetro de Scheibler, medindo as vibrações do som; o meteorógrafo de Secchi, assinalando as previsões do tempo; o espectroscópio de Bunsen e Kirchhoff, descortinando a identidade da composição química do universo sensível; os faróis de Fresnel, aperfeiçoados por Stevenson, garantindo a segurança dos nautas; os tubos de Geisler, pronunciando com suas cores de magia o sortilégio dos electrons; a balança metalométrica de Roselen, o freio elétrico de Achard; o pirômetro de Musseron; o calorímetro de Golaz; o pantelégrafo de Caselli; transmissor de fac-simíles; os cabos submarinos de Secretan; o microscópio de Nachet; os aparelhos geodésicos de Balbrack; os fogões de Balty; o contador de gaz de Glever; o pandinamômetro de Him. Essa exposição de 1867 deveria ter sido mesmo indiretamente, influência decidida na revolução econômica e política operada no ano seguinte (1868) no Império Nipônico.

Certamente as elites intelectuais japonesas já vinham acompanhando o rápido progresso da Europa, desde os anos anteriores. Criava-se uma consciência nova no Japão: a da necessidade de atualização e até de competição com o Ocidente, sem o que o seu destino seria o de um país colonial. Para isso urgia, antes de tudo, uma transformação política de sorte que nova estrutura governamental facilitasse, como ocorria na Europa, o surto das atividades econômicas e industriais. Coube ao Imperador Mutsuhito a missão de transformar o seu país. Deu êle início à Era Meiji, que restaurou o poder imperial, até então ofuscado pelo xogunato e que constituiu consciente desvinculação da velha estrutura feudal. Essa ruptura levou à centralização do poder político e do poder econômico e a rápida industrialização do país, patrocinada pelo Estado e posteriormente cedida à iniciativa privada.

A indústria era, realmente, a única solução do problema de um país de exíguo território, comportando, nos dias de hoje, uma população de cerca de 100 milhões de habitantes. Não teria sido possível ao Japão sustentar-se sobre a base exclusiva da agricultura e da pesca. No entanto, a sua densidade demográfica oferecia um fator favorável [da maior importância] ao estabelecimento das indústrias de base: a mão-de-obra barata e de nível produtivo elevado. Sem quebrar o indispensável liame entre as atividades agrícolas e as industriais, o Japão reduziu, desde a revolução Meiji até o presente, a população rural que era de 80% do índice populacional do Império, a 50% nos fins do século passado, percentual que hoje é de apenas um terço do número de

habitantes do país. Foi isso possível pela modernização dos processos da agricultura, que passou a ocupar menos homens e a produzir muito mais.

Falamos do paralelismo histórico entre o Japão e o Brasil na fase da revolução industrial da Europa, em que o Império Nipônico se integrou. Verificamos apenas que, havendo por parte de nosso país um maior contato com os europeus, precedemos o Japão no surto do desenvolvimento industrial, que teve seu início vinte anos antes, principalmente pela ação do Visconde de Mauá, que empreendeu a navegação no rio Amazonas, fez correr sobre os trilhos nossas primeiras locomotivas, em 1854, iluminou a gás o Rio de Janeiro, melhorou as condições de nossos portos e deu os primeiros passos para a construção de nossos estaleiros. Mas no curso da segunda metade do século XIX, acompanhávamos, embora mais lentamente, o ritmo da revolução industrial japonesa. Nossas dificuldades eram de natureza oposta. Para o Japão, o que constituía obstáculo estava na exigüidade do seu território, de apenas 369 mil quilômetros quadrados; para o Brasil era a vastidão da sua superfície de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados. Se sob o aspecto orográfico, a agricultura nipônica encontrava embaraços a mecanização do trabalho rural, pelo excesso de montanhas ásperas, entre as quais figuram cerca de 200 vulcões ativos ou extintos, para nós as dificuldades eram outras: o desbravamento das florestas, a insuficiência dos meios de transportes pela inexistência de estradas e navegação fluvial, as enfermidades tropicais exigindo exaustivo esforço no sentido do saneamento de vastas áreas. Mas o espírito dominante nas elites japonesas era o mesmo em nosso país. A organização da agricultura, como alicerce do nosso desenvolvimento industrial dependia da introdução de correntes imigratórias como já nos haviam ensinado el [o] rei D. João VI e seu filho, o Imperador Pedro I, quando introduziram [introduzindo] no Brasil as primeiras levas de chineses, alemães e suíços. Para isso tínhamos de facilitar o ingresso dos alienígenas nos sertões onde multiplicávamos as fazendas de café. Dá-se então, no [pequeno] período de menos de vinte anos, verdadeira revolução ferroviária, iniciada por Saraiva, presidente da província de São Paulo, em discurso pronunciado em 1855 e efetivada pela energia dos paulistas, que lançaram os trilhos das estradas de ferro Sorocabana, Ituana, Mogiana, Paulista, São Paulo-Rio, alcançando o âmago das terras a serem cultivadas e abrindo as portas das selvas a todos os povos do mundo.

Essa coincidência das realidades nacionais, essa aspiração ao progresso, são as mesmas no Japão e no Brasil [coincidem com novos objetivos de transformação política]. Naquele ano de 1868, em que o Imperador do Japão, Mutsuhito, dava nova estrutura à vida social e política do seu país, aqui no Brasil se evidenciava o envelhecimento e inadequação dos partidos do Império [da Monarquia], evidenciadas principalmente no episódio da queda do gabinete Zacarias e sua substituição pelo do Visconde de Itaboraí. Os partidos já não tinham substância doutrinária ou programática. Três anos depois, o Manifesto Republicano, encabeçado por Saldanha Marinho, traçava os rumos da revolução política brasileira. A abolição do trabalho escravo, a instituição de um *regimen* federativo consoante aos interesses do progresso de vastíssimo país, eram as notas predominantes dos objetivos de uma elite esclarecida.

Caminhamos, o Japão e o Brasil para as mesmas finalidades, usando de métodos inteiramente diferentes e contrastantes, como convinha as realidades de cada uma das duas Nações. O Japão, com área territorial reduzida e agravada por uma estrutura feudal, que enfraquecia o Poder Imperial, precisava da centralização, indispensável ao planejamento de realizações necessárias ao progresso do país. O Brasil, com área territorial imensa, precisava, ao contrário, de uma relativa mais eficaz descentralização, que só poderia advir do sistema federativo. A União deveria impor os princípios gerais preservadores da unidade nacional e da uniformidade do Direito, assim como lhe competindo os serviços de administração comuns aos interesses de cada uma e de tôdas as Províncias, que se pleiteava fôsem consideradas Estados-Membros da comunidade política da Nação. Aparentemente conflitantes, as transformações japonesa e brasileira refletiam o mesmo espírito de atualização dos dois povos aos imperativos de uma civilização que surgia sob a égide do ferro, do aço, dos combustíveis, das indústrias de base, da tecnologia que iria aprimorar-se no século que vivemos.

Tais coincidências de propósitos entre o Japão e o Brasil aceleravam a preparação do nosso encontro para uma cooperação no sentido de atender aos interesses das duas Pátrias. O encontro é facilitado pelo contraste de nossas condições geográficas e demográficas. O Japão, país de alta expansão populacional e de território pequeno, tem na emigração uma válvula natural para a solução de um de seus maiores problemas; o Brasil, embora em linha demográfica ascendente, pelo crescimento vegetativo dispõe de zonas extensas, inteiramente inexploradas e a reclamar a contribuição humana de todos os povos. Mesmo nas regiões que atingiram alta expressão industrial, como o Estado de São Paulo, é-nos preciosa a contribuição japonesa, como alicerce da sustentação das populações urbanas entregues [dedicadas] às atividades industriais.

O imigrante japonês, tradicionalmente orientado para a agricultura, evidencia-se como elemento de alto valor para o nosso desenvolvimento agrícola. Paciente, resistente, tenaz e trabalhador, o japonês tem renovado a nossa agricultura de gêneros alimentícios. Suas cooperativas atestam o caráter gregário de seu temperamento e a sua mentalidade voltada para as organizações eficientes. O exemplo trazido aos rurícolas nacionais pelo sucesso dos empreendimentos dos imigrantes japoneses vem sendo fator decisivo de estímulo aos lavradores brasileiros.

Por outro lado, o temor de muitos em relação à possibilidade de óbices impeditivos de perfeito entrosamento entre brasileiros e japoneses, em razão das diferenças de raça, língua, religião e costumes, já deixou de existir. Herdeiros da tradição portuguesa da confraternização dos povos, nosso espírito e nossos sentimentos se abrem para o acolhimento cordial de tôdas as raças, irmanando-as num processo de integração que tem sido o sêgrêdo da fusão de todos os sangues numa expressão universal. Essa atitude de espírito encontra nos imigrantes nipônicos uma disposição de ânimo que se harmoniza com ela. Nós [Há], talvez, encontremos razões ocultas no *subtractum* racial, procedentes de milênios, que nos identificam, de certa forma, com as raças oriundas dos arquipélagos do extremo oriental da Ásia e dos grupos malaaios. Falam nesse sentido os

caracteres antropológicos e étnicos das nossas [primitivas] populações autóctones, cujo sangue está presente mesmo nos tipos brasileiros de expressão européia, através dos cruzamentos em quatro séculos, que constituíram verdadeiro matrimônio cósmico ao Sol do nôvo Mundo.

O que se verifica hoje em São Paulo ou no Paraná confirma nossas hipóteses. O espírito lusitano de universalidades e o sangue aborígene fluindo de remotas eras fazem do brasileiro o homem cordial, acessível a tôdas relações humanas. O imigrante japonês compreendeu a nossa psicologia. As famílias originárias do Japão e seus descendentes harmonizaram-se perfeitamente com nossos patrícios, firmaram com êles amizades sólidas, agruparam-se em cooperativas, em nobre esforço pelo engrandecimento econômico das nossas comunidades. Os casamentos, que consolidaram a união dos dois povos, pelo sangue, já produziram o saudável tipo nissei, participantes na vida política e administrativa do País e do qual temos expressões ilustres neste Congresso [Parlamento]. (*Palmas*).

A história da imigração japonesa no Brasil pode ser dividida em cinco períodos.

O primeiro é assinalado pela assinatura do Tratado de Amizade entre o Brasil e o Japão, o qual estabeleceu relações regulares, abrindo as possibilidades migratórias, isso em 1895. A empresa nipônica “Kichisa Imin Kaisha” enviou representantes a São Paulo. Infelizmente, a crise econômica que sobreveio em consequência a queda do preço do café impediu que se realizasse essa primeira imigração. [Entabularam-se negociações objetivando trazer a primeira leva de camponeses de 20 a 35 anos, o que seria, aproximadamente, 1500 pessoas. Sobrevindo grave crise econômica em São Paulo, em consequência da queda dos preços do café, não puderam ser recebidos êsses imigrantes.

Foi somente em 1908 que se efetivou o começo da imigração, subsidiada pelo Governo Paulista, com a finalidade de abastecer o mercado deficitário de braços para a lavoura cafeeira. O Ministro Plenipotenciário do Japão [no Brasil], Sr. Sugimura, em relatório enviado seu Governo, exprimira-se três anos antes, da seguinte maneira: “Proibida a entrada na Austrália, discriminados nos Estados Unidos, perseguidos no Canadá e agora limitados também nas Ilhas do Pacífico, os nossos colonos trabalhadores encontrarão no Estado de São Paulo uma rara felicidade e um verdadeiro paraíso”. (*Palmas*).

O Governo Paulista não só deu aos trabalhadores nipônicos todas as garantias e proteção concedidas aos colonos europeus, mas, ainda, estipulou subvenções aos imigrantes solteiros, o que não era outorgado a nenhum outro povo do mundo [imigrante dos demais países]. Nestas condições vieram para São Paulo 781 imigrantes contratados e mais 12 livres, com passagem paga.

De 1917 a 1920, entraram 3.419 famílias, totalizando 13.597 pessoas. Foi fundada no Japão a “Kaigai Kogyo Kaisha”, primeiro passo do Governo Nipônico no sentido de imprimir cunho estatal à política emigratória para o Brasil. Era agora, não mais o Governo de São Paulo, mas subvencionada pelo governo do próprio Japão [o Governo Japonês que subvencionava a corrente migratória para o nosso país].

O terceiro período da imigração japonesa vai de 1926 a 1941, tendo entrado em nosso território, nesses 15 anos, 148.975 trabalhadores nipônicos. A partir desse período, o Brasil passou a ser considerado, não apenas quanto às possibilidades de absorção de excesso populacionais do Japão, mas, também, como mercado de investimentos. Introduziram-se em nosso país imigrantes proprietários de colonização agrícola, amparados pela política e capitais oficiais do Japão. O capital japonês foi também canalizado para setores comerciais e industriais.

O quarto período foi de interrupção. Eram o período da Grande Guerra [os anos da 2ª Guerra Mundial]. Mas reiniciou-se a imigração em 1953 [o ritmo da imigração retorna em 1952]. Foram para o Estado do Amazonas 7.041 japoneses, sendo muitos técnicos de juta e de outros ramos da agricultura [Entram no Brasil 54 agricultores especializados no cultivo da juta; fixam-se no Amazonas. No ano seguinte, são 1.480 japoneses que se estabelecem naquele Estado. Em 1959 entram mais 7.041. Essa retomada no ritmo imigratório japonês corresponde ao 5º período, que é o atual].

Em 14 de novembro de 1960, foi firmado o Acordo de Migração e Colonização entre o Brasil e o Japão. A troca dos instrumentos de ratificação efetuou-se em Tóquio, a 29 de outubro de 1963.

[A finalidade do Acordo é a de regular a cooperação entre os dois países em matéria de migração, executando uma política objetiva e adequada, visando ao desenvolvimento econômico do Brasil, mediante o aproveitamento da técnica e mão-de-obra japonesas.]

[Para alcançar, de forma prática e eficientes os elevados desígnios do Acordo, foi criada uma Comissão Mista, composta de 6 delegados, sendo 3 brasileiros e 3 japoneses.]

Após a data de ratificação do Acordo, até o fim do ano passado, entraram no Brasil mais 5.169 imigrantes japoneses.

Seria longo e inoportuno, em se tratando de discurso de saudação e de homenagem a Sua Alteza Imperial, o Príncipe Herdeiro Akihito, entrarmos em considerações sobre temas que, embora de maior relevância, dizendo respeito às relações entre nossos dois povos, desvirtuariam a significação de um ato que deve ter seus limites marcados dentro de seu estilo protocolar próprio, como expressão dos sentimentos de estima dos brasileiros pelo povo japonês. (*Palmas*).

Poderíamos, por exemplo, falar de vários problemas relativos ao Japão e ao Brasil; do nosso intercâmbio comercial, da sua realidade atual e das possibilidades do seu desenvolvimento; poderíamos fazer considerações sobre as estruturas econômicas da Nação Japonesa, referindo-nos às suas principais indústrias, à sua política de exportação, à sua técnica de intercâmbio, à sua orientação e situação financeiras, mas isto seria desvirtuar a uma oração que deve ser, antes de tudo, sentimento, desvirtuar dando o cunho de relatório ou de ensaio cuja aridez esfriaria o calor do entusiasmo com que recebemos Sua Alteza Imperial em nosso Parlamento. (*Palmas*).

Referir-me-ei apenas à contribuição japonesa ao nosso progresso industrial, mediante substancial apoio financeiro. Destacarei, em primeiro lugar, a USIMINAS, o maior empreendimento japonês fora do Japão e uma das maiores inversões estrangeiras

no Brasil. Até o momento, cêrca, de 100 milhões de dólares, num total de 270 milhões, foram investidos pelos japoneses para a primeira etapa de instalação da Usina. Seguem-se a Ishikawajima e a Toyota, que representam investimentos de grande importância para a economia brasileira.

No plano da cooperação técnica, o Brasil tem sido beneficiado através da “Overseas Technical Cooperation”, que elaborou um plano para a América Latina, o qual consiste no que nos diz respeito, à vinda de técnicos para estágio em nossos País e a concessão de bôlsas de estudo no Japão, muitas já concedidas nos setores da indústria de aço, eletricidade, telecomunicações, energia hidroelétrica, agricultura.

[A Secretaria da Agricultura de São Paulo e o Grupo de Planejamento de Mato Grosso receberam peritos japoneses. O Centro de Treinamento de Técnicos Têxteis, em Recife, recebeu do Japão máquinas no valor de 300 mil dólares e assistência de 6 técnicos que trabalharão em Pernambuco, pelo menos três anos, pagos pelo Govêrno Japonês. A “Overseas” realizou ainda estudos econômicos no Brasil, entre êles um sôbre o desenvolvimento dos recursos florestais e enviou, a pedido da SUDENE, uma equipe de técnicos para efetuar pesquisas hidroelétricas no Nordeste. Ao Governo de São Paulo e à Comissão Nacional de Telecomunicações tem sido, igualmente, proporcionado auxílio por aquela entidade.]

Essa cooperação, pretende o Governo Brasileiro, seja aumentada, disciplinada num Acôrdo Básico, cujo texto foi enviado pelo Itamarati à Embaixada Japonêsa em nosso País.

[As perspectivas de um estreitamento, cada vez maior, das relações nipo-brasileiras, prenunciam horizontes de grandes realizações, úteis aos dois povos.]

A visita de Sua Alteza o Príncipe Herdeiro Akihito, que é enriquecida pela presença de sua augusta Espôsa, Sua Alteza Imperial a Princesa Michiko, certamente abrirá um novo [6º] período para a imigração japonêsa em nosso País, e para os investimentos japoneses [ao dos investimentos japoneses e ao dos investimentos de assistência técnica de que tanto necessitamos, não só para os brasileiros, como para os elementos nipônicos que se integram em nossa Nação.]

O povo brasileiro conhece as personalidades dos augustos visitantes. Sabe que o Príncipe Herdeiro conta 35 anos de idade; que se diplomou no Ginásio Gakushuin em 1952 e cursou a Universidade até 1956; que conhece o Mundo Ocidental, pois viajou durante 6 meses a 14 países da Europa e da América do Norte; e que agora vem conhecer a América do Sul. Sabe que Sua Alteza Imperial, em 1959, contraiu núpcias com a senhorita Michiko Shoda, que representa, no Japão moderno, uma luz dos novos tempos de democratização da sociedade japonêsa.

Sua Alteza a Princesa Michiko diplomou-se com honra na Universidade Feminina do Sagrado Coração. Dedicou-se ao estudo das línguas estrangeiras, da História, da música clássica ocidental e da literatura.

O casal imperial é, sobretudo, o símbolo do Japão renovado e representa para o seu povo as esperanças de um futuro promissor.

Essas as personalidades ilustres que o Brasil recebe, com alegria popular e com as homenagens dos seus homens públicos e responsáveis pelo govêrno da nossa Pátria.

Alteza Imperial! Sois a continuidade de elos históricos que o destino assinalou com imperecíveis vitórias e tragédias dolorosas.

Vosso bisavô, o Mikado Mutsuhito, extinguiu o sistema feudal que enfraquecia e desagregava as forças da Nacionalidade, dando um passo decisivo para a implantação da democracia e mobilizando tôdas as energias nacionais para operar no curto espaço de trinta anos o que outros povos tinham conseguido em séculos. Glorificou-se, destarte como o criador de uma potência econômica e militar que entrou no cenário da História Contemporânea em igualdade de condições com as mais fortes do mundo.

Teve ainda a visão lúcida da política exterior, preocupando-se com o equilíbrio asiático, tal como na Europa, um século antes, Metternich Talleyrand e Canning a se preocupar com a segurança do Ocidente em face das ambições de expansão territorial da Rússia Czarista. Os dois perigos que ameaçam o mundo moderno sob a forma de um imperialismo aparentemente ideológico, foram vistos por aquêle antepassado de Vossa Alteza Imperial, que em 1903 já havia preparado a Nação Japonêsa para desempenhar um papel histórico da maior relevância para a Ásia e tôdas as Nações. Tratava-se da dominação da Coréia pela China e da Rússia na Manchúria, mediante o controle da estrada de ferro naquela região, como fundamento estratégico para uma futura avançada eslava no Extremo Oriente. Do mesmo modo como, em 1815, o Congresso de Viena estabeleceu, como firmes muralhas militares, os Impérios Austro-Húngaro e Otomano e restaurou o poder da Prússia, o vosso avô tratou de fazer do Japão o baluarte mantenedor do equilíbrio político nos mares e nos pontos até então vulneráveis, do continente. Assim podemos interpretar o sentido da guerra contra o Império Czarista [Russo], iniciada em Pôrto Artur, pela já poderosa esquadra japonêsa, e que prosseguiu em espetaculares batalhas na terra e no mar cobrindo de glória os heróis nipônicos até a vitória final pela rendição de Mukden. (*Palmas*).

O mediador da paz foi o Presidente dos Estados Unidos Teodoro Roosevelt, que se hoje vivesse, lamentaria os erros de seus sucessores, que não compreenderam a necessidade imperativa do equilíbrio asiático, tanto como do equilíbrio europeu, e que teve como consequência o sacrifício norte-americano nas guerras da Coréia e Vietnã para salvar o que ainda resta de possibilidade à manutenção da democracia e da liberdade. (*Palmas*).

Vosso avô, o Imperador Taisho, continuou a sábia política interna e externa de Meiji. Pelo seu falecimento, subiu ao trono vosso pai, o Imperador Hirohito. Foi marcado pelo destino para assistir à maior tragédia vivida por um povo em toda a história da humanidade. Como, entretanto, o valor dos homens se revela mais na adversidade do que no êxito, o Imperador Hirohito soube encarar com a serenidade dos grandes e altos exemplares da espécie humana, as desgraças conseqüentes de circunstâncias históricas irremovíveis. Com a fôrça do ânimo herdada de seus maiores, enfrentou o infortúnio e, de certa forma, operou em seu país uma revolução semelhante àquela que

seu bisavô levara a efeito. O Japão, como a Fênix da fábula, ressurgiu de suas próprias cinzas. Aprimorou o sistema democrático já anteriormente vigente na Monarquia Constitucional, reagrupou as energias da Nação, mobilizou todo [recuperou] o seu povo e retomou a linha de fortalecimento econômico e do progresso industrial do país. A economia japonesa registrou o mais elevado índice de crescimento no mundo, após a 2ª Guerra Mundial. A média anual desse crescimento nos dez anos entre 1951 e 1960 foi de 9,9% [9,5%], superior a alcançada pela Alemanha Ocidental (7,6%), pelos Estados Unidos da América (3,3%), pela Inglaterra (2,75%). Foi o milagre do século, cobrindo de glória uma Pátria e o seu Chefe de Estado[, calmo, sereno, compreensivo, esquecido dos sofrimentos transitórios, para somente contemplar o futuro].

Decorre daí a responsabilidade de Vossa Alteza Imperial, como continuador da obra ininterrupta de seus antepassados. Tudo indica, pelas virtudes que exornam a personalidade de Vossa Alteza, que o Japão e o mundo sobretudo a democracia, as liberdades e direitos do mundo [humanos], terão no augusto Príncipe Akihito um apóstolo e seguro defensor. (*Palmas*).

[O Japão representa em nossos dias os mais belos ideais objetivadores da paz mundial. O momento que vivemos, ainda que perturbado pela turbulência e agressividade das nações comunistas é propício ao desenvolvimento de uma ação pacífica visando à confraternização dos povos.]

Temos falado do potencial econômico e do progresso técnico do povo japonês. Mas é preciso não nos esquecermos de sua potencialidade espiritual. O materialismo é quase inexistente naquele país. A religião autóctone é o shintoísmo, com 19 milhões de fiéis. O budismo, introduzido no Japão nos fins do século VI[, e que desempenhou um papel civilizador importantíssimo,] conta com 56 milhões de adeptos. O Cristianismo conta hoje com 670 mil crentes, sendo 309 mil católicos. Dentre as chamadas novas religiões, destacam-se o Sokagakkai, com 3 milhões de fiéis e o reyukai, com igual número, havendo ainda o seiko-no-iyé, com 400 mil adeptos.

Esse fundo religioso constitui firme garantia contra o materialismo e o ateísmo e revela, no seu culto e na sua mística, as aspirações transcendentais do povo. É um fato de compreensão humana, abrindo caminhos para a paz.

As manifestações do espírito japonês revelam-se ainda nas artes e no convívio social. Desde o período que poderemos denominar “época budista” (século VI, VII e VIII) ao chamado de Heian e Fujiwara (séculos IX ao XIII) e prosseguindo na fase de Kamakura (séculos XIII e XIV) a sensibilidade estética japonesa veio apurando-se através das obras de arquitetura de cerâmica, de estatuária e de pintura, até atingir, na contemporaneidade da Renascença Européia, os primores da escola de Kano, fundada por Masanobu, que criou uma plêiade de pintores famosos; e, finalmente, entre os séculos XVII e XVIII, as telas geniais de Korin e as delicadas e tocadas de suave espiritualidade, de Mosanobu, Harunobu e Utamaro.

No comêço do século XIX, projeta-se à figura de Hiroshige, pintor e gravador, que revela a nova arte das estampas a côres e aperfeiçoa a xilogravura. No século presente,

para só citar uma expressão que resume o sentido de renovação artística japonesa, basta lembrar Fujita, o pintor que o nosso grande Portinari tanto admirava e do qual não cessava de me falar, quando juntos andávamos pela Europa.

Acompanhando a linha de desenvolvimento das artes visuais, a literatura japonesa tem suas raízes no chamado período de Nara, nos séculos VIII e IX, sobressaindo os nomes de Man'yōshū, Kojiki e Nihon-gi e prossegue até a famosa coletânea Manijekin, em 20 volumes, algo semelhante, no idioma português, ao “Cancioneiro” de Garcia Rezende [e a ulteriores coleções de cantares, a começar pelo do Rei Dom Diniz.] No curso do desenvolvimento literário, seria longo citar os numerosos nomes ilustres, todos eles, mas ocorrem-nos os de Yassumaro, Kakinomoto e Hitomara. Nos tempos mais recentes, partindo do século XVIII e abrangendo o romantismo e o naturalismo, e, por fim, a modernidade nossa contemporânea, citaremos na poesia os os nomes de Ochiai e Naobumi, os de Ariwara Nariita e Fujiwara Inkinari e particularmente os de Masaoka e Shiki.

O que de mais original se oferece na poesia japonesa são os gêneros “Tanka” e “Hai Kai”. Êste, sobretudo, representando algo como os nossos madrigais, porém resumido em poucas palavras em cujo contexto se manifestam, em sínteses perfeitas, a graça e o sentimento.

Falando dos prosadores nipônicos, não cabendo num discurso a apreciação pormenorizada, poremos em evidência nos dias correntes os romancistas Koyo, Yokomitsu e, sobretudo, Riichi, celebrizado com o romance “Mausoléu” e o contista Akutagawa.

Mas é preciso não nos esquecermos do teatro, campo de criação artística em que o Japão se notabilizou entre tôdas as nações. Desde o clássico Noh, ao teatro de Bunraku e ao Kabuki, a arte de composição, de representação e de apresentação cênica, as peças japonesas se distinguem pela emotividade do entrecho, pela interpretação e pela suntuosidade dos cenários e indumentária.

Durante muito tempo, a música japonesa seguiu o ritmo asiático homófono e de compasso binário, mas hoje, por certo sob a influência do Ocidente, evoluiu para o pluralismo das vozes e instrumentos, expressivo nos corais e nas orquestras sinfônicas. Concomitantemente, desenvolveram-se as danças, das quais as mais famosas são a Azuma, a Miyako e a Naniwa. Jamais esquecerei, como símbolo da confraternização entre brasileiros e japoneses, a grandiosa exibição folclórica anual, que se realiza a 24 de junho em Manaus. Entre as danças brasileiras de origem portuguesa, tupi-tapuia e africana, apareceram os grupos japoneses, o que me causou grande emoção pelo que aquilo significava como integração do elemento nipônico em nossa vida nacional.

A delicadeza da alma japonesa se exprime ainda na arte da laca, na jardinagem paisagística e nos arranjos florais. Na quadra das cerejeiras em flor, essas artes menores, o colorido das vestes, a graça das mulheres, resplandecem ao compasso dos cânticos populares, dando do Japão a idéia de um paraíso, onde tudo se combina para exprimir a alegria de viver e a espiritualidade de um povo.

Dispondo de todos êsses elementos estéticos, reunidos ao sentimento religioso e correndo paralelamente ao progresso científico e técnico, e animada por

uma política de trabalho e de paz. A Nação Japonêsa está fadada a ser um baluarte na Ásia da civilização do extremo-orient e com reflexos salutareos em todo o mundo. [na Ásia, não apenas o baluarte da democracia e do convívio pacífico, mas um reduto garantidor da própria civilização ocidental.]

Ospovos hoje, aproximados pelo rádio, pela televisão, pelo cinema e pelo avião, tendem a uniformizar seus tipos sociais, seus regimes políticos, em intercâmbios progressivamente maiores. Evidentemente que, sobre esse denominador comum, cumpre preservar o que há de própria na personalidade nacional, pois um povo que faz tábula rasa de suas características, de suas peculiaridades, de sua tradição, destrói as energias defensivas do seu organismo e prepara-se — através de um mal-entendido internacionalismo e cosmopolitismo dissolvente — para se escravizar as [tornar escravo daqueles] nações que souberam conservar a sua tradicionalidade.

Para nós, brasileiros, Alteza Imperial, o Japão é, de fato, o Império do Sol Nascente, pois confiamos que dali surja, para a Ásia e demais continentes, o astro do dia anunciado já pela estréia matutina de um ideal puro.

Alteza Imperial! Representais, portanto, aqui, neste momento, o Império do Sol Nascente. Nós representamos o último Ocidente.

Quando o sol desaparece em nosso horizonte, surge no vosso.

Ao nascer, traz-nos a vossa mensagem: ao mergulhar em nossos sertões do Oeste, leva a nossa ao povo japonês.

Mensagens de solidariedade humana, de confraternização das raças, de paz na terra aos homens de boa vontade.

Quando estiverdes em vosso país, ao ver o sol nascer, dizei, lembrando-vos de nós: “êle veio do Brasil”.

Nós, aqui, ao vêlo surgir ao clarão das nossas incendiadas madrugadas tropicais, diremos: “êle veio do Japão”.

Alteza Imperial! O Último Ocidente saúda o Sol Nascente. (*Muito bem, Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.*).

O SR. PRESIDENTE:

(*Pedro Aleixo*) — Falará [Vai usar da palavra] Sua Alteza Imperial, o Príncipe Herdeiro do Japão.

O PRÍNCIPE AKIHITO:

— Exmo. Sr. Presidente do Congresso Nacional,
Meus senhores,

Constitui para mim motivo de especial regozijo ter podido realizar esta visita ao vosso País, na qualidade de representante de Sua Majestade o Imperador do Japão. Hoje, sobretudo, estou minimamente sensibilizado com o cordial acolhimento dispensado pelos nobres representantes do estimado povo brasileiro.

As relações oficiais entre o Japão e o Brasil foram iniciadas no ato de 1897, com a celebração do Tratado de Amizade, de Comércio e de Navegação e, dali por diante nos setenta anos seguintes, essas relações tornaram-se fecundas em todos os setores.

Considero que o forte laço de amizade entre nossos dois países tem sua natureza peculiar que não encontra similar nas relações dos japoneses com outras nações. Evidente prova dessa característica inconfundível tem origem no ano de 1908, de parte do Brasil, quando êste abriu seus portos. A corrente imigratória do Japão, imigrante cujos descendentes ora contam em número de 600 mil e se acham nesta terra, desfrutando de feliz existência, graças a gentil hospitalidade e sábia orientação com que os acolheu o povo brasileiro.

O que se verifica recentemente com a colaboração efetiva das autoridades e da gente brasileira, é o alargamento da perspectiva de implantação de empreendimentos Japão-Brasil, sob a forma de cooperação econômica, encabeçando a iniciativa o Estaleiro Ishika-Wajima do Brasil, a USIMINAS e outros, que contribuem, desta maneira, com significativa parcela em prol do desenvolvimento econômico do Brasil.

Os vínculos de amizade entre nossos dois países estão fortemente entrelaçados, apesar da distância que os separam geograficamente, de tal forma existentes que acredito, sinceramente, no futuro venham a intensificar-se mais ainda, proporcionando melhor compreensão mútua e cooperação efetiva entre nós.

Desejo, por fim, formular ardentes votos de saúde nos dignos representantes dêsse Congresso e de prosperidade crescente para a Reopublica do Brasil e para o povo brasileiro. (*Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas.*).

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — A palavra dos senhores Senador Mário Martins e Deputado Plínio Salgado exprimiu em sua plenitude, os sentimentos dos representantes do povo brasileiro em relação a Sua Alteza Imperial o Príncipe Herdeiro do Japão e ao povo japonês.

Não devo calar o prazer honroso que sinto em exercer uma das funções atribuídas ao Vice-Presidente da República pela Constituição Federal, nem deixar de reconhecer os relevantes serviços que, na direção dos nossos trabalhos e sob minha presidência, prestou a Mesa do Senado.

Mais honroso e maior ainda é êsse prazer, porquanto, nesta hora, estamos recebendo a conspícua visita, que reiteradamente agradecemos de quem certamente, por destinação histórica e constitucional, irá recolher a herança do Imperador, símbolo do Estado e da unidade do povo, e preservar e realizar os altos ideais de paz e ordem democrática – que são o permanente e fervoroso desejo do Japão e de seu Govêrno. (Pausa.).

Convido a comissão de Líderes a acompanhar o ilustre visitante até o Salão Nobre, no qual S. Alteza Imperial irá receber os cumprimentos dos Srs. Congressistas.

Está encerrada a sessão.

PESQUISA SOBRE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS FEITAS POR NIPO-BRASILEIROS E/OU COM TEMÁTICAS RELACIONADAS A NIPO-BRASILIDADE

Caroline Naomi Tanaka¹

RESUMO: Este projeto de pesquisa tem como objetivo criar um banco de dados com produções cuja temática principal seja relacionada a nipo-brasilidade. A ideia é categorizar esses títulos, criando um índice que facilite o acesso às informações sobre essas obras, ampliando a divulgação desses trabalhos. Outro objetivo é o de traçar um panorama geral sobre o cenário audiovisual nipo-brasileiro, evidenciando quais são as produções, diretores, artistas e temáticas relevantes a essa conjuntura.

Palavras-chaves: Cinema; Filmes; Nipo-brasileiros; Representação

ABSTRACT: This research project aims to create a database with productions whose main theme is related to Japanese-Brazilianness. The idea is to categorize these titles, creating an index that would facilitate access to information about these works, expanding the dissemination of these films. Another goal is to draw a general overview of the Japanese-Brazilian audiovisual scene, highlighting which productions, directors, artists and themes are relevant to this scenario.

Keywords: Cinema; Films; Japanese-Brazilians; Representation

1. Introdução

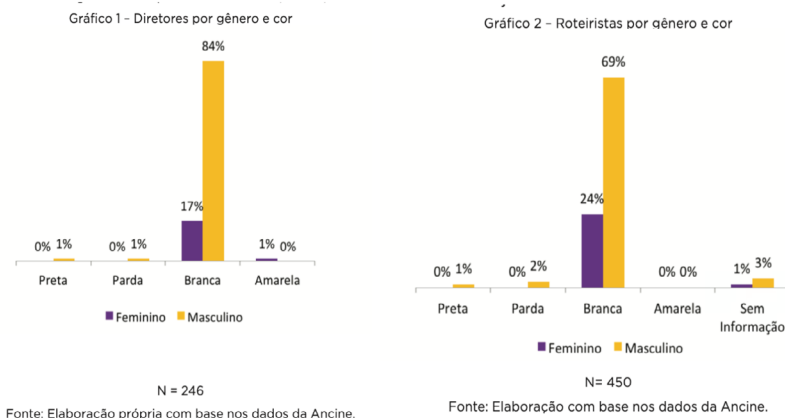
Narrativas exercem grande influência na vida das pessoas, assim sendo, a mídia tem o papel de criar o nosso imaginário sobre temas diversos, e em muitos casos, tomamos esses padrões criados como verdades absolutas. Se os ideais e padrões da nossa sociedade se baseiam em uma cultura eurocêntrica, representações de outras etnias passam a ter um viés estereotipado ou a sua completa ausência, quando elas não estão sendo criadas por pessoas que fazem parte do grupo representado.

¹ Graduada em Comunicação Social - Midialogia - UNICAMP. Bolsista do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros ano 2023-2024. E-mail: caroline.tkn@gmail.com

Atualmente, o panorama das representações asiáticas na mídia ocidental tem melhorado com filmes e séries como *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (EUA, 2022), *A treta* (EUA, 2023), *Crazy Rich Asians* (EUA, 2018) etc ganhando relevância no cenário audiovisual e espaço na cultura pop, porém ainda existem muitos problemas relacionados à representação amarela em produtos de mídia ocidentais, seja pela sua total inexistência, seja por conta do longo histórico de representações estereotipadas e racistas em produtos midiáticos. Portanto, é importante discutir sobre os motivos que levaram às mudanças positivas dessa conjuntura, e sobre a importância da representação e representatividade nesse processo.

Se a representação é importante para que, especialmente grupos minoritários, possam se sentir vistos e representados devidamente, ajudando na criação e reafirmação da própria identidade; a representatividade é o modo pelo qual essa representação pode ser alcançada, uma vez que esse termo define o ato de ocupar espaços que possibilitem mudanças, ou seja, que possibilitem representantes desses grupos mudarem as estruturas pré-estabelecidas. Assim, é possível afirmar que ambos os termos trabalham conjuntamente, se retroalimentando. Filmes constituem uma prática mimética, mas como colocado por Shohat e Stam (2006, p. 265), ao invés do foco ser a verdade ou a realidade, a parte mais importante é como se dá a orquestração de discursos ideológicos e perspectivas coletivas: “a arte é uma representação não tanto em um sentido mimético, mas político, uma delegação de vozes”. Nessa linha de raciocínio, devemos refletir, como se dá a representação de grupos historicamente marginalizados que não têm controle da mesma, sendo necessário pensar sobre as instituições que criam e distribuem essas narrativas, e quais os mecanismos estruturais dos meios de comunicação e da indústria cultural e cinematográfica que propiciam esse sistema.

Como evidenciado por Candido, Daflon e Júnior no artigo *Cor e Gênero no Cinema Comercial Brasileiro: Uma Análise dos Filmes de Maior Bilheteria* (2016, p.121) — que analisava uma base composta por 238 produções de maior bilheteria brasileiras entre 2002 e 2013 — os homens brancos dominam os cargos de direção e roteiro, tendo portanto, domínio da produção audiovisual nacional.



Fonte: Cor e Gênero no Cinema Comercial Brasileiro: Uma Análise dos Filmes de Maior Bilheteria (2016) - Gráficos retirados do artigo

E mesmo em uma pesquisa com recorte mais específico como é o caso do artigo *Cinedemografia - Migração no cinema brasileiro* (ALMEIDA; ALVES; SILVA, 2020, p.180) é notável a baixa porcentagem de pessoas amarelas em cargos de direção em produções audiovisuais de grande bilheteria.

Tabela 1. Distribuição percentual dos longas-metragens brasileiros de maiores rendas e público por cor/raça dos diretores, roteiristas e protagonistas – Brasil, 1995-2016.

	filmes que abordam migração			total de filmes da seleção		
	direção	roteiro	protagonismo	direção	roteiro	protagonismo
amarelos	2,5	0,8	1,7	1,0	0,4	0,4
brancos	95,0	90,8	85,7	95,8	91,3	82,2
indígenas	0,0	0,0	0,8	0,0	0,0	0,9
negros	2,5	8,4	11,8	3,0	8,2	16,5
sem atribuição	0,0	0,0	0,0	0,2	0,1	0,0

Fontes principais: ADOROCINEMA, FEMINA, FESTIVAL DO RIO, FILMOW, MOSTRA DO FILME LIVRE, MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA, VÍDEO NAS ALDEIAS, entre outras. Nota: amarelos inclui filmes codirigidos ou coroteirizados por amarelos e brancos, negros inclui filmes codirigidos ou coroteirizados por negros e brancos.

Fonte: Cinedemografia - Migração no cinema brasileiro (2020) - Tabela retirada do artigo

Ao longo da minha graduação veio a reflexão sobre a importância de se debater e refletir sobre tais questões, mas também da importância da divulgação e conhecimento dessas obras. A suposição de que várias produções se perdiam em meio a tantos conteúdos e acabavam desconhecidas – até por um público interessado por dificuldade de acesso – somada ao sentimento de insatisfação em relação à quantidade ínfima de pesquisas relacionadas à identidade amarela e representação asiática dentro da área audiovisual no Brasil foram dois grandes motivadores para esta pesquisa. Como colocado por Julia Mi Na Wu, na dissertação de mestrado *Estado em criação: o nipo-brasileiro* (2022, USP), existe uma invisibilização do nipo-brasileiro no cenário nacional audiovisual que acontece por conta das problemáticas abordadas anteriormente, fazendo com que existam poucas produções *mainstream* com atores amarelos e temáticas sobre o assunto. Além disso, as produções menores envolvendo tais tópicos são de difícil acesso, o que causa uma escassez de discussões sobre o assunto no meio acadêmico, para além do público-alvo. E as poucas pesquisas envolvendo tais temas se debruçam sobre longas-metragens de maiores bilheterias, portanto de maior difusão, fazendo com que obras menores não sejam contempladas tão frequentemente nesse meio.

Tendo em mente esses fatores, a motivação para esse projeto de Iniciação Científica foi a de criar uma base de dados com produções audiovisuais cujas temáticas principais sejam relacionadas à nipo-brasilidade, para assim tentar ampliar as discussões apresentadas nesses trabalhos e trazê-los a uma maior exposição.

2. Banco de dados - Metodologia

É muito importante contextualizar que pesquisas sobre a produção audiovisual nipo-brasileira já foram feitas anteriormente, e que a construção dessa base de dados teve como alicerce alguns desses trabalhos, como por exemplo: o artigo *Nikkeis no Brasil, Dekasseguis no Japão: Identidade e memória em filmes sobre Migrações* de Alexandre Kishimoto e Rose Satiko Gitirana Hikiji, o qual traça um panorama geral de produções cinematográficas nipo-brasileiras centradas em migrações, e serve como linha condutora e coluna vertebral do artigo.

Bem como o projeto *O Cinema no Centenário da Imigração Japonesa*, trabalho feito paralelamente a dissertação de mestrado de Kishimoto – *Cinema Japonês na Liberdade*, cujo objetivo foi criar um acervo com os filmes exibidos em cinemas antigos do bairro da Liberdade, incluindo obras sobre a imigração japonesa nas Américas. E teve como resultado aproximadamente 100 títulos, os quais alguns deles foram exibidos na mostra *Nikkeis no Brasil – Olhares sobre 100 anos de imigração*² em 2008 no Cinusp (Cinema da USP), juntamente com outras produções contemporâneas com temáticas relacionadas à comunidade nipo-brasileira.

2 Fonte: http://200.144.255.199/mostra/2008/08/nikkeis_no_brasil_olhares_sobre_100_anos_de_imigracao_japonesa. Acesso: 20 de setembro de 2024.

Outra pesquisa usada para embasar esse artigo foi a tese de mestrado de Heloisa Keiko Saito André, *A memória da imigração japonesa nos filmes Gaijin: Caminhos da Liberdade e Gaijin: Ama-me Como Sou*, na qual um dos capítulos aborda produções audiovisuais nipo-brasileiras, e quais filmes se destacaram em termos de representatividade, pioneirismo etc.

É importante destacar também: a edição do dia 19 de outubro de 1995 do caderno especial da Folha de São Paulo - *Imagens relatam aproximação*³, o qual fez um compilado com títulos que se referem a comunidade nipo-brasileira e produções japonesas relacionadas ao Brasil; a Mostra de Cinema Nikkei⁴, exibida no Cine Guarani e promovida pela revista MEMAI, Consulado Geral do Japão e Fundação Cultural de Curitiba, cuja seleção de títulos era variada, apresentando tanto obras dirigidas por nipo-descendentes quanto obras com temática relacionada à nipo-brasilidade; e a Mostra de filmes: O novo Cinema Nipobrasileiro⁵ organizada pelo Curso de Letras - Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Amazonas, cujo objetivo era dar maior visibilidade a novos diretores nipo-brasileiros.

Além dessas fontes, foram utilizados como plataformas de pesquisa sites de catalogação de produções audiovisuais como IMDB, Filmow, AdoroCinema etc, bem como a base de dados da Cinemateca Brasileira e do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP (FFLCH).

Vários desafios foram encontrados na elaboração deste artigo e da criação dessa base de dados, um dos principais foi definir quais obras audiovisuais se encaixavam em temáticas relacionadas à nipo-brasilidade, já que como não temos muitos registros e catalogações sobre o assunto, não existe consenso sobre o que deve ser considerado uma produção nipo-brasileira ou sobre quais diretrizes devemos nos basear para iniciar tal classificação. Sendo assim, muitas dúvidas surgiram nesse processo: O que definiria uma obra nipo-brasileira? Seria o fato dos criadores (roteiristas, diretores, showrunners) serem nipo-brasileiros? Mesmo que a temática não seja relacionada a nipo descendência? Ou seria o fato de o elenco ser composto por nipo-brasileiros? Uma vez que discussões sobre a importância de representação e representatividade estão sendo colocadas em pauta atualmente, e existem movimentos realizados por atores amarelos reivindicando espaço no audiovisual.

Não encontrei uma resposta definitiva para essas perguntas, porém a solução foi criar uma base de dados com obras audiovisuais cujos temas centrais sejam referentes à experiência nipo-brasileira, ou seja, os quais dialoguem com questões como: imigração

3 Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/19/caderno_especial/22.html. Acesso: 20 de setembro de 2024.

4 Fonte: <https://revistamemai.wordpress.com/2013/10/17/noticia-programacao-da-mostra-de-cinema-nikkei/>. Acesso: 20 de setembro de 2024.

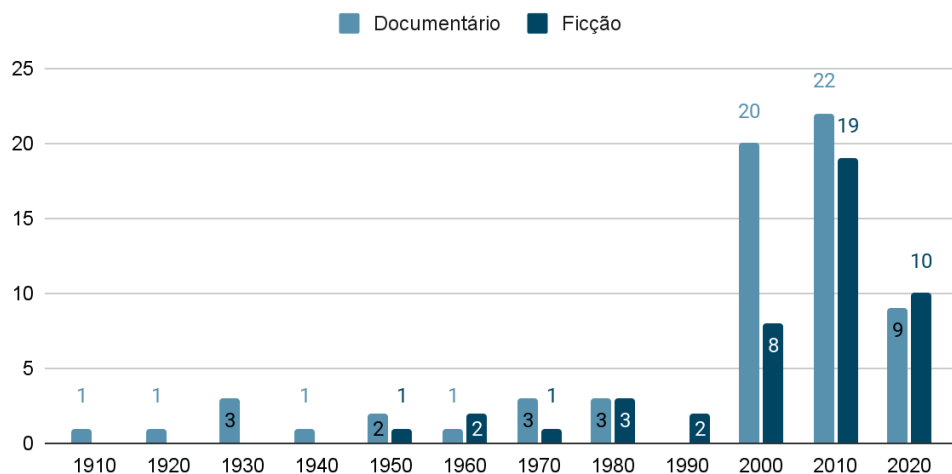
5 Fonte: <https://letrasjapones.ufam.edu.br/ultimas-noticias/262-mostra-de-filmes-o-novo-cinema-nipobrasileiro.html>. Acesso: 20 de setembro de 2024.

japonesa; emigração japonesa e/ou experiência *dekassegui*; reflexões sobre identidade e representação nipo-descendente; experiência familiar de nipo-brasileiros; experiência de colônias japonesas e comunidades nipo-brasileiras; experiência de okinawanos no Brasil e interculturalidade Japão-Brasil. E, concomitantemente, traçar um panorama geral sobre as produções audiovisuais nipo-brasileiras, incluindo algumas obras que fogem do escopo do banco de dados, mas que são importantes para entender o cenário atual, seja por conta do pioneirismo e representatividade, seja por conta da repercussão, alcance e impacto.

É importante deixar claro que essa lista pode não estar completa, sendo muito provável que existam diversas produções que entrariam dentro do escopo da pesquisa, mas às quais, ou não tive acesso, ou não tive conhecimento sobre. Os parâmetros para essa base de dados são qualquer produção audiovisual, incluindo curtas, médias e longas-metragens, clipes musicais e vídeos, novelas e séries que tenham temáticas relacionadas à nipo-brasilidade (ou seja, relacionadas às questões apresentadas anteriormente). Visto que não precisam, necessariamente, serem produções dirigidas por nipo-descendentes e/ou serem produzidas no Brasil. Também é relevante ressaltar que algumas obras que possuem temática central relacionada à nipo-brasilidade e que possuem representações problemáticas sobre nipo-brasileiros e imigrantes – como por exemplo as novelas *Sol Nascente* (2016-2017) e *Yoshico, um Poema de Amor* (1967) – e/ou representações superficiais e rasas — como o filme *Meu Japão Brasileiro* (1965) e *Regina e o Dragão de Ouro* (1973) – foram mantidas na lista por serem importantes para refletir sobre como a comunidade nipo-brasileira pode ser representada dentro do audiovisual nacional, podendo ser consideradas registros históricos. Por esse mesmo motivo, a lista é composta por filmes de outros países e por criadores não-descendentes, para que possa se ter um entendimento maior de como a comunidade *nikkei*, e assuntos relacionados à ela, são retratados por diferentes pontos de vista e visões artísticas.

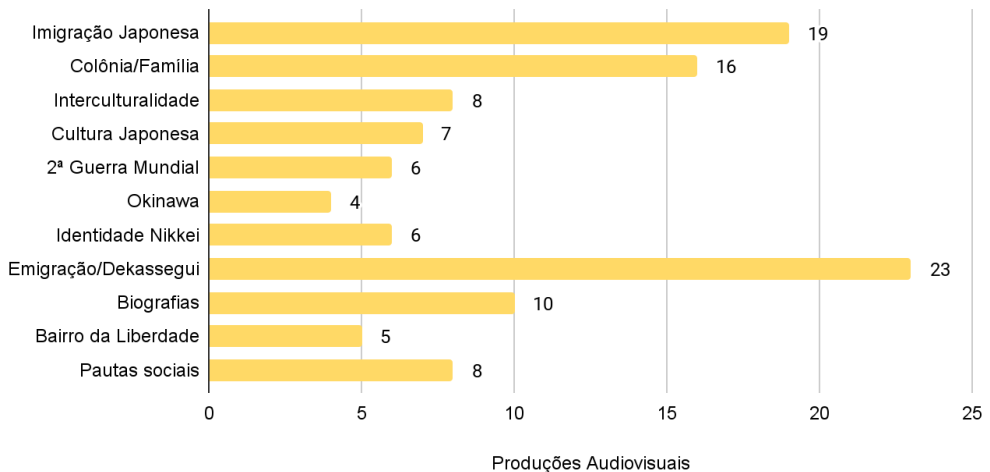
Sendo assim foram encontrados 112 títulos, dos quais 66 são documentários, enquanto 46 são obras de ficção. Além de 7 títulos em fase de produção/pós-produção até o momento de escrita deste artigo.

Gráfico 3 - Produções Audiovisuais com temática relacionada à nipo-descendência



A curadoria desses filmes foi feita tendo em vista minha graduação em Comunicação Social - Midialogia, e com base na minha vivência como nipo-brasileira. Dessa forma, separei as obras em algumas categorias para obter uma perspectiva temporal e geral de quais são as principais temáticas abordadas nas obras audiovisuais nipo-brasileiras e suas alterações e constâncias ao longo das décadas. É importante ressaltar que o foco está na temática principal das produções, já que a maior parte das obras possui mais de uma temática relacionada à nipo-brasilidade. Por exemplo, podemos afirmar que *Corações Sujos* (2011) se encaixaria nas categorias “Imigração Japonesa” ou “Colônia/Família”, pois são tópicos presentes no longa-metragem. Porém o enfoque maior do filme é no conflito interno da colônia entre *kachigumis*/vitoristas e *makegumis*/derrotistas, e nos impactos do pós-guerra, fazendo com que o filme se enquadre melhor na categoria “Segunda Guerra Mundial”.

Gráfico 4 - Temáticas



É possível observar pelo Gráfico 4 que as temáticas com maior porcentagem são respectivamente: Emigração/Experiência Dekassegui (23 títulos), Imigração Japonesa (19 títulos) e Colônia/Família (16 títulos). Também é notável perceber (através das listas) que obras cuja temática central esteja relacionada à Imigração Japonesa foram produzidas mais abundantemente até os anos 2000, porém o uso desse tema foi diminuindo após esse período. Já obras relacionadas à Identidade/Experiência Nikkei e Pautas Sociais começaram a ser produzidas a partir dos anos 2000 e 2010, indicando o impacto dessas novas discussões no cenário audiovisual nipo-brasileiro. Outro fator importante a ser observado, através do Gráfico 3, é como existe um maior enfoque em produções documentais nesse cenário do que em produções ficcionais, sendo que até os anos 1950 não havia obras de ficção.

LISTA DE OBRAS DE ACORDO COM TEMÁTICAS PRINCIPAIS:

Imigração Japonesa:

1. Japoneses Apanhando Café Nas Fazendas Paulistas (1908) - Brasil;
2. DocumentárioDocumentário
3. A Sericultura, o Bicho da Seda (1923) - Brasil; Documentário
4. Japoneses no Brasil (1936) - Brasil; Documentário
5. Turistas Japoneses no Rio (1936) - Brasil; Documentário

6. A Cooperação Japonesa na Agricultura Paulista (1936) - Brasil; Documentário
7. Nacao Gonsiro (1949) - Brasil; Documentário
8. Colonos Japoneses (1951-1960) - Brasil; Documentário
9. O Novo Eldorado (1952) - Brasil; Documentário
10. Cooperação (1963) - Brasil; Documentário
11. Isei Nisei Sansei (1970) - Brasil; Documentário
12. Gaijin - Os Caminhos da Liberdade (1980) - Brasil; Ficção
13. Caminho da Memória (1988) - Brasil; Documentário
14. Los hijos del sol (2002) - Brasil/EUA/Peru; Documentário
15. Kumiai: A Imigração Japonesa Em Campo Grande (2002) - Brasil; Documentário
16. Gaijin - Ama-me como Sou (2005) - Brasil; Ficção
17. Haru e Natsu: As cartas que não chegaram (2005) - Japão; Ficção
18. Os Japoneses no Vale do Ribeira e Sudoeste Paulista (2007) - Brasil; Documentário
19. Tokiori - Dobras do Tempo (2011) - Brasil; Documentário
20. Brasil De Imigrantes - Episódio 5 (2019) - Brasil; Documentário

Colônia Japonesa/Família:

1. Chá Verde e Arroz (1989) - Brasil; Ficção
2. YUBA: Perto da Utopia (2004) - Brasil; Documentário
3. Tori (2006) - Brasil; Ficção
4. Os Japoneses no Vale do Ribeira (2010) - Brasil; Documentário
5. Batchan (2013) - Brasil; Ficção
6. Os Sapatos de Haruka (2014) - Brasil; Ficção
7. Sobá, Trilhos e Silêncio (2014) - Brasil; Ficção
8. Sol Nascente (2016 – 2017) - Brasil; Ficção
9. Tempo de Ir, Tempo de Voltar (2018) - Brasil; Ficção
10. Baachan (2019) - Brasil; Documentário

11. Aos Cuidados Dela (2020) - Brasil; Ficção
12. Batchan (2020) - Brasil; Ficção
13. Namidá (2022) - Brasil; Ficção
14. Da Ficção (2022) - Brasil; Documentário
15. Lembranças Construídas (2022) - Brasil; Documentário
16. Kokoro to Kokoro (2022) - Brasil; Documentário

Interculturalidade:

1. Meu Japão Brasileiro (1964) - Brasil; Ficção
2. Yoshico, um Poema de Amor (1967) - Brasil; Ficção
3. Regina e o Dragão de Ouro (1973) - Brasil; Ficção
4. Nipo Brasil - O Jeito Japonês de Ser Brasileiro (2005) - Brasil; Documentário
5. Primavera (2007) - Brasil; Ficção
6. Plastic City (2008) - Brasil/China/Hong Kong/Japão; Ficção
7. Banzai (2018) - Brasil; Ficção
8. Batchan (2020) - Brasil; Documentário

Cultura Japonesa/Folclore:

1. Bon Odori (1973) - Brasil; Documentário
2. Sumô Brasileiro (2013) - Brasil; Documentário
3. Hannya (2015) - Brasil; Ficção
4. Oni (2017) - Brasil; Ficção
5. Kanazawa (2017) - Brasil; Ficção
6. Spectros (2020) - Brasil; Ficção
7. A Princesa Yakuza (2021) - Brasil/Japão/EUA; Ficção

Segunda Guerra Mundial:

1. E a Paz Volta a Reinar (1955) - Brasil; Ficção

2. Hibakusha - Herdeiros Atômicos Do Brasil (2006) - Brasil; Documentário
3. Formigas (2009) - Brasil; Ficção
4. Corações Sujos (2011) - Brasil; Ficção
5. Perigo Amarelo - O Lado B da Imigração Japonesa (2011) - Brasil; Documentário
6. Yami no Ichinichi - O Crime que abalou a Colônia Japonesa no Brasil (2012) - Brasil; Documentário

Comunidade Okinawana:

1. Okinawa, Okinawa (1980) - Brasil; Ficção
2. Hia Sa Sa - Hai Yah (1985) - Brasil; Documentário
3. Arigatô - um olhar sobre a imigração japonesa em Campo Grande (2005) - Brasil; Documentário
4. Okinawa/Santos (2020) - Japão; Documentário

Identidade/Experiência Nikkei:

1. Retratos de Hideko (1981) - Brasil; Documentário
2. Mina E Lisa (2007) - Brasil; Ficção
3. Où est le soleil (2011) - França/Brasil/Japão; Documentário
4. Estação Liberdade (2013) - Brasil; Ficção
5. Malhação: Viva a Diferença (2017 - 2018) - Brasil; Ficção
6. Gaijin (2023) - Brasil; Ficção

Emigração/Experiência Dekassegui:

1. Filha Única (1993) - Brasil; Ficção
2. O Pôr do Sol (1996) - Brasil; Ficção
3. The City of Lost Souls (2000) - Japão; Ficção
4. Cartas (2004) - Brasil; Documentário
5. Permanência (2006) - Brasil; Documentário
6. Dekassegui (2006) - Brasil; Documentário

7. Mundo Nikkei - Os Brasileiros do Outro Lado do Mundo (2008) - Brasil; Documentário
8. A Grandpa From Brazil (2008) - Japão; Documentário
9. From Brazil To Japan (2009) - Brasil/EUA; Documentário
10. Re-entry Permit – Crianças Retornáveis (2010) - Brasil; Documentário
11. Saudade (2011) - Japão; Ficção
12. Peixinho Mágico (2012) - Japão; Ficção
13. Andorinhas Solitárias (2012) - Japão; Documentário
14. Brasil no Nippon (2013) - Japão; Documentário
15. Jardim Tóquio (2014) - Brasil; Ficção
16. One Day We Arrived in Japan (2017) - Brasil/EUA; Documentário
17. Mare Nostrum (2018) - Brasil; Ficção
18. Dekassegui (2018) - Brasil; Ficção
19. Muito Prazer (2020) - Japão; Ficção
20. Nós Não Somos “Gaijin”! (2021) - Japão; Documentário
21. Bem-vindos de Novo (2021) - Brasil; Documentário
22. ファミリア/Família (2023) - Japão; Ficção
23. Onde as ondas quebram (2023) - Brasil; Documentário

Biografias de figuras japonesas/nipo-brasileiras:

1. Shoko Suzuki: cerâmica e tradição (2000) - Brasil; Documentário
2. Tomie Ohtake: o traço essencial (2000) - Brasil; Documentário
3. À Flor da Pele (2002) - Brasil; Documentário
4. Takao Kusuno: O Marginal Da Dança (2006) - Brasil; Documentário
5. Ypê Nakashima, pioneiro da animação (2009) - Brasil; Documentário
6. Haruo Ohara (2010) - Brasil; Documentário
7. O samurai de Curitiba (2011) - Brasil; Documentário
8. Tomie (2014) - Brasil; Documentário

9. O Nadador: A História de Tetsuo Okamoto (2014) - Brasil; Documentário
10. Tomie Ohtake (2015) - Brasil; Documentário

Bairro da Liberdade:

1. Sob As Pedras Do Chão (1973) - Brasil; Documentário
2. Entrelinhas - Liberdade ou Gambarê (2003/2005) - Brasil; Documentário
3. Liberdade (2006) - Brasil; Documentário
4. Liberdade (2018) - Brasil; Documentário
5. Liberdade Não É Só Japão (2023) - Brasil; Documentário

Pautas sociais:

1. Okama - vozes LGBT nipo-brasileiras (2017) - Brasil; Documentário
2. Dr. Moretti (2018) - Brasil; Ficção
3. Novela Bíblica (2018) - Brasil; Ficção
4. O Perigo Amarelo Nos Dias Atuais (2018) - Brasil; Documentário
5. NipoBrasileiros (2019) - Brasil; Documentário
6. Lembro Mais dos Corvos (2019) - Brasil; Documentário
7. Imagem (2020) - Brasil; Ficção
8. Sayonara (2021) - Brasil; Ficção

Outros dados relevantes sobre a lista são o número de produções estrangeiras ou coproduções. Cerca de 17 títulos se encaixam nessa categoria, nos quais 11 são obras japonesas e 6 coproduções brasileiras.

1. The City of Lost Souls (2000) - Japão
2. Los hijos del sol (2002) - Brasil/EUA/Peru
3. Haru e Natsu: As cartas que não chegaram (2005) - Japão
4. A Grandpa From Brazil (2008) - Japão

5. Plastic City: Cidade de Plástico (2008) - Brasil/China/Hong Kong/Japão
6. From Brazil To Japan (2009) - Brasil/EUA
7. Où est le soleil (2011) - França/Brasil/Japão
8. Saudade (2011) - Japão
9. Peixinho Mágico (2012) - Japão
10. Andorinhas Solitárias (2012) - Japão
11. Brasil no Nippon (2013) - Japão
12. One Day We Arrived in Japan (2017) - Brasil/EUA
13. Muito Prazer (2020) - Japão
14. Okinawa/Santos (2020) - Japão
15. Nós Não Somos “Gaijin”! - A história dos 30 anos de risos e lágrimas dos brasileiros no Japão (2021) - Japão
16. A Princesa Yakuza (2021) - Brasil/Japão/EUA
17. ファミリア/Família (2023) - Japão

3. Panorama Geral

3.1. Primeira fase

Segundo Kishimoto & Hikiji (apud ANDRÉ, 2022, p. 52), a representação e produção audiovisual de *nikkeis* pode ser entendida em algumas fases distintas. A primeira fase é definida por curtas-metragens de não-ficção, cujo objetivo principal era documentar o período histórico, com filmagens do cotidiano das fazendas e da chegada de imigrantes. Essa fase se iniciou com a imigração japonesa e durou até meados da década de 1970.

É importante ressaltar alguns títulos dessa fase como o primeiro registro fílmico da imigração japonesa: *Japoneses Apanhando Café nas Fazendas Paulistas* (1908) – um curta-metragem silencioso produzido sob encomenda pelo governo do estado de São Paulo. Segundo Handa (apud Kishimoto & Hikiji, 2008, p. 146), é possível que essas imagens sejam registros dos primeiros meses de trabalho das famílias japonesas nas fazendas, já que entre a chegada dos primeiros imigrantes e a data de lançamento do filme teriam se passado aproximadamente três meses. Porém, segundo Kishimoto & Hikiji, atualmente, não há informações sobre a existência de cópias ou negativos do filme, nem informações sobre seus produtores. Outro título digno de ressaltar é *E a Paz Volta a Reinhar* (1955), primeira obra desse período ficcional, o qual discutia as tensões entre *nikkeis* no período pós-guerra. Segundo Lesser (apud ANDRÉ, 2022, p.51), a

produção foi feita por um grupo de kachigumi (vitoristas), que reuniu atores japoneses no Brasil. O filme teve repercussão negativa entre os imigrantes japoneses, tanto por conta da temática polêmica quanto por conta da proximidade temporal com os eventos retratados e o período pós-guerra, causando a queima dos filmes impossibilitando sua circulação (Kishimoto & Hikiji, 2008).

Pioneiros - Hikoma Udihara e Ypê Nakashima

Outros títulos notáveis desta fase fazem parte da vasta filmografia de Hikoma Udihara, o qual realizou mais de 80 produções audiovisuais entre 1927 e 1961. Sendo que na década de 1940, apenas *Nacao Gonsiro* (1949), cinejornal realizado no 50º aniversário de Campo Grande (MS) sobre a trajetória de *Nacao Gonsiro* – pioneiro no plantio de café na região – não foi feito por ele; e na década de 1950, apenas 3 títulos de 53 não foram produzidos por Udihara: *Colonos Japoneses* (1951-1960), *O Novo Eldorado* (1952) e *E a Paz Volta a Reinhar* (1955).

Gráfico 5 - Produções Audiovisuais com temática relacionada a nipo-descendência (incluindo filmografia de Udihara)

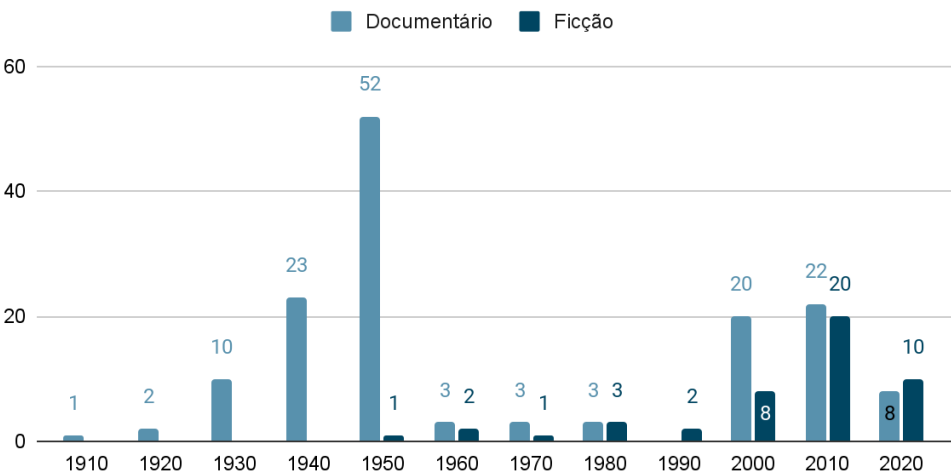
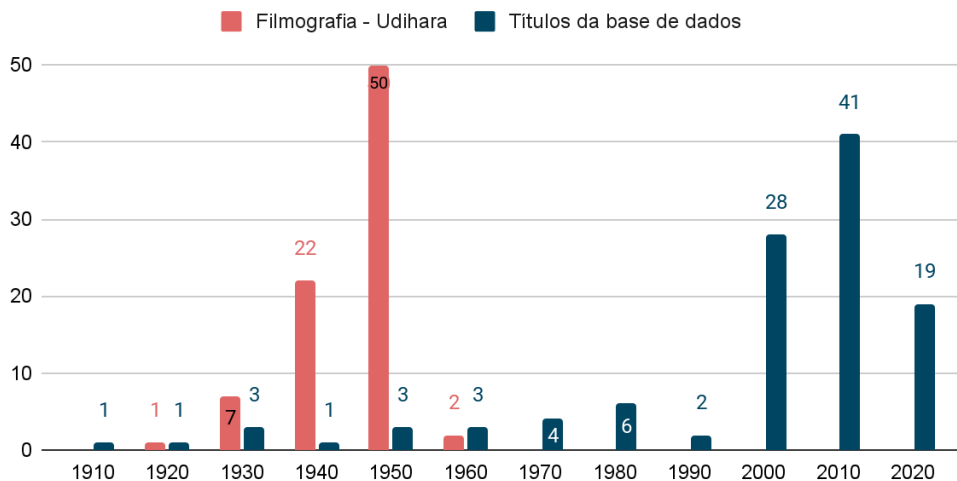


Gráfico 6 - Filmografia Udihara x Títulos da base de dados



É possível observar pelos Gráfico 5 e Gráfico 6, a produção prolífica de Udihara especialmente entre as décadas de 1930 e 1950, em que a maior parte das produções audiovisuais foram feitas por ele: na década de 1930 - 7 dos 10 títulos; na década de 1940 - 22 dos 23 títulos; na década de 1950 - 50 dos 53 títulos. Mas quem foi Hikoma Udihara? Ele é considerado pioneiro do cinema no Norte do Paraná (Cesaro, 2007, p.2), e um dos primeiros cineastas nipo-brasileiros. Seu cinema factual de documentação registrou o desenvolvimento de sua região, mas, sobretudo, as manifestações de japoneses no Brasil - suas celebrações, eventos e cotidiano. Ele se tornou publicitário da Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTN) e vendia lotes de terra para a colonização do estado dentro da comunidade japonesa. De acordo com Cesaro (apud, Kishimoto & Hijiki, 2008, p.147), seus filmes eram exibidos tanto para entretenimento quanto como instrumento de persuasão no processo de vendas das terras.

E apesar de existir criatividade em seus enquadramentos e movimentação de câmera como apontado na dissertação de mestrado “Hikoma Udihara – um samurai no ocidente: do propagandista ao cineasta”, apresentada em agosto de 2001, o principal valor dos trabalhos de Hikoma está, segundo Cesaro (2007, p.162), no âmbito do documento histórico: “As imagens em movimento produzidas pelo pioneiro são registros do desenvolvimento de uma região. E, por isso, têm importância fundamental para a memória de uma cidade, de uma região, e de seu povo.” Por conta do grande volume de filmes, e do caráter específico de sua filmografia, foi criada uma lista à parte da base de dados apenas com as obras de Udihara. Assim, podemos ter uma melhor noção da produção audiovisual nas décadas de 1930, 1940 e 1950, sem a influência de sua produção prolífica.

Outro pioneiro importante para o cenário audiovisual nipo-brasileiro, bem como para o cenário nacional, foi Ypê Nakashima⁶, um imigrante japonês naturalizado no Brasil. Ele estudou na Escola de Belas Artes de Quioto, contrariando as vontades de seu pai, mas teve seus estudos interrompidos por conta da Segunda Guerra Mundial. Após o fim da guerra, passou a trabalhar com charges e tiras de jornais, e em 1956, resolveu mudar-se para o Brasil, onde continuou a exercer seu trabalho artístico com publicações para a colônia japonesa. Posteriormente, começou a trabalhar fazendo animações. Ocupação na qual construiu sua carreira e deixou sua marca na história do cinema brasileiro.

Ele foi responsável pela série animada *Papa-papo* (1959–1963), e pelo longa-metragem *Piconzé* (1973), o qual apresenta uma história com elementos tipicamente brasileiros, como personagens do folclore brasileiro e ambientação em uma vila típica do Nordeste. Apesar de *Piconzé* não se enquadrar na lista de filmes com temáticas relacionadas a nipo-brasilidade, seu legado e pioneirismo são dignos de serem mencionados, já que o título foi o segundo longa-metragem animado colorido feito no Brasil. Tal feito não só contribuiu para o desenvolvimento da área de animação nacional, como também deixou homenagens póstumas ao artista como: o “Prêmio Governador do Estado”⁷, em 1975, pelo Governo de São Paulo; Troféu HQ Mix ⁸de grande mestre, em 2008 e o documentário sobre sua vida e obra – *Ypê Nakashima, pioneiro da animação*, dirigido por Hélio Ishii em 2009.

Portanto, a Primeira Fase pode ser considerada como a que reuniu produções documentais sobre os imigrantes japoneses e a Imigração em si, mas também pode ser considerada a fase precursora, já que foi ela que preparou o terreno para que o caminho pudesse ser pavimentado nas fases posteriores. Ela foi o início.

3.2. Segunda Fase

De acordo com Kishimoto & Hikiji (apud ANDRÉ, 2022, p. 52), a segunda fase da produção audiovisual nipo-brasileira focava nas auto-representações, e foi protagonizada por Olga Futemma e Tizuka Yamasaki. Segundo os autores, apesar de possuírem direções artísticas distintas, ambas tinham as reflexões sobre seus antepassados e identidades como foco principal. E até então, os únicos filmes retratando a imigração japonesa feitos por imigrantes tinham sido os de Hikoma Udihara, já que Yoshisuke Sato, de *E a Paz Volta a Reinhar* (1955) não se estabeleceu no Brasil. Portanto, todos os demais filmes sobre *nikkeis* tinham sido feitos por brasileiros de outras ascendências,

6 Fonte: https://web.archive.org/web/20100106163228/http://www.nucleovirgulino.com.br/ypenakashima/ype_quem.htm. Acesso em: 14 de março de 2024

7 Fonte: <https://revistamemai.wordpress.com/tag/ype-nakashima/>. Acesso em: 20 de setembro de 2024

8 Fonte: https://web.archive.org/web/20110907063430/http://www.universohq.com/quadrinhos/2008/n17072008_08.cfm. Acesso em: 20 de setembro de 2024

fazendo com que os filmes dirigidos pelas cineastas tivessem uma visão diferenciada das demais obras sobre imigração que estavam sendo feitas no período.

Outro fator importante de ser pontuado foi colocado por Kishimoto & Hijiki (2008, p.151): apesar de sua frutífera produção de filmes, Udihara era considerado cineasta amador, e seus filmes caseiros eram mais usados como forma de registro das atividades da colônia e como forma de divulgar seu trabalho principal que era ser corretor de imóveis, do que como obras artísticas. Sendo assim, outro ponto de distinção seria a formação em cinema, já que tanto Olga Futemma, quanto Tizuka Yamasaki tinham graduação na área: Olga se graduou na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) em 1974⁹, e teve Paulo Emílio Sales Gomes como um de seus professores, e Tizuka foi aluna de Nelson Pereira dos Santos, formando-se na Universidade Federal Fluminense.

Ambas tiveram trajetórias profissionais distintas, já que Olga seguiu no campo da pesquisa, trabalhando na Cinemateca Brasileira e Tizuka continuou no campo cinematográfico, seja produzindo seus próprios filmes, seja atuando como assistente de importantes cineastas brasileiros como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos. Entretanto, o que marca essa segunda fase, “é a construção de discursos com elementos da história pessoal, relacionados à experiência de imigração de suas famílias” (Kishimoto & Hijiki, 2008, p. 151).

Essa fase se inicia no ano de 1973 com os curtas-metragens *Sob as Pedras do Chão* (1973), dirigido por Olga Futemma e *Bon Odori* (1973), dirigido por Lael Rodrigues e Tizuka Yamasaki. E é seguido pelos curtas-metragens de Futemma: *Okinawa, Okinawa* (1980), *Retratos de Hideko* (1981), *Hia Sa Sa - Hai Yah* (1985), *Caminho da Memória* (1988) e *Chá Verde e Arroz* (1989); bem como por *Gaijin - Os Caminhos da Liberdade* (1980), dirigido por Tizuka Yamasaki. As duas cineastas não só foram pioneiras na forma de capturar imagens e contar histórias, mas também foram as únicas cineastas a produzir filmes sobre nipo-brasileiros nos anos 70 e 80, salvo duas exceções: *Isei Nisei Sansei* (1970) e *Regina e o Dragão de Ouro* (1973); o primeiro, um curta-metragem documental dirigido por Alfredo Sternheim, e o segundo, um filme infantil que não tratava diretamente a imigração, mas possuía uma personagem nipo-brasileira.

Esse caráter autobiográfico e de auto-representações presente nas obras das duas cineastas pode ser explicitado: no caso de Olga Futemma, pela influência, não apenas de sua família, mas da cultura okinawana – de onde seus pais emigraram, a qual pode ser observada em *Okinawa, Okinawa* (1980), longa-metragem ficcional¹⁰ que retrata uma família de okinawanos e seu processo de adaptação no Brasil; e em *Hia Sá Sá Hai Yah* (1985), um manifesto artístico sobre a comunidade Okinawana em São Paulo, no qual a cineasta pôde filmar tanto seu pai quanto sua irmã e mãe:

9 Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/6251145/olga-toshiko-futemma>. Acesso em: 10 de junho de 2024

10 Fonte: Cinemateca Brasileira

“Hia Sa Sa – Hai Yah” é um grito de ânimo, de coragem. Então, quando a dançarina está na coxia, a introdução está sendo tocada. Meu avô era instrumentista e cantor e meu pai era percussionista, ele tocava taiko. Um pouquinho antes dela ter que entrar, eu lembro do meu pai falando “Hia Sa Sa – Hai Yah!” e aí ela entrava no palco. Era uma coisa de ânimo mesmo. Eu consegui filmar meu pai (...). E eu pedi a um senhor para tocar, e a minha irmã e uma colega dela dançam. Mas o meu foco nesse plano-sequência é nos dois e não nelas. Elas entram, mas muito pouco. Também filmei a minha mãe.” - entrevista para HOLANDA, K. Pegadas do cinema de Olga Futemma (2020, p.180) .

Sem contar o fato de Olga Futemma ter admitido na entrevista que o personagem Jacó de *Chá verde e arroz* (1989) poderia ser seu alterego, representando sua paixão por cinema (HOLANDA, 2020, p. 182).

Já no caso de Tizuka Yamasaki: seu filme de estréia, *Gaijin: Caminhos da Liberdade* (1980), conquistou vários prêmios e menções honrosas em festivais nacionais e internacionais, é apontado pela crítica como o primeiro filme brasileiro a abordar a temática da imigração japonesa, e portanto, pode ser considerado uma obra fundamental do cinema brasileiro. Tal título teve como base a história de sua família, assim como sua sequência *Gaijin - Ama-me Como Sou* (2005):

“O motivo para pensar na produção do primeiro “Gaijin” foi a vontade de entender quem eu era, sendo tão diferente dos brasileiros em geral. Fui resgatar a história de minha família para que eu me compreendesse neste contexto brasileiro. E também para que meus pares me entendessem. A inspiração para produção do “Gaijin 2”, após vinte anos do primeiro filme, foi minha avó e suas histórias. Com estes dois filmes, quis expressar toda essa vivência. (...) Creio que o que marcou estes filmes foi o fato do tema estar intimamente ligado à minha vida, na medida que eu fazia parte de um assunto que neguei durante muito tempo e só depois de mais velha recuperei, com a realização dos filmes.” - Entrevista ¹¹do canal SESC TV, 2008, Programa Sala de Cinema

Sendo assim, essa Segunda Fase é importante, não apenas pelo marco histórico obtido pelo pioneirismo de tais produções audiovisuais serem as primeiras obras filmicas dirigidas por nipo-brasileiras ou as primeiras obras a retratar a comunidade okinawana no Brasil, mas também e, principalmente, pelo fato das visões artísticas dessas cineastas, embasadas em suas próprias vidas, serem capazes de criar narrativas muito mais representativas aos nipo-brasileiros e imigrantes, do que os filmes produzidos anteriormente.

11 Fonte: http://diretoresdecinema.blogspot.com/2010/02/tizuka-yamasaki_23.html, Acesso em: 15 de março de 2024

3.3. Terceira Fase

A terceira fase se deu na década de 1990 com os cineastas da terceira geração e, segundo Kishimoto & Hikiji (2008, p.155), eram obras que abordavam a temática da emigração, especialmente dos *dekassegui* – descendentes de japoneses que vão trabalhar no Japão, buscando melhores condições de vida. Sendo assim, o foco desses filmes era voltado para a realidade atual dos nipo-brasileiros, e não tanto para o passado, como acontecia com os filmes da fase anterior, mesmo tendo questões identitárias ainda presentes.

Segundo Célia Sakurai (apud NAKAHARA, 2019, p. 14), “a partir do ano de 1990, com a reforma na lei de controle de imigração no Japão, o trabalho no país de brasileiros descendentes de japoneses (até a terceira geração) tornou-se legal”. Como consequência disso, filhos e netos dos primeiros imigrantes fizeram proveito desta lei e foram para o Japão. A ideia era atraente, já que a economia do país proporcionava uma perspectiva de estabilidade, em contraposição a uma época de incertezas dada a inflação flutuante no Brasil. Durante esse período, o cineasta Claudio Yoshida realizou dois curtas-metragens ficcionais: *Filha Única* (1993) – o qual explora a relação entre uma mãe e sua filha, e a separação de ambas, quando a última decide casar e emigrar para o Japão – e *O Pôr do Sol* (1996) – que levanta o questionamento se o preço pago ao emigrar para outro país buscando uma vida melhor compensa; mesmo que isso cause a separação de familiares e de pessoas queridas, já que esse é o dilema vivido pela personagem principal. Os dois curtas têm como tema central a separação das famílias e relacionamentos interpessoais por conta da emigração, abordando o aspecto inicial desse processo, dada a proximidade temporal dos eventos.

Hélio Ishii foi outro cineasta, cujo trabalho foi muito prolífico ao longo dos anos, sendo a maioria de suas obras relacionadas à experiência *dekassegui* e seus impactos, como é o caso de seus dois longas-metragens documentais: *Cartas* (2004) e *Permanência* (2006), os quais abordam, respectivamente, a experiência das mulheres na jornada *dekassegui*, e a experiência das crianças ao emigrar junto com seus pais. Esses filmes explicitam as consequências dentro das estruturas familiares das pessoas que foram trabalhar no Japão: o quão precário e difícil era o trabalho, e como as diferenças culturais poderiam afastar pais e filhos tanto quanto a distância física. Seu curta-metragem não ficcional *Re-entry Permit – Crianças Retornáveis* (2010) aborda o impacto causado na vida das crianças que retornaram do Japão, e quais os caminhos para uma nova adaptação no Brasil. Já a websérie *Mina e Lisa* (2007) não tem a questão *dekassegui* como ponto principal, mas como pano de fundo, já que os pais da protagonista vão para o Japão buscar melhores oportunidades.

Filmes com a temática relacionada à imigração japonesa continuaram sendo feitos ao longo das décadas, mas é notável o impacto do movimento emigratório nas produções cinematográficas feitas a partir dos anos 90 – são 23 títulos de 112.

Como colocado por Ishii (apud NAKAHARA, 2019, p. 15), ao longo dos anos 2000, muitas pessoas começaram a se estabelecer no Japão, adquirindo vistos permanentes, consolidando famílias por lá, assim criando uma sólida comunidade brasileira. A crise econômica de 2008 teve como consequência um novo fluxo de brasileiros emigrando para o Japão, sendo que, de acordo com MARQUES (apud NAKAHARA, 2019, p. 15), o número de vistos emitidos para descendentes japoneses no Brasil e suas famílias cresceu significativamente em 2014 e 2016. Assim, podemos notar que os filmes que tratam sobre emigração/*dekasegui* têm dois momentos distintos: aqueles que abordam o primeiro fluxo migratório – narrando tanto as separações das famílias e relações, quanto as vivências desses nipo-brasileiros morando em outro país, trabalhando em linhas fabris e lidando com as diferenças e choques culturais; e o segundo fluxo migratório – narrando os impactos do primeiro fluxo, as consequências deixadas nas famílias e indivíduos, o impacto da colônia brasileira estabelecida no Japão, e o retorno ao Brasil de muitos brasileiros que vieram no primeiro fluxo.

As produções audiovisuais que tratavam dessa temática não se restringiam ao Brasil, já que esses fluxos migratórios causaram efeitos no Japão também, sendo interessante notar que dos 17 títulos estrangeiros, 11 deles têm como temática central a emigração e a experiência *dekasegui*. Tanto que o tema da dissertação de Alexandre Nakahara – *Brasileiros no cinema japonês: espaço, realismo e utopia* está diretamente relacionado às consequências dessas interações culturais. Ele coloca o filme *The City of Lost Souls* (2000)¹² no contexto do primeiro fluxo migratório, enquanto *Saudade* (2011)¹³ e *Peixinho Mágico* (2012) são colocados no contexto do segundo fluxo.

Nakahara (2019, p.45) traça um paralelo de comparação entre *The City of Lost Souls* (2000) e *Saudade* (2011): no qual, a representação da interação entre brasileiros e japoneses do primeiro filme se encontra em um “plano fictício distópico” em relação à *Saudade* (2011) que “apresenta-se de forma quase documental, em conexão com a realidade social dessas pessoas”. Mas o que isso significa? Nakahara (2019, p.27) utiliza o termo “distopia” para analisar o filme *The City of Lost Souls*, colocando como uma das interpretações, a ideia de que “com a presença indesejada de estrangeiros no Japão, [existe] a ruína de uma utópica e ilusória homogeneidade étnico-racial japonesa”, sendo assim, a representação estereotipada do Brasil no filme não é apenas causada por conta do conhecimento superficial do diretor para a produção do filme, por ser fruto do contexto do primeiro fluxo migratório e tudo ser novidade. Nem apenas pelo fato de ser um filme ficcional que brincava com as representações de diferentes países de forma exagerada. Mas também e, sobretudo, por ser produto de uma visão estigmatizada dos brasileiros e do que representava o Brasil naquela

12 sinopse: O nipo-brasileiro Mario e a cabeleireira chinesa Kei são amantes. Kei está perto de ser deportada. O plano dele então é conseguir passaportes para fugirem clandestinos em um navio rumo a um país estrangeiro, mas acabam se envolvendo com a máfia.

13 sinopse: filme que aborda “relações difíceis entre japoneses nativos e imigrantes estrangeiros, especialmente brasileiros e tailandeses, na classe trabalhadora nipônica” - site Variety^[1]_{SEP}

época. O autor Ângelo Ishi (apud NAKAHARA, 2019, p. 52) traça em sua pesquisa “Reflexões sobre os 20 anos do movimento ‘dekassegui’” uma sistematização do histórico dos imigrantes até aquele momento. Ele afirma que durante os anos 90, os brasileiros lutavam contra os estigmas relacionados ao termo *dekassegui*, enquanto nos anos 2000 houve uma mudança de paradigma por conta, tanto do aumento de vistos permanentes para os imigrantes, quanto do aumento da busca de empregos fora de fábricas, fazendo com que houvesse uma ascensão da visão de “dekasseguis” para “imigrantes” ou “brasileiros no Japão”. Essa mudança de paradigma influenciou na produção de filmes sobre o assunto, tanto que o diretor Katsuya Tomita, de *Saudade*, pôde fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre a comunidade brasileira, e por consequência, pôde representar os nipo-brasileiros de forma mais fiel à realidade e sem ser influenciado por uma visão tão estereotipada da comunidade brasileira no Japão quanto a existente no primeiro fluxo migratório.

Portanto os contextos desses dois fluxos migratórios tiveram grande impacto nos filmes produzidos nesses dois períodos. *Dekassegui* (2006), *Mundo Nikkei - Os Brasileiros do Outro Lado do Mundo* (2008), *From Brazil To Japan* (2009) são documentários que retratam a vida de brasileiros no Japão durante esse primeiro período visto que, foram obras produzidas entre os anos 2000 e 2010, e espelhavam a realidade daquela época. Já *Tokiori - Dobras do Tempo* (2011), *Brasil no Nippon* (2013) e *Nós Não Somos “Gaijin”!* (2021) são documentários que apresentam as vivências desses brasileiros no Japão após o primeiro fluxo migratório, bem como retratam as idas e vindas desse segundo fluxo migratório.

Além disso, podemos observar que a maioria dos filmes sobre emigração como: *Re-entry Permit – Crianças Retornáveis* (2010), *Andorinhas Solitárias* (2012), entre outros¹⁴, exploram as consequências desses processos migratórios, ou seja, quais foram as decorrências de emigrar para o Japão e como esses emigrantes estão lidando com isso, sendo obras feitas durante e/ou após esse segundo fluxo migratório. *Re-entry Permit – Crianças Retornáveis* (2010) explora a dificuldade da adaptação de crianças voltando para o Brasil; *Andorinhas Solitárias* (2012) relata a vida de filhos adolescentes de *dekasseguis* que abandonaram os estudos; e *Muito Prazer* (2020), explora a segregação social vivida por estudantes brasileiros no Japão, sendo que o filme reflete um pouco a experiência pessoal¹⁵ do diretor Park Jengil, japonês descendente de sul-coreanos, que sofreu com a discriminação de estudantes japoneses na infância e juventude por ter uma origem cultural distinta dos colegas de sala. Portanto, são obras que exploram como essa nova geração cresceu em meio a esse período e as decorrências causadas por essas vivências.

14 *Jardim Tóquio* (2014); *Mare Nostrum* (2018); *Dekassegui* (2018); *Muito Prazer* (2020); *Bem-vindos de Novo* (2021); ファミリア/*Família* (2023) e *Onde as ondas quebram* (2023)

15 Fonte: <https://portal.nipponja.com.br/discriminacao-e-bullying-contra-brasileiros-no-japao-sao-escancarados-em-documentario/>. Acesso em: 18 de março de 2024.

Já *Jardim Tóquio* (2014), *Mare Nostrum* (2018); *Dekassegui* (2018) e *Bem-vindos de Novo* (2021) abordam quais os impactos causados naqueles que voltaram ao Brasil por conta da experiência *dekassegui*, e como suas vidas, e de seus familiares, seguem no país de origem após a experiência migratória.

Como conclusão, a Terceira Fase dá continuidade ao trabalho construído na Primeira Fase — a de documentar e registrar as vivências dos nipo-brasileiros — e Segunda Fase — ao imprimir subjetividade através das experiências pessoais desses cineastas. Adicionando como inovação, o olhar para os acontecimentos do presente e do futuro, já que essas produções artísticas discutem uma nova conjuntura formada pelo fenômeno migratório e seus desdobramentos. Assim como exploram novas perspectivas de como o nipo-brasileiro pode ser representado fora do Brasil de maneira mais proeminente, uma vez que a produção de obras estrangeiras representando nipo-brasileiros vinham sendo pontuais e escassas até então.

3.4. Novos horizontes

Alexandre Kishimoto e Rose Satiko Hijiki escreveram essa pesquisa em 2008, sendo assim, as novas produções audiovisuais que foram produzidas de 2010 até o momento presente não foram contempladas. Mas observando as temáticas de algumas obras é possível observar um novo enfoque sendo explorado no cinema *nikkei* atualmente: as questões sociais e a busca por identidade e representação.

Foi um conjunto de fatores que criou o contexto para o surgimento desse panorama: pautas sociais relacionadas ao movimento negro, LGBTQIAPN+, feminista etc sendo levantadas e discutidas cada vez mais ao longo da última década fizeram com que reflexões acerca de outros grupos minoritários também comesçassem a ser discutidas. Somado a isso, o avanço das redes sociais e as mudanças de paradigmas nas formas de comunicação possibilitaram maior acesso e difusão de informações, bem como a interação de pessoas com os mesmos interesses. Além disso, outro fator que potencializou discussões sobre identidade amarela, foi a explicitação dos ataques racistas a pessoas asiáticas por conta da COVID-19, ocasionando na campanha *Stop Asian Hate*.

Pautas Sociais

É nesse contexto que surgem filmes com temáticas relacionadas a pautas sociais como: *O Perigo Amarelo Nos Dias Atuais* (2018), dirigido por Hugo Katsuo, documentário que conta com seis entrevistas de militantes do movimento asiático-brasileiro; *Okama - vozes LGBT nipo-brasileiras* (2017), dirigido por Felipe Higa, documentário que narra histórias de pessoas LGBTQIAPN+ de origem asiático-brasileira; *Lembro Mais dos Corvos* (2019), documentário que explora as vivências de Julia Katharine, uma atriz nipo-brasileira transexual; e *Sayonara* - (2021), curta-metragem ficcional que explora a violência e o preconceito contra a população de origem asiática.

Outros títulos que devem ser mencionados são: *Lugares de Medo e Ódio* (2016), curta-metragem no qual cinco entrevistados narram histórias traumáticas que passaram por conta do preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, dirigido por Alexandre Nakahara; e *Sangro* (2019), curta-metragem animado que narra a confissão íntima de uma pessoa que vive com HIV, dirigido por Tiago Minamisawa e co-dirigido por Bruno H Castro. Esses dois títulos apesar de não possuírem temáticas relacionadas a comunidade *nikkei*, foram dirigidos por nipo-brasileiros e conseguiram grande repercussão – ganhando vários prêmios e sendo exibidos em diversos festivais – sendo dignos de serem mencionados.

Lugares de Medo e Ódio (2016) ganhou: Prêmio¹⁶ do Público - Melhor Documentário (curta-metragem) no Festival¹⁷ CINHOMO e a menção honrosa da Semana Paulistana do Curta Metragem 2016, do Centro Cultural São Paulo. Também participou de diversos festivais nacionais e internacionais como: BFI Flare (Reino Unido), Reel Affirmations 2016 (Estados Unidos), entre outros¹⁸. Já *Sangro* (2019) ganhou diversos prêmios como: Silver Hugo¹⁹ de Melhor Filme de Animação no Festival de Chicago em 2019, “Melhor Curta-metragem Brasileiro” e “Melhor Documentário” no Anima Mundi 2019, etc.²⁰ Além disso, foi selecionado para mais de 70 festivais internacionais, entre eles o Festival de Animação de Annecy.

Outra temática fortemente discutida nessas duas últimas décadas são reflexões acerca da identidade e da representação amarela.

Representação e representatividade

Para discutir sobre representação asiática no audiovisual brasileiro é importante certa contextualização: segundo Lesser (apud ANDRÉ, 2022, p. 50), até a década de 1960 não havia a presença de nipo-brasileiros em filmes brasileiros não relacionados à comunidade, no entanto, esse cenário mudou quando os imigrantes japoneses passaram a habitar os arredores da cidade de São Paulo. Sendo que o primeiro filme brasileiro com personagem *nikkei* de maior importância para o enredo, foi *Noite Vazia* (1964), dirigido

16 Fonte: <https://alenakahara.myportfolio.com/copia-de-sumo-brasileiro>. Acesso em: 15 de março de 2024.

17 Muestra Internacional de Cine y Diversidad Sexual (Espanha)

18 Mostra Curta O Gênero - 2016 (Brasil); Espacio Queer Film Fest 2016 (Argentina); Florence Queer Festival (Itália); International Queer Migrant Film Festival (Holanda)

19 Fontes: <https://eventos.sp.senac.br/atividade/sessao-2-encontro-com-o-cineasta-tiago-minamisawa-diretor-e-produtor-do-curta-metragem-sangro/>. Acesso em: 15 de março de 2024. <https://festivaldegramado.net/pacarrete-leva-oito-kikitos-e-arrebata-o-47o-festival-de-cinema-de-gramado/>. Acesso em: 15 de março de 2024.

20 “Prêmio Itamaraty de Melhor Curta-metragem”, no Festival Kinoforum 2019; “Melhor Filme do Júri Popular” no Festival de Vitória e um “Kikito” no Festival de Cinema de Gramado 2019, por melhor direção de arte.

por Walter Hugo Khouri. Porém a personagem é creditada apenas como “Gueisha”, prática comum em diversas produções audiovisuais – não nomear personagens asiáticos, identificando-os com estereótipos “gueisha”, “lutador de karatê”, “sushman” ou com termos como *nikkei*, *nissei* etc – como é o caso de outra personagem interpretada por Célia Watanabe em *Meu Japão Brasileiro* (1965), que apesar de ser uma personagem de certa relevância na trama, é creditada apenas como *nissei*.

Segundo Ricardo Osiro em sua dissertação de mestrado *O ator amarelo: imaginário asiático-brasileiro em cena* (2021), “População minoritária na sociedade brasileira, os asiático-descendentes representam a si mesmos a partir de um imaginário que os não asiático-descendentes lhes conferem”, sendo assim, os nipo-brasileiros e asiáticos no geral, são representados a partir de como pessoas não asiáticas imaginam que sejam pessoas asiáticas, caindo em esteriótipos esdrúxulos como citados anteriormente ou sendo usados termos amplos que se referem a denominações do grau de descendência como *nikkei*, *nissei* etc. Isso quando não acontece do personagem ter o mesmo nome do ator, como foi o caso (OSIRO, 2021, p. 57) que ocorreu com a atriz Midori Tange, quando sua colega de cena Yoná Magalhães não conseguiu lembrar o nome da personagem e a chamou de Midori, transformando-se no nome da personagem permanentemente.

Inclusive, Ricardo Osiro narra no capítulo 3.1 Ator Amarelo (p.67), todas as dificuldades de ser um ator asiático no Brasil, e como existe não apenas a falta de representação asiática no cenário audiovisual brasileiro, como existem diversas representações problemáticas e preconceituosas, vide a forma como personagens asiáticos são nomeados. Um exemplo que ilustra muito bem esse panorama das representações nipo-brasileiras em novelas é o caso de *Yoshico, um Poema de Amor* (1967), o qual existe, ao mesmo tempo, o pioneirismo de ser a primeira novela brasileira a ter uma protagonista amarela – interpretada por Rosa Miyake – quanto a problemática de *yellowface*²¹, pois não tinham escalado mais nenhum ator amarelo, o que fez com que os demais personagens asiáticos fossem interpretados por atores brancos. E esse foi o caso do personagem que era pai de Yoshico – Kawabata-san – interpretado pelo ator Ednei Giovenazzi que não possuía ascendência asiática e “precisava²² usar maquiagem pesada para se transformar no chefe da família tradicionalmente japonesa”. Outro fato curioso relacionado à novela, foi que por conta da repercussão positiva do título do canal Tupi, outra emissora (Rede Globo) resolveu lançar *A Sombra de Rebeca* (1967), contendo um romance interracial também, porém não obteve o mesmo sucesso e causou estranhamento ao colocarem Yoná Magalhães como japonesa, ocasionando em outra prática de *yellowface*. A próxima protagonista amarela só viria 50 anos depois,

21 “a prática de atores brancos vestindo maquiagens exageradas e fantasias que servem como uma representação caricata de trajes tradicionais da Ásia.” - *imdiversity.com*. Acesso em: 29 de dezembro de 2023

22 Fonte: <https://www.caixadesucessos.com.br/2021/09/rosa-miyake-primeira-nipo-brasileira.html?m=1>. Acesso em: 10 de junho de 2024

em *Malhação - Viva a Diferença* (2017), com Ana Hikari interpretando uma das cinco protagonistas da novela.

Outro caso problemático envolvendo representações amarelas em novelas foi o que ocorreu em *Sol Nascente* (2016), escrita por Walther Negrão, Suzana Pires e Júlio Fischer. A trama principal tinha como foco uma família nipo-brasileira e a comunidade nipo-descendente, porém houve tanto a escalção do ator Luís Melo que possui ascendência italiana e indígena para o papel do japonês Tanaka, quanto a escalção de Giovanna Antonelli como protagonista da novela, mesmo que a escolha mais coerente à trama da história fosse a escalção de uma atriz amarela. Segundo Osiro (2021, p. 59), o Bunkyo – instituição representativa da comunidade japonesa – contestou a escolha, e a presidente da instituição na época, Harumi Arashiro Goya, “manifestou que gostaria que atores japoneses e descendentes fossem valorizados e que houvessem mais oportunidades.” Mesmo assim, a novela seguiu sem mudanças, e depois foi revelado em uma entrevista, que houve uma prática de *whitewashing*²³, já que os atores Ken Kanneko e Danni Suzuki estavam escalados para os respectivos papéis.²⁴ O que fez com que esse caso se tornasse ainda mais controverso, já que os papéis principais foram tirados desses atores amarelos, em um panorama onde atores amarelos têm pouquíssimas oportunidades.

Representações artísticas, segundo Mikhail Bakhtin (apud Shohat e Stam, 2006, p. 265):

“não se referem ao “mundo” mas representam suas linguagens e discursos. Em vez de refletir diretamente o real, ou mesmo refratar o real, o discurso artístico constitui a refração de uma refração, ou seja, uma versão mediada de um mundo sócio-ideológico que já é texto e discurso.”

Logo, representações artísticas representam uma rede de signos endereçada por sujeitos e para sujeitos, todos imersos nas circunstâncias históricas e nas contingências sociais, fazendo com que eles dependam de seus contextos histórico-sociais e não possam ser considerados neutros e imparciais. Portanto, retornando à introdução, a delegação de vozes que criam tais representações artísticas são muito importantes, mas além delas, a possibilidade de ser ver representado de maneira mais próxima da realidade é igualmente importante. Para isso é necessário entender o conceito de representatividade, que para o teórico e pesquisador espanhol José A. Sánchez (apud DESS, 2022, p.6), é:

23 substituir personagens fictícios ou históricos, de biotipo não branco, por biotipo da cor branca

24 Danni Suzuki contou em entrevista: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/feito/2020/09/01/representatividade-oriental-nas-novelas-da-globo.htm>. Acesso em: 29 de dezembro de 2023

O reunir os traços ou características que se consideram comuns de um conjunto de coisas ou pessoas, ou que definem um grupo ou uma série de coisas ou pessoas. Trata-se do alto grau de coincidência entre como nos representamos mentalmente ou imaginariamente algo e a realização dessa imaginação em um objeto, situação ou pessoa (Sánchez, 2017,p.62).

Seguindo essa linha de raciocínio, representatividade seria a capacidade de encontrar sua representação mental em outro indivíduo. E se colocarmos de forma coletiva, seria o processo estético no qual, primeiramente nos entendemos como coletividade a partir de características que sejam socialmente significativa para o nosso grupo – como cor de pele, orientação sexual, classe social, gênero, etnia etc – para posteriormente, ao avistarmos um indivíduo com tais características, reconhecermos nele um representante do grupo. Sendo assim, representatividade no sentido estético reforçaria a ideia de grupo e de pertencimento. Tal noção perpassa além do aspecto estético, e se estende para o campo político e legal, como colocado por Dess (2022, p.8):

“podemos entender o conceito de representatividade, no contexto brasileiro, como a qualidade que, ao mesmo tempo, gera e é gerada por um organismo representativo quando esse adquire a capacidade de representar esteticamente, politicamente e socialmente determinada coletividade, sendo essa coletividade, na maioria das vezes, um grupo social minoritário. “

Logo, o engajamento do movimento amarelo no Brasil, atualmente, é de extrema importância, tanto pelo aspecto individual e pessoal de se sentir representado por alguém parecido com você, como também para que mudanças possam ser feitas no cenário audiovisual brasileiro: em relação a representações errôneas/preconceituosas e em relação à ausência de representatividade amarela no cenário como um todo. Iniciativas como: o Oriente-se²⁵, um coletivo de atores profissionais brasileiros de ascendência oriental, o qual produz uma quantidade notável de trabalhos audiovisuais, colocando não apenas atores amarelos, como também membros da equipe técnica nas produções, são essenciais e um grande exemplo de como essas transformações podem ser alcançadas.

Os títulos do Coletivo Oriente-se que possuem temática ligada à nipo-descendência são: *Banzai* (2018), baseado na obra teatral *Banzai Brasil* que discute a interculturalidade entre o Japão e o Brasil; *Dekassegui* (2018), que aborda o impacto da experiência de trabalhar como *dekassegui*; *Dr. Moretti* (2018) e *Novela Bíblica* (2018), que são dois curtas-metragens humorísticos que discutem representações e representatividade amarela dentro do audiovisual. Além de outras produções que

25 Os atores que fazem parte desse coletivo são: Carla Passos, Cristina Sano, Edson Kameda, Elliane Higa, Gilberto Kido, Gustavo Yamazaki, Ligia Yamaguti, Lina Tag, Kazue Akisue, Keila Fuke, Marcos Miura, Raquel Higa e Tame Louise.

não possuem a nipo-brasilidade como temática central, mas que possuem o objetivo de ampliar as possibilidades de papéis e trabalhos para atores amarelos em trabalhos diversos, não apenas restritos a assuntos relacionados à comunidade *nikkei*, como: *Nem Morto* (2016), *Marilyn* (2016), *A caixa* (2022), etc²⁶. Com destaque maior para o curta-metragem, *A caixa* (2022), estrelado por Cristina Sano, Kazue Akisue e Ligia Yamaguti, o qual ganhou diversos prêmios como: Silver Award Best Crime Short: Independent Shorts Awards 2018 e Prêmio de Melhor Direção por Renata Jession, no Festival de Cinema de Muriaé 2018. Além de ser selecionado por cerca de 11 festivais internacionais e nacionais.

Outra iniciativa que tem como objetivo fortalecer a representação amarela no cenário audiovisual é o Projeto Somos Brasileiros²⁷, um grupo formado por artistas amarelos diversos (atores, diretores, cantores etc), cujo objetivo é desmistificar preconceitos e criar uma rede de apoio para divulgação e indicação de trabalhos. O próprio nome do grupo reivindica o direito de não ser tratado como estrangeiro, e de poderem ser reconhecidos como artistas brasileiros no cenário artístico nacional. E ele parece estar dando frutos, já que a atriz Jacqueline Sato produziu, e apresentará o programa Mulheres Asiáticas, no canal E!,²⁸ com previsão de estreia para 2024. Assim como a atriz Bruna Aiiso que criou o canal no Youtube *Brasileiros com Bruna Aiiso*, no qual ela convida e entrevista artistas de ascendência asiática.

Podemos também observar a potência desses atores amarelos em títulos como: *A conta-gotas* (2021), o qual ganhou diversos prêmios, incluindo o prêmio Best Duo on Screen, no Festival Internacional de Filmes de Varese 2021, para Ligia Yamaguti e Yoshida Jorge Filho; *Penélope* (2021), com o Prêmio de Melhor atriz para Lina Agifu, no Festival Curta Taquary 2022; *Copa 181* (2017), com vários prêmios, incluindo o de Melhor ator - Longa Nacional para Carlos Takeshi, no 3º Fest Cine Pedra Azul - 2020. Esses prêmios são resultados do trabalho árduo desses artistas e de suas respectivas equipes, mas as chances e oportunidades para conseguir papéis em projetos diversos audiovisuais podem ter sido os frutos colhidos por iniciativas como o Coletivo Oriente-se e o Projeto Somos Brasileiros.

26 *Sem Noção* (2016); *Nadir* (2016); *Indecisões* (2016); *Festa* (2017); *Família Perfeita* (2017); *O pedido* (2017); *Presente* (2017); *Carnaval* (2018); *Alguém Especial* (2018); *A Noiva* (2018); *Uma Noite Inesquecível* (2018); *Post-it* (2018); *Tem que durar pra Sempre* (2018); *Surpresas* (2018); *Favorzinho* (2018); *Herança* (2019) e *Mãe de Miss* (2019)

27 Artistas como: Daniel Uemura, Carla Matsumoto, Edson Kameda, Aya Matsusaki, Carlos Takeshi, Mauro Souza, Arthur Toyoshima, Pamela Yuri, Miwa Yanagizawa, Tati Takiyama, Jacqueline Sato, Henrique Kimura, Cláudia Okuno, Bruno Kimura, Cristina Sano, Eloise Yamashita, Bruna Aiiso, Chan Suan, Julia Shimura, Keila Fuke, Beatriz Diaféria, Chao Chen, Pedro Ogata, Tame Louise, Ligia Yamaguti, Lumi Kin, Caio Mutai, Yohama Eshima, Raquel Higa, Ana Hikari, Luana Tanaka e Marcos Miura fazem parte desse projeto.

28 <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/atitude/atriz-arregaca-as-mangas-e-cria-programa-sobre-representatividade-amarela-na-tv-112625>. Acesso em: 29 de dezembro de 2023.

Outros títulos que discutem representação e identidade são: a websérie *Nipobrasileiros* (2019), que aborda as diferentes trajetórias profissionais de nipo-brasileiros; *Imagem* (2020), de Hugo Katsuo, discute a imagem e representação do corpo amarelo; *Onde as ondas quebram* (2023), dirigido por Inara Chayamiti, discute questões sobre pertencimento; o videoclipe *Gaijin* (2023), aborda a questão de ser tratado como estrangeiro dentro do próprio país.

Por fim, ainda relacionado à representatividade, é importante destacar: o trabalho de Tako-x ou Edson Takeuti, já que ele é, provavelmente, o primeiro cineasta nipo-brasileiro a dirigir o gênero de super-herói com os títulos *O Ovo ou a Galinha - Uma Aventura do Gralha* (2002) e *O Gralha e o Oil-Man - Um Encontro Explosivo* (2004); e o trabalho de Edson Oda em *Nine Days* (2020), por ser um diretor nipo-brasileiro estreando um filme em Hollywood, recebendo prêmios internacionais.

A única certeza sobre essa nova fase é que ela ainda está sendo construída, e só poderemos classificá-la de forma mais definitiva no futuro. Porém é possível afirmar que, assim como nas fases anteriores, o contexto social a moldou, e como panorama atual é permeado por questões sociais, são elas que impulsionam grande parte desses novos títulos: seja pela temática principal das obras ser relacionada à pautas sociais, seja pelo fato de que as movimentações em busca de mais representatividade e de melhores representações por parte dos artistas possibilite o nascimento de novas obras.

4. Conclusão

Se iniciei esse projeto de pesquisa com sentimentos de insatisfação e angústia por não encontrar com facilidade produções audiovisuais relacionadas a nipo-brasilidade, eu concluo esse artigo com sentimento de esperança. Mesmo que ainda haja um longo caminho a ser percorrido e muito trabalho a ser feito. Mesmo que 112 títulos não sejam uma quantidade tão significativa. Pensar sobre o panorama geral do audiovisual nipo-brasileiro me fez perceber, com ainda mais clareza, como as produções cinematográficas são frutos de seus contextos e realidades, e como o momento atual é esperançoso.

Se a primeira fase foi focada em registro e documentação da imigração; a segunda fase em auto-representação; a terceira fase em abordar a emigração; essa nova fase pode criar um cenário de maior liberdade criativa para esses artistas, já que eles estão não apenas se questionando sobre representação, mas sobre as formas de como alcançá-la. Como colocado por Shohat e Stam (2006, p. 265) na Introdução, a arte é uma representação em um sentido de delegar vozes, e esses artistas estão buscando esse espaço no qual eles possam ser ouvidos. As primeiras fases foram essenciais para entender a produção cinematográfica, e foram elas que pavimentaram o caminho. Agora esses novos artistas podem trilhá-lo com mais liberdade, e podem experimentar e testar formas diferentes de produzir e contar histórias.

Se a maior parte dos filmes do cenário *nikkei* buscava retratar aspectos das vivências de ser um nipo-brasileiro, esse novo caminho de refletir sobre a representação possibilita que os cineastas brinquem mais com a ficção. Como pode ser observado em obras que exploram o folclore como: *Hannya* (2015), *Oni* (2017), *Kanazawa* (2017), *Spectros* (2020). Ou como observado nos títulos ficcionais produzidos pelo Coletivo Oriente-se.

E o fato de o caminho já ter sido pavimentado possibilita que histórias que já foram contadas anteriormente, possam ser revisitadas com um olhar novo. Como é o caso de *Okinawa/Santos* (2020), que investiga o momento durante a Segunda Guerra Mundial no qual autoridades brasileiras expulsaram imigrantes japoneses okinawanos da cidade portuária de Santos; ou como a temática relacionada à família, conteúdo tão comum em filmes do cenário *nikkei*, possa ser abordada por outros vieses, como é o caso de *Batchan* (2013), no qual Hugo Katsuo observa como sua avó exercita sincretismo religioso; ou em *Batchan* (2020), onde Ester Harumi Kawai aborda a deficiência auditiva de sua avó e as formas de comunicação existentes nesse processo.

Apesar de haver um longo caminho pela frente, pensar nos pequenos progressos e mudanças faz com que seja possível olhar para a história traçada com esperança. E pensar que esse artigo é um desses pequenos progressos e que, talvez algum dia, ajude a compor um cenário de mudança, alimenta ainda mais esse sentimento.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, P. de; ALVES, J.; SILVA, D. Cinedemografia: migração no cinema brasileiro. *Plural, [S. l.]*, v. 27, n. 1, p. 168-190, 2020. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.peso.2020.171533. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/171533>. Acesso em: 6 maio. 2023.
- ANDRÉ, Heloisa Keiko Saito. A memória da imigração japonesa nos filmes Gaijin: Caminhos da Liberdade e Gaijin: Ama-me Como Sou. 2022. 133p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2022.
- CESARO, Caio Julio. Preservação e restauração cinematográficas no Brasil: a restauração do acervo de Hikoma Udiara. 2007. 336p. Tese (Doutorado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 2007.
- DAFLON, Verônica Toste; JÚNIOR, João Feres. Cor e gênero no cinema comercial brasileiro: uma análise dos filmes de maior bilheteria. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.36, n.106, p. 1-21, 2021.
- DESS, Conrado. Notas sobre o conceito de representatividade. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 43, p. 1-30, 2022. DOI: 10.5965/1414573101432022e0206. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21115>. Acesso em: 9 jun. 2024.
- HOLANDA, K. Pegadas do cinema de Olga Futemma. *Lumina, [S. l.]*, v. 14, n. 2, p. 171-185, 2020. DOI: 10.34019/1981-4070.2020.v14.29758. Disponível em: <https://periodicos.ufjf>.

br/index.php/lumina/article/view/29758. Acesso em: 15 mar. 2024.

KISHIMOTO, Alexandre; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. Nikkeis no Brasil, de kasseguis no Japão: identidade e memória em filmes sobre migrações. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 79, p. 144–164, 2008. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i79p144-164. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13701..> Acesso em: 9 jun. 2024.

OSIRO, Ricardo. O ator amarelo: imaginário asiático-brasileiro em cena. 2021. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/D.27.2021.tde-29042022-093735. Acesso em: 2023-12-29.

NAKAHARA, Alexandre. **Brasileiros no cinema japonês: espaço, realismo e utopia.** 2019. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.27.2019.tde-16022021-130302. Acesso em: 2024-06-09.

NAKAMURA, Mariany Toriyama. **Memória e identidades nipo-brasileiras: cultura pop, tecnologias e mediações.** 2013. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.27.2013.tde-31012014-160015. Acesso em: 2024-06-09.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 528 p.

SOUSA, Bárbara Léia Lopes de. A importância da representatividade para os grupos minoritários: uma revolução na construção de identidades. 2020. 66p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

WU, Julia Mi Na. **Estado em criação: o nipo-brasileiro no audiovisual.** 2022. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/D.27.2022.tde-19092022-161941. Acesso em: 2024-06-09.

XAVIER, Nilson. Yoshico, um Poema de Amor. In: Teledramaturgia. Disponível em <<https://teledramaturgia.com.br/yoshico-um-poema-de-amor/>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2023

REDAÇÃO. Pedro Ogata, ator asiático de ‘Os Outros’, pede representatividade nas produções brasileiras. In: Folha de S. Paulo - f5 Entretenimento e Cultura pop na Folha. São Paulo, 23 de julho de 2023. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2023/07/pedro-ogata-ator-asiatico-de-os-outros-pede-representatividade-nas-producoes-brasileiras.shtml>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2023

FEFITO. Caso Danni Suzuki abre discussão sobre representação oriental nas novelas. In: SPLASH UOL. 01 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/fefito/2020/09/01/representatividade-oriental-nas-novelas-da-globo.htm.>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2023

- Imagens relatam aproximação. In: Folha de S. Paulo. São Paulo, 19 de outubro de 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/19/caderno_especial/22.html>. Acesso em: 29 de dezembro de 2023
- LIMA, Débora. Atriz arregaca as mangas e cria programa sobre representatividade amarela na TV. In: Notícias da TV - UOL. 21 de dezembro de 2023. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/atitude/atriz-arregaca-as-mangas-e-cria-programa-sobre-representatividade-amarela-na-tv-112625>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2023
- FELPERIN, Leslie. Saudade. In: Variety Film Reviews. EUA, 22 de agosto de 2011. Disponível em: <<https://variety.com/2011/film/reviews/saudade-1117945862/>>. Acesso em: 18 de março de 2024
- KUBOTA, Marília. 28 KINEMA - Programação da Mostra de Cinema Nikkei. In: Revista Memai. 17 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://revistamemai.wordpress.com/2013/10/17/noticia-programacao-da-mostra-de-cinema-nikkei/>>. Acesso em: 20 de setembro de 2024
- Mostra de Filmes: O novo Cinema Nipobrasileiro. In: site Curso de Letras - Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Amazonas. 31 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://letrasjapones.ufam.edu.br/ultimas-noticias/262-mostra-de-filmes-o-novo-cinema-nipobrasileiro.html>>. Acesso em: 20 de setembro de 2024
- KISHIMOTO, Alexandre. Nikkeis no Brasil - Olhares sobre 100 anos de imigração japonesa. In: Cinusp Paulo Emílio. Agosto de 2008. Disponível em: <http://200.144.255.199/mostra/2008/08/nikkeis_no_brasil_olhares_sobre_100_anos_de_imigracao_japonesa>. Acesso em: 20 de setembro de 2024

ANEXO

LISTA PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS COM TEMÁTICAS RELACIONADAS A NIPO-BRASILIDADE

TÍTULO	ANO	DIREÇÃO	LINKS
Japoneses Apanhando Café Nas Fazendas Paulistas	1908		
A Sericultura, o Bicho da Seda	1923		
Japoneses No Brasil	1936	Eisaku Sato	
Turistas Japoneses no Rio	1936		
A Cooperação Japonesa Na Agricultura Paulista	1936		
Nacao Gonsiro	1949	Jean Mazon	
Colonos Japoneses	1951-1960	Silvino Santos	
O Novo Eldorado	1952		
E a Paz Volta a Reinar	1955	Yoshisuke Sato	

Cooperação	1963	Luiz Paulino dos Santos	
Meu Japão Brasileiro	1964	Glauco Mirko Laurelli	
Yoshico, um Poema de Amor	1967	Antônio Abujamra	
Isei Nisei Sansei	1970	Alfredo Sternheim	
Sob As Pedras Do Chão Sob As Pedras Do Chão : Bairro Da Liberdade	1973	Olga Futemma	
Regina e o Dragão de Ouro	1973	Libero Miguel	
Bon Odori	1973	Lael Rodrigues e Tizuka Yamasaki	
Gaijin - Os Caminhos da Liberdade	1980	Tizuka Yamasaki	
Okinawa, Okinawa	1980	Olga Futemma	
Retratos de Hideko	1981	Olga Futemma	

Hia Sa Sa - Hai Yah	1985	Olga Futemma	
Caminho da Memória	1988	Olga Futemma	
Chá Verde e Arroz	1989	Olga Futemma	
Filha Única	1993	Claudio Yosida	
O Pôr do Sol	1996	Claudio Yosida	
The City of Lost Souls	2000	Takashi Miike	
Shoko Suzuki: cerâmica e tradição	2000	Cacá Vicalvi	Curta-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=DiMJC53Ujrk
Tomie Ohtake: o traço essencial	2000	Cacá Vicalvi	Curta-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=u248a1_5Gog

Los hijos del sol	2002	Marcela Cuneo	
À Flor da Pele	2002	Bettina Turner	Média-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=ZaOr9bIQ3HQ
Kumiai: A Imigração Japonesa Em Campo Grande	2002	Ana Priscila Moraes Sandim Leticia Mayumi Yamasaki	

Cartas	2004	Helio Ishii	Longa-metragem: https://helioishii.wordpress.com/2005/06/02/cartas-completo/?authuser=0
YUBA: Perto da Utopia	2004	Juliana Kiyomura Moreno e Na Rae Lee	
Gambarê Entrelinhas - Liberdade ou Gambarê	2003/2005	José Carlos Lage	
Gaijin - Ama-me como Sou	2005	Tizuka Yamasaki	
Haru e Natsu: As cartas que não chegaram ハルとナツ 届かなかった手紙<Haru to Natsu todokanakatta tegami>	2005	Kenji Tanaka	
Nipo Brasil - O Jeito Japonês de Ser Brasileiro	2005	Roberto Manhães Reis, Viola Scheuerer	Longa-metragem: https://www.virofilm.ch/portugu%C3%AAs/filmes/nipo-brasil/
Arigatô - um olhar sobre a imigração japonesa em Campo Grande	2005	Maristela Yule	
Tori	2006	Andréa Midori Simão & Quelany Vicente	Curta-metragem: https://vimeo.com/10976663 -

Um Senhor Do Brasil Visitando Brasileiros No Japão A Grandpa From Brazil	2008	Nanako Kurihara	Site: http://nanakokurihara.com/about/ -
Mundo Nikkei - Os Brasileiros do Outro Lado do Mundo	2008	Yuri Sanada	
Dang kou Plastic City: Cidade de Plástico	2008	Nelson Lik-wai Yu	
Ypê Nakashima, pioneiro da animação	2009	Helio Ishii	Documentário: http://ypenakashima.blogspot.com/ -
Formigas	2009	Caroline Okoshi Fioratti	Curta-metragem: https://vimeo.com/37040206 -
Do Brasil Para O Japão From Brazil To Japan	2009	Aaron Litvin e Ana Paula Hirano Litvin	
Os Japoneses no Vale do Ribeira	2010	Chico Guariba	
Re-entry Permit – Crianças Retornáveis	2010	Helio Ishii	Curta-metragem: https://helioishii.wordpress.com/201

			0/03/15/re-entry-permit/
Haruo Ohara	2010	Rodrigo Grota	Curta-metragem: https://rodrigogrota.com/Haruo-Ohara
Où est le soleil	2011	Claire-Sophie Dagnan	
Corações Sujos	2011	Vicente Amorim	
Tokiori - Dobras do Tempo	2011	Paulo Pastorelo	
Saudade	2011	Katsuya Tomita	Site: https://www.saudade-movie.com
O samurai de Curitiba	2011	Roberval Machado e Jose Padilha	
Perigo Amarelo - O Lado B da Imigração Japonesa	2011	David Leal e Mauro Gil	
Peixinho Mágico Akaneiro no yakusoku: Sanba da kingyo Goldfish Go Home ‘茜色の約束 サンバ d o 金魚’	2012	Shôhei Shiozaki	

Yami no Ichinichi - O Crime que abalou a Colônia Japonesa no Brasil	2012	Mario Jun Okuhara	Longa-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=QDf_egB3MG4&list=PL506468E9803430B1&index=6 -
Andorinhas Solitárias (Kodokuna tsubametachi)	2012	Mayu Nakamura (Japonesa)	
Brasil no Nippon ブラジルノニッポン	2013	Yasuyuki Wakao (Japonês)	Longa-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=pUVxjil1Z20
Sumô Brasileiro	2013	Alexandre Nakahara	Curta-metragem: https://alenakahara.myportfolio.com/sumo-brasileiro
Estação Liberdade	2013	Caito Ortiz	
Batchan	2013	Gabriel Carneiro	Curta-metragem: https://vimeo.com/63105604
Os Sapatos de Haruka	2014	Walter Junior	
Tomie	2014	Tizuka Yamasaki	Média-metragem: https://youtu.be/x_cA_c6UcOg
Jardim Tóquio	2014	Rodrigo Grota	
Sobá, Trilhos e Silêncio	2014	Miguel Horta	

O Nadador: A História de Tetsuo Okamoto	2014	Rodrigo Grotta	Site: https://rodrigogrotta.com/O-Nadador
Hannya	2015	Diogo Hayashi	Site: https://www.diogohayashi.com/hannya
Tomie Ohtake	2015	Helio Goldsztejn	Média-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=MfTKcNr9RU8&t=877s -
Sol Nascente	29 de agosto de 2016 – 21 de março de 2017	Direção-geral: Leonardo Nogueira e Marcelo Travesso	
Okama - vozes LGBT nipo-brasileiras	2017	Felipe Higa	Curta-metragem: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=RLp2Ddaz0uc
Oni	2017	Diogo Hayashi	Site: https://www.diogohayashi.com/oni
Kanazawa	2017	Diogo Hayashi	Videoclipe: https://www.diogohayashi.com/kanazawa-music-video
One Day We Arrived	2017		Site:

in Japan		Ana Paula Kojima Hirano Aaron Litvin	https://onedaywearrivedinjapan.com
Malhação: Viva a Diferença	8 de maio de 2017 - 5 de março de 2018	Paulo Silvestrini	
Mare Nostrum	2018	Ricardo Elias	
Banzai	2018	Patrícia Heit	Curta-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=Xvoq4eaXnc0
Dr. Moretti	2018	Gabriel Mussolino Gustavo Yamazaki	Curta-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=lxHN7q3c
Novela Bíblica	2018	Alzira Andrade Gabriel Mussolino	Curta-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=1Euq7ZYT2o
O Perigo Amarelo Nos Dias Atuais	2018	Hugo Katsuo	Site: https://hugokatsuo.46graus.com/o-perigo-amarelo-nos-dias-atuais/
Dekassegui	2018	Rene Brasil	Curta-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=DzeA025bq7w
Tempo de Ir, Tempo de Voltar	2018	Pedro Nishi	Facebook oficial: https://www.facebook.com/tempodejrvoltarfilme?locale=pt_BR

Liberdade	2018	Pedro Nishi Vinícius Silva	Curta-metragem: https://vimeo.com/480522585 -
Brasil De Imigrantes - Episódio 5 (Sakura)	2019	Maria Carolina Telles, David Vaz	
NipoBrasileiros	2019	Diego da Costa, Alexandre Nakahara e Pedro Tinen	Websérie: www.nipobrasileiros.com
Baachan	2019	Mariana Volpato Suzuki	
Lembro Mais dos Corvos	2019	Gustavo Vinagre	Site: https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/lembro-mais-dos-corvos/
Imagem	2020	Hugo Katsuo	Curta-metragem: https://hugokatsuo.46graus.com/imagem/
Muito Prazer	2020	Jengil Park (nipo-coreano)	
Spectros	2020	Douglas Petrie	
Okinawa/Santos	2020	Yoju Matsubayashi (Japonês)	
Aos Cuidados Dela	2020	Marcos Yoshi	Curta-metragem: https://embaubaplay.com/catalogo/aos-cuidados-dela/

Batchan	2020	Hugo Katsuo	Curta-metragem: https://vimeo.com/385337225 Site: https://hugokatsuo.46graus.com/batchan/
Batchan	2020	Ester Harumi Kawai	
Sayonara	2021	Chris Tex	Curta-metragem: https://www.youtube.com/watch?v=SYcJcaJkIg&t=1s
Nós Não Somos “Gaijin”! - A história dos 30 anos de risos e lágrimas dos brasileiros no Japão 「ワタシたちは ガイジンじゃない! 日系ブラジル人 笑いと涙の30年」	2021	Takeshi Kawakami	Documentário: https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/pt/ondemand/video/3016104/ -
A Princesa Yakuza	2021	Vicente Amorim	
Bem-vindos de Novo	2021	Marcos Yoshi	Site: https://embaubafilmes.com.br/distribuicao/bem-vindos-de-novo/
Namidá	2022	Renata Jesion	
Da Ficção	2022	Hugo Katsuo	Curta-metragem: https://hugokatsuo.46graus.com/da-ficcao/

Lembranças Construídas	2022	Glaucia Tiemi	
Kokoro to Kokoro	2022	André Hayato Saito	Site: https://www.andrehayatosaito.com/kokoro
Vento Dourado (fase pós-produção)	2022	André Hayato Saito	Site: https://www.andrehayatosaito.com/ventodourado
ファミリア (Família)	2023	Izuru Narushima (Japonês)	
Onde as ondas quebram	2023	Inara Chayamiti	Site: https://www.ondeasondasquebram.com
Gaijin	2023	Luca Okido	Videoclipe: https://www.youtube.com/watch?v=xs_wdeqzRv0
Liberdade Não É Só Japão	2023	Alexandre Kishimoto	Documentário: https://www.youtube.com/watch?v=h9r7zt42GJU
Sakaki (fase de produção)	2023	Alexandre Nakahara	Site: https://alenakahara.myportfolio.com/sakaki-2023
Kabuki (Fase de produção)		Tiago Minamisawa	
Yellow Chrysanthemum (Fase de produção)		André Hayato Saito	Site: https://www.andrehayatosaito.com/crisantemoamarelo
Amarela (Fase de produção)		André Hayato Saito	
Abra os olhos (fase de produção)		Caroline Naomi Tanaka	Instagram: https://www.instagram.com/doc.abraosolhos/
Gatos da Lua (fase de produção)		Thamires Yumie Utiyama Kaneko	

LISTA FILMES DO HIKOMA UDIHARA

TÍTULO	ANO
PANORAMA CIDADE DE SÃO PAULO	1927
UDIHARA. 27.04.1934 - SÍTIO DE OHARA-TOMITA - COLHEITA DE ALGODÃO	1934
UDIHARA. 15.06.35 - PANORAMA DA CIDADE DE LONDRINA...	(1935-1939)
UDIHARA. 23.05.37 - AEROPORTO PALHANO	1937
UDIHARA. 07.09.1937 - 07.09.1938	(1937-1938)
UDIHARA. 27.01.37 - INAUGURAÇÃO DA COMARCA DE LONDRINA	(1937-1938)
UDIHARA. 17.03.1938 - BATIZA ... OS AUTOMÓVEIS	1938
UDIHARA. PLANTAÇÕES	1938
UDIHARA. 29.07.1942 - INAUGURAÇÃO DO PAÇO MUNICIPAL	1942
UDIHARA. UNDOKAI EM MARINGÁ	1944
UDIHARA. COOPERATIVA AGRÍCOLA MIXTA DE LONDRINA	1945
UDIHARA. DESFILE NA COLÔNIA ESPERANÇA	1947
UDIHARA. VISITA DO CONSUL JAPONÊS A LONDRINA	1947
UDIHARA. CIDADE DE LONDRINA	1947
UDIHARA. BRINDE	1947

UDIHARA. CIRCO GARCIA EM MARINGA	1948
UDIHARA. PIQUENIQUE E CHURRASCADA	1948
UDIHARA. FACHADAS DE BANCOS	1948
UDIHARA. UMA FESTA DE ANIVERSARIO	1948
UDIHARA. CASA DE MUREER E DESFILE ESCOLAR	1948
UDIHARA. ENCONTRO DE CONGREGAÇÕES MARIANAS	1948
UDIHARA. CARTAZES E ONIBUS	1948
UDIHARA. BISPO EM NOVA ESPERANÇA	1948
UDIHARA. PASSEIO EM JARDIM JAPONES	(1948-1951)
UDIHARA. VISITA DO MAJOR BELLINI	1949
UDIHARA. UNDOKAI E CURITIBA	1949
UDIHARA. FESTA DE IMIGRANTES JAPONESES	1949
UDIHARA. INAUGURAÇÃO DE PRÉDIO DO CORREIO	1949
UDIHARA. COMPETIÇÃO DE SUMÔ	1949
UDIHARA. PLANTAÇÕES E CASAMENTO	(1949-1953)
UDIHARA. COMPANHIA REAL DE AVIAÇÃO	1951
UDIHARA. VISITA DE ATLETAS JAPONESES	1951
UDIHARA. BANQUETE DO GOVERNADOR	1951
UDIHARA. SÃO JORGE HOTEL	1951
UDIHARA. BALSA DO RIO IVAÍ E AVENIDA PARANÁ	1951

UDIHARA. CERIMÔNIA EM PRAÇA PÚBLICA	1951
UDIHARA. GRUPO ARTÍSTICO - III	1951
UDIHARA. GRUPO ARTÍSTICO IDI MARU	1951
UDIHARA. MISSA CAMPAL	1951
UDIHARA. GRUPO ARTÍSTICO MATSUHARA	1951
UDIHARA. PROCISSÃO EM MARINGÁ	1951
UDIHARA. PLANTAÇÕES E CHURRASCADA	(1952-1953)
UDIHARA. PROCISSÃO E CASAMENTO	1952
UDIHARA. NAVIO KOBE MARU E COOPERATIVA AGRÍCOLA	1952
UDIHARA. JOQUEI CLUBE DE LONDRINA	1952
UDIHARA. ANIVERSÁRIO DE MARINGÁ	1952
UDIHARA. GRUPO ARTÍSTICO MATSUDA NO JARDIM PARAISO	1952
UDIHARA. NOVA ESPERANÇA - IGREJA	1952
UDIHARA. ANIVERSÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA	1952
UDIHARA. UNDOKAI	1952
UDIHARA. PADRE GUIDO DEL TORO E CARDEAL HAGUINARA	1952
UDIHARA. CRIANÇAS BRINCANDO EM ARUJÁ	1952
UDIHARA. ANIVERSÁRIO DA CIDADE E REUNIÃO DE SEXAGENÁRIOS	1952
UDIHARA. INAUGURAÇÃO DO BANCO SUL AMERICANO DO BRASIL S.A.	1953
UDIHARA. DESFILE DE ESTUDANTES	1953
UDIHARA. DANÇA JAPONESA	1953

UDIHARA. INAUGURAÇÃO DE AGÊNCIA BANCÁRIA	1953
UDIHARA. INAUGURAÇÃO DE AGÊNCIA BANCÁRIA E CARREGAMENTO DE CAMINHÃO	1953
UDIHARA. CHEGADA DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA A MARINGÁ	1953
UDIHARA. INAUGURAÇÃO DA RODOVIÁRIA DE LONDRINA	1953
UDIHARA. INAUGURAÇÃO DE FERROVIA E CASA DE UDIHARA	1954
UDIHARA. FESTA DO PÊSSEGO DE ITAQUERA	1955
UDIHARA. ANIVERSÁRIO DE ROLÂNDIA E EMBAIXADOR YASHIDO	1955
UDIHARA. COLÔNIA UNIÃO E SÍTIO DE RIKIO AKAISHI	1955
UDIHARA. DESFILE DE SETE DE SETEMBRO	1955
UDIHARA. GUAÍRA, PORTO MENDEZ E PORTO ADELA	1955
UDIHARA. VOO PANAM PARANÁ-JAPÃO	1956
UDIHARA. CUIABA	1956
UDIHARA. VISITA DE JOÃO GOULART A GOIÂNIA	1957
UDIHARA. TOSA NO YOSSA KOI BUSHI	1959
UDIHARA. TOSA NO YOSSA KOI BUSHI	1959
UDIHARA. IMAGENS DO JAPÃO	1959
UDIHARA. IMAGENS DO JAPÃO	1959
UDIHARA. IMAGENS DO JAPÃO	1959
UDIHARA. IMAGENS DO JAPÃO	1959
UDIHARA. IMAGENS DO JAPÃO	1959

UDIHARA. VIAGEM DE AVIÃO	1959
UDIHARA. IMAGENS DO JAPÃO	1959
UDIHARA. FESTA DO GOVERNADOR UDIYAMA	1959
UDIHARA. ANIVERSÁRIO DE HIKOMA	1959
UDIHARA. EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE LONDRINA	1961
UDIHARA. TRIBUNAL E RECEPÇÃO	1961

TOPÔNIMOS JAPONESES EM BASTOS: A HISTÓRIA DE IMIGRANTES EM NOMES DE LOGRADOUROS E ESTABELECIMENTOS

Luana Sayuri Lopes¹

Resumo: O presente trabalho apresenta um mapeamento e classificação toponímica das ocorrências de nomes de logradouros japoneses na cidade de Bastos. A partir desse mapeamento, foi realizada uma busca pela motivação por trás de cada nome. Ademais, para construir tal desenvolvimento, foi realizado uma contextualização do que é a Toponímia e da história da migração japonesa no Brasil e na cidade estudada, Bastos.

Palavras-chave: Toponímia; nomes de logradouros; Bastos; imigração japonesa; motivação dos nomes.

Abstract: This paper presents a mapping and toponymic classification of the occurrences of Japanese street names in the city of Bastos. Based on this mapping, a search was made for the motivation behind each name. In addition, in order to build this development, a contextualization of what toponymy is and the history of Japanese migration in Brazil and in the city studied, Bastos, was carried out.

Keywords: Toponymy; street names; Bastos; Japanese immigration; motivation for names.

1. Introdução

Todos os dias passamos por uma rua, uma avenida, uma praça, uma rotatória; seguimos nosso dia, por vezes, damos direções ou comunicamos o local em que nos encontramos por meio de seus nomes, mas alguma vez realmente nos perguntamos a motivação por trás destes?

Nomes de logradouros são tão cotidianos que chegam a passar despercebidos,

¹ É estudante de bacharel em Letras Português/Japonês na Universidade de São Paulo (USP). Bolsista do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros ano 2023-2024. E-mail: lopes.luanasayuri@gmail.com

porém, uma vez notados, abrem uma janela de oportunidade para uma melhor compreensão da história local. À vista disso, resolvi procurar uma visão nipo-brasileira dos nomes, ou seja, a presença de nomes de japoneses e de seus descendentes em logradouros, com enfoque na cidade de Bastos, com a finalidade de demonstrar a importância das marcas de sua existência em um aspecto cotidiano da sociedade escolhido devido a um sentimento de pertencimento à sociedade em que se encontravam e quão queridos foram por ela, especialmente em vista que os imigrantes japoneses são uma parte intrínseca da história dessa cidade e do dia a dia brasileiro desde sua chegada no início do século XX.

A escolha da cidade ocorreu devido ao fato de que Bastos é uma cidade criada por japoneses, cujos imigrantes e descendentes formam uma grande presença histórica e cultural, de modo que foi notável a grande quantidade de topônimos japoneses entre os topônimos totais da cidade e pela grande diversidade categorial de tais topônimos. Assim, busco encontrar a motivação das escolhas feitas por esta comunidade pelos nomes com o propósito de melhor compreender o panorama histórico do local.

2. Metodologia

Esta pesquisa possui um caráter qualitativo, de tipo de análise documental a partir do levantamento numérico dos logradouros existentes na cidade de Bastos.

Para a realização deste trabalho, foi utilizado como base os nomes dos logradouros encontrados no *website* Ruas do Brasil². Desse modo, a contagem de nomes de logradouros e sua porcentagem foi feita por mim.

O enfoque deste trabalho é a busca da motivação por trás dos nomes a partir de um levantamento numérico destes para ser capaz de os dividir em categorias, de modo a explicar mais a fundo as diferentes formas de nomeação presentes em Bastos. Através de uma pesquisa realizada na *internet*, tentando encontrar informações sobre as pessoas que foram homenageadas em nomes de ruas para ter uma melhor compreensão de quem foram, logo notei a dificuldade de saber mais sobre suas vidas, pois os resultados eram, majoritariamente, sobre os endereços em si. Assim, segui a pesquisa utilizando algumas edições de revistas da região de Bastos, tendo em mente a busca de seus moradores específicos. Para nomes que não foram encontrados nem na *internet* nem nas revistas locais, busquei registros de Bastos no acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, onde encontrei uma lista de japoneses e seus descendentes e um álbum de fotos comemorativo, que foram minhas principais fontes.

Dessa forma, a partir dos dados coletados, eles serão divididos em categorias toponímicas e serão explicadas quem foram as pessoas homenageadas, quais foram os locais de nomes transplantados e quais os eventos históricos, de modo a demonstrar a importância destas pessoas e elementos no convívio diário entre os cidadãos de Bastos e sua história local.

2 Disponível em: <<https://ruas-brasil.openalfa.com/>>.

3. Contexto Histórico³

Vale ressaltar, primeiramente, que a imigração japonesa se diferenciou em alguns pontos das outras migrações que ocorreram para o Brasil durante o início do século XX.

A motivação para a migração japonesa foi um tratado comercial entre o Brasil e o Japão assinado em 1895, visando um interesse mútuo entre os países. Neste caso, o Japão visava um alívio demográfico, e, consequentemente, o fim dos protestos que ocorriam por todo o país em prol de melhores condições de vida e trabalho, visto que, durante a Era Meiji (1868-1912) ocorreu uma grande industrialização do país, resultando na perda de muitas terras, causando uma grande tensão social. Por outro lado, o Brasil buscava mão de obra barata para suas lavouras e expandir o comércio de café para o Japão, local em que a bebida não era muito conhecida ou contemplada. Deveras, o Brasil em si não era muito conhecido pelos japoneses e apenas se tornou uma opção popular devido à proibição da entrada de nipônicos em território americano; de modo que o Brasil investiu em uma campanha publicitária que atendia as necessidades que os japoneses buscavam, apresentando um país de fácil enriquecimento e grandes extensões de terra. Até o final dos anos 1970, consta que 250 mil japoneses se dirigiram ao Brasil, sendo que dois terços destes vieram antes e, em parte, durante a Primeira Guerra Mundial (1939-1945), majoritariamente entre os anos 1925-1942.

As peculiaridades da imigração japonesa são: que ela era planejada antes de executada através das chamadas “colônias dirigidas”, extensões de terras que o Japão comprava do Brasil e eram vendidas em lotes para os japoneses. Acreditava-se que, quando os proprietários e suas famílias chegassem ao Brasil, as terras estariam preparadas para seu uso imediato. Além disso, os japoneses formaram associações, redes de contato entre eles por todo o país que promoveu um contato entre imigrantes em situação semelhantes; estes também levaram ao desenvolvimento de escolas que possuíam tanto o currículo japonês quanto o brasileiro, liga de esportes, casamentos arranjados entre os imigrantes e comemorações de datas festivas japonesas.

Comparando a migração japonesa com a migração italiana devido a grande quantidade de imigrantes italianos que migraram para o Brasil na mesma época que a primeira onda migratória japonesa, nota-se que, de acordo com o IBGE⁴, os italianos

3 SAKURAI, Célia. No Brasil. In: OS JAPONESES. 1ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 244-259.

DE OLIVEIRA, Adriana Capuano; TARELOW, Gustavo Querodia. A difícil trajetória da aceitação da imigração japonesa para o Brasil. In: SAÚDE e História de Migrantes e Imigrantes: Direitos, Instituições e Circularidades. São Paulo: [s. n.], 2014. v. V, cap. O “perigo amarelo”: imigração japonesa, eugenia e os discursos de A. C. Pacheco e Silva na assembleia constituinte (1933-1934). Disponível em: <https://www.fm.usp.br/museu/conteudo/museu_132_colecao_med_saud_hist_vol_5.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2023.

4 Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos#:~:text=A%20proximidade%20de%201%C3%ADngua%2C%20religi%C3%A3o,torn%C3%A1ssemos%20mais%20%22civiliza%20dos%22%20diante%20de%20>>. Acesso em: 02 mar. 2024

correspondiam a 42% dos imigrantes em terras brasileiras entre os anos de 1870 e 1920, ou seja, cerca de 1,4 milhões de italianos entre as 3,3 milhões de pessoas que entraram no país nesta época. Como a primeira diferença a ser apontada, os italianos não tinham um sistema de colônias dirigidas, mas um de “imigração subvencionada”, isto é, os imigrantes recebiam um auxílio monetário do governo brasileiro destinado a compra de passagens para a imigração e para se instalar no país em um primeiro momento. Outrossim, outra diferença é que os imigrantes japoneses trabalhavam na agricultura, enquanto os italianos ficaram mais conhecidos por seu trabalho na indústria, chegando a representar cerca de 90% dos trabalhadores industriais paulistas no início do século XX.

Por outro lado, ambas as migrações tiveram dois pontos em comum: ambas ocorreram por necessidades socioeconômicas e com a vinda de núcleos familiares, pais, filhos e, em alguns casos, avós. Como citado anteriormente, a motivação da imigração japonesa foi o alívio demográfico e melhores condições de vida e trabalho; os italianos migraram também para aliviar pressões internas, pois o país passava por um período de disputas internas que tinha, como objetivo, a unificação do território, além de permitir que fosse enviado dinheiro para os parentes que permaneceram na Itália e auxiliá-los na crise econômica iniciada devido a tais disputas territoriais.

Focando novamente na imigração japonesa, nas terras preparadas para os imigrantes japoneses, as condições eram precárias, grande parte do dinheiro que conseguiam era empregado para pagar as despesas da viagem até o Brasil, as fazendas e os materiais necessários para o cultivo. Dessa forma, ficou claro que o sonho de retornar a sua terra natal estava cada vez mais distante, o que levou alguns japoneses a fugirem antes do prazo de dois anos estipulado pelo contrato para permanecer nas terras assentadas, para que pudessem juntar dinheiro para comprar suas próprias terras. A compra de terras foi facilitada pela Crise de 1929, que abaixou seus preços, e obrigou os proprietários a se desfazerem de parte de sua propriedade, além da existência de terras não exploradas e ainda habitadas por indígenas, que também tiveram uma baixa de preços. Os japoneses, agora proprietários de terras, tiveram que aprender a cultivar para sua subsistência, o que não acontecia antes devido ao preparo realizado antes de sua chegada; isso resultou no fortalecimento da organização agrícola fundada por eles.

A organização agrícola foi uma organização fundada pelos japoneses para que estes passassem a entender melhor sobre o mercado agrícola, desde o plantio de culturas até sua comercialização, especialmente quando 50% dos imigrantes tinham origens urbanas. Essas organizações fizeram com que os imigrantes percebessem a necessidade de diversificar seu plantio, até então focado somente no café. Uma das localidades que teve algumas de suas terras compradas por imigrantes japoneses foi Bastos, que conheceremos mais a seguir.

4. Japoneses em Bastos

De um ponto de vista histórico, Bastos está intrinsecamente ligada ao Japão, sendo considerada uma cidade irmã de Kumano, isto é, estas cidades contêm laços de cooperação⁵. A prática de irmandade entre municípios foi criada para disseminar uma troca de conhecimentos e auxílios tecnológicos, econômicos e culturais, existindo 11 províncias e 47 cidades irmãs entre Brasil e Japão⁶. Em Bastos, sua relação com o Japão é fortemente influenciada por sua história e marcas culturais, evidenciadas pela própria formação da cidade e pelas homenagens encontradas nos nomes de ruas da cidade.

O município foi fundado em 1928⁷, por Senjiro Hatanaka, Carlos Kato, Kunito Miyasaka, Elpídio Alves, Henrique Ronget Pelegrini e Aníbal Viana. Hatanaka havia sido enviado pelo governo japonês com a responsabilidade de receber os imigrantes japoneses em terras brasileiras. Como citado anteriormente, as famílias japonesas estavam encarregadas de realizar trabalhos agrícolas e as terras de Bastos apresentavam condições favoráveis para o plantio e preços que possibilitaram a compra de terras por famílias japonesas. Dessa forma, tendo como dois de seus fundadores homens japoneses e um descendente, é de se imaginar que o nome da cidade em si exibiria alguma referência japonesa. O nome do município vem do sobrenome de uma família que possuía terras no local, tendo em mente, mais especificamente, Henrique Bastos como o motivo do nome. Todavia, a Fazenda Bastos está sim relacionada à história japonesa, pois foi o local onde Senjiro Hatanaka recebia os imigrantes que chegavam ao local, os auxiliando a se situar em novas terras.

A criação de Bastos apresentar participação japonesa, com imigrantes e suas famílias sendo capazes de comprar suas próprias terras, me pareceu um motivo plausível que pode ter influenciado na quantidade de logradouros com nomes japoneses, pois japoneses e seus descendentes foram figuras proeminentes na sociedade bastense, e, assim poderiam ter uma maior influência na nomeação de logradouros por parte de suas visões particulares de mundo.

5 CIDADES irmãs. Você sabe qual é a cidade irmã de onde vive?. [S. l.], 5 set. 2018. Disponível em: <<https://viajarcorrendo.com.br/2018/09/cidades-irmas-cidade-irma.html#:~:text=Cidades%20irm%C3%A3s%20s%C3%A3o%20aquelas%20cidades,e%20tecnol%C3%B3gico%2C%20al%C3%A9m%20de%20cultural>>. Acesso em: 12 nov. 2023

6 Contagem realizada por mim a partir dos dados oferecidos pelas tabelas do *website* Embaixada do Japão no Brasil. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/cidades_co-irmas.html>. Acesso em: 12 nov. 2023

7 MIYAZAKI, M. Bastos e Sua História: 45 Anos. Bastos - sua origem. Bastos, 1928-1973. Álbum de fotos. Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiro. A Cidade. Disponível em: <<https://turismo.bastos.sp.gov.br/cidade/>>. Acesso em: 27 set. 2023 Cidade de Bastos - São Paulo. Disponível em: <<https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/sp/bastos>>. Acesso em: 27 set. 2023 Bastos. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bastos/historico>>. Acesso em: 27 set. 2023.

Câmara Municipal de Bastos, Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.camarabastos.sp.gov.br/Galeria/Listar/21>>. Acesso em: 3 nov. 2023

5. Toponímia

Contudo, como a Toponímia se relaciona a todos os fatos expostos até o momento?

A Toponímia é uma ciência que aplica áreas de conhecimento da Geografia, História, Linguística e os Estudos Sociais para estudar e entender os nomes de lugares, acompanhando sua evolução ao longo do tempo, suas relações com o espaço denominado e a comunidade que ali habita e sua formação linguística. A Toponímia se encaixa em uma das categorias onomásticas juntamente com a Antroponímia, ou seja, são ciências que estudam as classificações dos nomes de locais e de pessoas, respectivamente. A nomeação é um ato humano existente ao longo da história, para sua sobrevivência, pois, com a nomenclatura, grupos humanos são capazes de se localizar, além de estabelecer um sentimento de pertencimento, porque passam a se identificar como uma comunidade que reside em determinada área denominada.

É notável que a Toponímia possibilitou a permanência de nomes ao longo das décadas, além das mudanças que a língua sofreu. Para exemplificar melhor como isso ocorreu, trago o exemplo da cidade de Itatinga, que foi um neologismo criado durante a época colonial, momento em que a língua portuguesa dos colonizadores entrou em contato com a língua dos nativos que aqui se encontravam, sendo, portanto, aplicado para incorporar novos sentidos para o local visto que os topônimos com características ou de origem indígenas ostentam forte caráter descritivo. Neste caso, *itatinga* = ita + tinga → pedra + branca = pedra branca. O topônimo existe desde a criação do município em 1896, demonstrando que manteve essa parte da história e da linguística do local viva.

Na disciplina “Toponímia III: das origens aos nomes no Brasil”, ministrada pela professora doutora Patrícia de Jesus Carvalhinhos na Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2023, foram estudados os topônimos brasileiros e sua origem histórica. Verificou-se que a maior parte dos nomes de logradouros brasileiros apresentam influência indígena, africana e portuguesa. Para o trabalho final dessa matéria, foi requerido que os alunos escolhessem um tema relacionado aos topônimos do nosso país. Devido ao sentimento ligado à descendência japonesa que eu e uma colega temos, escolhemos estudar topônimos japoneses em suas áreas de influência no trabalho denominado *Análise do impacto dos imigrantes japoneses nos topônimos do Brasil em zonas migratórias que apresentaram maior influência*, realizado em conjunto com Gabrielle Yukari Okamura Rocha e João Pedro Constantino. Nesse trabalho, expusemos brevemente a história da imigração japonesa no Brasil e classificamos os topônimos japoneses em São Paulo, Campo Grande, Assaí e Uraí. Mesmo que o presente trabalho demonstre paralelos com o trabalho realizado para a disciplina, uma vez que ambos trazem características quantitativas e um panorama da imigração japonesa, este enfoca apenas uma cidade e busca a motivação por trás dos nomes que serão introduzidos e classificados de acordo com as classificações propostas pela linguista Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick e atestar se os nomes de comércios são influenciados.

Desse modo, qual seria a necessidade de rever a história dos imigrantes ao estudar sobre nomes de locais? Para responder esta pergunta, reitero as palavras da linguista Dick: “(...) a Toponímia reserva-se o direito de se apresentar também como a crônica de uma comunidade” (DICK, 1990, p. 119). Nesta citação, Dick ressalta duas conexões que se pode ter com os nomes de locais: a comunidade e sua história. As comunidades são grupos de pessoas que se instalam em um local, o modificam e o nomeiam, de maneira que os nomes representam as experiências que tais grupos obtiveram ao longo do tempo. Em vista disso, para estudar os nomes da cidade de Bastos, foi necessário traçar o panorama da imigração japonesa em geral e no município em particular. Portanto, ao meu ver, a importância da Toponímia está em melhor compreender a história de um local, pois acredito que os nomes são motivados pelos acontecimentos que levam ao sentimento de pertencimento em sociedade e as pessoas em si, permanecendo ao longo da história, de modo que compreender a escolha dos nomes é uma maneira que encontrei para entender a história local e seus habitantes.

Em Bastos, nota-se uma grande presença de nomes japoneses em logradouros: dos 205 logradouros totais da cidade, 30 são japoneses e 3 possuem uma relação histórica com os imigrantes japoneses, totalizando 14,6% dos nomes de logradouros da cidade. No trabalho feito anteriormente para a disciplina ministrada na Universidade de São Paulo, eu e meu grupo escolhemos quantificar os topônimos japoneses e notamos que Assaí possui a maior relação de topônimos japoneses por totalidade de topônimos entre os municípios selecionados, totalizando 31,66%, ou seja, uma quantidade superior à quantidade encontrada em Bastos. Todavia, Bastos compreende uma maior diversidade toponímica: enquanto Assaí apresenta apenas Antropônimos, Bastos apresenta Antropônimos (topônimos derivado de nomes próprios), Axiotopônimos (topônimos que compõe nomes próprios acompanhados de títulos individuais), Corotopônimo (nomes transplantados de outras localidades geográficas já existentes) e Historiotopônimos (nomes relativos a acontecimentos históricos). A diversidade de categorias implica em motivos mais variados para que os nomes tenham sido escolhidos para representar os logradouros, de forma que, ao meu ver, apresentariam mais formas de representar a história local. As porcentagens por categoria estão indicadas abaixo, tendo, como base, uma contagem que realizei dos dados no começo desta pesquisa, em setembro de 2023, pelo *website* Ruas do Brasil.

1. Classificação dos topônimos existentes em Bastos

Classificação Toponímica	Quantidade	Porcentagem
Antropônimos	18	54,54%
Axiotopônimos	8	24,24%
Corotopônimos	4	12,12%
Historiotopônimos	3	9,09%
Total	33	100%

Fonte: Tabela montada pela autora a partir das classificações determinadas pela linguista Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick e pela contabilização dos logradouros pelo *site* Ruas do Brasil.

5.1. Como são determinados os nomes de logradouros

A importância em nomear os logradouros se encontra em ser capaz de se localizar, estabelecer onde pode ser encontrado e onde serão enviadas encomendas e cobranças. Atualmente, o processo de nomeação de topônimos se deve a um processo em que vereadores ou moradores de determinado município propõem um nome, o qual será transformado em projeto de lei, votado e encaminhado para o Poder Executivo. Assim, o jornal Estadão, em uma matéria sobre o assunto, descreveu o seguinte processo pelo qual a nomeação deve passar:

No Poder Executivo, o projeto passa pela Secretaria de Urbanismo e Licenciamento (SMUL), que cuida das questões técnicas quanto à denominação de logradouros, e pelo Arquivo Histórico Municipal da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), que emite parecer favorável ou contrário a respeito do nome proposto. (ESTADÃO, autor desconhecido, 2023)

Trago esta citação para demonstrar brevemente o processo de nomeação de logradouros e que, mesmo sendo relativamente simples pois qualquer cidadão pode propor um nome, é algo analisado com base na importância local, evidenciado pela

participação da Arquivo Histórico Municipal da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), e que tem em mente o coletivo.

Dessa forma, os critérios para o nome escolhido variam de acordo com o tipo do nome⁸. Nomes de pessoa necessitam de comprovação de óbito; datas e fatores históricos tem de representar uma passagem de “notória e indiscutível relevância”; os nomes podem também ser nomes de personagens de folclore, corpos celestes, obras literárias, musicais, pictóricas, esculturais e arquitetônicas consagradas; nomes de acidentes geográficos, flora e fauna; nomes próprios de lugares; e nomes relacionados a acontecimentos cívicos, culturais e desportivos. Novamente resalto que a minha motivação para a escolha de Bastos ocorreu devido a quantidade diversificada de topônimos presentes na cidade. Com uma presença numérica em 14,6% no local, o que interpretei foi que durante a determinação dos nomes de logradouros, houve um interesse significativo por parte da população local em escolher nomes relacionados a japoneses, seus descendentes, momentos históricos e locais (de onde os topônimos seriam transplantados) que foram relevantes para a comunidade. Portanto, de modo semelhante à definição dos critérios para a escolha de um topônimo, a determinação me pareceu apresentar uma “notória e indiscutível relevância”, enquanto a diversidade dos topônimos me indicou que o caráter qualitativo representaria a história local e suas próprias peculiaridades.

A seguir, temos as classificações toponímicas encontradas em Bastos. As classificações foram feitas de acordo com as definições encontradas no livro *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos* da linguista Maria Vicentina Dick.

5.2. Antropônimos

Antropônimos, segundo a classificação de Dick, são “topônimos relativos aos nomes próprios individuais”⁹. Dentre os topônimos japoneses de Bastos, 18 são antropônimos, totalizando aproximadamente 54,54% dos topônimos japoneses do local; são eles:

8 Os critérios topônimos estão disponíveis em: <<https://expresso.estadao.com.br/sao-paulo/2023/03/14/site-conta-a-historia-das-ruas-de-sao-paulo/>>

9 DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2ª. ed. São Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990. p. 32.

2. Tabela dos Antropônimos de Bastos

Alameda Choji Ishibashi	Rotatória Haruhiko Ueyama	Rua Ryutaro Shida
Alameda Massao Honda	Rua Fukutaro Sato	Rua Satoshi Nagahashi
Alameda Nobuco Yoshikawa	Rua Hisashi Mizuma	Rua Senjiro Hatanaka
Alameda Yosakichi Yoshida	Rua Kiyossuki Sassaki	Rua Siuco Hatanaka
Estrada Granja Ueyama	Rua Minoru Kajita	Rua Takanobu Matsumoto
Praça Kunito Miyasaka	Rua Mitsuaki Komoda	Rua Yoshiharu Haru
Fonte: Ruas do Brasil		

Antropônimos são uma forma de homenagear figuras importantes para a comunidade que reside no local e, portanto, as vejo como parte intrínseca à história do local em que se encontram, uma vez que interpreto a presença e participação humana como o fator determinante para a criação da memória de um coletivo.

Choji Ishibashi, nascido em Mie, foi um dos imigrantes que se instalou no Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Durante o pós-guerra, tornou-se um dos responsáveis pela recepção a novos imigrantes que desejavam vir ao Brasil devido à influência de família previamente instalada aqui ou por outros motivos pessoais.

Haruyuki Kobayashi foi um vereador, em 1961, homenageado por sua participação política na cidade.

Estrada Granja Ueyama, faz referência a uma granja que pertence à família Ueyama de grande influência econômica sobre a cidade, sendo responsável por parte da avicultura pela qual a região se tornou mundialmente famosa. Além do mais, se encontra em localidade próxima à Granja da qual recebe o nome.

Kunito Miyasaka, nascido na província de Nagano, sempre teve grande interesse pelo cenário internacional, o que o levou a representar uma empresa de imigração japonesa no Peru e no Chile. Devido ao seu histórico de auxílio a imigrantes japoneses, foi enviado para o Brasil, onde se tornou responsável por administrar as colônias japonesas no Tietê, Bastos, Alianças e Três Barras.

Haruhiko Ueyama, foi responsável pela compra de terras e construção da atual Granja Ueyama, especializada em avicultura como já foi mencionado, com uma importante influência econômica na cidade de Bastos.

Fukutaro Sato imigrou para o Brasil em 1922 e se dirigiu a Bastos em 1929. Desde sua chegada, filiou-se à serraria da empresa Bratac ¹⁰e exerceu o cargo de chefe tanto nesta quanto na Cooperativa Central, na Associação de Japoneses. No álbum Bastos e sua História: 45 anos, encontrado no acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, o sr. Sato é descrito como alguém que “Trabalhou com lealdade para o progresso de Bastos”, com imagens das construções realizadas pelas empresas pelas quais era responsável e sua presença constante nessas imagens constata tal afirmação. Foi responsável pela empreitada da ponte sobre o Rio Peixe, do prédio da Cooperativa Agrícola de Bastos, do primeiro hospital de Bastos, de uma piscina pública, além de ser dono de uma serralheria que, na verdade, era uma das únicas da região, levando pessoas de outros municípios a comercializarem com sua empresa. O álbum também traz a foto de seu cortejo fúnebre, realizado sob uma chuva incessante, demonstrando o quanto sua figura era querida pelos cidadãos de Bastos, o que levou, eventualmente, a uma homenagem a ele prestada pela atribuição de seu nome a uma rua da cidade.

Em relação a Minoru Kajita e Mitsuaki Komoda, apresento o projeto de lei 070/2010 de 29 de junho de 2010 para explicar o motivo da escolha de seus nomes, quem foram e para exemplificar como um projeto de lei para a nomeação de logradouros é composto. Antes da mudança, os logradouros que agora recebem seus nomes eram, respectivamente, Rua 08 e Rua 09; a justificativa para a mudança foi:

Minoru Kajita – Nascido no dia 18 de dezembro de 1912 na província de Miyazaki Ken no Japão. Embarcou para o Brasil com 13 anos de idade no dia 29 de agosto de 1925, chegando em Santos em 09 de novembro de 1925. Em bastos (Bastos) mudou em 1943, na época com 31 anos de idade. Sempre exerceu a profissão de comerciante, primeiro teve um bar onde hoje está instalada a Casa Lotérica e na sequência fundou o Armazem (Armazém) Kajita [Passo a passo], que administrou (administrou) até o dia de sua aposentadoria e após esta data passou a administração para o seu filho Antonio. Casou-se com a Senhora Shizue Kuroda Nuki com quem teve 06 filhos: Loide, João, Vilma, Antonio, Pedro e Shiguer, todos nascidos em Bastos. Durante sua vida ele era conhecido pela sua caligrafia em japonês que sempre recebia elogios. Ele ensinava o idioma e a escrita japonesa sem cobrar nada. Faleceu no dia 20 de novembro de 1996 com 83 anos de idade. Se não bastasse este cidadão ter sido um corajoso imigrante japonês que, desbravando esta terra então hostil e indomada, lutou por toda a vida para oferecer melhores condições de vida a sua família, mergulhou de corpo e alma no desejo de progredir e desenvolver a cidade, e para isso, não economizou energia nem trabalho, pois estas duas palavras resumem altivamente o que este homem foi em vida: labor e honestidade.

Mitsuaki Komoda – É natural de Gunma – Japão, nasceu no dia 18 de julho de 1911 e faleceu no dia 25 de agosto de 2002. Filho do Sr. Kikujiro Komoda e Sra. Bum Komoda. Foi casado com a Sra. Harue Kuniyuki Komoda, de cujo enlace matrimonial tiveram os

10 Empresa têxtil produtora de seda fundada em Bastos, por Kenji Amano e Akira Taniguchi, em 1940. A empresa, além de produzir seda, apresentou um foco social durante o início do século XX, pois apoiou a migração japonesa para o Brasil e disponibilizou infraestrutura residencial, médico-odontológica, alimentícia e logística para o desenvolvimento de novas cidades. Visto em: Bratac Seda. Quem somos. Disponível em: < <https://bratac.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 29 fev. 2024

filhos: Eiti Komoda Akira Komoda, Massako Komoda [in memorian], Minoru Komoda [in memorian], Getúlio Komoda e Rui Sachiro Komoda [in memorian]. Chegou ao Brasil em 09 de janeiro de 1934. Quando chegou ao Brasil começou a trabalhar numa fazenda de café. No período de 1935 a 1937 trabalhou (trabalhou) em São Paulo como comerciante. Em 1938, iniciou sua atividade como mascate e em 13 de fevereiro de 1939 abriu a Casa Komoda no município de Bastos, atualmente é dirigida pelo seu filho Akira Komoda. Foi um dos primeiros comerciantes no município de Bastos. (BASTOS (SP), 2010)

Senjiro Hatanaka nasceu em Hyogo e imigrou para o Brasil a bordo do navio Gambiu-Marui. Durante os anos de 1912-1914 trabalhou como intermediário entre brasileiros e colonos japoneses, além de ser fiscal na Fazenda Guataparã. Porém, no ano de 1918, juntamente com o sr. Hirano, desbravou terras até então inexploradas, plantou cerca de 40.000 pés de café e explorou a agricultura extensiva durante 12 anos. Em 1927, foi encarregado por uma instituição japonesa para buscar uma extensão de terra em que fosse viável fundar uma fazenda. Assim, durante sete meses, trilhou as regiões de São Paulo e Paraná até, por fim, firmar negócio com a Fazenda Bastos, tornando-se um dos fundadores da cidade. Até 1943 foi nomeado administrador, entre 1947-1949 foi diretor presidente da Sociedade Agrícola de Bastos e foi seu gerente por mais de cinco anos, além de ter batalhado pela agricultura até o fim de sua vida. Por ser importante para a história da imigração, agindo como um intermédio entre brasileiros e japoneses, sua participação na história de Bastos como um de seus fundadores e um cidadão atuante na vida comercial da região, sua figura foi homenageada ao se tornar um topônimo.

Takanobu Matsumoto chegou em Bastos em 1929, tornou-se subgerente da Fazenda Bastos; agindo como casamenteiro, foi responsável por formar mais de 100 casais e foi professor na primeira escola de Bastos. Matsumoto é citado no livro *O imigrante japonês*, de Tomoo Handa na seguinte passagem:

“A queixa unânime de todos era a de que as dificuldades provinham do desconhecimento da língua. Nas localidades que não contaram com intérpretes, ou não se conseguia entender nada das ordens do fiscal ou surgiam questões por causa de mal-entendidos; além disso, eram frequentes as vezes em que os imigrantes se exasperavam, incapazes que eram de discutir com os brasileiros. Verdadeiramente, ‘a falta de comunicação verbal é uma provação de natureza espiritual’, como disse Takanobu Matsumoto.” (HANDA, 1987, p.143)

O capítulo no qual é citado fala sobre as dificuldades que os imigrantes japoneses enfrentaram ao se estabelecerem em um novo país. Nota-se, que Matsumoto auxiliou outros imigrantes e descendentes ao longo de sua vida e tornou-se um porta-voz de sua experiência, de modo a ser tão querido no meio da sociedade nipo-brasileira a ponto de quererem homenagear sua pessoa tornando-o nome oficial de uma rua.

Alguns dos nomes pesquisados foram encontrados somente em um registro¹¹ de moradores de Bastos até 1978, encontrado no acervo do Centro de Pesquisas Nipo-Brasileiras e trazendo seus nomes, idade na época do registro realizado, data de nascimento, profissão e se eram japoneses ou descendentes. Nobuco Yoshikawa tinha 66 anos, nascida em 21/07/1912 e era comerciante. Kiyosuki Sasaki, nascido em 23/10/1907 tinha 71 anos e era farmacêutico. Ambos estão registrados como 一世 (no romaji: isei), ou seja, eram pessoas que nasceram no Japão e vieram para o Brasil e mesmo não encontrando um motivo exato para terem sido homenageados com logradouros, é possível especular. Como os demais nomes homenageados, é provável que tenham sido pessoas queridas pela comunidade, ou talvez aquelas foram as ruas em que se encontravam seus respectivos comércios. Porém, tanto o projeto de lei quanto os registros dos imigrantes servem como prova de que a lisonja pode vir de um sentimento de comunidade entre os habitantes da região.

5.3. Axiotopônimos

Axiotopônimos são classificados como “topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais”¹² e aproximadamente 24,24% dos topônimos japoneses são Axiotopônimos. São eles: Alameda Vereador Hirayuki Kobayashi, Rua Deputado Shiro Kyono, Rua Prefeito Paulo Seizi Zakimi, Rua Vereador Haruichi Shida, Rua Vereador Shigeru Shida, Alameda Senhora Torano Shibata, Rua Senhor Rokuno Suke Yabuta e Rua Senhora Fusae Yabuta.

Vereador Hirayuki Kobayashi: seu mandato ocorreu no ano de 1961 e representou um momento em que houve um aumento no número de japoneses e descendentes concorrendo a cargos públicos, explicitado pelo artigo de Gustavo Takeshy Taniguti, *Candidatos de origem japonesa na política municipal paulista, 1947-1964*.

Deputado Shiro Kyono prestou diversos auxílios à sociedade nipônica no Brasil, trabalhando com advocacia, registrou gratuitamente a propriedade de mais de 3.700 lavradores e criadores, foi um dos fundadores da Aliança Cultural Brasil-Japão, membro do conselho da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, vice-presidente da Federação Paulista de Baseball e da Liga Pró-Direitos dos Brasileiros Naturalizados, atuou nas comissões de Utilidade Pública, Educação e Finanças e Orçamento antes de ser eleito deputado pelo Partido Democrático Social (PDS) em 1960, Partido Republicano Progressista (PRP) em 1963 e Arena em 1975. Atuou em benefício de entidades assistenciais, promoveu uma extensa campanha de naturalização dos japoneses entre os anos de 1963-1966 e foi para o Japão apresentar projetos de desenvolvimento em prol do Estado de São Paulo.

11 バストス日系家族実態調査. Bastos, 1978. Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

12 DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos. 2ª. ed. São Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990. p.32.

O prefeito Paulo Seizi Zakimi, foi o quinto prefeito de Bastos e o primeiro prefeito de descendência japonesa da cidade. Os vereadores Haruichi Shida e Shigeru Shida também ganharam sua homenagem devido à prestação de serviços públicos prestados em prol da sociedade nipo-brasileira.

O Senhor Rokuno Suke Yabuta foi o fundador e comprador das terras que vieram a formar a Granja Yabuta, sendo esta considerada uma das 25 maiores produtoras de ovo no mundo, de acordo com a mesma revista *A Hora do Ovo*¹³. Paralelamente, a granja recebe esse nome como homenagem à Senhora Fusae Yabuta, mãe de Osamu Yabuta, presidente da Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Bastos em 2009-2011/2011-2013.

As informações que possuímos sobre a Senhora Torano Shibata, no registro de moradores de Bastos citado anteriormente, é que ela nasceu em 26/10/1902, tinha 76 anos, realizava trabalhos domésticos e era 一世.

5.4. Corotopônimos

Corotopônimos são considerados como os “topônimos relativos aos nomes de cidade, países, estados, regiões e continentes”¹⁴, que foram registrados aproximadamente 12,12% dos topônimos japoneses. São eles: Avenida Japão, Rua Cidade de Kumano, Rua Hokkaido, Rua Okayama Ken.

Todos os nomes acima citados são referentes a uma localização no Japão: Kumano e Okayama são cidades e Hokkaido é uma província localizada ao norte do país, podendo também ser considerados como topônimos transplantados, definidos como:

“O designativo geográfico que existe como tal em um determinado espaço e que passa a integrar a nomenclatura de outra região qualquer, trazido pelo próprio povo que emigrou, ou influenciado por um mero mimetismo.” (DICK, 1990, p. 90).

Dessa forma, a memória de um coletivo está relacionada a um passado em comum, em experiências, fatos e acontecimentos, podendo ser tanto um fato individual quanto um ato coletivo. Paralelamente, a memória evoca emoções, como a saudade, que busca evocar memórias de uma localização a que o grupo se relaciona através do nome e estabelecer uma sensação de pertencimento, como pode ter ocorrido ao serem transplantados nomes japoneses para Bastos.

13 Disponível em: <<https://ahoradoovo.com.br/lista/polos-do-ovo/post/Avicultura-de-Bastos-desde-1937-transformando-o-ovo-em-sucesso>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

14 DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos. 2ª. ed. São Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990. p.32.

5.5. Historiotopônimos

Historiotopônimos são “topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e seus membros, assim como as datas correspondentes”¹⁵. Aproximadamente 9,09% dos topônimos japoneses são historiotopônimos. São eles: Avenida Dezoito de Junho, Avenida dos Fundadores e Alameda Ouro Branco. Por estarem em português, estes topônimos podem parecer não apresentar uma relação imediata com os imigrantes japoneses, porém ao saber de sua história essa relação fica mais clara.

Dia 18 de junho foi o dia em que os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil, no ano de 1908, como citado anteriormente; contudo, de maneira mais imediata à cidade estudada, 18 de junho de 1928 foi a data de fundação da cidade de Bastos, município que teve dois japoneses entre seus fundadores e um descendente, o que nos leva à Avenida dos Fundadores. Visto que, dos cinco fundadores da cidade (Senjiro Hatanaka, Carlos Kato, Kunito Miyasaka, Elpídio Alves, Henrique Ronget Pelegrini e Aníbal Viana), dois eram japoneses e um era descendente, o indicativo “Fundadores” também faz referência a história nipo-brasileira.

Por fim, destaco a existência da Alameda Ouro Branco. “Ouro branco”, como é conhecido o algodão por ter gerado emprego e trazido riqueza que trouxe a industriais e agricultores. Outrossim, teve a importante participação dos japoneses e seus descendentes que foram a principal mão de obra de seu plantio durante a década de 30 e responsáveis por elevar a produção de algodão a um nível mundial. Em Bastos, a produção abundante de algodão levou à instalação de uma máquina de algodão¹⁶ em 1935. No álbum comemorativo da história da cidade, é destacado que o município era conhecido como “Ouro Branco” por causa da grande plantação de algodão que se encontrava na região, como resultado, este nome remete a história agrícola da cidade.

5.6. Hibridismos

Na toponímia, encontra-se um elemento nos nomes denominado “hibridismo” que ocorre, geralmente, quando o nome advém do contato de duas comunidades de línguas distintas, misturando elementos gramaticais de ambas as línguas. Por exemplo, como apontado no trabalho anteriormente citado, *Análise do impacto dos imigrantes japoneses nos topônimos do Brasil em zonas migratórias que apresentaram maior influência*, em São Paulo, existe um logradouro denominado “Rua dos Aokis”.

“Aokis” é um elemento híbrido porque, em princípio, no japonês, não há marca de plural. Todavia, ao se referir a seres humanos, a língua admite o sufixo たち (em

romaji: tachi) para indicar que está se referindo a mais de um ser humano. Portanto, ao dizer “Aokis”, percebe-se que este está grafado com um /s/ no final, indicando sua pluralidade do modo que ocorre em português. Portanto, por apresentar um elemento japonês, o substantivo “Aoki”, e ter uma marca de pluralidade portuguesa, a letra /s/, este é um elemento híbrido.

Observando os logradouros em Bastos, não é possível encontrar nenhum caso como a “Rua dos Aokis”, ou seja, os nomes presentes na cidade mantêm sua pureza linguística, sem possuir uma mistura com elementos da língua portuguesa.

5.7. Nomes espontâneos ou sistemáticos?

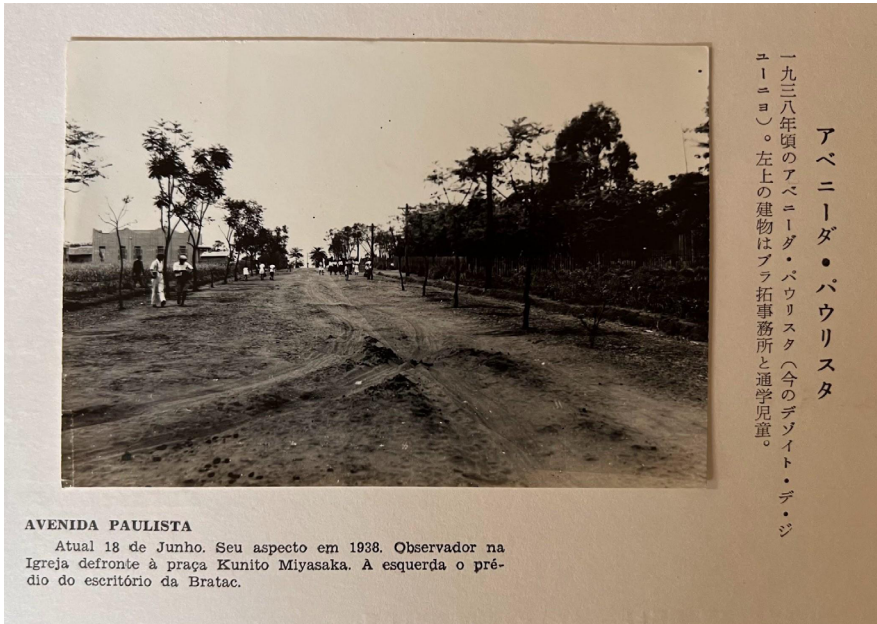
A nomeação de locais é uma prática antiga, utilizada para ajudar os seres humanos e suas sociedades a se localizar. Assim, devido ao processo de nomeação, é possível classificar topônimos em duas categorias: espontâneos ou sistemáticos.

Topônimos espontâneos, como o nome indica, são atribuídos espontaneamente ao local, com base nas suas características geográficas, em sua fauna e/ou flora. Percebe-se que, por exemplo, no Japão, os nomes aparentam ser espontâneos; tomando a província de Ishikawa por exemplo, seu nome significa “pedra no/ do rio”, o que indica que, em algum momento, uma civilização que morava nos arredores do local valiam-se da presença de uma pedra em um rio da região para se localizar, e o nome acabou se tornando uma referência entre as pessoas do local ao ponto de a região ficar conhecida pelo nome.

Por outro lado, os nomes sistemáticos são nomes atribuídos por um processo não-espontâneo. Estes processos são aqueles em que os nomes não estão relacionados às características físicas do local; estes nomes, muitas vezes, são estabelecidos como uma mudança do nome local ou nomes atribuídos por pessoas de fora de um determinado grupo étnico com características destes. Para melhor compreender os nomes sistemáticos posteriores, tomamos como exemplo o Jardim Japão que, mesmo fazendo uma homenagem à terra do sol nascente, não foi um nome atribuído por japoneses, mas sim por uma empresa brasileira, a F. Rolim Gonçalves & Cia., que procurava homenagear imigrantes nipônicos por meio da nomeação de logradouros com referências à cultura japonesa, como a Rua das Gueixas, ou nome de localizações japonesas, como na Rua Osaka.

Agora, retornando à cidade de Bastos, podemos afirmar que todos os topônimos nipo-brasileiros são sistemáticos, pois nenhum deles refere-se às características físicas da região. Isto significa que o processo de nomeação foi premeditado, como observado no projeto de lei 070/2010 de 29 de junho de 2010, onde os cidadãos da cidade fizeram a escolha e argumentaram pela mudança do nome do local (Rua 08 e Rua 09) para homenagear habitantes da região.

Avenida Paulista



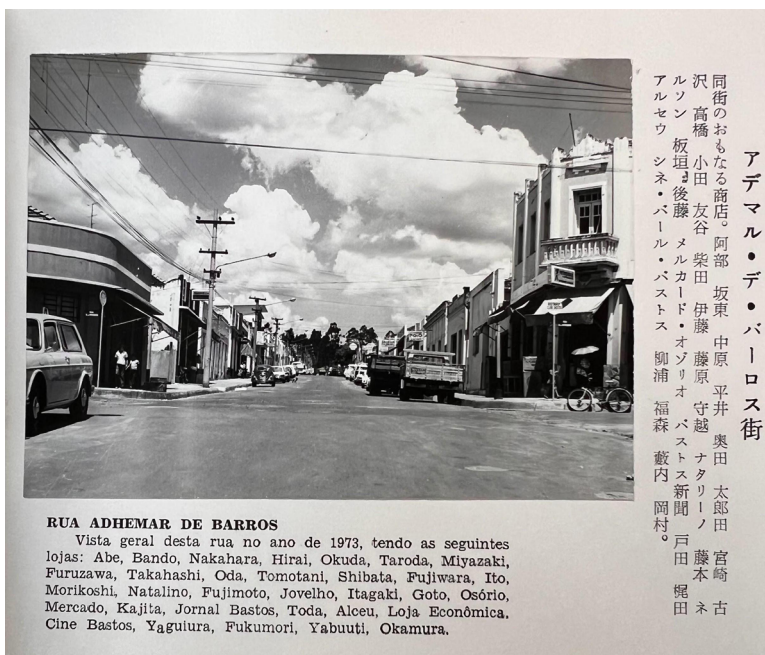
Fonte: Imagem encontrada no álbum comemorativo de 45 anos de Bastos.

Uma prova da sistematicidade dos nomes em Bastos encontra-se na legenda da imagem acima. Ao constatar que o local em que a foto foi tirada é a “Atual 18 de Junho” indica que houve uma mudança no nome que passou de um topônimo relacionado à história brasileira, homenageando o estado de São Paulo, para um nome referente à imigração japonesa, com a data em que os primeiros imigrantes nipônicos chegaram ao Brasil.

Destarte, é possível concluir que este processo ocorreu também com os outros nomes da região, os imigrantes, muito provavelmente, peticionaram mudanças de nomes para homenagear habitantes, cidades japonesas e a história local.

6. Estabelecimentos

Rua Adhemar de Barros



Fonte: Imagem encontrada no álbum comemorativo de 45 anos de Bastos.

Na imagem acima, vemos uma foto tirada para a comemoração dos 45 anos do município, ou seja, uma imagem tirada durante a década de 1970 e, de acordo com a legenda de alguns dos estabelecimentos encontrados na cidade. Observa-se que os nomes dos estabelecimentos em si estão relacionados a seus donos, com os nomes próprios destes.

Atualmente, por meio de informações encontradas nos sites *Empresa Aqui*, *TripAdvisor* e *Buser*, utilizados como principais fontes de busca para visitantes ou pessoas que não são originárias da cidade de Bastos, nota-se que houve uma continuidade na presença de nomes japoneses nos estabelecimentos. Os nomes de estabelecimentos indicados por tais *websites* são: Recinto de exposições Kisuke Watanabe, Pastelaria Oikawa, Taka Fertilizantes, Lauro Atsushi Endo e Tony Takeo Tanaka. Percebe-se que os nomes são relacionados a uma pessoa, seja esta relacionada ao estabelecimento em si, como o dono ou seu parente, ou como uma homenagem. Isso ocorre, especialmente, por ser um espaço privado.

Enquanto os logradouros são espaços públicos e de livre circulação, os espaços privados são propriedades particulares que podem ou não serem acessíveis ao público;

no caso de estabelecimentos comerciais podem. Acredito que devido a natureza particular de comércios, sendo que estes podem ser criados e mantidos por famílias, os nomes tendem a ter um caráter que reflete este aspecto, de modo que pode levar seus nomes a refletirem seu universo particular, utilizando nomes próprios. Isso os difere dos logradouros públicos que servem como símbolo da comunidade e sua nomeação busca apresentar figuras e marcos em comum na experiência do coletivo.

Semelhantemente aos topônimos, os nomes de estabelecimentos podem indicar uma homenagem pois podem se referir a uma pessoa relacionada ao estabelecimento, como o proprietário ou um ente querido deste. Todavia, não se afigura o mesmo caráter histórico de um topônimo por não ser tão longínquo quanto e não manter características linguísticas, como um topônimo é capaz de fazer.

Considerações Finais

Nota-se que a principal motivação da escolha de nomes na cidade de Bastos advém da necessidade de homenagear. Através dos nomes de logradouros, são homenageados feitos históricos relacionados aos habitantes da região, os habitantes da região em si e locais de onde seus habitantes descendem, demonstrando um apreço por suas raízes japonesas.

A escolha desses nomes é de suma importância para a comunidade japonesa. No caso dos Antropônimos e dos Axiotopônimos, mantém viva a memória de integrantes da comunidade, uma maneira de expressar seu apreço. Os Historiotopônimos preservaram os feitos dos habitantes bastenses em paralelo à saudade expressada por meio dos Corotopônimos, transplantados de um país, indicando sua saudade.

Em suma, nomes de logradouros e estabelecimentos podem parecer banais à primeira vista, porém, em seu cerne, representam a história e os sentimentos de uma comunidade, de maneira que eu acredito ser importante a realização de estudos toponímicos ao tentar entender melhor uma comunidade.

Referência Bibliográfica

- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos**. 2ª. ed. São Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990.
- SAKURAI, Célia. **No Brasil. OS JAPONESES**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 244-259.
- TANIGUTI, Gustavo Takeshy. **Candidatos de origem japonesa na política municipal paulista, 1947-1964**. Revista Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 26, n. 50, p. 445-472, jan.-jun. 2021.
- HANDA, Tomoo. **A vida dos imigrantes descrita em pesquisa de 1927**. In: O IMIGRANTE japonês: História de sua vinda no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987. p. 141-143. Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiro.

USAMI, Soichi; ABE, Goro; MARUYAMA, Sakae. **Livro histórico de 80 anos de imigração nikkei de Bastos**. Bastos: Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Bastos, 2011. 496 p. Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiro.

GARCÍA SÁNCHEZ, J.J. **La etimología y la motivación de las palabras, y su proyección cultural**. *Linred: Lingüística en la red*, Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, Área de Lingüística General. N. 13, 2015.22 p.

CARVALHINHOS, P. **Aplicações da teoria dos signos na Onomástica**. *Língua e Literatura* (USP), v. 27, p. 299-309, 2011.

DOS SANTOS ALMEIDA, Aline; TAVARES, Marilze. **A TOPONÍMIA INDÍGENA DOS ACIDENTES RURAIS HUMANOS DO MUNICÍPIO DE CORONEL SAPUCAIA – MS: UM ESTUDO ETNOLINGÜÍSTICO**. Web - Revista SOCIODIALETO, [S. l.], v. 11, n. 32, p. 47-70, 21 set. 2023.

MIYAZAKI, M. **Bastos e Sua História: 45 Anos**. Bastos, 1928-1973. Álbum de fotos. Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiro.

バストス日系家族実態調査. Bastos, 1978. Acervo do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. LISTA de ruas Brasil. Disponível em: <<https://ruas-brasil.openalfa.com/>>. Acesso em: 27 de set. 2023.

Diário Zona Norte. Jardim Japão chega aos 83 anos com muitas lembranças e histórias da Zona Norte, 2021. Disponível em: <<https://www.diariozonanorte.com.br/jardim-japao-chega-aos-83-anos-com-muitas-lembrancas-e-historias-da-zona-norte/>>. Acesso em: 27 set. 2023.

BASTOS. Lei Nº 070/2010, de 29 de junho de 2010. Dispõe sobre a denominação de avenida e ruas do Residencial Prefeito Massaharu Matsubara localizado na cidade de Bastos. Bastos, SP. 2010.

Toponímia brasileira. Origens históricas. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xicnlf/2/12.htm>>. Acesso em: 27 set. 2023

A Cidade. Disponível em: <<https://turismo.bastos.sp.gov.br/cidade/>>. Acesso em: 27 set. 2023

Cidade de Bastos - São Paulo. Disponível em: <<https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/sp/bastos>>. Acesso em: 27 set. 2023

Bastos. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bastos/historico>>. Acesso em: 27 set. 2023

História de migração de Mie. Disponível em: <<https://www.mie-brasil.com/historia-da-imigracao-de-mie/>>. Acesso em: 28 set. 2023

Granja Ueyama é cliente pioneira do Sistema ASManager da Always. Disponível em: <<https://ahoradoovo.com.br/lista/empresas-and-produtos/post/Granja-Ueyama-e-cliente-pioneira-do-Sistema-ASManager-da-Always>>. Acesso em: 28 set. 2023

Quem somos/Kunito Miyasaka. Disponível em: <<https://www.fkm.org.br/quemsomos/kunito-miyasaka/kunito-miyasaka/>>. Acesso em: 30 set. 2023

- A Granja Ueyama é a campeã de qualidade em Bastos com nutrição Fatec. Disponível em: <<https://ahoradoovo.com.br/lista/ovonews/post/granja-ueyama-e-a-campea-de-qualidade-em-bastos-com-a-nutricao-fatec>>. Acesso em: 30 set. 2023
- Galeria de Prefeitos - Paulo Seizi Zakimi. Disponível em: <<https://www.bastos.sp.gov.br/prefeitura/detalhe-prefeito/5/>>. Acesso em: 3 nov. 2023
- Galeria de Prefeitos(as). Disponível em: <<https://www.bastos.sp.gov.br/prefeitura>>. Acesso em: 3 nov. 2023
- Câmara Municipal de Bastos, Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.camarabastos.sp.gov.br/Galeria/Listar/21>>. Acesso em: 3 nov. 2023
- AVICULTURA de Bastos: desde 1937 transformando o ovo em sucesso. A Hora do Ovo, Bastos, n. 111, jul. 2022. Disponível em: <https://ahoradoovo.com.br/uploads/revistas/68/28072022115801_a-hora-do-ovo-111.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023
- CIDADES irmãs. Você sabe qual é a cidade irmã de onde vive?. [S. l.], 5 set. 2018. Disponível em: <<https://viajarcorrendo.com.br/2018/09/cidades-irmas-cidade-irma.html#:~:text=Cidades%20irm%C3%A3s%20s%C3%A3o%20aquelas%20cidades,e%20tecnol%C3%B3gico%2C%20al%C3%A9m%20de%20cultural>>. Acesso em: 12 nov. 2023
- Cidades Co-irmãs. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/cidades_co-irmas.html>. Acesso em: 12 nov. 2023 Shiro Kyono: imigração japonesa. Disponível em: <<https://www.imigracaojaponesa.com.br/index.php/entrevistas/politicos-nikkeis/shiro-kyono/>>. Acesso em: 14 nov. 2023
- As medidas de contenção e o combate ao desemprego e aos problemas demográficos. Disponível em: <https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/s4/s4_1.html>. Acesso em: 14 nov. 2023
- Avicultura de Bastos, desde 1937 transformando o ovo em sucesso. Disponível em: <<https://ahoradoovo.com.br/lista/polos-do-ovo/post/Avicultura-de-Bastos-desde-1937-transformando-o-ovo-em-sucesso>>. Acesso em: 20 nov. 2023
- Informativo Wakayama Kenjinkai do Brasil. Disponível em: <http://www.wakayamaken.com.br/wp-content/uploads/2023/01/Informativo_n%C2%BA29_31dez2022.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023
- História de Itatinga. Disponível em: <<https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/sp/itatinga>>. Acesso em: 21 nov. 2023
- ISQUERDO, Aparecida Negri. **A Toponímia como signo de representação de uma realidade.** Fronteiras - Rev. História UFMS, Campo Grande, MS, p. 27-46, jun/dez. 1997. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/12920/6281>>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno. **TOPONÍMIA E MEMÓRIA: NOMES E LEMBRANÇAS NA CIDADE.** Linha D'Água, São Paulo, v. 27, p. 151-153, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/83370/91674>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

DE OLIVEIRA, Adriana Capuano; TARELOW, Gustavo Querodia. **A difícil trajetória da aceitação da imigração japonesa para o Brasil.** In: SAÚDE e História de Migrantes e Imigrantes: Direitos, Instituições e Circularidades. São Paulo: [s. n.], 2014. v. V, cap. O “perigo amarelo”: imigração japonesa, eugenia e os discursos de A. C. Pacheco e Silva na assembleia constituinte (1933-1934). Disponível em: <https://www.fm.usp.br/museu/conteudo/museu_132_colecao_med_saud_hist_vol_5.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2023.

Por que o algodão ficou conhecido como o ouro branco. Disponível em: <<https://www.mundoecologia.com.br/plantas/por-que-o-algodao-ficou-conhecido-como-o-ouro-branco/>>. Acesso em: 7 dez. 2023

Organizado pelo Núcleo de Memória Urbana, Dicionário de Ruas mantém nomes atualizados. Disponível em:

<<https://expresso.estadao.com.br/sao-paulo/2023/03/14/site-counta-a-historia-das-ruas-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 10 de dez. 2023

Nomear logradouros é função importante do poder público. Disponível em: <<https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/nomear-logradouros-e-funcao-importante-do-poder-publico>>. Acesso em: 10 de dez. 2023

TAVARES, Marilze. NOMES TRANSPLANTADOS NAS RUAS DE DOURADOS – MS: OS COROTOPÔNIMOS: A TOPONÍMIA URBANA E OS NOMES TRANSPLANTADOS.

Toponímia Urbana no Brasil, [S. l.], p. 181-182, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5662/1/Topon%C3%ADmia_urbana_no_Brasil_Estudos_V3.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023

Listas de empresas em Bastos, SP: abertas recentemente, maiores empresas, por segmento (CNAE), indústrias, com dívidas e mais!. Disponível em:

<<https://www.empresaquai.com.br/listas-de-empresas/SP/BASTOS>>. Acesso em: 20 dez. 2023

Turismo e viagem para Bastos. Disponível em:

<https://www.tripadvisor.com.br/Tourism-g2355256-Bastos_State_of_Sao_Paulo-Vacations.html>. Acesso em: 20 dez. 2023

6 melhores pontos turísticos em Bastos - SP. Disponível em:

<<https://www.buser.com.br/destinos/pontos-turisticos/sp/bastos>>. Acesso em: 20 dez. 2023
Bratac Seda. **Quem somos.** Disponível em: <[Quem Somos – Bratac Seda](#)>. Acesso em: 29 fev. 2024

Portal NippoBrasil. **Imigrantes japoneses são lembrados em homenagens em ruas da cidade de São Paulo.** Disponível em: <<https://www.nippo.com.br/especial/n265.php>>. Acesso em: 29 fev. 2024

Diferenças entre espaço público, privado e acessível ao público. Disponível em:

<<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/diferencas-entre-espaco-publico-privado-e-acessivel-a-o-publico/112339069>>. Acesso em: 01 mar. 2024

Território brasileiro e povoamento: italianos. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos#:~:text=A%20proximidade%20de%20%C3%ADgua%2C%20religi%C3%A3o,torn%C3%A1ssemos%20mais%20%22civilizados%22%20diante%20de>>. Acesso em: 02 mar. 2024

Território brasileiro e povoamento: razões da emigração italiana. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos/razoes-da-emi-gracao-italiana>>. Acesso em: 02 mar. 2024

Território brasileiro e povoamento: os imigrantes nas cidades. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos/os-imigrantes-nas-cidades>>. Acesso em: 02 mar. 2024

POSFÁCIO

Com grande satisfação concluímos mais um conjunto de artigos com a temática nipo-brasileira. O CENB – Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, por meio de uma Comissão de Pesquisa, selecionou cinco projetos e acompanhou sua execução na formação de jovens estudantes em níveis de Graduação e Mestrado. A maioria deles é de universidades públicas em que há programas de pesquisa, contudo nem sempre há garantia de um locus institucionalizado para a temática, o que pode ser um entrave na formação de massa crítica, bem como para fomentar o debate em torno dessa temática, o que se torna uma perda para a comunidade interessada no assunto. Nesse sentido, o papel do CENB em contribuir no fortalecimento de redes de apoio é de suma relevância.

As atividades dessa orientação constituíram-se inicialmente na revisão da escolha do tema, viabilidade da pesquisa, elaboração do projeto de pesquisa, análise de metodologia, e elaboração final do texto acadêmico. Trata-se de um trabalho árduo que requer investimento de tempo, pois só com a experiência se vê o resultado. Os alunos bolsistas foram adquirindo autonomia gradativamente e conheceram de perto o acervo do CENB. Foi um processo enriquecedor tanto para quem orienta quanto para os ingressantes, por ser um momento para os jovens também conhecerem o legado dos imigrantes japoneses tanto do pré-guerra como do pós-guerra, cujos textos são de um exímio escritor que requer elevado letramento, além do conhecimento da língua japonesa. Foram várias etapas cumpridas que ultrapassaram os quatro meses de dedicação, inicialmente previstos.

Na medida do possível, respeitamos os variados temas propostos pelos bolsistas, que comprovaram a fertilidade do campo de investigação em estudos nipo-brasileiros, devido às publicações escassas, mas ao mesmo tempo profícuas para serem exploradas a fim de dar visibilidade ao universo Nikkei no contexto brasileiro.

Agradecemos, em nome do CENB, às Fundações Kunito Miyasaka e Katsuzô Yamamoto por constante apoio às bolsas, bem como às professoras e pesquisadoras Hiromi Shibata e Tae Suzuki que nos acompanharam nessa jornada, com muita dedicação, seriedade e paciência nas orientações de trabalhos. Sabemos que a construção de conhecimento é um trabalho coletivo e a colaboração de todos os envolvidos foi fundamental para este projeto atingir seu objetivo com êxito.

Leiko Matsubara Morales
Centro de Estudos Nipo-Brasileiros
Vice-Presidente - Gestão 2023-2026

CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS
Artigos dos bolsistas do Jinmonken do ano 2023
2023-2024

Autores:	Erika Yamauti Lucas Lins Mateus Trigo Gonçalves Caroline Naomi Tanaka Luana Sayuri Lopes
Revisão:	Autores
Capa e produção editorial:	Shinji Tanaka
Diagramação:	Simonia Fukue
Coordenação geral:	Leiko Matsubara Morales
Comissão de Pesquisa:	Profa. Dra. Hiromi Shibata Profa. Dra. Leiko Matsubara Morales Profa. Dra. Tae Suzuki
Patrocínio:	Fundação Kunito Miyasaka Fundação Katsuzo Yamamoto

Centro de Estudos Nipo-Brasileiros
Rua São Joaquim, 381 3o. Andar cj 35
CEP 01508-900 São Paulo, SP, Brasil
Tel. 55-11-3277-8616
E-mail: contato@cenb.org.br

